



Edyr Batista de Oliveira Júnior

“Cada um sabe do seu próprio corpo”: masculinidades, projetos corporais e treinos

Tese de Doutorado

Belém, Pará

2017



Edyr Batista de Oliveira Júnior

“Cada um sabe do seu próprio corpo”: masculinidades, projetos corporais e treinos

Tese de Doutorado

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Antropologia pela Universidade Federal do Pará.

Orientadora: Prof^a Dra. Cristina Donza Cancela.

Belém, Pará

2017

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
Biblioteca de Pós-Graduação do IFCH/UFPA

Oliveira Júnior, Edyr Batista de
“Cada um sabe do seu próprio corpo”: masculinidades, projetos corporais e treinos / Edyr Batista de Oliveira Júnior. - 2017.

Orientadora: Cristina Donza Cancela
Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Pará,
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Belém, 2017.

1. Corpo e mente. 2. Masculinidade. 3. Exercícios físicos. 4. Corpo humano – Aspectos sociais. 5. Imagem corporal. I. Título.

CDD 22. ed. 391.6

Edyr Batista de Oliveira Júnior

“Cada um sabe do seu próprio corpo”: masculinidades, projetos corporais e treinos

Tese de Doutorado

Banca Examinadora:

Dr. Vítor Sérgio Coelho Ferreira (ICS-ULisboa)
Examinador Externo

Dra. Telma Amaral Gonçalves (FCS-UFPA)
Examinadora Externa

Dr. Fabiano de Souza Gontijo (PPGA-UFPA)
Examinador Interno

Dr. Ernani Pinheiro Chaves (PPGA-UFPA)
Examinador Interno

Dra. Cristina Donza Cancela (PPGA-UFPA)
Orientadora

Belém, Pará

2017

Ao El Deot e à minha família.

“... um corpo não é só um corpo”.
(Silvana Goellner).

“Cada um sabe do seu próprio corpo”: masculinidades, projetos corporais e treinos

Resumo

Pessoas que praticam exercícios físicos elaboram para si determinadas metas corporais, as quais incidem em suas relações nos espaços de transmutação da compleição física, na ingestão de alimentos, no consumo ou não de suplementação e de anabolizantes, dentre outros comportamentos. Em vista disso, esta tese procura analisar as práticas de remodelamento corporal de homens jovens que frequentam academias de musculação e/ou aulas de natação, tanto em Belém do Pará quanto em Lisboa, buscando conhecer e compreender o processo de excorporação realizado pelos agentes sociais juvenis na concretude de seus objetivos. Para esse empreendimento tomo como base as minhas experiências sensoriais enquanto aluno nos espaços de transmutação corpórea outrora citados e, também, as conversas formais que, a partir de um guião de entrevista semiestruturado, realizei com um total de vinte e duas pessoas, sendo treze alunos e nove professores/as. Considerando, igualmente, as observações, as escutas e as conversas em campo e, do mesmo modo, as metas planeadas pelos jovens ao praticarem a musculação e/ou a natação, é possível dizer que diferentes projetos corporais são formulados os quais, aliados à subjetividade, à intersubjetividade, à noção de masculinidade e de saúde, aos limites da compleição física, dentre outros pontos, atuam sobre o processo de modificação do corpo dos indivíduos desta pesquisa.

Palavras-chave: Corpo; Masculinidades; Exercícios físicos; Projetos corporais

"Each one knows of his own body": masculinities, corporal projects and trainings

Abstract

People who practice physical exercises elaborate for themselves certain body goals, which affect their relationships in the spaces of transmutation of the physical complexion, in the food intake, in the consumption or not of supplementation and anabolic substances, among other behaviors. Based on this, this thesis aims to analyze the corporal remodeling practices of young men who attend bodybuilding academies and/or swimming classes, both in Belém (Pará State) and Lisbon, seeking to know and understand the process of excorporation carried out by the young social agents in the concreteness of their objectives. For this undertaking I take as a basis my sensory experiences as a student in the spaces of corporeal transmutation already mentioned, and also the formal conversations that, from a semi-structured interview script, I performed with a total of twenty-two people, thirteen students and nine teachers. Considering observations, listening as well as conversations in the field and, likewise, the goals planned by young people when practicing bodybuilding and/or swimming, it is possible to say that different corporal projects are formulated which, together with subjectivity, intersubjectivity, to the notion of masculinity and health, to the limits of the physical complexion, among other points, act on the process of modification of the body of the individuals of this research.

Keywords: Body; Masculinities; Physical exercises; Corporal projects

"Cada uno sabe de su propio cuerpo": masculinidades, proyectos corporales y entrenamientos

Resumen

Las personas que practican ejercicios físicos elaboran para sí determinadas metas corporales, las cuales inciden en sus relaciones en los espacios de transmutación de la apariencia física, en la ingestión de alimentos, en el consumo o no de suplementación y de anabolizantes, entre otros comportamientos. En este sentido, esta tesis busca analizar las prácticas de remodelación corporal de hombres jóvenes que frecuentan gimnasios de musculación y/o clases de natación, tanto en Belém de Pará como en Lisboa, buscando conocer y comprender el proceso de excorporación realizado por agentes sociales juveniles en la concreción de sus objetivos. Para ese emprendimiento tomo como base mis experiencias sensoriales como alumno en los espacios de transmutación corpórea otrora citados y, también, las charlas formales que, a partir de un guión de entrevista semiestructurada, realicé con un total de veintidós personas, siendo trece alumnos y nueve profesores/as. Considerando también las observaciones, las escuchas y las charlas en campo y, de la misma manera, las metas planeadas por los jóvenes al practicaren la musculación y/o la natación, es posible decir que diferentes proyectos corporales son formulados los cuales, aliados a la subjetividad, a la intersubjetividad, a la noción de masculinidad y de salud, a los límites de la compleción física, entre otros puntos, actúan sobre el proceso de modificación del cuerpo de los individuos de esta investigación.

Palabras-clave: Cuerpo; Masculinidad; Ejercicios físicos; Proyectos corporales

“Tout le monde connaît son propre corps” : la masculinité, les projets corporels, et les entraînements

Résumé

Les personnes qui pratiquent des exercices physiques élaborent à elles-mêmes des objectifs corporels spécifiques, lesquels se concentrent sur leurs relations dans les espaces de transmutation physique, dans l'apport alimentaire, dans la consommation ou non de suppléments et de stéroïdes anabolisants, entre autres comportements.

Compte tenu de ces faits, cette thèse analyse les pratiques de remodelage du corps des jeunes hommes qui fréquentent les salles de gym et/ou les cours de natation, à la fois à Belém comme à Lisbonne, en cherchant à connaître et comprendre le processus *d'excarnation* effectué par les agents sociaux de la jeunesse dans la concrétude de leurs objectifs.

Pour ce projet, j'ai pris comme base mes expériences sensorielles comme élève dans les espaces de transmutation corporelle déjà mentionnés et aussi les conversations officielles que j'ai réalisées sur un groupe de vingt-deux personnes (treize étudiants et neuf enseignants) à partir d'un guide d'entretien semiestructuré.

En considérant également les observations, les écoutes et les conversations de champs et de la même façon les objectifs planifiés par les jeunes qui pratiquent la musculation et/ou la natation, il est possible de dire que les différents projets corporels sont formulés et alliés à la subjectivité, à l'intersubjectivité, à la notion de masculinité et de santé, aux limites de la complexion physique entre autres, agissent sur le processus de modification du corps des individus de cette recherche.

Mots-clés: Corps; Masculinité; Exercices physiques; Projets corporels

Sumário

Iniciando as atividades	12
Momento 1: Belém do Pará.....	21
Momento 2: Lisboa.....	37
Todos juntos e misturados.....	44
Masculinidades e (inter)subjetividades corporais	49
Remodelamentos e projetos corporais	91
Espaços de interações e circulações corporais	131
Questões de saúde e transmutações corporais	169
Fim de treino (ou um recomeço?)	204
Referências	209
Apêndice A – Guião de entrevista com os homens que praticam musculação e/ou natação	230
Apêndice B – Guião de entrevista com as professoras ou os professores da musculação e da natação	234
Apêndice C – Características sociográficas das pessoas entrevistadas	237
Apêndice D – Glossário	241

Iniciando as atividades...

O que motiva os homens jovens a praticarem algum exercício físico e qual a relação que estes estabelecem com os seus corpos? Quais as partes mais valoradas por esses indivíduos na remodelação corporal? Que mecanismos (dietas, suplementação etc.) são utilizados pelos jovens masculinos para negociarem as limitações e regras do corpo com o intuito de alcançarem seus objetivos? Como os agentes sociais em questão interagem com a materialização corpórea nos e para além dos espaços de exercícios onde estes foram transmutados? Que relações os indivíduos que se exercitam fazem entre corpo(s) e masculinidade(s)?

Essas foram algumas das perguntas de partida que nortearam a pesquisa de campo que realizei em Belém do Pará, Brasil (momento 1), e em Lisboa, Portugal (momento 2), com a finalidade de analisar as práticas de remodelação corporal e de interação com o próprio corpo de homens jovens que praticam exercícios físicos, como a musculação e a natação, procurando compreender de que forma esses agentes sociais que frequentam tais espaços de transformação corpórea percebem e interagem com os seus corpos e o que fazem para atingirem suas metas.

Assim sendo, esta pesquisa não é, diretamente, sobre as academias de musculação e as aulas de natação em si, mas considera os trânsitos corporais por esses ambientes como meios de se realizar determinado *projeto* (Velho 2003), pois objetiva analisar a relação masculina com o próprio corpo em alteração e modificação por meio de exercícios físicos. Além disso, a perquirição realizada em Belém do Pará e em Lisboa justifica-se, pois vejo as práticas de remodelamento do corpo analisadas neste trabalho como “objetos que se situam sobre o *planeta*” (Rial 2003: 74). Ou seja, o realizar exercícios físicos como as modalidades citadas anteriormente, assim como o consumo dos *fast-foods* analisados por Carmen Rial no final dos anos de 1980, não é algo de um lugar isolado, “circunscrito no interior de fronteiras geográficas específicas” (Rial 2003: 74), mas possui uma manifestação mais global (em muitos locais comem-se *fast-foods*, ainda que produzidos de formas diferentes, com temperos diferentes etc.; em muitos lugares, também, as pessoas procuram transformar seus corpos por meio de exercícios físicos, do esporte, visando atingir determinadas metas). Dizendo de outra forma, o que estou considerando como “global” são as alterações que as pessoas fazem

em seus corpos via musculação, natação ou outra prática física. Ainda que com dinâmicas diferentes, com idiossincrasias no trânsito pelos espaços, com acionamentos de corporeidades distintas, a busca de alguma mudança no corpo, de se alcançar algum objetivo por meio de exercícios físicos, não é restrita a Belém do Pará, mas encontramos essa realização em muitos outros lugares¹. Desse modo, o que procuro fazer, juntamente com os agentes sociais com quem interagi, é olhar para o corpo e refletir sobre este considerando os projetos por eles planejados.

Os campos realizados nas duas cidades outrora citadas visaram, portanto, identificar a corporeidade valorizada pelos indivíduos; perceber o que fazem os agentes sociais masculinos para superar os limites de seus corpos na intenção de alcançar seus objetivos; e analisar a relação dos homens jovens com o seu corpo na constituição de sua masculinidade nos e para além dos espaços da musculação e da natação; considerando, para isso, a importância da subjetividade no processo de modificação corporal e, também, da intersubjetividade.

Dessa forma, o que a pesquisa que empreendi procura trazer de colaboração no conjunto de trabalhos que relacionam transmutação corporal masculina por meio de exercícios físicos, nomeadamente na musculação², como os trabalhos de Cesar Sabino (2000, 2007) e José Chaves (2010), por exemplo, é a reflexão e análise não somente das noções de corporeidade (Ferreira 2013) e cultura somática (Boltanski 2004; Costa 2004) – ou seja, um processo puramente hermenêutico das inscrições corporais –, mas, também, da excorporação, incorporação e encarnação (Ferreira 2013) no movimento de remodelação da paisagem corporal³ de homens jovens.

¹ Cf. Roger Hansen e Alexandre Vaz (2004), José Gatti (2011), Vítor Ferreira (2011), Edvaldo Couto (2012), Silvana Goellner e André Silva (2012), Christopher Moriss-Roberts (2013), Georges Vigarello (2013), Julia Coffey (2015), Richard Shipway e Immy Holloway (2016), dentre outros.

² O “nomeadamente na musculação” aqui diz respeito à falta de trabalhos, dentro da Antropologia, que reflitam sobre masculinidades e natação. Fazendo uma pesquisa no banco de Teses e Dissertações da CAPES, encontrei somente a tese de Mônica da Silva Araujo intitulada “O corpo atlético da pessoa com deficiência: uma etnografia sobre corporalidade, emoção e sociabilidade entre nadadores paraolímpicos”, defendida na Universidade Federal do Rio de Janeiro em 2011. O foco da autora, no entanto, é trabalhar as categorias de “corpo” e “deficiência” dentro do esporte. Em vista disso, acredito que a pesquisa que desenvolvi, de certa forma, pode contribuir para se pensar a relação do corpo masculino na natação e, assim, fornecer elementos para alguma diminuição dessa lacuna investigativa.

³ Falo em “paisagem corporal”, pois, para mim, o corpo pode ser pensado, mais que isso, pode ser contemplado (essa é a palavra-chave) acionando-se as mesmas características que outras paisagens como, por exemplo, ser considerado como “cultural” (Berque 1998; Droz e Miéville-Ott 2005, Rocha e Eckert 2013, dentre outros), envolta de sentidos (Berque 1998), como um texto (Schama 1996) etc. Além disso, as pessoas (os corpos) fazem parte da paisagem; elas são fragmentos paisagísticos desta (Berque 1998: 86; Silveira 2009: 73). Dito de outra forma, compreendo a “paisagem corporal” como a materialização nos indivíduos da “excorporação” (Ferreira 2013), a maneira (re)elaborada como os

Por conseguinte, com este trabalho pretende-se contribuir para o campo de estudos sobre o corpo e as masculinidades em Belém do Pará trazendo para análise elementos não somente locais, mas também estrangeiros ao se realizar campo em Portugal⁴ – país marcadamente presente na história brasileira e paraense⁵. Além disso, por eleger para apreciação as falas, as práticas e os comportamentos de homens jovens, cuja faixa etária está compreendida, neste trabalho, entre 17 a 25 anos, esta pesquisa procura contribuir com a reflexão sobre o corpo juvenil, considerando que “os jovens encontram no corpo um lugar de desenvolvimento de experiências e projectos corporais quer sob o signo da conformação, quer da contestação aos modelos e instituições de produção corporal dominantes” (Ferreira 2011: 269); uma vez que, hodiernamente, o interior do indivíduo é visto no exterior, envolto, encapado pelo maior órgão do corpo. É pela imagem corporal que o espírito humano é lido por muitas pessoas. Desse modo, há uma urgência em se problematizar o corpo jovem em suas várias possibilidades de materialização e processos de (in)visibilidade social.

Ainda que anteriormente projetada, a faixa etária, outrora citada, se apresentara a mim a partir dos contatos que fiz para participação na pesquisa que aqui exponho. A aproximação deu-se, inicialmente, alicerçada em minha leitura da corporeidade e da encarnação (conceitos que trabalharei mais à frente) das pessoas nos ambientes de remodelamento corporal, pois, “socialmente, ser jovem passa também pela codificação etária de um dado modelo de corporeidade” e “passa também pela leitura social de atributos associados ao processo biológico de crescimento e envelhecimento, os quais vão sendo socialmente codificados por relação a determinadas fases do curso de vida” (Ferreira 2011: 258-259). Os jovens, portanto, foram selecionados por serem as pessoas com as quais eu mais tive contato durante os campos realizados, uma vez que apresentam grande circulação pelos ambientes frequentados. Assim, dentre as várias possibilidades que pesquisar em academias e aulas de natação fornece, em termos de agentes sociais que, de alguma forma, procuram transmutar os seus corpos por meio de

agentes sociais se dão a ver, pois, como diz Simon Schama (1996: : 17) – ainda que utilizando o termo noutra contexto, mas que eu ressignifico aqui –, “a paisagem é uma obra da mente” materializada em um lugar. Essa contemplação dialoga com as noções de “gramática de produção” e “gramática de recepção”, pois “A paisagem [como, no caso aqui, a corporal] (...) é passível de ser interpretada, encerrando assim, uma hermenêutica em si mesma: ela é ao mesmo tempo a escrita e a leitura porque a ação humana que engendra marcas [“marcas que demarcam” Ferreira (2008)] não se dá sem a interpretação [e elaborações de sentidos conscientes ou não] (Silveira 2009: 74 – acréscimos meus)”.

⁴ O motivo de a pesquisa também ter sido realizada em Portugal, mais especificamente na cidade de Lisboa, será explicado mais à frente.

⁵ Sobre a presença portuguesa na História do Pará, cf. Ernesto Cruz (1958, 1973a, 1973b), Edilza Fontes (2003), Maria de Nazaré Sarges (2010), dentre outros.

exercícios físicos, seletei esse grupo pela sua predominância nesses espaços e, devido ser um público com o qual venho trabalhando desde o mestrado (Oliveira Júnior 2014). Além disso, os jovens destacam-se como o grupo mais propenso a experimentações, sendo a corporal uma delas: “‘a juventude’ demonstra ser uma fase do curso da vida em que o corpo (...) toma um lugar central, investido de um valor de experimentação e exploração pessoal, bem como de expressão e reconhecimento social” (Ferreira 2011: 267). Dessa feita, tornou-se imperativo investigar de que maneira – e quais os recursos utilizados – os indivíduos (lidos e automeados) jovens remodelam suas compleições físicas por meio da musculação e da natação⁶.

Também, a pesquisa de campo realizada em Portugal, mais especificamente na cidade de Lisboa, decorreu a partir da oportunidade da realização do “Doutorado Sanduíche” no Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa (ICS-ULisboa)⁷. No projeto inicial, apresentado à seleção do Programa de Pós-Graduação em Antropologia (PPGA), da Universidade Federal do Pará (UFPA), constava perquirição somente na capital paraense. Contudo, com a estadia na urbe portuguesa e com a realização da pesquisa de campo em um ginásio de musculação em Lisboa, e após trocas de experiências e orientações com o Doutor Vítor Sérgio Ferreira (meu orientador no ICS-ULisboa) e seus/suas orientandos/as – em reuniões periódicas – e de conversas com a Doutora Cristina Donza Cancela (minha orientadora no PPGA-UFPA), surgiu a possibilidade da adição dos dados obtidos no estudo em território português na escrita da tese, pois estes foram avaliados como uma contribuição à investigação das práticas de remodelamento corporal de homens jovens que praticam exercícios físicos, uma vez que, a despeito das diferenças socioculturais, os jovens belenenses e os lisboetas elaboram projetos corporais muito parecidos e acionam e relacionam-se com os meios de concretizá-los de maneiras muito próximas.

É significativo explanar ainda que a escolha da prática da musculação e da natação ocorreu mediante minha vontade em observar e escutar os homens em ambientes onde a preocupação com o corpo estivesse presente para, assim, posteriormente, melhor compreender a gramática de produção corporal (Ferreira 2008,

⁶ Dezessete a vinte e cinco anos constitui a faixa etária central da investigação aqui apresentada, pois faz referência aos homens jovens com quem conversei formalmente. Contudo, indivíduos com idades semelhantes ou não a estas aparecerão neste texto, uma vez que dialoguei, também, com alguns professores e algumas professoras dos ambientes de transmutação corporal frequentados por aqueles agentes sociais juvenis, com o intuito de melhor compreender o campo empreendido.

⁷ No período do “Doutorado Sanduíche”, recebi bolsa da Capes (nº BEX 6187/15-3).

2013) acionada pelos agentes sociais em questão. E, também, por considerar que, a despeito das diferenças estruturais e socioculturais, tanto entre os lugares palco das observações e escutas quanto em relação às modalidades de exercícios físicos escolhidos, a frequência de pessoas nas academias de musculação e nas aulas de natação tem suas semelhanças: remodelar o corpo que se quer, seja este “bombado”, “grande”, “monstro”, “saudável”, “definido”, “proporcional”, “não sedentário”, dentre outros projetos. Por conseguinte, a estratégia que utilizei foi de matricular-me nas duas modalidades, pois, além de possibilitar um possível contato com pessoas cujos projetos corporais individuais poderiam diferir – considerando que geralmente se relaciona o desejo de quem malha/treina com o ganho de massa muscular e de quem nada com questões relativas à saúde (até que ponto isso se dá dessa forma?) – ainda ajudar-me-ia a ter acesso aos ambientes nas quais as pessoas que praticam esses exercícios transitam, sendo o vestiário um exemplo⁸.

Ademais, a convivência com pessoas frequentadoras das academias de musculação e das aulas de natação serviu para me familiarizar com, por exemplo, a linguagem desses ambientes e dessas modalidades. Por isso, ao longo do texto, grafarei as palavras “nativas”, os termos ênicos – tanto específicos dos campos realizados quanto do português falado em Lisboa – utilizando a fonte Arial, e disponibilizarei, nos Apêndices, um glossário com esses vocábulos. Além disso, a relação que desenvolvi nos lugares citados cooperou, igualmente, para verificar e confrontar os discursos das entrevistas (Malinowski 1976: 33-34; 1983: 85); conforme nos adverte, igualmente, Viviane de Assunção (2014: 45): “(...) o trabalho de campo, com convivência entre nossos sujeitos de pesquisa, pode revelar as discrepâncias entre discurso e prática. (...) a realização do trabalho de campo serve ainda para pensar naquilo que não é dito”.

O que pretendo aqui apresentar, portanto, são olhares sobre a percepção e relação dos indivíduos que perpetram exercícios físicos – grupo no qual me incluo – sobre o corpo e seu devir, procurando avizinhar os sentidos e significados articulados entre os agentes sociais em suas relações com seus corpos, mesmo que os contextos socioculturais não sejam semelhantes. Por isso, as próprias diferenças que operam em

⁸ É significativo informar que na geografia corporal das pessoas observadas e escutadas em Belém do Pará, os vestiários estão mais presentes na realidade dos adeptos da natação. As pessoas dos ambientes que frequentei na referida cidade, as quais praticam a musculação, têm à disposição, mais comumente, banheiros. Essa diferenciação entre vestiários e banheiros e a circulação de corpos que ambos permitem será trabalhada mais à frente. Cabe, no entanto, mencionar ainda que, em Lisboa, o ginásio por mim visitado regularmente contém *balneários* masculino e feminino.

mim, que me constituem como indivíduo, são consideradas nesta abordagem (Maia 2000: 138). E para me aproximar desse objetivo, desenvolvi em campo o que Massimo Canevacci (1993: 31) chama de “observação observadora”, atentando, contudo, não somente para a circularidade dos corpos das pessoas que eu observava, mas, igualmente, para meu próprio corpo em diálogo com aquelas pessoas e lugares.

Exercitando uma etnografia do olhar e da audição, observei e ouvi muitas pessoas em situações interacionais, individuais ou coletivas, nos espaços em que transitei. Muitas dessas conversas e situações estão registradas em meu diário de campo, do qual alguns trechos serão disponibilizados aqui. Cabe registrar, também, que esses escritos passaram por modificações e revisões estilísticas no intuito de contribuir para a leitura e compreensão de quem tiver acesso a este texto, uma vez que não caberia a transposição *ipsis verbis* dos dados de campo redigidos no diário para cá. Os fragmentos de minhas observações e escutas, além, igualmente, do contexto de aproximação e interlocução com as pessoas entrevistadas, apresentar-se-ão grafadas em um tamanho de fonte diferente da que utilizo no texto e, ainda, estarão destacadas entre linhas triplas⁹.

Além disso, a fractalidade do corpo (Cunha e Silva 1999) contribui para que as temáticas aqui abordadas circulem de maneiras semelhantes ou não entre as partes em que este trabalho se desenvolve. Pelo caráter fractal e, também, devido à remodelação corporal das pessoas com quem conversei ser um *continuum*, ou seja, algo que está sempre em processo (mesmo que este, em algum momento, vá na direção contrária dos projetos planejados), este trabalho não terá uma sessão intitulada “conclusão”, pois como reflete Vale de Almeida (2000: 241 – grifo do autor) é “difícil *concluir*, no sentido definitivo” algo que está aberto, em transcurso.

Desse modo, conversei formalmente com algumas pessoas e apresento, neste trabalho, as falas de 22 desses agentes sociais, sendo treze alunos e nove professores¹⁰, obtidas por meio de diálogos semiestruturados, a partir de um guião de entrevista¹¹, e que foram gravados com a permissão de cada um desses indivíduos. Trabalhei com a autoclassificação dos agentes sociais em relação ao gênero, ao *status* social, à

⁹ Os nomes das pessoas com quem interagi informalmente aparecerão nesses excertos de forma fictícia e cambiáveis, com o intuito de impedir qualquer identificação dos indivíduos participantes das situações que relatarei.

¹⁰ As pessoas com quem conversei oficialmente em Belém do Pará foram 12 (sete alunos e cinco professores) e em Lisboa foram 10 (seis são alunos e quatro professores).

¹¹ Cf. Apêndices.

sexualidade, à cor da pele, e a partir dessa ação os indivíduos puderam refletir sobre si e as marcas que compõem suas ontologias. É substancial considerar, no entanto, que a realidade objetiva de ambos os lugares, Belém do Pará e Lisboa, são diferentes, o que possibilita construções, formulações ontológicas dissemelhantes. Assim, pretendo analisar o que essas pessoas fazem de similar e específico no remodelamento de suas compleições físicas, mesmo que vivenciando contextos socioculturais distintos.

É significativo dizer, igualmente, que os nomes dos interlocutores são fictícios e seguem uma “sugestão” do texto de Romeu Gomes, Elaine Nascimento e Fábio Araújo (2007) que é a padronização de uma letra inicial para cada grupo de entrevistados. Dessa forma, aquelas pessoas com quem conversei em Belém do Pará receberam um nome que se inicia com a letra “B” e as com quem dialoguei em Lisboa, com a letra “P”¹². Acredito que, assim, as pessoas que lerem este texto poderão melhor relacionar os trechos dos discursos utilizados nesta produção textual com a nacionalidade dos indivíduos e, dessa forma, considerar, nos excertos, questões de contextos sociais, culturais, econômicos e políticos dos lugares de fala deles.

Também, ainda que eu tenha interagido formalmente com alunos e professores/as, privilegio a fala do primeiro grupo por objetivar conhecer, analisar e compreender suas práticas de remodelamento corporal. Assim, os discursos dos/as instrutores/as serão acionados, quando necessários, para corroborar ou não os comportamentos dos homens jovens com os quais conversei – e de outras pessoas que praticam exercícios físicos – em seus processos de transmutação de sua compleição física.

No que se refere aos/as profissionais que trabalham auxiliando os jovens na concretização de seus projetos corporais, seja na academia ou nas aulas de natação, considero vultoso esclarecer que, embora suas falas apontem para um mesmo fenômeno de transmutação corporal, estas apresentam diferenças em suas formulações, sendo os discursos dos/as professores/as lisboetas mais elaborados do que os dos/as belenenses. Uma vez que as condições de conversas formais em Belém do Pará e em Lisboa foram equivalentes – ou seja, a maioria realizada em espaços adjacentes ao próprio ambiente de trabalho dos/as instrutores/as –, as dissemelhanças podem ser lidas pelo tempo de

¹² Utilizarei o asterisco (*) após o nome fictício que dei aos/as professores/as a fim de diferenciá-los/as dos alunos; uma vez que receberam nomes com a mesma inicial (“B” ou “P”), dependendo da sua nacionalidade.

contato que tive com cada um deles, visto que minha proximidade foi maior com os/as professores/as no Brasil, o que pode ter contribuído para que o momento da interlocução gravada tenha acontecido em contexto um pouco mais informal – algo percebido, igualmente, com o grupo dos alunos. Além disso, o público que esses/as profissionais têm contato quotidianamente em seus ambientes de trabalho deve concorrer, da mesma maneira, para certa diferenciação na elaboração dos discursos entre os/as professores/as das duas nacionalidades.

É necessário considerar, equitativamente, tanto no que diz respeito à interlocução com os/as professores quanto com os alunos, a questão dos lugares onde as conversas formais aconteceram, pois esse fator poderá ter contribuído, também, às formas diferenciadas de elaborações dos discursos dos belenenses e dos lisboetas em determinados momentos de nossos diálogos. Em Lisboa, por exemplo, as conversas ocorreram em locais onde era propício haver maior circulação e permanência de pessoas – como a **esplanada** de alguma **pastelaria** localizada no piso abaixo ao ginásio. Em Belém, ainda que favorável ao mesmo contexto, haja vista que as interlocuções foram realizadas em áreas propínquas aos próprios espaços de transmutação corporal, era possível manter, na maior parte das conversas formais, algum distanciamento de outros indivíduos. Assim, dentre outros elementos, conforme apontados acima, como o tempo de contato, o fator “local da conversa” e seu entorno contribuía para que as pessoas falassem mais livremente ou não sobre determinados assuntos, fazendo-os acionar estratégias de locução como o falar em um tom de voz forte ou fraco ou mesmo a utilizar ou a suprimir tabuísmos.

Ademais, é vultoso enunciar que os trechos de falas utilizadas neste trabalho, tanto dos alunos quanto dos/as professores/as, serão aquelas mais substanciais; e, uma vez que pretendo atentar mais sistematicamente para o que de similitudes há nas práticas de remodelamento corporal dos homens jovens de Belém do Pará e de Lisboa, esses discursos poderão ser utilizados em conjunto (com representantes belenenses e lisboetas) ou de forma isolada (de indivíduo(s) de uma ou outra nacionalidade), considerando os enunciados mais significativos sobre questões relativas à transmutação da compleição física a partir da musculação e/ou da natação.

Como se verá no decorrer do texto, a loquela dos interlocutores é interseccionada por reflexões em relação às gramáticas de produção e gramáticas de recepção dos símbolos corporais. Segundo Vítor Ferreira (2008: 250, nota 17), as

primeiras referem-se aos significados atribuídos à modificação corporal pelos próprios agentes sociais, e a segunda diz respeito à leitura simbólica da remodelação corpórea por parte de observadores/receptores. É significativo atentar que ao pensar a gramática de produção, os indivíduos exercitam o que se chama de excorporação – “práticas de exibição e ostentação social do corpo, materializadas em manifestações expressivas que decorrem de opções e decisões do sujeito, atos de vontade conscientemente ponderados e projetados relativamente aos usos e investimentos que faz no corpo, com significados, objetivos e efeitos mais ou menos calculados. (...) práticas reflexivas e voluntárias mobilizadas pelo agente social no sentido de (re)construir, manter e dar a ver o corpo, no seu todo ou partes específicas” (Ferreira 2013: 510) – e no tocante às gramáticas de recepção é a corporeidade do outro – “conjunto de manifestações simbólicas da existência corporal, devidamente contextualizados no tempo histórico e no espaço social” (Ferreira 2013: 499) – que é ponderada.

Além disso, outro ponto precisa ser esclarecido antes de apresentar os momentos da pesquisa de campo: O uso que faço da expressão “exercício físico” ao invés de “atividades físicas”. Ao longo da minha escrita, vinha intercalando termos como “atividades físicas”, “práticas físicas” e “exercícios”, utilizando-os como sinônimos. Contudo, em determinado momento, esse procedimento inquietou-me: Teriam esses jargões, realmente, o mesmo significado no campo da Educação Física? Os textos que até então havia lido não apontavam para uma discussão que esclarecesse tal dúvida. Ao conversar com um amigo, profissional da Educação Física, e após uma breve pesquisa no *Google*, aprendi que, realmente, estes possuem significados distintos sendo, portanto, a *atividade física*:

uma expressão genérica que pode ser definida como qualquer movimento corporal, produzido pelos músculos esqueléticos, que resulta em gasto energético maior do que os níveis de repouso. (...). O simples fato de pegar o controle remoto, apontar para o aparelho e apertá-lo é uma atividade física (Gualrado 2012: *online*).

E o *exercício físico*:

uma atividade física planejada, estruturada e repetitiva que tem como objetivo final ou intermediário melhorar ou manter a saúde/aptidão física. Portanto existe uma prescrição, orientada e executada de maneira a exigir um gasto energético bem maior de seu corpo comparado aos níveis de repouso, criando novas adaptações fisiológicas e novos estímulos, o que resultará em

alterações orgânicas benéficas, melhorando as condições físicas gerais (Gualrado 2012: *online*)¹³.

Desse modo, como as pessoas com quem conversei planejam suas motricidades e objetivam mudanças corporais com isso, optei em utilizar a expressão “exercício físico” e evitar o uso de “atividades físicas” em minha escrita. Contudo, esses e outros termos, como “esporte”, “desporto”, por exemplo, aparecerão nos excertos das entrevistas das pessoas interlocutoras deste trabalho.

Momento 1: Belém do Pará

[...]

Um conhecido falou-me que pretendia fazer musculação ou natação no Olympia e a possibilidade de fazer ali meu campo pareceu-me interessante.

Procurei no site do Olympia informações sobre as aulas, mas encontrei somente uns números telefônicos. Liguei e obtive os dias de matrículas e os documentos necessários: RG, CPF e um atestado médico.

Entre em contato com um conhecido que lembrei ser frequentador a algum tempo de lá, a fim de me informar sobre as pessoas que eu poderia encontrar circulando por ali. Sua resposta me deixou com mais vontade de empreender meu campo naquele lugar, pois não precisaria me deslocar para dois espaços diferentes para contatar pessoas de perfis diversos.

Procurei, assim, realizar logo os exames de rotina (fezes, urina e sangue) para, ao marcar uma consulta com um clínico geral, poder lhe apresentar os resultados e, assim, agilizar minha matrícula.

Realizei os exames – que custaram por volta de R\$ 50 – na quinta (14/02/2013), recebi os resultados no sábado pela manhã e, à tarde, fiz minha consulta (valor: R\$ 50). Após conversar com um médico e o mesmo me orientar em algumas questões e me dizer que se eu tivesse ido lá antes ele teria pedido outros exames, consegui meu atestado; junto com o documento recebi uma solicitação de um cardiograma (o qual eu não fiz) e a prescrição de dois remédios, que já tomei.

Olympia, fevereiro de 2013

Fui ao Olympia, mas havia poucas opções de horários – ou muito no início da manhã ou próximo ao meio dia. Aproveitei para confirmar, pessoalmente, os documentos necessários e os dias de matrículas [...]. Além disso, me preveni com uns R\$ 170 para a matrícula e mensalidade... Decidi ir a outro local; caso não conseguisse nada por lá também, retornaria ao

¹³ Para uma breve discussão sobre as diferenças entre esses termos, cf. Denise Araújo e Claudio Araújo (2000: 194-196).

Olympia no dia 11/03...

Olympia, fevereiro de 2013

Hoje fui fazer minha matrícula. Meu pensamento era matricular-me na musculação e natação no mesmo dia; no entanto, não havia horários bons para isso. Assim, inscrevi-me nos seguintes dias e horários:

- Musculação: segunda, quarta e sexta, das 20 horas às 20 horas e 50 minutos.
- Natação: terça e quinta, das 18 horas às 18 horas e 50 minutos.

Estava bem nervoso e ansioso para realizar as referidas matrículas e dar início à observação... Encontrava-me, também, meio apreensivo, com medo de faltar algo e não conseguir me matricular ou mesmo de não me deixarem fazer as aulas nas duas modalidades. Mas, consegui!

Após esse processo fui andar um pouco pelo Olympia, a fim de conhecer, mesmo que minimamente, o ambiente que frequentarei por um ano.

Na parte de trás do prédio principal se localizam os espaços onde as práticas esportivas acontecem. Indo-se pela lateral direita, vê-se uma construção grande onde as aulas de musculação, dança, aeróbica, karatê e/ou judô acontecem (não sei se outras modalidades também utilizam aquele espaço). As aulas de vôlei, futsal e, acredito, handebol, são realizadas na quadra que fica no subsolo dessa edificação – por onde se chega descendo uma escada situada em frente. Ao lado esquerdo tem-se as duas piscinas: uma grande para a natação e outra menor para a hidroginástica. Vi algumas pessoas praticando a natação. Todos homens – jovens e idosos. Na piscina da hidroginástica, havia alguns homens e mulheres, idosos também. Isso era, mais ou menos, 10 horas e 30 minutos.

Procurei olhar a sala onde faria as aulas de musculação. São duas salas. Entre elas há uma escada que dá acesso aos andares superiores. Apenas a sala da esquerda estava ocupada por umas quatro pessoas, sendo uma delas a professora. Essas salas não são grandes. Espero encontrar o que busco observar...

Olympia, março de 2013

Fui a Clava para me matricular na natação e na academia... Para a inscrição na natação precisei de uma foto 3x4 e pagar a taxa de matrícula de R\$ 100 e a primeira mensalidade de R\$ 65. Perguntei à senhora que me atendia sobre a musculação e ela me disse que era para eu me informar no “‘castelo’ [...] um prédio que fica lá atrás. Dá para ver quando você sair por aqui pelo lado” [Indicou o percurso com a mão]. Quando sai de lá, fui procurar o lugar indicado. A Clava é bem grande e há algumas atividades acontecendo ao mesmo tempo por lá. Passei pelas piscinas e vi algumas pessoas fazendo hidroginástica e poucas outras nadando. A piscina é descoberta e bem diferente da que eu nadara no Olympia [...]. Avistei o último prédio e este não parecia com um castelo. Ele fica próximo a uma quadra de tênis e de futebol de grama e de areia... Três andares compõe o prédio, mas somente o último é ocupado pela academia. [...] Subi as escadas e me informei com a recepcionista sobre valores e procedimentos para a matrícula...

Clava, maio de 2013

Cheguei ao Aquarium ainda pela manhã. Na portaria, falei com o segurança pedindo informações sobre a secretaria da natação e ele me indicou o caminho. O Aquarium   um lugar grande, mas não tanto quanto a Clava. Passei por dentro do prédio principal. Neste, vi uma sala que me pareceu ser da administra o... Há um salão para eventos e uma loja que vende produtos relacionados ao Aquarium. [...]. Ao fim do prédio,   possível ver as três piscinas, uma pequena lanchonete   direita, além de outros espaços. [...]. Fui até a secretaria, que fica atrás das piscinas, e fiz minha inscri o pagando R\$ 25 de matrícula e R\$ 75 da primeira mensalidade. Matriculei-me no horário das 18 horas...

Aquarium, julho de 2013

O primeiro momento de pesquisa de campo aconteceu em Belém do Pará. Inicialmente, matriculei-me para ter aulas de nata o e muscula o no *Olympia* (março a maio de 2013 e depois abril de 2014 a julho de 2014)¹⁴. Contudo, por motivo de reforma deste local, precisei ir   *Clava* (junho de 2013 a dezembro de 2014), onde, apesar de ter continuado a malhar ali até dezembro de 2014, s  nadei um mês, pois a piscina e o vestiário não apresentavam boas condi es de uso, mas, principalmente, porque não havia uma turma formada que contribuísse para a realiza o da investiga o, por isso inscrevi-me para nadar no *Aquarium* (julho de 2013 a março de 2014)¹⁵.

Essa necessidade não prevista inicialmente de percorrer outros ambientes, antes de caracterizar um entrave ou atraso   pesquisa, possibilitou a oportunidade de contatos com pessoas e lugares diversos, contribuindo, assim, para o alargamento da compreensão das práticas de remodela o corporal de homens jovens da cidade de Belém do Pará que frequentam academias de muscula o e/ou aulas de nata o. Ou seja, novos/outros olhares foram necessários serem lançados para o tipo de campo que se apresentava. Desse modo, altera es no planejamento inicial – seja do espaço, do grupo ou da temática – são passíveis de ocorrerem e   necessário estarmos atentos a elas, como fez Edward Evans-Pritchard (2005):

¹⁴ Em abril de 2014 voltei ao Olympia devido ao retorno das atividades nesse espaço após a reforma pela qual passou.

¹⁵ Troquei o nome dos lugares onde realizei as investiga es a fim de preservar, principalmente, as pessoas que por eles transitam.   necessário dizer que esses nomes não representam nenhuma característica desses ambientes, sendo os mesmos escolhidos de forma aleatória.

Eu não tinha interesse por bruxaria quando fui para o país zande, mas os Azande tinham; e assim tive de me deixar guiar por eles. Não me interessava particularmente por vacas quando fui aos Nuer, mas os Nuer, sim; e assim tive aos poucos, querendo ou não, que me tornar um especialista em gado (Evans-Pritchard 2005: 245).

Outro exemplo de reordenamento é o trabalho de Luzia Ferreira (2012), a qual teve que retornar com a temática do turismo, que outrora havia abandonada, e, também, incluir em sua pesquisa e reflexão a questão do patrimônio por este se configurar em uma imposição do campo, como esclarece: “Primeiramente eu achei que o turismo não faria mais parte dessa pesquisa e durante seu desenvolvimento essa categoria começou a ecoar. O patrimônio se infiltrou de um jeito nesse trabalho não me permitindo abandoná-lo...” (: 15-16).

Dito isso, cabe, neste momento, apresentar os locais que transitei no objetivo de realizar a pesquisa de campo sobre as práticas de transmutação corporal de homens jovens que praticam musculação e/ou natação em Belém do Pará.

O Olympia fica localizado em uma das principais avenidas da cidade de Belém do Pará. No seu entorno encontram-se habitações, instituições religiosas e escolares e empresas prestadoras de serviços. O local oferece vários atendimentos aos seus associados e à comunidade em geral e, no tocante ao esporte e lazer, tem como uma das suas finalidades a “adoção de estilo de vida mais ativo e saudável” por parte de seus sócios e familiares destes. O ambiente é formado por uma guarita, um prédio principal, uma edificação de três andares na parte de trás, onde acontecem aulas de musculação, dança, artes marciais etc., e, na parte de baixo desse prédio, há uma quadra para uso do futsal e do vôlei. Há, também, uma piscina para hidroginástica e outra para a natação com uma arquibancada. Acima da arquibancada, existem algumas salas de aula e, abaixo dessas salas, estão os vestiários (para homens, para mulheres e para professores/as). O Olympia ainda possui um teatro, contudo este não estava em uso quando de minha estadia ali. Geralmente, eu circulava pelas salas de musculação, pela piscina, pela arquibancada e pelo vestiário. Vez ou outra, eu ia assistir a algum treino e/ou partida de vôlei ou de futebol de salão na quadra. A academia é dividida em dois ambientes: um onde há uma concentração de equipamentos para se trabalhar o peito e outro cuja predominância é de aparelhos para se exercitar as pernas, os **bíceps** e os **tríceps**. Em ambos os ambientes, há dois grandes espelhos, alguns ventiladores anexados às paredes e um bebedouro de garrafão. A piscina, por sua vez, possuía seis raias de 25 metros e mesma profundidade em toda a sua área. Esta, antes da reforma,

era descoberta e, após, passou a ter uma cobertura, o que contribuía para a continuação das aulas em noites de chuva, por exemplo. O banheiro da academia, cujo masculino ficava na sala onde malhávamos mais as pernas, era estreito, composto de um chuveiro aberto, um aparelho sanitário, uma pia com um minúsculo espelho acima e um banco de madeira que deveria comportar umas três pessoas. O vestiário da piscina, no entanto, era amplo, possuindo dois reservados (lugares onde se encontrava a louça sanitária), quatro boxes com portas de alumínio para banhos e, sobre uma pia de duas bacias, havia um grande espelho; em frente para esta havia um banco médio de madeira.

A Clava localiza-se na mesma avenida que o Olympia, mas os dois não são tão próximos. Esta também atende a seus sócios e não sócios. Há diversas atividades como dança, hidroginástica, natação, futebol de campo e areia, vôlei, tênis, musculação etc. O terreno da Clava é bem grande. Após a guarita, temos um salão para festas, o prédio administrativo e um espaço onde são realizadas aulas de dança. Logo em seguida, há as piscinas e alguns quiosques utilizados, principalmente aos fins de semana, quando a Clava é aberta somente para os sócios. Na lateral, temos um campo de futebol. Na parte de trás, encontra-se a quadra de tênis, uma área com areia utilizada para práticas de futebol e vôlei, um campo médio de grama e um prédio de três andares, o “Castelo”, onde, no primeiro piso, há uma pequena lanchonete utilizada, principalmente pelos usuários do campo de futebol. No segundo andar, fica um espaço onde tem a sala utilizada pela musculação para as avaliações, dois banheiros e um tatame usado para aulas de karatê e outras artes marciais. No último piso, fica a academia de musculação, cujo mote era deixar em forma seus/suas alunos/alunas. Esse espaço era frequentado não somente pelas pessoas devidamente matriculadas, mas, também, “gratuitamente” por atletas, principalmente do futebol masculino e feminino. A academia tinha dois grandes ambientes, onde, de um lado, havia uma concentração de equipamentos para se trabalhar os membros superiores, enquanto o outro era mais misto. Por ser um ambiente aberto, onde grande parte da circulação de ar vinha da própria natureza, não havia espelhos inicialmente ali. Estes só foram instalados mais ao final do campo. Na recepção, era possível comprar alguns produtos como energéticos, sucos e bombons de chocolates. Ali, existia, ainda, ora um pequeno sofá ora dois, e uma televisão grande na qual era possível assistirmos a filmes, a telenovelas e, até mesmo, a partidas de futebol como as da Copa de 2014. Em determinado momento do campo, fora instalado, na recepção, uma catraca que permitia a entrada das pessoas cadastradas após a leitura

digital do dedo indicador da mão direita; uma foto de confirmação era apresentada no computador a que a/o recepcionista do dia tinha acesso. Havia um enorme ventilador, que, para mim, mais parecia uma turbina de avião, o qual era ligado vez ou outra. Ao lado desse aparelho, estava o bebedouro industrial. Os banheiros, masculino e feminino, ficavam no andar de baixo. O frequentado pelos homens possuía um pequeno espelho, uma pia grande com quatro bacias – mas com somente uma funcionando –, dois reservados e um urinol grande; algumas vezes, podíamos encontrar ali dentro uma cadeira de madeira que utilizávamos para apoiar mochilas e roupas enquanto nos trocávamos¹⁶. A Clava é quase toda cercada de residências, existindo uma empresa próxima e, também, algumas instituições de ensino.

O Aquarium situa-se em outra avenida principal de Belém do Pará. Passando pela guarita, a pessoa pode se dirigir ao prédio principal, o qual é de dois andares, ou ir direto, pelo acesso dos carros, à parte de trás, onde estão as três piscinas, uma lanchonete, os vestiários e a antiga academia. Mais atrás, encontra-se o campo de treino de futebol. É no edifício principal que se situa a parte administrativa do ambiente, além de um salão para festas e reuniões e uma loja de produtos relacionados ao Aquarium. Esse prédio possui, ainda, um terraço. As atividades ali são quase que totalmente voltadas aos sócios, sendo a natação aberta, também, a pessoas não sócias. A piscina em que eu nadava possuía umas sete raias de 25 metros e um declínio que fazia com que ela fosse bem rasa em uma das bordas e com 3 metros de profundidade, mais ou menos, na outra. Acima das piscinas, está a secretaria responsável pelas atividades aquáticas. Em

¹⁶ Como não levo em consideração, neste trabalho, o período de um mês que passei nadando na Clava, decidi não descrever os ambientes da piscina e do vestiário desse lugar no parágrafo acima. Contudo, faço-o aqui como forma de justificar a não continuidade da pesquisa naquele espaço: A piscina da Clava é grande, tanto em extensão quanto em profundidade. Algumas vezes as raias estão posicionadas formando um percurso de 25 metros e em outros momentos de 50 metros. A água era sempre verde, não sei se por pouca limpeza ou se por algum produto que era utilizado ali. Eu nunca consegui ver o fundo da piscina. Caso não estivesse nadando, a única forma de não afundar era se segurando nas raias flutuantes ou na margem da piscina, mas, nesse caso, sempre com cuidado, pois em muitos lugares faltavam azulejos ou estes estavam quebrados. Assim, o risco de cortes era grande. Havia somente um professor no horário em que eu nadava – das 18 horas às 18 horas e 45 minutos, único horário disponível quando realizei a matrícula. Esse período não tinha uma turma formada e fixa como no Olympia e no Aquarium. Somente um rapaz que também viera do Olympia e eu parecíamos regulares no horário. Na área que compreende a piscina tem um espaço em formato de concha, com alguns poucos e pequenos degraus onde deixávamos nossas mochilas para podermos nadar. Atrás desse espaço, na parte de baixo, encontrava-se o vestiário. Este era escuro, com suas lajotas e azulejos na cor marrom-barro. O ambiente era muito úmido e sujo. Havia sempre água pelo piso e lama também. Uma única cadeira de madeira, usada para evitar que nossas mochilas e roupas fossem colocadas diretamente no chão, precisava ser reversada quando mais de uma pessoa estava no vestiário. A parte dos chuveiros era aberta, tendo espaço para cinco duchas. Os locais onde se encontrava a louça sanitária eram dois e constantemente estavam sujos e sem papéis higiênicos. Existia uma pequena pia próxima à porta e um espelho pequeno e quebrado que alguns de nós usávamos na hora de pentearmos os cabelos.

frente à piscina em que eu nadava, ficava o vestiário masculino. Este era amplo e não havia divisórias separando os cinco chuveiros ali dispostos; somente uma meia parede impedia a total visualização de quem estava a se banhar por pessoas que adentravam o vestiário e, também, por aquelas que por ali trocavam de roupas. Ainda havia: três reservados, mas somente dois com a louça sanitária; um banco médio de madeira; e, vários ganchos espalhados pelas paredes para se pendurar toalhas, toucas, óculos de natação, mochilas. A pia do recinto era composta de duas bacias e, ao lado esquerdo, estava um grande espelho. Na adjacência do Aquarium existem escolas, órgãos públicos, empresas prestadoras de serviços, prédios residenciais, dentre outras infraestruturas citadinas.

É necessário informar que, a entrada em alguns desses ambientes não ocorreu de forma simples e imediata. Em ambas as vezes que precisei frequentar o Olympia, foi-me requerido um atestado médico autorizando-me aos exercícios físicos. Somente na segunda vez, portanto, precisei fazer uma avaliação com uma profissional da educação física de lá. Cheguei a comentar com essa funcionária, que, na primeira vez que estive ali como aluno, não fiz aquele processo. Ela apenas me respondeu dizendo: “Mas era para ter feito”. Assim, fui avaliado quanto à porcentagem de gordura, de osso, de resíduo, de músculo e de massa magra. Minha aptidão cardiorrespiratória foi classificada por ela como “boa” e em seu parecer técnico constou: “O avaliado precisa ganhar 1,87 kg de massa muscular. Seu percentual de gordura está muito bom”. Além da apresentação desses atestados e de outros documentos para a matrícula e uma foto 3X4, paguei uma taxa de inscrição e a primeira mensalidade, sendo esta de R\$ 65 (Sessenta e cinco reais) na primeira vez (R\$ 35 [Trinta e cinco reais] a musculação e R\$ 30 [Trinta reais] a natação) e de R\$ 35 (Trinta e cinco reais) quando retornei em abril de 2014 para nadar ali novamente. Na Clava, só me pediram, para a natação, uma foto 3X4 e a taxa de matrícula, juntamente com a primeira mensalidade (R\$ 100 [Cem reais] e R\$ 65 [Sessenta e cinco reais], respectivamente); na academia do referido lugar, no entanto, paguei R\$ 20 (Vinte reais) de matrícula, R\$ 60 (Sessenta reais) de mensalidade e R\$ 30 (Trinta reais) de avaliação física. Nesse mesmo dia, a recepcionista falou com a professora para me avaliar. Como não havia ninguém marcado para aquele horário (mais ou menos 15 horas marcava no relógio), ela foi fazer minha avaliação. Mas, antes, o “problema” estava na roupa que eu usava; mais especificamente, na minha bermuda jeans. Contudo, como não iria malhar naquele dia, apenas nadar, comuniquei-lhes que

estava de sunga e, se não tivesse problema, poderíamos fazer a avaliação assim, o que a professora concordou. Fomos para uma sala no andar de baixo e, depois de responder um breve questionário sobre meus antecedentes médicos, a profissional da educação física começou minha avaliação/medição: largura dos braços, pernas, abdômen... Seu parecer foi: “Você está com um corpo de atleta. Vamos trabalhar só para definir e ganhar um pouco mais de massa muscular”. No Aquarium somente foi preciso pagar a taxa de matrícula (R\$ 25 [Vinte e cinco reais]) e a mensalidade (R\$ 75 [Setenta e cinco reais])¹⁷.

A possibilidade, portanto, de observar o Outro, de me observar e de ser observado em campo, como sempre na Antropologia, é interessante para compreender e refletir sobre as interações que ali ocorrem ou não. A inserção nos lugares supracitados, contudo, não se deu de forma rápida, direta e sem algum tipo de burocracia. Além disso, apesar de eu começar minhas observações em março, foi necessária certa preparação, como, por exemplo, a ida ao médico a fim de obter uma declaração de que eu poderia praticar exercícios físicos, pois, sem esse documento, não seria possível acotiar o Olympia. Vencida essa etapa, comecei o campo como aluno-pesquisador, mesmo que ali dentro eu fosse, por algum tempo, “somente” um aluno, o que me fez refletir na expressão “o antropólogo como fingidor”. Esse “fingir” não se refere à situação de mentira do pesquisador, que engana quando está realizando seu trabalho de campo – ainda que, segundo Vincent Crapanzano (1991: 121-122), o etnógrafo possa ser alguém que não diga toda a verdade¹⁸. O que penso sobre a expressão acima tem mais a ver a não imediata “revelação” do antropólogo como pesquisador em campo, conforme mostrarei mais adiante.

Outra situação que também necessita ser trabalhada, disfarçada, para não comprometer a realização da pesquisa é certa chateação em campo – questão essa que está envolvida, assim como se anunciar de imediato como investigador em campo, em

¹⁷ Devem-se considerar outros gastos nesses processos de adentrar esses espaços de interações e remodelação corporal, como: exames e as consultas com clínico geral e nutricionista; sungas, óculos para natação; e, bermudas, camisetas, tênis e luvas para a musculação. Além disso, há gastos, também, na permanência nesses locais, pois é necessário renovar os materiais que, normalmente, com o tempo se desgastam, como sungas, óculos para nadar, camisas, bermudas, tênis para malhar etc.

¹⁸ Ainda que Vincent Crapanzano (1991) esteja se referindo às informações contidas (ou não) no texto etnográfico, acredito que esta se encaixa muito bem nas situações de campo em que os/as pesquisadores/as não querem ou não podem – pelo menos por certo momento – dizer-se empreendedores de uma inquirição científica. Sobre a necessidade de “certo anonimato”, cf. Néstor Perlongher (1987) e Richard Miskolci (2013), por exemplo. Acerca de um posicionamento diferente sobre a temática, dentre outros, cf. Sandra da Silva (2014).

uma discussão da ética na pesquisa. Afinal, o trabalho antropológico é resultado de negociações e renegociações entre os sujeitos (Sarti e Duarte 2013: 10).

Algumas vezes, por exemplo, no Olympia, fiquei chateado, com raiva até, do comportamento dos professores da natação. Os profissionais que auxiliavam a educadora principal pareciam não ligar muito para nós que ficávamos nas duas raiais próximas à arquibancada (geralmente as pessoas novatas ocupam essas raiais) – possivelmente por sermos uma turma de adultos e, também, pelo cansaço deles, uma vez que, trabalhavam desde o início da tarde e tinham às 17 horas, antes de nós, uma turma com muitas crianças, o que demandava bastante deles. Dava a impressão, em certos momentos, que, juntamente com a professora, conversavam e riam de nós iniciantes, quem sabe da maneira engraçada ou errada que tentávamos executar as séries que a nós eram passadas (Pode isso ser coisa da mente de uma pessoa que é novata em determinado ambiente?). Por duas vezes, enquanto nadava, dei um mau jeito no pescoço, o que me impossibilitava de continuar. Ao relatar a esses professores o ocorrido, nada fizeram por mim, nem mesmo uma orientação de como evitar ou melhorar a situação (somente na segunda vez, um deles me disse para massagear o pescoço para ver se melhorava, mas, ainda assim, sem muito olhar para mim, tendo sua atenção concentrada na tela do celular que tinha em mãos). Nesses dois casos, recorri à professora da academia. Essa sim me auxiliou com massagens no pescoço, uma pílula para relaxar a musculatura – que buscara no seu carro – e orientações. Ela chegou, uma vez, quando estava na área da piscina, a chamar a atenção de meus professores da natação para prestar mais atenção em mim por já ter machucado o pescoço duas vezes. Estes não pareceram ficar aborrecidos com isso, apenas riram e disseram-me para não virar muito rápido a cabeça na hora da respiração durante o estilo *crawl*. A despeito disso, e coisas semelhantes, procurava não deixar que tais acontecimentos tornassem-se uma barreira intransponível no contato e conversas futuras com essas pessoas.

Hoje eu falei com a professora sobre a minha pesquisa. Estávamos na arquibancada, após a aula. Ela disse que iria me adicionar em um grupo no *Facebook*, no qual estão alunos, ex-alunos e ex-professores-estagiários. [...] Benício chegou próximo a nós, enquanto conversávamos, e os dois me falaram das dificuldades do esporte no Pará e no Brasil. Ela comentou sobre as competições, a falta de apoio e incentivo para os atletas e falou ainda sobre os Jogos Universitários Brasileiros (JUBs) e os Jogos Estudantis Brasileiros (JEBs). [...] Nesse

contato, pude saber algumas coisas sobre a professora, como, por exemplo, por onde ela se graduou. Descobri, também, a idade do Benício¹⁹. Ele me contou sobre seus sonhos e expectativas em relação à natação...

[...]

Antes de ir embora fui à academia. Encontrei, descendo a escada, a professora da natação, a qual me avisou que já havia me adicionado no *Facebook*:

– Aceita lá para eu te colocar no grupo de natação do Olympia.

Agradei e lhe perguntei se, quando fosse fazer as entrevistas, eu poderia entrar em contato com ela para conversarmos, o que me respondeu:

– Claro que sim! Sem problemas.

Olympia, maio de 2013

Em seu turno, certa aproximação com a professora da natação só veio ocorrer mais à frente e, principalmente, quando próximo de encerrarmos as atividades ali, para a reforma, contei-lhe que estava desenvolvendo uma pesquisa para meu doutoramento em Antropologia e que não queria perder contato, até mesmo para poder, mais à frente, entrevistá-la e a outras pessoas também. Ela, então, se colocou à disposição, contou-me sua experiência na produção de seu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), dentre outras coisas, e me adicionou em um grupo no *Facebook*, para alunos e ex-alunos do Olympia, a fim de que eu pudesse ter comunicação com as pessoas e contatá-las quando necessário, além de ser um canal de informações sobre o retorno das atividades. Quando houve a festa de encerramento, em maio de 2013, a relação com ela já era outra, de maior proximidade.

Da arquibancada, o professor faz a demonstração do que eu tinha que fazer em água (elevar os braços acima da cabeça e ficar movimentando somente as pernas). Acho difícil, mas tento fazer. Não chego nem na metade da piscina. Afundo! Falo para ele e o mesmo me manda usar a prancha.

Os exercícios dessa aula, todos de costas, cansaram-me muito. Se, na aula anterior, eu estava contente, porque achava que sabia alguma coisa, nessa, fiquei com raiva, desapontado. A vontade era de ir embora. Para piorar, enchia os ouvidos de água. Toda hora isso acontecia. Irritei-me mais.

Tentei arrumar a touca de uma forma que a água não entrasse nos ouvidos, porém era em vão.

[...]

¹⁹ Os nomes de pessoas que aparecem nos excertos do meu diário de campo além de fictícios não são fixos, à exceção daquelas com quem eu conversei formalmente, as quais serão apresentadas por mim no decorrer deste trabalho.

Eu não estava nos meus melhores dias mesmo. Não senti que acertei os exercícios. Isso me deixava com vergonha. Parecia que todos estavam me olhando...

Olympia, março de 2013

Por conseguinte, a pessoa que se dedica à pesquisa, que faz observação participante, precisa lidar, por exemplo, com sentimentos e emoções que afloram no momento da esquadrinhadura. O deixar afetar-se pode contribuir (e na verdade contribui) para a compreensão da realidade observada e vivida por parte de quem realiza uma investigação antropológica. Somente experienciando as dificuldades na realização das séries, tanto da musculação quanto da natação; engolir acidentalmente água; entupir os ouvidos; esconder a nudez; sentir cansaço e dor; querer se ver grande no espelho; reconhecer/saber a sensação de executar um nado melhor que um iniciante, por exemplo; participar de conversas e brincadeiras sobre o próximo etc. é que “informações sobre os aspectos não verbais e involuntários da experiência humana” (Favret-Saada 2005: 160) poderão ser conhecidos por quem pesquisa.

Além disso, refletir sobre o estar em campo leva-nos a pensar que, muitas vezes, pesquisadoras e pesquisadores não deixam transparecer de imediato que estão realizando uma pesquisa científica. Essa, igualmente, é uma questão metodológica. Assim como ser (re)conhecido como alguém que está desenvolvendo uma perquirição pode abrir portas, o contrário também pode acontecer. Durante minhas observações, portanto, procurei primeiramente conhecer o ambiente do Olympia, Clava e Aquarium e as pessoas que por eles transitavam e, somente após algum tempo, passei a conversar mais sobre os porquês de eu estar ali. Não que fosse um segredo, mas essa informação não era utilizada como forma de me aproximar das pessoas.

As conversas mais abertamente sobre a pesquisa que eu desenvolvia para o doutoramento em Antropologia somente aconteciam quando “ocasiões” favoráveis a tais ocorriam, uma vez que, de acordo com Roy Wagner (2012: 46), “essas ocasiões propiciam a única ‘ponte’ disponível para que haja empatia entre o forasteiro e o nativo”. Sobre esse ponto, destaco uma situação sucedida em um dos lugares que frequentei.

Conversando com algumas pessoas sobre a interrupção dos serviços oferecidos no Olympia e o que tinha levado cada um de nós a frequentar aquele espaço, comentei com uma moça e um rapaz, companheiros de raia, que estava ali não apenas para malhar

ou nadar, mas, também, para fazer uma pesquisa. Isso despertou o interesse deles, principalmente de uma moça que, sendo formada na área da saúde, considerou interessante uma investigação sobre o corpo e cuidados com este. Além disso, passei a interagir mais com os professores e alguns alunos, a fim de manter contato com eles após o término das aulas, sendo, nesse mesmo período, como mencionado acima, incluído em um grupo de alunos/as e ex-alunos/as, no *Facebook*, administrado por uma das professoras.

Assim, situações não programadas podem contribuir para a necessária aproximação entre pesquisador e interlocutores no campo, tal como se pode perceber no relato que Clifford Geertz (2008) faz da incursão policial à rinha de galos que alguns balineses faziam e a que ele e sua mulher assistiam. Até aquele momento, invisíveis aos balineses, a fuga foi a “ocasião” que os visibilizou na aldeia:

Na manhã seguinte, a aldeia era um mundo completamente diferente para nós. (...) deixáramos de ser invisíveis...

(...)

Foi justamente o ponto da reviravolta no que concerne ao nosso relacionamento com a comunidade, e havíamos sido literalmente ‘aceitos’. Toda a aldeia se abriu para nós... (Geertz 2008: 187).

Há outros casos de como situações não programadas, de alguma forma, podem contribuir para o desenvolvimento da pesquisa que se está realizando, como, por exemplo, a perquirição de Bronislaw Malinowski (1976), nas Ilhas Trobriands, e a de Luzia Ferreira (2012), em Joanes, no Pará. Para este primeiro, foi o principiar da Primeira Guerra Mundial que o obrigou a permanecer em campo mais tempo do que havia programado. Isso fez com que sua observação se prolongasse e tivesse acesso a muitos outros dados e conhecimentos sobre a vida dos trobriandeses.

Malinowski chegou a Port Monesby [capital da Papua-Nova Guiné] depois de passar pela Austrália já em pelo início da Segunda (sic) Guerra Mundial, o que lhe causou dificuldades adicionais, visto ser então tecnicamente súdito austríaco e, portanto, cidadão inimigo. Na verdade, só voltou à Inglaterra depois de terminado o conflito; a longa duração de sua permanência em campo – que lhe permitiu realizar um trabalho de campo tão intenso e minucioso – talvez se deva, pelo menos em parte, a essas dificuldades políticas (Durham 1978: XIII).

Também,

(...) em 1914, que Bronislaw Malinowski, um jovem polonês, fazendo o seu doutorado em Antropologia na London School of Economics, foi parar nas ilhas Trobriand, onde ficou mais de três anos, aprendeu a língua nativa, colocou sua tenda no meio da aldeia deles e conviveu dia após dia entre os trobriandeses. Dessa experiência nasceu, em 1922, o livro *os Argonautas do Pacífico ocidental*, e, com ele, a primeira formulação do que é o método

etnográfico (que apresenta em sua Introdução). O que o levou a romper com a forma de conhecer própria da Antropologia anterior a ele? Na verdade, um acaso, para nós, um feliz acaso: enquanto súdito austríaco, na primeira guerra mundial, ele não poderia integrar a tripulação de um navio inglês, vendo-se obrigado a ficar quatro anos, até 1918, entre os territórios das ilhas Tulon, Trobriand e Austrália (Uriarte 2012: online).

No caso da antropóloga, o assédio masculino foi a “ocasião” que lhe direcionou para a aproximação com as mulheres. Luzia Ferreira teve que encontrar estratégias para lidar com essa questão, pois, por se tratar de um lugar onde a maioria (se não todos) se conhecem, ela poderia conflitar com as mulheres do lugar, uma vez que sua conduta enquanto pesquisadora séria e “estrangeira” – que agora se encontrava realizando uma pesquisa sozinha e não mais acompanhada de sua orientadora à época – estava em observação:

Sei que isso ocorre em qualquer lugar em diferentes contextos, mas aquele era o meu contexto de pesquisa e devido a isso tive que encontrar estratégias para não entrar em confronto diretamente com aqueles homens. No entanto, quando se tratava das pessoas de Joanes, a questão ficava mais delicada, uma vez que, as pessoas lá se relacionam entre si e sei que isso poderia me colocar numa situação de conflito com as mulheres.

(...)

Outro episódio foi no baile da saudade (...). Durante a noite toda percebi que um grupo de rapazes olhava fixamente para a mesa onde estávamos. De repente um deles chamou uma das moradoras que estava comigo e perguntou se eu era compromissada, pois ele estava procurando uma “moça de família” como eu, para namorar. O rapaz se aproximou até a mim e me pediu em namoro, falei a ele que tinha compromisso e isso não seria possível. (...) a moradora com que eu estava sabia que sou casada, mas, mesmo assim, ela não relatou ao rapaz, logo percebi que ela queria me testar, uma vez que, conversava muito com o marido dela.

(...)

(...) esses episódios acabaram norteando muito o meu trabalho de campo, pois, cada vez mais fui me aproximando das mulheres, evidentemente pelo fato de termos vários códigos em comum, mas também, por não me sentir à vontade para abordar alguns homens, me sentia receosa. No entanto, a partir dessas mulheres, me aproximei de alguns homens que eram seus maridos, filhos, sobrinhos, primos - ou seja, à aproximação que tive com o universo masculino em Joanes, foi intermediado pelo universo feminino (Ferreira 2012: 27-29).

Assim, com esses e outros casos que já mencionei neste trabalho, quero dizer que, as modificações no planejamento inicial são suscetíveis de ocorrerem, por motivos diversos, as quais podem se referirem a mudanças, totais ou parciais, de temática, no tempo de duração da pesquisa, no grupo ou no espaço e a pessoa que empreende a investigação científica precisa ser sensível a elas para poder desenvolver a sua atividade.

Além dessas questões, ser enxergado, inicialmente, tanto nas aulas da natação quanto nas da musculação como somente aluno fez-me pensar, ao longo do período que fiquei em campo, na questão da ética na pesquisa, principalmente após leituras de algumas controvérsias na Antropologia, tais como: Derek Freeman *versus* Margaret Mead, Gananath Obeyesekere *versus* Marshall Sahlins, Patrick Tierney *versus* Napoleon Chagnon²⁰. Estar naqueles locais, observando e sendo observado sem que as pessoas soubessem o que eu realmente estava fazendo ali – uma pesquisa antropológica – seria antiético?

A partir, por exemplo, de leituras de textos como de Sandra Silva (2014), Richard Miskolci (2013) e de Néstor Perlongher (1987), pude concluir que uma possível resposta a essa questão vem do contexto da pesquisa empreendida. Ao realizar uma etnografia do consumo de telefones celulares em um bairro popular de Florianópolis (RS), o morro São Jorge – nome fictício –, que tinha ação de traficantes, Silva teve que lidar com questões ligadas ao medo e insegurança. Assim, sentiu “que era importante deixar claro a razão de minha presença na comunidade, bem como os propósitos de minha pesquisa” (Silva 2014: 121). Dessa forma, a partir de sua experiência de campo e, também, de escritos de Alba Zaluar, considera que:

... deixar claro os propósitos da pesquisa e nosso papel enquanto pesquisadores pode nos poupar de situações de violência e constrangimento; e, eu acrescentaria, facilita imensamente nossa relação com os interlocutores ao longo do trabalho de campo (Silva 2014: 130).

No entanto, diferentemente dela, não senti que era primordial – não nos meses iniciais – deixar claro nos ambientes que frequentei meus objetivos de pesquisa. Precisei esperar o momento certo. Na verdade, os momentos certos, pois isso se deu de forma diferenciada para cada pessoa e/ou grupo. Algo experienciado, também, por Richard Miskolci (2013) quando da realização de uma pesquisa com usuários de salas de bate-papo gay que buscavam encontrar parceiros para relações sexuais:

Tentei me identificar como pesquisador, o que resultou em formas diversas de rejeição: do bloqueio de minhas mensagens à frequente recusa da conversa ou interações pouco naturais e limitadas. Concluí que as características desse campo permitiam interação anônima... (Miskolci 2013: 304).

²⁰ As controvérsias acionadas aqui dizem respeito a informações colhidas em campo (Freeman x Mead), a interpretações sobre um mesmo evento (Obeyesekere x Sahlins) e a pesquisa com a introdução de elemento perigoso ao grupo estudado (Tierney x Chagnon), dentre outros pontos. Sobre essas polêmicas, Cf. Mead (1961), Freeman (1984), Sahlins (1997, 2001), Obeyesekere (1994), Silva (2002), Tierney (2002) e Borofsky (2005).

Para Néstor Perlongher (1987), igualmente, em sua investigação sobre a prostituição viril em São Paulo, nem sempre era possível a explicitação de sua condição de pesquisador. A justificativa, para ele, era devido “A antropologia, ciência do sutil, não tem as suas técnicas predeterminadas rigidamente: é necessário inventá-las cada vez, conforme as próprias características das populações estudadas” (Perlongher 1987: 39).

Dessa forma, chego à conclusão de que não agi de forma antiética, uma vez que o campo e a temática de minha pesquisa não me exigiam, de imediato, uma comunicação de meu *status* de pesquisador, possibilitando, desse modo, certo “silenciamento” sobre minha condição. Além disso, minha frequência aos ambientes observados e escutados objetivava contribuir para minha aprendizagem sobre o universo da musculação e da natação, o que me auxiliou quando da realização das conversas formais e, igualmente, para identificar e conhecer pessoas que foram contatadas, mais à frente, para as interlocuções formais.

As polêmicas supracitadas e os textos de Perlongher (1987), Miskolci (2013) e Silva (2014), portanto, ajudaram-me a observar e a refletir acerca do campo, sobre o Outro e, inclusive, a respeito de mim mesmo. Dessa forma, pude melhor me preparar, com informações pertinentes de cada modalidade, para a segunda etapa da pesquisa que foi a conversa mais formal com as pessoas sobre os temas deste trabalho, como relatei acima.

Destarte, atentei para as roupas utilizadas, nome dos equipamentos, entre outras coisas, tanto nos ambientes que integram as aulas de natação quanto nos da musculação. Assim, aos poucos, palavras como halteres, flexora, supinos, touca, *crawl*, raia, dentre outras, foram fazendo parte do meu dia a dia como aluno. E esse é um ponto importante de se considerar para o conhecimento do campo. Não apenas conhecer as palavras usadas no espaço observado, mas, também, o que estas significam para as pessoas que as pronunciam, pois, no momento de escrever sobre as ocorrências em campo e mesmo de transcrever as falas das pessoas com quem conversamos – obtidas seja por meio de diálogos formais ou informais –, é necessário levar em consideração as experiências do Outro (Brah 2006), a fim de se não utilizar um vocábulo que vá minimizar ou maximizar o sentido atribuído pelos sujeitos da pesquisa, tal como a lição que podemos tirar da controvérsia entre Marshall Sahlins e Gananath Obeyesekere, pois, como nos fala Cristhian Silva (2002):

... a raison d'être da Antropologia enquanto disciplina consiste exatamente nas diferentes formas de interpretar as ações e reflexões do Outro a partir das conexões possíveis entre o jogo da linguagem deste e o nosso, colocando às vezes em xeque as próprias categorias nativas do antropólogo observador (Silva 2002: 413).

Assim, apesar de Silva (2002), no final do seu texto, dizer que “as interpretações antropológicas da racionalidade nativa partem antes do ponto de vista dos antropólogos do que do outrora almejado ponto de vista nativo” (p. 414) – algo similar ao que pensa Wagner (2012) – procuro diferenciar minha fala, quando necessário, das falas das pessoas com quem interagi durante as aulas de natação e musculação, ou durante as conversas formais, procurando, deste modo, problematizar ambas as vozes, levando em consideração as subjetividades de cada indivíduo.

Refletir, por conseguinte, sobre as emoções, os sentimentos, as moralidades do/a antropólogo/a, são importantes para a construção e desenvolvimento da investigação que tal agente social empreende. Afinal, a etnografia não depende somente do que se vê ou se ouve durante o trabalho etnográfico, tampouco apenas das leituras realizadas antes e depois das observações, mas tem relação, também, com sentimentos, emoções e decisões que envolvem o antropólogo na execução de sua averiguação, mesmo que, muitas vezes, ele tenha que fingir não tê-las, renegociando estas com as pessoas com quem interage no campo.

Por conseguinte, do total de 22 agentes sociais com os quais conversei formalmente para este trabalho, interagi, em Belém do Pará, com 12 pessoas, sendo sete alunos e cinco professores²¹. O contato com esses indivíduos aconteceu mediante minha aproximação e convite a cada um deles para participarem da pesquisa cujos resultados apresento-os aqui. Não houve grandes dificuldades nesse momento. Ouvi poucos “nãos” de pessoas da Clava. Também, com um interlocutor desse lugar, tive que realizar algumas remarcações até conseguir concretizar a entrevista com ele, como comentarei mais à frente. Conforme suas falas forem sendo apresentadas no texto, irei melhor contextualizar a aproximação e a interlocução.

²¹ Para os dados sociográficos das pessoas com quem conversei formalmente, cf. Apêndices.

Momento 2: Lisboa

Sai às ruas de Lisboa a procurar um lugar onde pudesse realizar minhas observações. Depois de percorrer, sem sucesso, as Amoreiras e por ali me perder, retornei para casa a fim de fazer uma busca mais direcionada no *Google* e, também, para acessar meu *email*, pois o Prof^o Vítor Ferreira já havia me enviado alguns *links* de ginásios em Lisboa (Esses ficavam nas Amoreiras); pesquisei, também, em grupos no *Facebook*. Entrei em alguns *sites* de ginásios cujos anúncios pareciam ser interessantes para a realização da pesquisa, contudo estes ficavam em lugares muito distantes. Assim, encontrei o sítio eletrônico do *Lyceum* e vi que eles tinham uma unidade próxima de onde estou morando. Decidi fazer uma visita ao local para obter informações mais precisas como valor das mensalidades e, igualmente, “sentir” se lá poderia ser um bom espaço para realizar a minha investigação. Encontrar o Lyceum não foi fácil, pois como estou recente na cidade e não compreendo muito o seu movimento, localizar-me por suas ruas ainda configura um desafio que, aos poucos, vou vencendo. Assim, após me perder, encontrei-me!

Lyceum, setembro de 2015

O momento 2 da pesquisa de campo aconteceu em Lisboa, Portugal, de setembro de 2015 a fevereiro de 2016, quando estive no Instituto de Ciências Sociais (ICS), da Universidade de Lisboa (ULisboa), na condição de Doutorando Visitante, sob orientação do doutor Vítor Sérgio Ferreira²². A minha estada no ICS-ULisboa proporcionou-me a oportunidade de realizar pesquisa de campo na referida cidade e, assim, acrescentar as informações obtidas ali com as que foram reunidas em Belém do Pará.

Desse modo, frequentei um ginásio do centro da cidade, que trabalha em um sistema de *low-cost*. O Lyceum é um prédio que fica em uma esquina, cujas laterais são de vidros – o que permite quem esteja andando por ali perto observar quem está dentro do estabelecimento e vice-versa. Assim sendo, da rua, já pude perceber algumas pessoas utilizando os equipamentos de exercícios próximos à parede transparente.

O ginásio fica em um pequeno Centro Comercial e, no seu entorno, há alguns estabelecimentos como pastelarias e restaurantes. Este também fica a poucos passos de uma entrada do metrô que serve aquela área e de uma das avenidas principais de Lisboa. Na recepção, há dois computadores – os quais parecem caixas eletrônicas – que os clientes utilizam para acessar seus perfis e obter informações tais como a senha que

²² Recebi bolsa da CAPES de Doutorado Sanduíche (n^o BEX 6187/15-3) no período que estive no ICS-ULisboa.

utilizarão nas catracas eletrônicas que estão ao lado. Quando você digita a sua senha, aparece, acima, em um dos dois monitores que há na entrada, seu nome e foto. Do lado esquerdo, há máquinas para se adquirir produtos como energéticos, lanches, águas e toalhas.

Posso dividir o lugar em sete espaços para atividades: dois fechados (um onde tem várias bicicletas e outro onde há aulas de zumba, por exemplo, com certo ar de boate); tem um recinto onde se encontram os halteres e outros equipamentos com a finalidade de exercitar, principalmente, a parte superior do corpo; outro onde o piso é diferente, numa cor verde, como se fosse uma grama sintética, em que as pessoas fazem exercícios de resistência (cordas pesadas, bolas com peso, chaleiras etc.), fazendo ainda parte dessa área, ao lado, há duas pistas iguais a de atletismo de 25 metros cada; noutro espaço, ficam bicicletas, elípticos e passadeiras; em outra parte, encontram-se equipamentos para se treinar pernas, costas, peitos e ombros; e há o local onde as pessoas fazem exercícios abdominais, formado por um tatame verde médio.

Os vestiários – um para homens e outro para mulheres – ficam descendo uma escada localizada na recepção, próxima às máquinas automáticas de toalhas, águas e outros produtos; ao descê-la toda, ao lado esquerdo, é possível ver dois sofás azuis médios e, entre eles, uma mesinha; além disso, enxerga-se, igualmente, uma máquina automática de energéticos e um armário médio com nove divisórias e portas para as pessoas guardarem alguns pertences. O vestiário masculino fica do lado direito e o feminino no esquerdo; nas portas de ambos há escrito em tamanho de fontes diferentes e na cor branca palavras que identificam o gênero dos usuários como, por exemplo, em uma das portas: “rapazes”, “masculino”, “homem” etc. Ao entrar no vestiário, do lado direito, vemos uma pia comprida, com várias bacias e um enorme espelho. Há secadores de mãos e, em algumas partes do recinto, principalmente perto de espelhos, vê-se, também, tomadas. Em um espaço à parte encontram-se três reservados com a louça sanitária, três mictórios separados por uma divisória média e uma pia com um espelho médio acima.

No vestiário do Lyceum existem quatro zonas de tamanhos diferentes com cacifos para a guarda de pertences dos alunos e professores (cada pessoa é responsável por levar o seu próprio cadeado) e compridos bancos de madeiras que seguem toda a extensão desses armários. Quando se entra ali, após passar pela primeira fileira de pias, virando-se para o lado esquerdo, é possível ver os boxes para o banho; estes são 16,

pelo menos – oito de cada lado –, com suas portas de vidro fosco (sendo que muitas delas não fecham completamente) e com a possibilidade de banhos frios ou quentes.

No dia que visitei o lugar pela primeira vez, o funcionário que veio me atender explicou-me o que eu precisaria para me matricular. Contei-lhe que estava em Lisboa como doutorando visitante e que minha permanência seria de seis meses. Perguntei-lhe, então, se haveria algum problema nisso, o qual me disse que não, mas frisou que eu precisaria pagar três meses adiantados (isso, principalmente, porque eu não tinha cartão Multibanco (MB)²³; como pagaria em dinheiro, pediu-me o adiantamento)²⁴. A minha preocupação com o período deu-se devido eu ter ouvido de algumas pessoas que, em Lisboa, muitos serviços eram oferecidos em um regime de fidelização, e que este durava um ou dois anos. Assim, no dia seguinte, paguei a taxa de matrícula de € 13.33 (Treze euros e trinta e três cêntimos) mais duas mensalidades adiantadas de € 26.40 (Vinte e cinco euros e quarenta cêntimos) cada, totalizando € 66,13 (Sessenta e seis euros e treze cêntimos)²⁵.

É significativo expor ainda que os meses de setembro e outubro foram de reconhecimento, adaptação e mapeamento dos comportamentos e relações que acontecem no Lyceum. Havia planeado iniciar, no começo de novembro, as conversas formais. Contudo, tive um contratempo. Antes de findar o mês de outubro, meu acesso ao Lyceum fora cancelado. Ao procurar me informar, recebi a notícia de que o pagamento do próximo mês deveria ter sido feito até aquele dia, 27 de outubro, e não ser realizado no início de novembro, como eu supunha.

Contudo, mesmo com o dinheiro em mãos, o ginásio não aceitou meu pagamento, pois, segundo a administração, as normas haviam mudado e somente se estava aceitando o recebimento via *Multibanco* ou *International Bank Account Number* (IBAN). Uma funcionária chegou a me aconselhar a ir à agência bancária, que ficava no mesmo Centro Comercial, ao qual o ginásio era conveniado, para abrir uma conta, mas o curto período que ficaria no país me impedia de fazê-lo e, até mesmo, de obter o

²³ O Multibanco é a rede de caixas eletrônicos existente em Portugal e em outros países da Europa.

²⁴ Essa conversa aconteceu no dia 1 de setembro, após as 20 horas. Minha matrícula só foi realizada no dia seguinte, depois das 10 horas. Diferentemente do que havia me falado no dia anterior, de que eu precisaria pagar três meses adiantados de mensalidades (€ 15 [Quinze euros] de taxa de matrícula mais três mensalidades de € 25.40 [Vinte e cinco euros e quarenta cêntimos]), o funcionário só me cobrou dois meses e a taxa de matrícula cujos valores estão discriminados no parágrafo acima.

²⁵ O euro neste dia (2 de setembro de 2016) estava custando R\$ 4,19 (Quatro reais e dezenove centavos).

Número de Identificação Fiscal (NIF) – o equivalente ao nosso Cadastro de Pessoas Físicas (CPF) – necessário à abertura de contas bancárias.

Assim, conversei com uma amiga que se prontificou em passar seu cartão para mim. No entanto, o procedimento não fora realizado, pois o Lyceum queria cadastrar o cartão para descontar o valor das mensalidades, o que minha amiga não aceitou. Mediante o impasse, e algumas discussões, fomos “aconselhados” por um funcionário, então, que procurássemos outro ginásio para eu treinar, uma vez que “as normas são essas”... Para não perder os meses anteriores de observação e contatos, tentei outras possibilidades, como utilizar o cartão recarregável da Unicâmbio ou mesmo a viabilidade do Lyceum me fornecer uma conta para depósito. Enquanto isso, no Brasil, minha família tentava conseguir, junto ao meu banco, o IBAN de minha conta. Todavia, todas as minhas alternativas, segundo o ginásio, eram inviáveis para eles.

Quando, enfim, consegui o IBAN de minha conta no Brasil fui ao Lyceum e preenchi todo o formulário para a nova matrícula. Na certeza que tudo se havia resolvido fui para o Instituto de Ciências Sociais (ICS-ULisboa). Porém, recebi um email do funcionário que fez minha nova matrícula dizendo que “havia um problema com o IBAN brasileiro” e me fornecendo a Entidade e Referência da conta do Lyceum para pagamento das outras mensalidades... Assim, no dia 11 de novembro consegui fazer o pagamento das mensalidades (€ 79.33 [Setenta e nove euros e trinta e três cêntimos])²⁶ com a ajuda do senhor que me arrendara um quarto em seu apartamento e, no dia 12 de novembro, voltei a treinar normalmente e comecei a marcar os diálogos formais...

Durante todo esse acontecido, algumas outras sugestões de campo surgiram: procurar outro espaço para observar; contatar pessoas que frequentassem qualquer outro ginásio de Lisboa para as interlocuções; e/ou, esperar à porta do Lyceum e abordar quem já se tinha em mente, e outras também, para convidá-las a participarem da pesquisa. Nessas possíveis saídas algumas questões se colocaram: Será que a pesquisa só terá credibilidade se os diálogos forem realizados com as pessoas do local observado? Investigações antropológicas que são empreendidas, inicialmente, partindo de um campo observado têm mais valor do que aquelas feitas exclusivamente com conversas formais ou informais? Como negociar as limitações do pesquisador, sua

²⁶ Nesse dia, o euro estava cotado a R\$ 4.06 (Quatro reais e seis centavos).

timidez, medos e receios com o campo? O ato de se “vestir de antropólogo” (Braz 2009, 2010) contribui para que consigamos levar a proposta de investigação adiante?

Não tenho uma resposta para essas indagações, mas gostaria de apontar algumas reflexões: A observação participante torna-se método caro à Antropologia a partir da sistematização realizada por Malinowski quando de sua pesquisa, em 1922, com os trobriandeses e, atualmente, parece ser um dogma das pesquisas antropológicas. É claro que um pesquisador pode fazer uma pesquisa de campo²⁷ – uma imersão ao objeto de estudo por meio do que se lê, ouve e/ou vê sobre o alvo da dúvida, pois, se o trabalho de campo também é uma coleta de dados, de informações, estas podem ser obtidas, igualmente, em minha opinião, via leituras de documentos, assistindo-se vídeos (telenovelas, filmes, documentários, curtas-metragens etc.), ouvindo-se músicas, áudios, dentre outras fontes – sem necessariamente realizar uma observação participante do grupo estudado em um espaço delimitado²⁸. Para isso, é necessário selecionar o grupo e eleger algumas características que se considera pertinente para a investigação como, de repente, a faixa etária, a escolaridade, a religiosidade, a sexualidade, dentre outras, e, em seguida, contatar pessoas para entrevistar (se o método utilizado constitui-se em entrevista) e reunir as informações (ou fontes) necessárias para a análise da realidade social a que se propõe compreender²⁹.

Além disso, é necessário atentarmos para os métodos que elegemos com o intuito de desenvolvermos nossas atividades de investigação. Essa seleção deve estar condizente não apenas a nossos objetos de estudos, mas, igualmente, às nossas personalidades, uma vez que de nada adiantará nosso domínio da teoria se, durante as conversas formais – e mesmo antes, no momento de seletar as pessoas para dialogar – nossas limitações não forem superadas e, assim, nossos medos, inseguranças e timidez derem a ordem da direção... (Imagine uma pessoa querendo estudar e observar festas de sexo grupal, mas que tem vergonha de ficar nu ou mesmo de ver outras pessoas nuas. Ou, ainda, alguém muito tímida e inerte que pretende usar, como abordagem qualitativa, a técnica do grupo focal). Ou seja, é necessário usarmos as metodologias que melhor se adequam não somente ao objeto que estamos investigando, mas também ao nosso

²⁷ Não raro, muitas pessoas confundem a pesquisa de campo com o fazer uma observação participante, porém estas são coisas distintas.

²⁸ Cf., por exemplo, James Clifford e George Marcus (1991), Vagner Silva (2000), Verlan Gaspar Neto (2012), dentre outros.

²⁹ Para procedimentos metodológicos em/de pesquisa social, cf. Antonio Gil (1991, 2002), Maria Minayo (2000), Martin Bauer e George Gaskell (2005), entre outros.

próprio modo de ser. Claro que podemos descobrir habilidades que nem imaginávamos ter, mas nem sempre e nem todos conseguem se “vestir de antropólogo” – se valendo de suas simbologias e *modus operandi*, como destaca Braz (2009: 91-92) – nas situações impostas pelo campo elegido.

A despeito dessas questões, meu intuito era retornar ao Lyceum e dar continuidade ao trabalho que eu estava desenvolvendo ali. Por isso, ao conseguir ter acesso ao ginásio novamente, tratei logo de iniciar a etapa da pesquisa que diz respeito às marcações das interlocuções gravadas e suas realizações. A possibilidade de que algo poderia acontecer para atrapalhar o processo da investigação fez com que eu tivesse mais coragem para me aproximar das pessoas e convidá-las para a conversa formal.

Contudo, ainda assim, essa não foi uma tarefa fácil. Algumas situações se repetiam quando eu convidava alguém para conversar sobre suas práticas de remodelação corporal. Alguns diziam logo que “não” e a justificativa era sempre a mesma: falta de tempo. Outras até se prontificavam, trocavam contatos comigo para a marcação posterior, mas não retornavam minhas mensagens (isso acontecia, principalmente, com aquelas pessoas que me passavam seus endereços de e-mails).

Para não atrapalhar as pessoas em seus momentos de treino, eu nunca abordava alguém durante seus exercícios, mas sempre esperava próximo à porta do vestiário e convidava aqueles que de lá saíam para irem embora. Algumas vezes, também, chamava à conversa alguns que chegavam para treinar ou desciam para o vestiário após o período de exercício físico. Nessa hora, eu já me encontrava de banho tomado e roupa trocada. Portava sempre uma pequena caderneta e uma caneta. Nas conversas que progrediam para uma possível marcação, eu anotava o nome da pessoa e seu contato e entregava um pedaço de papel com o meu número de telefone e nome para que esta pudesse reconhecer quando lhe enviasse uma mensagem para combinarmos dia, horário e local. A seleção desses interlocutores, muitas vezes, era pautada no visual. Ou seja, a partir da aparência dos indivíduos que, para mim, pudessem se enquadrar na faixa etária jovem que eu havia delimitado para a pesquisa em curso, mas sempre levando em consideração que “as aparências enganam”.

Ainda sentindo alguma dificuldade em conseguir reunir possíveis interlocutores, adotei uma estratégia a partir da leitura de um texto de Rial (2003: 93) em que ela, realizando uma pesquisa nos *fast-foods*, conta-nos: “era bem menos incômodo me aproximar da mesa com um questionário na mão, de preferência pousado em uma

prancheta”. Desse modo, questionário, prancheta e, possivelmente, uma caneta (que ela não diz ter em mãos, mas que nós suspeitamos, pelo óbvio, que tenha) compunha o seu “vestir de antropóloga” como ela mesma diz: “O questionário me tornava pesquisadora, angariava um *plus* de seriedade” (Rial 2003: 93 – itálico da autora).

Dessa forma, comprei uma prancheta e imprimi algumas folhas de papéis com as seguintes informações: símbolos do PPGA, da Universidade de Lisboa e do ICS, meu nome completo, a indicação de eu ser “doutorando em Antropologia”, além do título provisório de minha pesquisa – “Percepções sobre o corpo de homens jovens que frequentam ginásio e/ou aulas de natação em Belém do Pará, Brasil, e em Lisboa, Portugal” –, a agência financiadora e uma tabela intitulada “Disponibilidade para entrevista” com espaços para eu escrever o nome da pessoa e o contato desta. Além, disso, confeccionei uns cartões com o meu nome, profissão, escolaridade, e-mail e número português de celular, os quais entreguei às pessoas que se dispuseram a conversar formalmente comigo. Nesses cartões também havia o emblema do PPGA e da Universidade de Lisboa. Senti que a aproximação, equipado desses apetrechos, tornou mais fácil a aceitação para a conversa formal por parte de alguns. É óbvio que ainda ouvia alguns “nãos”, mas estes passaram a ser menos frequentes. Comparando as duas formas de apresentação para as abordagens aqui retratadas, a segunda foi a que eu senti que produziu mais resultados no processo de concordar com o diálogo oficial e sua efetivação por parte das pessoas.

[...] quando ainda estava na passadeira, perguntei a professora que me acompanhava naquele momento se haveria alguma *ficha* para eu seguir (no Brasil os professores preparam uma ficha de exercícios, equipamentos e séries para que os alunos executem). Ela me explicou, então, que eu poderia ir ao *site* do Lyceum, responder algumas questões ou preencher um formulário e uma ficha de exercícios seria criada para eu fazer. Ou ainda, poderia pedir a avaliação para algum PT (*Personal Trainer*), o qual me acompanharia, mostrar-me-ia os equipamentos e, depois, montaria uma série mais específica... Ela me disse, após, que chamaria um colega dela para conversar melhor comigo. Poucos minutos depois, me apresenta um professor. Este me cumprimentou, perguntou se poderia me tratar por “tu” e me explicou algumas coisas (algumas delas eu não compreendi muito bem por ainda ter dificuldades com o português falado em Portugal). [...] Dentre as várias coisas que me disse, falou-me que a avaliação era € 15 (Quinze euros), pagos ao final. [...]. Ao aceitar, ele me agendou um horário em seu *tablet*. Perguntei se poderia ser naquele dia, mas me disse que não, pois já tinha todo o tempo reservado. Então questionei se só poderia ser com ele, o que me respondeu que não. Em seguida, justifiquei que era só curiosidade (não queria que ele pensasse que eu preferiria, por isso, ou algo assim, que outra pessoa me atendesse...). Dessa forma, combinamos para o dia seguinte, às 10 horas e 30 minutos. Avisou-me que teria outra avaliação, mas que logo terminaria e na hora combinada

estaria disponível...

Lyceum, setembro de 2015

Cabe informar ainda que, procurei falar com alguns professores para que estes me indicassem possíveis interlocutores, mas sem sucesso. O próprio contato e diálogo formal com os *personal trainers*, chamados comumente de PTs, também não foi tarefa das mais simples. Em alguns momentos, eu pensava que, se eu mantivesse relações comerciais com eles, ou com a maioria, o contato seria um tanto mais facilitado. Contudo, isso não seria possível, pois o número de PTs, no Lyceum, é grande e, desde o primeiro dia de atividades ali, meu convívio sempre fora maior com um único profissional que elaborava minhas séries. É significativo, igualmente, mencionar que, a relação com o meu PT sempre me pareceu uma relação de interesses econômicos. Isso ficou mais evidente para mim quando, para a realização da entrevista, ele sugeriu que fosse em um dia em que tivéssemos avaliação, ou seja, momento em que ele me prestava um serviço e eu lhe pagava por isso (€ 15 [Quinze euros]). Cheguei a pedir a esse profissional auxílio para conseguir alunos e outros PTs para eu dialogar, mas a colaboração nunca aconteceu.

Desse modo, o processo de conversa formal no Lyceum envolveu alguns não, algumas remarcações e até uma pequena ajuda do coordenador do ginásio que se prontificou em conseguir alguns alunos e professores para eu parolar (no final, o auxílio resultou em uma única indicação). Assim sendo, mediante o contexto apresentado, conversei formalmente com 10 pessoas, sendo seis alunos e quatro *personal trainers* (três homens e uma mulher). Compõe, ainda, o campo empreendido no Lyceum as conversas informais que mantive com algumas pessoas e, igualmente, as observações e escutas realizadas naquele lugar.

Todos juntos e misturados

Ainda que considerando o ato de praticar exercícios físicos como uma realização global e, assim, pensando as práticas de remodelamento corporal por esse meio como objeto que podemos localizar em diversos lugares, é necessário atentarmos que as

realidades belenenses e lisboetas não são as mesmas. No entanto, apesar das diferenças sociais, econômicas e culturais entre os dois lugares, há um ponto que aproxima as pessoas com quem conversei para a realização desta pesquisa, o qual é: a interação de remodelamento dos agentes sociais com seus corpos, ou seja, a reflexão e o processo de transmutação de uma compleição física que se deseja ter, concretizado por intervalos temporais de treinos.

Desse modo, procurei desenvolver esta pesquisa ponderando algumas variáveis, dentre as quais a faixa etária, o projeto corporal e o local de nascimento dos indivíduos em análise. Além disso, é necessário considerar as experiências, as subjetividades dos agentes sociais (Brah 2006), as quais contribuem para a formulação do *self*, da identidade de cada um, da forma como as pessoas demarcam a sua presença no mundo.

Assim sendo, a seleção feita dos interlocutores não procura ter uma representatividade estatística, mas alguma densidade na reflexão dos próprios agentes sociais sobre as suas práticas de transmutação corporal e percepção sobre seus corpos e, em certo sentido também, sobre o corpo do Outro.

Destarte, procurarei mostrar como os corpos dos agentes sociais em questão neste trabalho são produzidos por discursos vários, dos quais se destacam os limites e expectativas em torno da qualidade de vida, da estética corporal, do remodelamento corpóreo e de um estilo de vida pensando como saudável. E essas questões são tangenciadas por certa reflexão sobre os comportamentos masculinos e interseccionadas por algumas variáveis – como as citadas acima –, considerando-se que as diferenças sociais são inscritas a partir do corpo.

Além disso, é significativo dizer que tanto o corpo quanto o seu fragmento serão vistos neste texto em uma perspectiva fractal, pois “de um corpo fractal, só se pode falar fractalmente, isto é, através de um processo que celebre a sua diversidade, mantendo a unidade” e, também, “Falar do corpo é falar dos seus fragmentos, sem o receio de ser insuficiente ou incompleto, pois estes têm uma autonomia que lhes foi instilada no momento da fractura” (Cunha e Silva 1999: 25). Ademais, é alvo de reflexão a comumente associação que se faz de que a preocupação masculina se dá com os membros superiores do corpo (braços, peitos etc.) em detrimento aos inferiores (pernas e glúteos).

Por conseguinte, a depender de inúmeros fatores o corpo assume, em nossa sociedade, significados e representações variadas, de acordo com o grupo que o indivíduo faz parte. Por vivermos um período em que a imagem adquire conotações de grande importância, muitas são as pessoas que procuram seguir um modelo corporal propagado massivamente, em especial pela mídia. No entanto, este não está ao alcance de todas as pessoas, provocando inúmeros investimentos (temporal e econômico, por exemplo), por parte de alguns, para se aproximar, o máximo possível, da corporeidade tida como ideal, o que resulta na formulação, por parte desses agentes, de *projetos corporais* a serem desenvolvidos.

Nesse sentido, de acordo com Gilberto Velho (2003: 101 – itálico no original), “o *projeto* (...) busca, através do estabelecimento de objetivos e fins, a organização dos meios através dos quais esses poderão ser atingidos”. Desse modo, em virtude do que almeja o indivíduo, inúmeros comportamentos e ações serão por ele acionados, como a realização ou não de exercícios físicos, de dietas, o uso de suplementos e/ou anabolizantes, dentre outros. Ou seja, há um “campo de possibilidades” (Velho 2003, 2006) à disposição dessas pessoas, pois “Não é mais o caso de contentar-se com o corpo que se tem, mas de modificar suas bases para completá-lo ou torná-lo conforme à idéia que dele se faz” (Le Breton 2008: 22). É significativo levar em consideração, igualmente, nesse processo, a questão da agência – no sentido que Sherry Ortner (2007) confere relacionado à intencionalidade e ao empreendimento de projetos – desses agentes sociais, uma vez que, não satisfeitos com seus corpos, essas pessoas procuram a melhor maneira de remodelar essa matéria.

Desse modo, a partir dos discursos dos homens jovens com quem conversei formalmente e que praticam exercícios físicos, é possível percebermos quatro projetos existentes entre esses indivíduos: a) Projeto fisiculturista/competição; b) Projeto de corpo chamativo, definido; c) Projeto de perda, manutenção ou ganho de peso; e, d) Projeto de corpo saudável/bem-estar.

É significativo informar que, ao longo do tempo, os objetivos, os projetos de corpo das pessoas que praticam exercícios físicos podem ser reformulados – como em muitos casos o são realmente – fazendo com que uma meta outrora traçada não seja única e nem venha a anular outras como, por exemplo, querer perder peso e, como consequência, ganhar definição corporal. Atento, portanto, aos projetos principais de cada interlocutor, desconsiderando aqueles que estão em segundo plano (que são

consequências do propósito principal) na decisão dos agentes para o início da modalidade física escolhida.

Ainda, é necessário fazer aqui uma diferenciação no tratamento dos frequentadores dos espaços que circulei em ambos os momentos de pesquisa. Enquanto no Olympia, Clava e Aquarium, a pessoa que lá está malhando ou nadando é chamada de aluno ou aluna, no Lyceum há algumas variações. Geralmente, os PTs chamam aquelas pessoas que utilizam de seus serviços de clientes. Demais funcionários do ginásio, principalmente da administração, já utilizam a nomenclatura de sócios. Os homens que entrevistei, no entanto, transitam entre alunos, sócios e clientes, como poderá aparecer nos trechos das conversas selecionadas e apresentadas ao longo deste trabalho. Considerando que “aluno” é aquele que “aprende algo” (dialogicamente ou não) e, também, que no caso do Lyceum nem todos fazem uso dos serviços dos PTs, eu me referirei aos matriculados, associados e clientes, de modo geral, sempre com o termo “aluno”.

Mediante o exposto, aos moldes de um “Word Cloud”, apresento abaixo as partes as quais este trabalho se organiza. É necessário dizer, no entanto, que as palavras abaixo objetivam expor, de maneira panorâmica, os pontos de discussões e análises de cada seção, não se limitando, contudo, a somente esses termos. Além disso, não há uma fixidez dos vocábulos a essas subdivisões (ou seja, um tema abordado em um segmento pode reaparecer em outro e ser discutido de forma diferenciada), mas estes – assim como os corpos – transitam conforme a necessidade de reflexão.

Masculinidades e (inter)subjetividades corporais

Ser homem • Modelo de masculinidades • Cuidando do corpo • Ser vaidoso • Brincadeiras com o corpo do outro • Corpo ideal •

Remodelamentos e projetos corporais

Praticando musculação e/ou natação • Objetivo no ginásio e na natação • Depilação • Parte do corpo que mais exercita • Superando os limites corpóreos • Dor •

Espaços de interações e circulações corporais

Interação e solidariedade • Treinando só ou acompanhado • Espelhos
• Competição • Música • Vestiários • Comparando os corpos •

Questões de saúde e transmutações corporais

Dietas • Suplementos • Anabolizantes • Influência da mídia •
Saúde • Ida ao médico • *Healthism* • *Sentio bonum* •

Masculinidades e (inter)subjetividades corporais

Ser homem • Modelo de masculinidades • Cuidando do corpo • Ser vaidoso • Brincadeiras com o corpo do outro • Corpo ideal •

Como eu vejo alguém? Como essa pessoa me vê? De que maneira enxergo a mim mesmo? Alto, baixo, magro, gordo, fraco, forte, musculado, atlético, sedentário, acima do peso, esmirrado...? Essas e outras questões dizem respeito à paisagem corporal que produzimos e comunicamos à sociedade. O que fazemos ou deixamos de fazer na constituição de um corpo inteligível, o qual é consumido em meio a uma necessidade imagética que atualmente temos, direciona-nos a uma discussão do corpo ideal, de como nos cuidamos, se executamos exercícios físicos ou não, quem ou o que nos inspira em relação ao nosso corpo, uma vez que “O mundo social constrói o corpo” (Bourdieu 2014: 24) e, também, “Moldado pelo contexto social e cultural em que o ator se insere, o corpo é o vetor semântico pelo qual a evidência da relação com o mundo é construída” (Le Breton 2007: 07).

Desse modo, devemos considerar que a materialização corpórea se dá por meio de relações. Relações essas que temos com o nosso corpo, além de com os corpos dos outros e, igualmente, com os lugares (Cunha e Silva 1999). Em vista disso, o tornar-se inteligível é um processo, um *continuum*, o qual é iniciado no momento da descoberta da gestação, em que práticas, valores e comportamentos limitados e impostos esperam os nascituros, pois:

Não há corpos livres, anteriores aos investimentos discursivos. A materialidade do corpo deve ser analisada como efeito de um poder, e o sexo não é aquilo que alguém tem ou uma descrição estática. O sexo é uma das normas pelas quais “alguém” simplesmente se torna viável, que qualifica um corpo para a vida inteligível. (...).

(...) Não existe corpo livre de investimentos discursivos, *in natura*. O corpo já nasce maculado pela cultura (Bento 2006: 89).

Por conseguinte, em nossa sociedade, corpos reconhecidos como masculinos e como femininos, desde a infância, passam por uma sucessão de pedagogias e repetições com o intuito de formar meninos e meninas, homens e mulheres de acordo com o modelo legitimado para os corpos biológicos e dentro de uma lógica binária. De acordo com Peter Berger e Brigitte Berger (2012), esse aprendizado acontece via *socialização*, sendo esta “a imposição de padrões sociais à conduta individual” (Berger e Berger 2012: 173). Esses “padrões sociais”, no entanto, não são anistóricos, mas diversificam-se de acordo com o lugar e o tempo, tendo sua inscrição no corpo por meio da

incorporação – que é quando o corpo incorpora e reproduz modos de ser e de agir, naturalizando, desse modo, relações sociais e estruturas de poder historicamente construídas (Ferreira 2013: 504) – contrariando, assim, qualquer discurso de naturalidade, além, também, de serem reiterados performativamente, conforme aponta Judith Butler (2002):

... la performatividad no es pues um “acto” singular, porque siempre es la reiteración de una norma o um conjunto de normas y, em la medida em que adquiera la condición de acto em el presente, oculta o dissimula las convenciones de las que es uma repetición (Butler 2002: 34).

Segundo a filósofa, é por meio da repetição, não consciente, porque já incrustado na tessitura social, e, por isso, vista como natural, que ocorre a ratificação das noções de gênero legitimadas na sociedade³⁰. É a performatividade de gênero que contribuirá para a formulação e materialização de “corpos que importam” (Butler 2002, 2003). É, em vista disso, que determinado comportamento, valor e prática masculino, por exemplo, se legitima enquanto subjuga, invisibiliza outras formas de se ser homem. Assim, temos um modelo de masculinidade que se quer hegemônico e que exerce, nos agentes sociais, controles sobre as suas ações e impõe alguns parâmetros de atuação (Vale de Almeida 1996; Bento 2012). Sobre a masculinidade hegemônica Robert [Raewyn] Connell e James Messerschmidt afirmam que

A masculinidade hegemônica não se assumiu normal num sentido estatístico; apenas uma minoria dos homens talvez a adote. Mas certamente ela é normativa. Ela incorpora a forma mais honrada de ser um homem, ela exige que todos os outros homens se posicionem em relação a ela... (Connell e Messerschmidt 2013: 245).

Contudo, devido à importância das intersubjetividades, aliado às experiências dos indivíduos e à influência que marcadores da diferença como o *status* social, a escolaridade, a sexualidade, a geração, dentre outros, têm na constituição dos agentes sociais (Crenshaw 1991; Butler 2003; Brah 2006; Braz 2008; Vega 2008; Cardoso de Oliveira 2014; Tota 2015), é necessário pensarmos a masculinidade no plural – masculinidades, portanto –, uma vez que, além do anteriormente dito, o próprio processo de eleição de uma masculinidade “oficial” cria, em contrapartida,

³⁰ Se, em um primeiro momento, é possível pensarmos que o tornar-se homem ou mulher é algo que acontece inconscientemente, a partir de práticas e comportamentos legitimados para os gêneros e reiterados pelos indivíduos, via *performatividade* (Butler 2002, 2003), que ocorre no período da *socialização primária* (Berger e Berger 2012), é necessário, igualmente, atentarmos que, em outros momentos da vida social, as reiterações de masculinidades e feminilidades são feitas de maneira pensadas e autovigiadas, com o intuito de se enquadrar na posição generificada que se julga ser necessário (por imposição ou por vontade própria). Basta lembrarmos, por exemplo, dos indivíduos transexuais os quais buscam realizar a cirurgia de mudança de sexo (Cf. Bento 2006). Esse tipo de reflexão contribui para a desnaturalização das identidades de gênero.

masculinidades outras, acionadas e performativizadas pelos indivíduos masculinos em contextos e relações diversas (Connell 1995; Kimmel 1998). Etnografias como as de Miguel Vale de Almeida (1996, 2000), realizada nos anos de 1990 e 1991, em uma aldeia do sul de Portugal, e de Pedro Nascimento (1999), empreendida no bairro Alberto Maia, em Camaragibe, Pernambuco, corroboram a existências de graus de masculinidades acionadas contextualmente, tendo a masculinidade considerada hegemônica como mediadora e criadora das outras formas de se ser homem.

Com a pesquisa realizada com os agentes sociais masculinos que praticam musculação e/ou natação essas questões de múltiplas formas de ser homem também ficaram evidentes. Assim, para alguns indivíduos com quem conversei formalmente para este trabalho, a questão do corpo, do biológico se coloca como ponto significativo para se definir as pessoas e essa demarcação se dá relacionamente, ou seja, homens e mulheres serão materializados corporalmente a partir da relação entre si, pois um se constitui pelo outro³¹, a partir de uma ideia de presença e ausência.

EJ: O que é ser homem para você?

Beno: É cromossomo XY... Acho que é isso! [...] no sentido biológico falando... Nascer com o negócio.

EJ: O negócio seria?

Beno: O pênis.

EJ: Em sua opinião, o que não é ser homem?

Baruk: Acredito eu que sejam pessoas do sexo feminino...

Benedito: Não é sendo meio leigo ou bruto contigo, mas ser homem, fisiologicamente, é a quem tem... É o que tem características masculinas, por exemplo, testosterona, que tem o órgão genital masculino, que [risos] é até engraçado, né? Que... Que tem atração, no caso, pelo sexo oposto, é... Pra mim isso que é homem, entendeu?

Contato com o Beno

Já conhecia o Beno há alguns anos, de outros contextos e situações. Ele tem 22 anos, é geólogo e de *status* social médio. Também se considera pardo, heterossexual e estava solteiro quando conversamos para este trabalho. Em relação à religião disse-me ser taoísta. Encontrei-me com Beno no intervalo entre o término de minha aula e o início da dele. Falei-lhe que estava

³¹ Apesar de estar acionando um discurso binário, este é só para efeito de rápida ilustração. Dessa forma, é significativo considerar que o relacional é relevante, igualmente, para pensarmos os corpos dos sujeitos que não se veem nem como homens e nem como mulheres ou não somente um ou outro.

fazendo uma pesquisa para o doutorado, disse-lhe qual era o tema e perguntei se poderíamos marcar um dia para conversarmos; considerando o que eu estava investigando muito interessante, sua resposta foi sim. Em vista disso, marcamos, e o diálogo que tivemos aconteceu dois dias após, antes de sua aula ali e na arquibancada. Nossa interlocução, de quase uma hora e dez minutos, se estendeu alguns minutos após o horário de início da aula dele. É significativo dizer que quando sua fala continha alguma referência ao pênis, sempre usava os braços para demonstrar os tamanhos... Ao terminar a entrevista e desligar o gravador, ele afirmou uma vez mais que minha pesquisa era muito legal e interessante e perguntou-me quando eu a apresentaria. Disse-lhe um provável quando e, também, que o avisaria caso ele quisesse e pudesse ir:

– Com certeza! – respondeu-me e se dirigiu para a piscina.

Contato com o Baruk

Baruk disse-me ser católico, mesmo considerando-se confuso por não saber se acredita, ainda, em Deus. Além disso, ele é graduando em Geologia, tem 18 anos, considera-se de *status* médio, bissexual e negro. Sua condição civil é de solteiro. Conheci-o durante as aulas de natação. Melhor dizendo, via-o pelas aulas, pois não era especificamente da minha turma e, inicialmente, pareceu-me de difícil aproximação, uma vez que sempre que o olhava ele fechava o cenho e, algumas vezes, chegou a sair da piscina ou da arquibancada às pressas. A aproximação com ele se deu via *Facebook* quando me enviou a seguinte mensagem em particular:

“Você é garoto de sunga cinza e óculos de mergulho alaranjados que frequentava [a natação] dia de terça e quinta, não é? Acho que nunca me apresentei formalmente, eu sou o Baruk, tudo bom contigo?”.

A partir daí começamos a manter contato e a conversar sobre muitas coisas. Uma das conversas versou sobre a minha pesquisa e eu lhe disse que uma das fases desta era observar as pessoas, o qual me revelou que “tinha mania de ficar” me observando também. Cheguei a questioná-lo do porquê e como, uma vez que sempre “fechava a cara e saía com pressa” quando eu o olhava. Ele então me disse que a reação dele quando fica nervoso é tornar-se sério... Mais à frente, eu o convidei para participar da pesquisa. Esse diálogo formal aconteceu na UFPA, à tarde, antes de uma de suas aulas, e durou cerca de 52 minutos e 23 segundos.

Contato com o Benedito e Brian

Desde quando comecei a malhar na mesma academia que Benedito, o vi por lá. Brian, só algum tempo depois apareceu nesse cenário. Desse modo, apesar de não ter grandes contatos com Benedito, além dos ocasionais “boa tarde!”, “E aí?”, “Falou!” – ou algo assim – sempre o vi como um interlocutor em potencial, devido ao fato de ele ser, para mim, um dos rapazes, naquele ambiente, que mais procurava trabalhar o seu corpo, levantando grandes pesos... Ou seja, aparentando enorme esforço para ter um tipo corporal malhado. Além disso, também, como eu já era, de certa forma, próximo à moça que trabalhava na recepção e da professora da academia e estas interagem muito com ele – quando isso acontecia, quase sempre, eu estava por perto – isso fez com que uma possibilidade de conversa mais formal parecesse, de algum modo, possível. Contudo, não foi isso que aconteceu. Apesar de, em dado momento, eu convidá-lo para participar desta pesquisa e dele aceitar (até trocamos contatos de celular),

nunca dava certo. Por duas vezes, ele marcou comigo, antes de iniciar seu treino, mas, na primeira, ele faltou e, na segunda, ao chegar, disse que não daria para ser naquele dia, pois tinha pouco tempo para treinar. Esses e outros desencontros fizeram-me até desistir de conversar com Benedito. Algumas vezes, no entanto, mais à frente, já era Benedito quem me “lembrava” que ainda não havíamos dialogado sobre a minha pesquisa. Quando isso acontecia (umas duas ou três vezes), até me animava com a possibilidade; contudo, novamente, o encontro não ocorria. Eu enviava mensagem a ele via celular, mas este não respondia; ou me dizia, na academia, que mandaria uma mensagem, o que também não fazia. Nesse ínterim, entra em cena Brian. Eles dois passam a treinar juntos. Somente quando um deles faltava (o que era muito raro) é que um não tinha a companhia do outro. Desse modo, tendo em mente que a entrevista com Benedito nunca aconteceria, convidei Brian, o qual aceitou (Brian não tinha o corpo grande como o de Benedito, mas treinava como este). Numa tarde, ao terminar meu treino, perguntei a Brian se iríamos conversar ainda e ele me respondeu:

– Bora! Nós dois vamos – disse-me e olhou para Benedito que estava ao nosso lado.

Nesse momento me voltei para Benedito e o vi olhando a Brian com um semblante de riso que ora transmitia timidez, ora surpresa... O que o fez perguntar:

– Mas é sobre o que a tua pesquisa mesmo?

Respondi-lhe de forma geral, e, após a finalização do exercício que estavam fazendo, descemos ao térreo para, finalmente, conversarmos.

Brian e Benedito têm 18 anos, são católicos, heterossexuais, solteiros e consideram-se de *status* médio. Brian está no segundo ano do Ensino Médio e se vê como negro. Benedito é estudante de medicina veterinária e considera-se pardo.

Nossa conversa durou quase 50 minutos e aconteceu em uma mesa da lanchonete que fica no térreo do prédio onde malhávamos, bem próxima à escada que dá acesso aos andares superiores. Eles foram os únicos com quem conversei em dupla. Inicialmente pensei que pudesse haver algum problema metodológico, por dialogar com os dois ao mesmo tempo; contudo, durante nossas interlocuções ficou claro que há entre eles uma mutualidade, o que justifica o treino em conjunto e, também, a entrevista realizada em duo, pois um complementava e apoiava o outro, tanto durante aquele momento quanto na realização das séries na academia.

Para muitas pessoas, ainda hoje, pênis, testosterona, cromossomos XY são utilizados para a identificação do sujeito masculino, assim como vagina, seios, menstruação, cromossomos XX caracterizam o indivíduo feminino. Anne Fausto-Sterling (2001) é uma das autoras que critica o uso de dualismos para a compreensão do mundo. Ao contar-nos o caso da atleta Maria Patiño, no início de seu texto, ela nos exemplifica como esse tipo de pensamento necessita ser reelaborado. Desse modo, Fausto-Sterling nos mostra como a ciência médica não é neutra, mas está perpassada por noções sociais – estas mesmas históricas e culturais – como as de gênero, operando, assim, dicotomicamente entre polos masculinos e femininos. Destarte, ao mesmo tempo em que é constituída por elas, contribui para ratificá-las.

Anne Carol (2013) dá-nos uma ampla noção de como a medicina lidou e continua trabalhando, hoje, com questões das diferenças sexuais, da virilidade. Segundo ela, a discussão passou pela evidência anatômica, hormônios, genes e, mais especificamente para os homens, na questão da ereção – e tudo que a envolve como, por exemplo, a ejaculação e a impotência –, sendo contribuinte do surgimento da sexologia e da psicanálise:

A medicina intervinha, portanto, tradicionalmente na questão da virilidade por várias razões: pelo viés da medicina legal e da anatomia, no momento de avaliar uma virilidade incerta; pelo viés da fisiologia, para explicar a irrupção da virilidade na puberdade e o mecanismo de ereção; pelo viés da terapêutica, para restaurar uma potência sexual enfraquecida ou inexistente (Carol 2013: 35).

Se outrora se acreditava que homens e mulheres eram iguais, sendo estas o inverso genital para dentro em relação àqueles, atualmente se pensa essas pessoas como seres biologicamente distintos:

o antigo modelo no qual homens e mulheres eram classificados conforme seu grau de perfeição metafísica, seu calor vital, ao longo de um eixo cuja causa final era masculina, deu lugar, no final do século XVIII, a um novo modelo de dimorfismo radical, de divergência biológica (Laqueur 2001: 17).

Esse pensamento dimórfico, binário, é encontrando em diversos discursos como religiosos, médicos e de senso comum, a despeito de possibilidades múltiplas de se ser homem, mulher, ambos ou nenhum dos dois, como evidenciam trabalhos que se propõem a refletir sobre aspectos socioculturais e mesmo biológicos das diferenças entre as noções de gênero e/ou sexo, a exemplo de Fausto-Sterling (2001), Paula Machado (2005), Judith Halberstam (2008), Karin Wall, Sofia Aboim e Vanessa Cunha (2010), Guilherme Almeida (2012), Raewyn Connell e Rebecca Pearse (2015), dentre outros.

Por conseguinte, considerando o fenótipo e que a visualização é fator importante em um processo de taxonomização (quem pode ser chamado de homem ou de mulher, por exemplo, de acordo com o que se vê), alguns comportamentos e práticas são acionados, pelos indivíduos entrevistados, para compor a imagem de homem de uma pessoa que, dentre outras características passíveis de serem visualizadas, tem um pênis.

Bruno: [Falando bem baixinho] – Homem que é homem, assim, ele sai para pegar mulher e tudo mais, né? [...] sentir atração pelo sexo oposto.

Pedro: Ser homem é ter a... É ter... Como posso explicar? É ter atividades de homem. [...] Fazer o dia a dia do homem [...]. Fazer algum desporto, como eu estava a falar [...]. Ir ver um bom futebol, ir a uma boa música.

Brian: Pra mim? Pra mim é ter caráter, cara! Pra mim é o cara que tem responsabilidade com tudo! Tipo assim, uma vez eu estava discutindo com o meu pai e ele pegou... Porque eu estava discutindo feio com ele dentro da casa... Na casa dele, né? Aí eu tava falando: “Não, porque eu sou homem isso, isso, aquilo, não-sei-o-quê...”. Aí ele: “Cara, tu só vai ser homem realmente quando tu tiveres responsabilidade, quando tu tiveres a tua família, tu sustentar, entendeu? Tu dar exemplo pras pessoas, tu...”. Sei lá, cara!

EJ: Tu concordas com isso?

Brian: Cara, eu concordo. Tanto... Ele [Benedito] falou... O cara que... Tem atração por mulher, entendeu? Pra mim não tem isso, mano! Se tu tiveres atração por homem ou por mulher, meu amigo, sendo homem, tu honrando a tua casa, tu honrando o teu filho, se tu tiveres adotado ou não... Pra mim tu honrando a tua casa, tu honrando a tua família, as tuas palavras... Pra mim isso é ser homem.

Contato com o Bruno

Bruno foi bem receptível quando pedi para conversar com ele sobre os temas desta pesquisa, se prontificando de imediato – o que até me surpreendeu, pois demonstrava ser uma pessoa tímida e nosso contato, muitas vezes, se restringia a frases curtas como: “boa tarde!” e “fala!”. Marcamos um encontro e, no dia combinado, conversamos no andar inferior do local onde malhávamos, próximo à escada que dá acesso à academia, durante quase uma hora e dez minutos. O ambiente estava tranquilo, com poucas pessoas utilizando a escada e sem as aulas de boxe e karatê que normalmente ali acontecem. Também, a música que vinha da academia não atrapalhou em nada nossa interação, apesar de, em alguns momentos, ditar o volume de nossas vozes, principalmente a de Bruno, pois quando havia um breve intervalo de troca de faixa ou, por algum motivo, o som da música ficava mais fraco, ele falava em um tom mais baixo (por exemplo, quando comentava sobre questões relativas ao pênis). Nesses momentos, procurava respeitá-lo e seguia-o, baixando o volume da minha voz também. Bruno tem 18 anos, é solteiro, heterossexual, evangélico, moreno, de *status* médio e é estudante de Direito. Quando lhe indaguei sobre outros nomes dado a genitália masculina pediu: “Não pode pular essa pergunta?”, pois se sentiu desconfortável. Tentei exemplificar para deixá-lo um pouco mais à vontade, mas, sobre esse ponto, a interação não aconteceu. Antes de encerrar e desligar o gravador, questionei-o se ele gostaria de acrescentar algo na conversa que tivemos até ali, o que me enfatizou sobre sua alimentação, listando-me cinco alimentos e suas propriedades para quem malha: “frango, arroz integral, batata doce, aveia e ovos”. Após encerrarmos, ele subiu e foi treinar.

Contato com o Pedro

Já o tinha visto, principalmente dentro do vestiário. Nesse dia, ele tomou banho no último *box*, do lado direito de quem entra, e pendurou suas coisas em um dos dois únicos ganchos que ali tem. Quando eu terminei de me banhar e saí, vi que a toalha dele estava no chão. Juntei-a, bati

na porta do *box* que ele estava e lhe informei sobre; em seguida, pendurei-a no lugar onde estavam um molho de chaves, um crachá e sua cueca. Ele agradeceu. Falei com o Pedro para participar desta pesquisa quando ele saía do vestiário. Logo de início, se mostrou disponível e trocamos contatos. A nossa conversa aconteceu poucos dias depois em uma das esplanadas que fica no térreo do prédio onde o Lyceum se localiza, durando 58 minutos e 43 segundos e foi bem tranquila. O Pedro é licenciado em História e cursa o mestrado em Empreendedorismo e Gestão Cultural. Ele tem 21 anos, é solteiro, católico não praticante e se autocalifica de heterossexual, branco e de *status* médio.

O *modo de ser* contribui para o devir dos indivíduos e, para muitos, é de suma importância para a constituição de pessoas generificadas e sexualizadas (no sentido de se ter um gênero condizente com o sexo), pois é este que fará a ligação entre determinados comportamentos e práticas legitimados com o corpo que possui um pênis ou uma vagina. Destarte, não basta ter a genitália masculina, é necessário agir como um homem; não é suficiente ter a genitália feminina, é preciso agir como uma mulher. E o contrário também é acionado: não é satisfatório agir como mulher ou homem, é preciso ter uma vagina ou um pênis para legitimar tal conjunto corpóreo. A questão da atração sexual também faz parte desse processo de visibilidade e aceitação dos indivíduos; uma vez que, não é qualquer desejo que é visto como aceitável. Em nossa sociedade ainda é muito forte a heteronormatividade estruturando as relações sociais. Esse termo refere-se ao estabelecimento e legitimação do “gênero como uma relação binária em que o termo masculino diferencia-se do termo feminino, realizando-se essa diferenciação por meio das práticas do desejo heterossexual” (Butler 2003: 45).

Assim, quando Bruno fala que “Homem que é homem” tem “atração pelo sexo oposto”, ele está dizendo que o homem de “verdade”, dentro de um modelo heteronormativo, é aquele que se envolve amoroso-sexualmente com mulheres e, assim, exclui do grupo de homens as pessoas não heterossexuais. Mas, não somente isso, pois “ter atividades de homem”, como destaca Pedro, é demarcar o que mulheres e homens podem fazer, enquanto sujeitos generificados, e isso vai resvalar em áreas como o lazer, o profissional, o estético, o desporto etc.

É significativo apontar ainda que, apesar de uma maior abertura que a fala de Brian faz ao ser homem, não associando esse tipo de ser indivíduo a uma heterossexualidade, é possível notar que a questão do prestígio masculino, do sujeito homem como provedor ainda se faz presente. Assim, até este momento, para muitas pessoas, faz parte das atribuições masculinas o cuidar da família, não no sentido

relegado às mulheres de um cuidado doméstico, mas em um sentido de prover às pessoas que dele dependem o sustento financeiro necessário³². O prover o lar, por exemplo, faz parte do que Pierre Bourdieu (2014) chama de “questão de honra (*nif*)” (: 75 – itálico do autor), algo igualmente “primordial nos jogos sociais (...) que torna o homem verdadeiramente homem” (: 73). Por esse motivo, na pesquisa desenvolvida por Nascimento (1999), ser provedor é uma característica que agrega boa reputação ao homem. Em virtude disso, para os interlocutores do referido pesquisador, o *status* de homem se eleva caso este, possuindo duas famílias, não deixe nada faltar a ambas (Nascimento 1999: 50).

Apesar da forte influência que ainda temos, por exemplo, de um modelo tradicional de atuação masculino³³, movimentos sociais, como de mulheres e homossexuais, de meados do século XX, contribuíram para algumas mudanças nesse cenário de dominação (Oliveira 2004; Gatti 2011a; Bento 2012; Raewyn e Pearse 2015). Assim, como sinalizei anteriormente, existem inúmeras possibilidades de ser homem e de ser mulher – sendo umas mais valoradas que outras – e estas coexistem. Em vista disso, no decorrer da conversa formal que tive com as pessoas deste trabalho, frases que identificavam os homens como “pegadores” de mulheres, como aqueles que gostam de futebol, que protegem os seus (namorada, esposa, filhos, amigos) e que escutam determinados estilos musicais, dentre outras, eram acionadas, em momentos distintos ou não, com as que apontavam os homens como aqueles que realizam (ou que devem/deveriam ou podem/poderiam desempenhar) tarefas domésticas, que dividem as despesas com as parceiras, que são vaidosos etc., corroborando, assim, com a fluidez dos pensamentos sobre as relações entre os seres humanos generificados. Essa fluência, para Berenice Bento (1999), assim como para Rafael Montesinos (2007), é resultado da coexistência de formas simbólicas e práticas de uma visão de mundo tradicional e outra

³² Para Rafael Montesinos (2007), é a mudança na Divisão Sexual do Trabalho (DST), com as mulheres, cada vez mais, exercendo ocupações profissionais fora de casa, que contribuirá para que novos/outros papéis sociais sejam desempenhados por homens e mulheres. Para o autor, além de ocasionar o que se convencionou chamar de “crise da masculinidade”, essa mudança cultural colabora com “la posibilidad de construir relaciones más igualitarias, más justas, más placenteras” (Montesinos 2007: 189).

³³ O que estou chamando de “modelo tradicional de atuação masculino” é aquele que vê o homem como o único provedor financeiro do lar, heterossexual, que não realiza tarefas domésticas por considerar estas como um labor feminino, que controla suas emoções e sentimentos de afetuosidade, que gosta de futebol e/ou de esportes de lutas, que assiste a programas que contenham violências ou mulheres (semi)nuas. Sobre práticas, valores e comportamentos masculinos referentes a esse modelo, em contextos diversos, cf. Robert [Raewyn] Connell (1995), Miguel Vale de Almeida (1996, 2000), Michael Kimmel (1998), Daniel Welzer-Lang (2001), Mary del Priore (2013), dentre outros.

moderna. Abaixo, transcrevo alguns trechos de conversas que trazem pontos novos sobre o ser homem se comparados ao modelo tradicional de masculinidade:

Bernardo: ... Eu acho que, hoje em dia, já não tem mais aquela... Como era antigamente, aquela diferença homem e mulher; por exemplo, mulher cuida da casa, homem trabalha. Não, pelo contrário! Hoje tem muitos homens cuidando da casa, fazendo os trabalhos domésticos... Eu acho certo, porque ajuda; assim como a mulher trabalha fora e ajuda, então eu não vejo, assim, uma limitação do que não é uma atitude de homem... Do que é só de mulher, do que é só de homem, entendeu? Eu acho que os dois têm que fazer de tudo [...].

Paulo: Em termos físicos, naturalmente que é o pênis... O pênis, as mamas... Em termos físicos é isso. Em termos... Pra lá de físicos, sei lá... Eu estou a pensar em termos de comportamentos, eu acho que tanto o homem quanto a mulher devem se comportar da mesma forma; não tenho, não tenho, particularmente, uma opinião de que as mulheres devam ser submissas, por exemplo, esse tipo de coisa. [...] Acho que as pessoas devem ser independentes, ponto final.

Pablo: [...] minha visão é, sei lá, tentar ser... Ter uma posição mais masculina... Também ser cavalheiro, cavalheiro. Igualdade de sexo, eu acho importante. [...]. Eu acho que ser homem também é... É ser humilde, respeitador e... Acho que, não sei... Não sei bem dizer, mas olhando pra isso, acho que é importante não ser desleixado, preocupar-se com o corpo etc.

Contato com o Bernardo

Bernardo, de 17 anos, é estudante de enfermagem, católico e solteiro. Considera-se de *status* médio, além de pardo e heterossexual. Foi durante um dia treino, enquanto descansávamos de nossos exercícios para os bíceps, que lhe disse estar fazendo uma pesquisa e convidei-lhe para conversarmos sobre cuidados com o corpo. Ele, prontamente, se colou à disposição, e marcamos para aquela mesma semana. Nosso diálogo aconteceu na academia onde malhámos, em uma parte próxima aos banheiros, noutra andar. O local, habitualmente utilizado para as aulas de boxe e karatê, estava calmo, apenas as músicas e sons de pessoas se exercitando e equipamentos sendo usados, os quais vinham da parte superior do prédio, e a presença de fortes ventos nos acompanhavam. Como, após nossa interlocução, ele iria malhar, Bernardo estava usando tênis, bermuda e camiseta, além das luvas de proteção que muitos de nós usamos durante os treinos. Dialogamos ali cerca de 56 minutos, e, antes de finalizarmos, quando lhe perguntei se ele gostaria de acrescentar ou aprofundar algo em relação aos assuntos tratados, frisou-me, como dica, a importância de as pessoas se exercitarem, manterem uma vida saudável, se aceitar e respeitar o próximo, pois “nada, nada diferencia um ser humano do outro. Somos todos iguais”.

Contato com o Paulo

Falei com o Paulo quando este saía do vestiário. Abordei-o com o papel de “Disponibilidade para entrevista” repousado sobre a prancheta, além dos cartões com os meus contatos. Como fazia com todos, disse-lhe sobre a pesquisa que estava desenvolvendo e informei minhas filiações institucionais. Em um primeiro momento, pareceu-me que não aceitaria a conversa formal, pois me disse que não tinha muito tempo. Contudo, pegou o cartão com os meus contatos e marcou comigo para a quinta-feira da próxima semana, às 10 horas, em uma das esplanadas do Centro Comercial onde fica o ginásio. Ele anotou seu nome e contato de celular em minha lista. No dia combinado cheguei a pensar que ele não iria, mas logo me informou, via mensagem de texto, que se atrasaria um pouco devido a um engarrafamento na via, provocado por um acidente. Paulo é estudante de Economia, católico, tem 20 anos e é solteiro. Considera-se branco, heterossexual e de *status* médio. Nossa conversa durou mais de uma hora e vinte e cinco minutos. Antes de terminarmos, destacou, uma vez mais, a importância da educação, em geral, e da sexual, em particular, para a formação das pessoas, o que contribui para se “pensar que o homem e a mulher são exatamente iguais”.

Contato com o Pablo

Via o Pablo treinado ora em trio, ora em dupla. Contatei-o quando estava indo treinar. Nesse dia, estava acompanhado de um amigo. Convidei os dois, mas Pablo logo procurou dizer-me que seu amigo não tinha tempo, e que, por isso, não poderia, mas que ele conversaria comigo. Ainda tentei negociar uma entrevista com o amigo dele, mas Pablo – primeiramente – e o rapaz que o acompanhava, em seguida, reiteraram a não possibilidade. Mediante isso, agradei e peguei o contato de Pablo e lhe forneci os meus. Combinamos de conversar em um sábado, no El Corte Inglés, uma vez que, durante a semana, havia dificuldade para ele devido aos estudos. Ele marcou comigo às 15 horas, pois, mais tarde, teria outro compromisso. Não pude, infelizmente, chegar no horário combinado, em decorrência da demora do metrô e, também, por ter sido a primeira vez que estava indo naquele Centro Comercial. No caminho todo estava conversando com Pablo, via mensagem de texto. Encontrei-o na praça de alimentação, próximo ao cinema, às 15 horas e 30 minutos. O espaço estava superlotado. Iríamos conversar ali mesmo, mas devido ao barulho, e, também, por ter pessoas muito próximas a nós – crianças inclusive (o que já estava deixando-me com certo receio de conversarmos sobre alguns pontos relativos ao corpo masculino) – perguntei-lhe se não haveria outro lugar, dentro do estabelecimento, com menos barulho (ainda que nosso tempo estivesse curto). Então, nos levantamos e fomos procurar outro ambiente. Acabamos por conversar na esplanada da Starbucks, onde só ouvíamos poucas vozes falando baixinho e os carros que, pela via, circulavam. Apesar dos contratemplos relatados, a entrevista não foi corrida e durou 45 minutos e 54 segundos. Pablo tem 21 anos, é licenciado em Economia, solteiro e autodenomina-se de ateu, heterossexual, branco e de *status* social médio. Acrescentou, antes de encerrarmos, que a preocupação com o corpo deve englobar, principalmente, a saúde e, também, que tanto a estética quanto um corpo saudável é um processo, um projeto que demanda tempo e disciplina.

É significativo atentarmos e ouvirmos os homens falando sobre questões relativas aos comportamentos masculinos e aos modos de ser homem, porque estas contribuem para a maneira que esses agentes sociais enxergam seus corpos. Ademais, a

forma como os indivíduos, no caso desta pesquisa, masculinos e jovens, interagem com os seus corpos, buscando alguma remodelação via exercícios físicos, igualmente têm relação com as suas percepções sobre o que constitui um sujeito masculino, o que esse faz ou deixa de fazer hodiernamente. Assim, é necessário ponderar que a masculinidade além de *incorporação* – no sentido que Vitor Ferreira confere a essa categoria conceitual, a qual “concede ao corpo o estatuto de *operador social*, onde se revela a eficácia do social sobre o indivíduo e, reciprocamente, onde o social se torna possível” (Ferreira 2013: 508 – itálicos no original) –, é materialização corporal também, uma concreção que muitos dos homens com quem conversei procuram moldar a partir da musculação e/ou da natação.

Como sinalizei anteriormente, a constituição dos indivíduos se faz mediante relações. Subjetividade e intersubjetividade dialogam, constroem-se e reconstroem-se nas interações quotidianas. Entendo a subjetividade como uma manifestação do “eu”, sendo este formulado por meio de experiências (Brah 2006), de idiosincrasias das pessoas, não descartando, no entanto, a atuação do mundo social, do coletivo sobre os indivíduos. É Um que se constrói pelo Outro. Ou seja, fazemo-nos Um a partir do Outro. Dizendo melhor: constituímos nosso “eu”, nossa subjetividade em comparação (em relações) ao “eu” dos Outros; uma relação intersubjetiva, portanto, que contribui ao “processo de produção da identidade” (Woodward 2014: 56). A intersubjetividade, desse modo, seria a conexão entre as subjetividades, as consciências individuais que, por meio de identificações, formam identidades coletivas. É nesse processo que se encontram a importância dos modelos de masculinidades seguidos pelos homens jovens deste trabalho para a constituição de sua própria masculinidade e, igualmente, da vivência e materialização corporal.

Assim, é significativo atentarmos que há diversos modelos possíveis de masculinidades, e alguns desses não se prendem a figuras reconhecidas como masculinas, como é o caso de Plácido e de Benedito, os quais têm na mãe e na avó, respectivamente, suas referências. Por conseguinte, a figura feminina entra no cenário como aquela que, por múltiplas razões, assume a criação dos filhos ou netos e, por isso, merece reconhecimento e cria, nesses agentes homens, uma admiração que os fazem seguir seus exemplos. Essa questão da importância feminina para a constituição da masculinidade de indivíduos homens não é restrito às pessoas com quem interagi, mas Chaves (2010) também encontrou esse tipo de relação em sua pesquisa com homens

negros de baixa renda que frequentavam uma academia de musculação na cidade de Salvador. A constituição familiar e, também, mudanças na forma de pensar as relações de gênero, domésticas e familiares contribuem para a possibilidade de se ter em uma figura feminina um modelo de masculinidade a seguir.

Contudo, ao mesmo tempo em que é significativo vê-los reconhecer na mãe ou na avó um modelo de masculinidade, esta deve ser olhada com alguma cautela reflexiva, uma vez que, ao citarem essas pessoas no quesito em questão, eles elegem algumas práticas e valores, conscientes ou não, como **sendo** masculinas; e ao fazerem isso estão reforçando, apesar de tudo, que são os homens que, geralmente, detém aqueles comportamentos, mas em sua ausência as mulheres incorporam essas características³⁴. Ou seja, “caráter”, certo “modo de agir”, “respeito”, “força” acabam sendo evidenciadas como aspectos do homem que as mulheres manifestam devido forças circunstanciais, o que pode ser sintetizado na fala de Plácido abaixo:

Plácido: [...] Sou filho de uma mulher cheio de força e cheio de... Que é mesmo... Mesmo muito forte e que eu também admiro [...] meu modelo de masculinidade é minha mãe, percebe? [risos]. Por que... Por que é isso, né? Acho que os homens com a força, não é? Com a força e a proteção. Acho que a masculinidade está muito associada a isso [...] Não com isto querendo dizer que as mulheres são frágeis ou etc., mas, pronto, associo mais a masculinidade a esses dois fatores.

Contato com o Plácido

Plácido, de 25 anos, é estudante de Ciências da Comunicação, solteiro e considera-se sem religião, mas “um bocadinho espiritual”. Também, autodenomina-se de branco, heterossexual e de *status* médio. Eu estava sentado no sofá, com minha prancheta em mãos, quando ele passou em direção ao vestiário, após o término do seu treino, e ficou olhando-me. Depois de algum tempo, ele sai, já de banho tomado e roupa trocada, mexendo no celular e eu o abordo; antes de falar comigo, no entanto, pede um momento enquanto termina de ler e digitar alguma mensagem em seu celular. Desde logo, Plácido foi muito atencioso e se colocou à disposição para dialogarmos. Anotei seu nome e seu número em minha lista. Quando lhe fui entregar meu cartão com os meus contatos este me disse que não precisava, pois anotaria no celular o que o fez. Marcamos de nos encontrar logo na semana seguinte, no final da tarde, em alguma esplanada ali do Centro Comercial. No dia marcado conversamos mais de 1 hora e 20 minutos. Após terminarmos, Plácido, enquanto enrolava um cigarro, confessou-me que quando o abordei no ginásio ficou curioso para saber o que falaríamos e, como pretende ser jornalista,

³⁴ Parece-me claro que aqui se encontram negociações em torno do falo (poder simbólico). De acordo com a Psicanálise, os sujeitos masculinos procuram identificar-se com o agente social que detém imaginariamente o falo, o qual, no seio familiar, é a figura que realiza a função paterna que representa esse indivíduo. Assim, a mulher (mãe, avó, etc.), na ausência dessa figura, pode exercer essa função. Desse modo, os meninos identificam-se com o que de masculino, de falo (poder simbólico) essas mulheres manifestam. Para uma maior compreensão dessa e de outras questões correlatas, cf. Juan-David Nasio (1995).

considerou interessante a experiência. Ao nos despedirmos ele se encaminhou ao Lyceum para treinar.

O modelo de masculinidade, para alguns jovens deste trabalho, também irá perpassar por certa materialização ou apresentação corporal. Ou seja, a masculinidade é igualmente pensada como um tipo corporal – mas não um que é exclusivamente focado na genitália – o qual irá denotar variados significados que dialogarão com modelos tradicionais e outros mais contemporâneos de ser homem. As falas de Pascoal e de Bruno clarificam o que estou apontando aqui:

Pascoal: [...] Tenho alguns sim. [...] No mundo da música tem alguns caras que são... [...] Além de serem grandes artistas, grandes músicos, me inspiram, mesmo, uma força, é... Uma áurea masculina que eu aprecio e gostava de seguir. É... Alguns por serem... Por terem grande presença em palco, outros por terem uma beleza que é apreciada por homens e mulheres, independentemente da sexualidade. Depois tem outros que, se vê no ginásio, que têm aqueles corpos inchados e tem a voz grossa, não-sei-o-quê, mas, ao mesmo tempo, aquilo não é nada artificial, ver-se que é mesmo deles, é natural. São caras, por exemplo, como se vê nos filmes de ação, também há no ginásio assim, tipo o Vin Diesel, tipo o The Rock – Dwayne Johnson – que são... Têm aqueles corpos e ao mesmo tempo não é só o corpo, é a personalidade, o caráter, a masculinidade, o ser duro que tá lá, dentro deles. Não é só o corpo e depois quando abrem a boca é só asneiras não. Só a presença, só a presença do Vin Diesel ou do The Rock [...] só a presença deles impõem respeito. Isso, pra mim, é o maior... É o epíteto da masculinidade. É ser um cara que chega ao pé dos outros e... Eu posso entrar num café ou num espaço comercial e toda gente notar a minha presença. Percebe-se que está ali um homem a sério...

Bruno: Assim, tem vários atletas da musculação que eu admiro e tal. Assim... [...] que eu admiro pelo corpo da pessoa, o quanto ela se esforçou para conseguir aquele corpo, entendeu? E é uma coisa que me motiva, assim, entendeu? [...] É um modelo mesmo, assim, que eu gosto de seguir.

EJ: E quem seriam essas pessoas?

Bruno: Tem atleta de fisiculturismo brasileiro chamado... O Felipe Franco. Outros atletas como... Assim, tem um professor também que é muito bom que é o Waldemar Guimarães, que ele é conhecido, assim, no mundo da musculação, entre outros [...].

Contato com o Pascoal

A primeira vez que vi Pascoal foi no vestiário se trocando, antes de ele subir para treinar. Ele me chamou atenção por, no momento em que o vi, não perceber se era de um homem ou de uma mulher que se tratava, devido ao seu corpo magro e cabelos compridos – mais ou menos ao meio das costas –, a partir da raiz, preto e o restante loiro e, também, porque estava de costas (contribui para essa dúvida, também, o fato de já ter acontecido da administração

inverter os vestiários masculino e feminino e eu, sem reparar no aviso anexado à porta, entrar no “lugar errado”). Pascoal tem 25 anos, é solteiro, está no décimo segundo ano e considera-se ateu, branco, heterossexual e de *status* médio. Com algumas tatuagens e piercings pelo corpo, Pascoal chama atenção – às vezes não de maneira positiva, como me disse em determinado ponto de nossa conversa formal. Confesso que, em um primeiro momento, eu próprio me senti intimidado com a sua paisagem corporal, o que se dissipou por completo com as mensagens de textos que trocamos para assentarmos a entrevista e com a realização desta. Convidei-o quando ele saía do vestiário, já após ter treinado. Apresentei-me, como de costume, disse-lhe o tema da pesquisa que estava desenvolvendo e ele se prontificou em participar. Perguntou-me sobre quais aspectos do corpo conversaríamos, se seria sobre tatuagens e piercings ou sobre o ginásio, particularmente; esclareci sua dúvida e acordamos que eu lhe enviaria uma mensagem para combinarmos tudo. Despediu-me dizendo que seria muito bom conversar sobre a temática da pesquisa, que iria me ajudar e desejou-me boa sorte. Via *short message service* (sms) estipulamos de nos encontrar numa das esplanadas do Centro Comercial onde o Lyceum fica localizado, no final da tarde. Nossa conversa durou quase 1 hora e 50 minutos e antes de encerramos reforçou a necessidade de se investir no físico – caso a pessoa queira, realmente, entrar no ginásio e seguir um estilo de vida fisiculturista. Além disso, acrescentou reflexão sobre o preconceito que pessoas, como ele, que seguem um “estilo que tem mais a ver com o metal”, que usam tatuagens, piercings etc. sofrem por parte da sociedade que os vê como drogados, como pertencentes a gangues. Criticou, também, aquelas pessoas – mulheres e homens – que procuram, a todo custo, se enquadrar em padrões de beleza fazendo uso, por exemplo, de implantes de silicone muitas vezes, que segundo a sua concepção seria para agradar a outros e não a si mesmo. Ao se despedir pediu-me desculpas por ter falado muito, mas esperava que tivesse ajudado e desejou-me boa sorte com o desenvolvimento da investigação.

Destarte, o corpo é visto e assumido como marcador de masculinidade. Mas, nota-se que não é qualquer corpo. A presença corporal, o corpo chamativo porque é grande, musculado, entra aqui como um elemento identificador do ser homem para os jovens acima. Ocorre, portanto, uma valorização da imagem corporal. Assim, o que Pascoal parece ressaltar em sua fala é um homem ao mesmo tempo Eugen Sandow, um dos criadores do fisiculturismo, pois, como nos informa José Gatti (2011b: 227): “Sandow encarna de maneira lúdica o Homem Forte, bruto e natural (a sexualidade que emana de suas imagens), ao mesmo tempo que se apresenta como o homem militante, civilizado e intelectual (sua vida social e política) (...)” e noutra passagem diz: “Artista desse tipo eram geralmente considerados brutos e limitados mentalmente – absolutamente não era seu caso” (Gatti 2011b: 224) e Arnold Schwarzenegger, cujo corpo tem proporções para além da normalidade (Gatti 2011b: 229-231). Só a associação entre força, músculos e inteligência ou o não falar “asneiras” ao abrir a boca – como disse Pascoal –, já coloca em cena uma mistura do tradicional e do contemporâneo em relação à masculinidade.

Outra amálgama é visualizada no tipo de masculinidade vislumbrado por Pedro e Pablo, a partir da citação do modelo italiano Mariano Di Vaio e do ex-jogador de futebol David Beckham, respectivamente, a qual agrega ao homem um aspecto até tempos atrás visto, principalmente no senso comum, como exclusivamente feminino, que é a vaidade. Assim, para esses interlocutores a masculinidade (ou mesmo a virilidade) não se desfaz com o acréscimo ao modo de ser homem do saber se vestir, do ter algum cuidado com a aparência etc. Aliás, se considerarmos que nossa sociedade é imagética, a boa aparência passa a ser uma exigência para aqueles que querem “aparecer”, pois, como disse Paulo:

Paulo: [...] a nossa imagem é o nosso cartão de visita [...] a nossa imagem mostra quem nós somos.

Essa questão da imagem, da boa aparência é percebida, para muitas das pessoas que trabalham como professores e professoras nos espaços onde os homens jovens com quem conversei formalmente remodelam os seus corpos, como uma das razões da busca desses agentes sociais pelos exercícios físicos realizados nas academias de musculação e/ou nas aulas de natação. Em vista disso, a corporeidade modal – que segundo Stéphane Malysse (2007: 92) refere-se a “aquilo que devemos fazer com nosso corpo”, ou seja, como algo acordado e legitimado pela sociedade a partir de sua cultura somática – a qual fala de uma compleição física que precisa se distanciar de certa noção de aparência descuidada, exercitando-se por meio de atividades físicas estruturadas, planejadas e repetitivas, por exemplo, dentre outras práticas, (re)posiciona os indivíduos na estrutura social (Santos e Salles 2009; Malysse 2007; Berger 2010). Dependendo da postura corpórea que as pessoas adotem, essa contribuirá positivamente ou negativamente em várias áreas da sua vida social.

Plínio*: [...] porque a vida está sempre a mudar e nós temos que estar sempre preparados para causar uma boa imagem e não passar uma imagem negativa, porque o corpo gordo ou um corpo desleixado é uma imagem desleixada que passa para o outro lado, não passa uma imagem de cuidado, nem uma imagem de segurança.

EJ: O que seria um corpo desleixado?

Plínio*: Um corpo gordo, uma pessoa mal vestida, uma pessoa com... Sem a barba feita ou sem a barba aparada. Uma pessoa sem o cabelo minimamente lavado. Uma pessoa [entre risos] mal cheirosa... Uma pessoa com uma má postura, com os ombros encolhidos ou descaída. E... Esse é o tipo de pessoa que, hoje em dia, já não, já não

XXXX³⁵ nada. A tendência é corrigir esses hábitos que há alguns anos vinham existindo e que têm que ser corrigidos.

Contato com o Plínio*

Plínio* foi o *personal trainer* (PT) que me acompanhou durante o período que fiquei no Lyceum. Nosso primeiro contato foi de orientações e apresentações de alguns dos aparelhos do ginásio. Foi nesse momento que marcamos minha primeira avaliação, a qual fora realizada no dia seguinte. Plínio* trabalha como PT há sete anos. Ele é licenciado em Deporto, solteiro e tem 32 anos. Considera-se caucasiano, heterossexual, sem religião e de *status* médio. Já havia falado com ele, logo no primeiro dia, que estava em Portugal como doutorando visitante da Universidade de Lisboa para realizar uma pesquisa. Plínio* se mostrou interessado no tema e dialogamos um pouco sobre este. Poucos meses depois combinei com ele de conversarmos formalmente. A entrevista fora negociada para acontecer em um dia em que tivéssemos avaliação; desse modo, conversaríamos e, em seguida, ele reveria minhas séries e medições. É significativo dizer que em todas as avaliações com ele, ao término, eu pagava € 15 (Quinze euros). A interlocução aconteceu no sofá que ficava próximo aos vestiários e durou quase meia hora.

Dessa feita, o cuidado que o outro dispensa ao seu corpo, à sua aparência não é vista pela maioria dos homens jovens desta pesquisa como algo ruim, que vai contradizer a masculinidade vivenciada por eles. Alguns jovens deste trabalho veem como “normal” os homens cuidarem de si e, para eles, essa prática deveria ser seguida por todos os homens; até mesmo por alguns deles, como comentou Benjamin sobre si, por exemplo. É necessário, no entanto, esclarecer que “cuidar de si”, “ter vaidade”, “ser vaidoso”, para as pessoas com quem eu conversei formalmente tornam-se sinônimos em alguns momentos. Além disso, o “cuidar de si”, aqui, refere-se não à noção reflexionada por Michel Foucault (1985, 2006a, 2008) – o qual se refere a um retorno reflexivo do indivíduo a si mesmo para, após, voltar a sua ação ao Outro –, mas esta e as demais expressões utilizadas pelos entrevistados são consideradas como “uma grande categoria que engloba (...): produtos de beleza e produtos de higiene, em especial, podendo ser expandida para vestuário, lingerie [ou roupa interior masculina] e medicamentos” (Miguel 2012: 223 – acréscimos meus), dentre outras ações nessa direção.

³⁵ Esse recurso será utilizado sempre que se tratar de uma palavra ou trecho ininteligível nos diálogos formais.

Contato com o Benjamin

Dezenove anos, *status* médio, católico, solteiro, heterossexual, pardo e com Ensino Médio completo: Esse é Benjamin, que conheci e fiz amizade durante minhas aulas de natação. Ele pratica natação desde criança, o que explica seu treino diferenciado dos demais e, também, seu conhecimento das técnicas dos quatro nados (*crawl*, peito, costas e borboleta – a especialidade dele são os dois primeiros). Minha maior aproximação com Benjamin aconteceu no mês de encerramento das atividades no Olympia. Certo dia, conversamos muito sobre vários assuntos – ele, nossa professora e eu. Nessa mesma ocasião trocamos contatos para podermos nos falar posteriormente e marcamos um dia e horário para a entrevista quando eu começasse a fazê-las, pois ele ficou bem interessado em participar como interlocutor. Assim, algum tempo depois, marquei de conversar com Benjamin antes da nossa aula. O diálogo formal ocorreu na arquibancada, em uma parte mais próxima da piscina da hidroginástica – o que nos deixava um pouco mais distantes da maioria das pessoas que esperavam o término da aula de suas crianças – e teve a duração de quarenta minutos e vinte segundos. Ao concluir a entrevista perguntou-me se eu iria nadar; disse-lhe que não, pois havia marcado outra conversa às 20 horas, o que ele, brincalhão como sempre, logo falou:

– Então fica aí me vendo dar um show.

Rimos e ele, tirando a camisa, se dirigiu a piscina.

A temática da vaidade masculina, no entanto, sucinta algumas controvérsias para certas pessoas, pois esse modo de lidar com o corpo ainda carrega em si uma conotação forte com o universo feminino, algo identificado por várias pesquisas que refletem sobre tal questão, como é o caso, por exemplo, do trabalho de Elisabete Rodrigues (2013) que procurando compreender a articulação entre identidades de gênero masculinas e produções corporais de homens portugueses que se reconhecem ou que são reconhecidos como metrossexuais³⁶, percebeu que a preocupação corporal desses indivíduos não está isenta de certa vigilância (deles e de outras pessoas), uma vez que há o receio de que tal cuidado seja visto como puramente estético – algo julgado, mesmo por eles, como pertencente unicamente ao universo feminino e quando operacionado por homens estes são homossexuais:

(...) todos os entrevistados se detiveram, ainda, a explicar a “normalidade” do que faziam, clarificando o interlocutor quanto ao sentido da sua ação, de modo a não pôr em causa a sua masculinidade heterossexual, uma vez que aderem a práticas tradicionalmente associadas à homossexualidade ou à feminilidade (Rodrigues 2013: 307-308).

³⁶ O metrossexual é um termo criado pelo jornalista britânico Mark Simpson e faz referência a um “homem que se preocupa muito com sua aparência. Assim, ele frequenta manicure e pedicure, vai ao salão de beleza, faz diversos tratamentos estéticos, gosta de ir a *shoppings*, modela seu corpo na malhação e/ou em outros esportes...” (Oliveira Júnior 2014: 92). Ainda sobre esse tema, cf. Wilton Garcia (2005: 101-122; 2011).

Certos receios e desconfianças com comportamentos e sexualidade de indivíduos masculinos, que possuem práticas de cuidados estéticos consigo, também foi observado por mim em pesquisa realizada em Belém do Pará com homens que tinham grandes cuidados com sua aparência, uma vez que “O homem muito vaidoso é visto com certa desconfiança por romper as barreiras dos gêneros ou, melhor, por transitar performaticamente na fabricação de seu corpo” (Oliveira Júnior 2014: 122).

Um dos aspectos que chama a atenção para a questão do grau de vaidade que os indivíduos têm está relacionado com a vestimenta. A forma como e com o que as pessoas se vestem direcionam os olhares e a formulação de imagens sobre o outro. As roupas que utilizamos contribuem, portanto, para a comunicação de variáveis sociais que nos identificam e nos posicionam na sociedade. Se fizermos uma analogia entre a “pele social” dos Kaiapó, estudados por Terence Turner (1980) – o qual por meio de pinturas, adornos corporais, dentre outras ações, contribuem para que aqueles indivíduos façam parte da sociedade kaiapó, assumindo posições de classes sociais distintas – com as indumentárias que usamos hodiernamente, perceberemos que há uma relação aproximada de significados, uma vez que “Dress and bodily adornment constitute one such cultural medium, perhaps the one most specialised in the shaping and communication of personal and social identity” (Turner 1980: 114), algo deveras claro quando consideramos a história das vestimentas (Bonadio 2015). Além disso, as roupas também contribuem para a visibilidade ou invisibilidade dos corpos. Ou melhor, para corporificar corpos que importam ou não – parafraseando Butler (2002) –, pois como me disse Beno:

Beno: [...] a gente associa... Um certo estilo de... Da pessoa se vestir com a sexualidade [...].

Nesse momento da conversa, Beno dizia-me que dependendo de como a pessoa se veste ela pode ser considerada pertencente a grupos como os *Emocore (emos)* e os metrosssexuais, por exemplo³⁷; e, também por isso, a sexualidade é questionada³⁸.

³⁷ É necessário relativizar esse pensamento associativo de Beno entre reconhecimento e/ou identificação, com a maneira de se vestir de alguém. Ao mesmo tempo em que os indivíduos, via “elemento agregador” (Souza 1997) – como a roupa, neste caso –, podem se reunir em grupos que os identificarão entre si e às demais pessoas, é relevante considerar o que Isadora França (2007) aponta, em seu trabalho sobre “circuito GLS” em São Paulo, acerca da manipulação de signos entre pessoas de diferentes grupos sociais. Segundo a pesquisadora demonstra, não basta alguém vestir-se igual, frequentar os mesmos ambientes para pertencer (para ser reconhecido, mas mais importante, para ser aceito) a determinado grupo, pois é necessário combinar de maneira exitosa os referenciais de constituição deste.

Conversando, contudo, com Pedro sobre o seu ponto de vista a respeito dos homens que se cuidam, ele dá uma resposta à fala de Beno acima.

Pedro: [...] Eu por ser homem gosto de cuidar de mim. Também... Não me importo de ver os homens também se cuidar deles. Acho que agora... Somente aqueles que são retrógrados, que têm uma mentalidade atrasada é que... Vão pensar que isso “Ah, é! O homem que é cuidado é homossexual ou... Assim”, mas eu acho que isso não tem nada a ver. O homem gosta de se cuidar como gosta dele próprio. Não é por ser homossexual, ou bissexual, ou heterossexual.

A vaidade, o cuidar de si é diacrítico. Em se tratando de vaidade masculina, cada época teve a sua *moda*. Dessa feita, ainda que o senso comum veja o homem como simples, como aquele despreocupado com o que veste, com a forma de se higienizar e, até mesmo, com o que ingere, a história nos demonstra o contrário, conforme bem destacam Márcia Raspanti (2013) e Maria Bonadio (2015). A reação de Pedro de chamar, quem desconsidera os cuidados masculinos, de “retrógrados, que têm uma mentalidade atrasada” aponta para um período de simplificação, por exemplo, das vestimentas masculina que, de acordo com as autoras outrora citadas, aconteceu com a Revolução Industrial e que, hoje, ainda se encontra incorporada na forma de muitas pessoas pensarem a corporeidade dos homens. No entanto, é necessário considerar que “Mesmo que, após o século XIX, a roupa masculina tenha trilhado o caminho da simplicidade, isto não significou abrir mão de uma série de artifícios usados para melhorar a aparência” (Raspanti 2013: 212). Destarte, como antes, hodiernamente os homens têm se preocupado consigo, consumindo produtos e serviços estéticos, dentre outros comportamentos, como o trabalho de Rodrigues (2013) e o meu (Oliveira Júnior 2014) demonstram e, igualmente, como apontaram alguns alunos e professores e professoras com quem conversei formalmente.

Para além de julgarem as ações dos Outros, os jovens masculinos entrevistados exercitam a excorporação e, assim, refletem, igualmente, sobre as suas próprias práticas de cuidados corporais, considerando-se pessoas vaidosas ou não. E nesse contexto de vaidade estão práticas acionadas pelos agentes sociais em questão que contribuem para a formulação de suas paisagens corporais. Ao mesmo tempo em que a subjetividade desses indivíduos é acionada em suas relações com os seus corpos, a intersubjetividade

³⁸ Para uma discussão sobre a associação do metrossexual com a homossexualidade, cf. Edyr Oliveira Júnior (2015). Para a reflexão da sexualidade dos Emos, cf. Paula Ramos (2010) e Renata Carvalho (2013).

entra em ação e contribui, também, para comportamentos e práticas de cuidados consigo.

Baruk: [...] se eu me achar bonito as outras pessoas também vão me achar bonito.

EJ: E essa questão da vaidade tu a desenvolves a partir de quê?

Baruk: Creio eu que seja [entre sorriso] influências externas; influências das outras pessoas ao meu redor... Me dando conselhos de beleza, dizendo: “corta o cabelo que fica mais bonito”, “faz a barba que fica mais bonito também”.

EJ: Entendi. Aí vem a questão do uso dos produtos³⁹, da prática de esportes...

Baruk: Exatamente.

EJ: ...que faz parte, então, desse teu universo de vaidade?

Baruk: Exatamente.

Desse modo, o discurso de alguns interlocutores envolve o cuidar de si como algo, primeiramente, direcionado a eles próprios – ou seja, eles fazem para eles, para se sentirem bem –; mas, ao mesmo tempo, esse cuidado visa obter olhares e comentários positivos de outras pessoas, pois eles querem ser notados, querem ser admirados. Em vista disso, são ações calculadas que os agentes sociais praticam, as quais visam atingir a um fim de (auto)admiração imagética. É significativo dizer, no entanto, que “o querer ser olhado bem” pelas pessoas parte tanto de indivíduos como Benedito e Brian, os quais possuem grandes preocupações estéticas e se consideram metrossexuais por isso (falarei mais dessa temática à diante), como por Plácido que mesmo dizendo-me não ter grandes cuidados nessa área, apenas realiza “pequenas coisas” como gostar de tomar banho, de usar o desodorizante e um bom perfume, falou-me:

Plácido: [...] gosto que as pessoas me achem bonito. [...] considero-me uma pessoa vaidosa, porque quando olho pra o espelho gosto do que vejo e gosto que as outras pessoas me achem bonito...

Ainda que seja possível encontrarmos discursos que chamem a atenção ao fato dos agentes sociais praticarem a musculação e/ou a natação como uma forma de sentirem-se bem, cujos resultados são direcionados a eles mesmos, algumas das pessoas que trabalham na orientação e supervisão do remodelamento dos corpos dos jovens entrevistados identificam que o objetivo implícito nas metas dos alunos e alunas da musculação, da natação ou de outra espécie de exercício físico é um tipo de transmutação corporal aliciador de olhares para o agente remodelador, perceptível nos

³⁹ Noutro momento de nossa conversa Baruk falou-me que usava produtos de beleza, como hidratantes e protetor solar: “para poder me sentir bem comigo mesmo”.

grupos musculares que homens e mulheres procuram trabalhar com mais intensidade em seus exercícios físicos.

Conversando um pouco com a professora Paula hoje, antes de descer ao vestiário para banhar-me e trocar de roupa, ela me falou que os homens, no ginásio, costumam trabalhar mais a parte do peito.

– Porque o espelho vai até a cintura – disse-me quando lhe perguntei o porquê.

Segundo ela, as pessoas olham-se nesse objeto, pois não somente desejam corrigir a postura, mas, principalmente, devido gostarem de se ver (e serem vistos), uma vez que o músculo incha quando se treina, contribuindo, assim, ao ego da pessoa que está a admirar-se. Ainda de acordo com a referida profissional, o peitoral é uma das partes que, no homem, mais aparece (diferente, por exemplo, das pernas) e, por esse motivo, esses indivíduos costumam usar bastante a *t-shirt* para se mostrarem.

Lyceum, dezembro de 2015

Os posicionamentos acima, portanto, fazem parte da *cultura somática*. Segundo Luc Boltanski (2004), esta diz respeito a regras e práticas de comportamentos corporais, que contribuem à materialização corpórea, o qual irá refletir nas formas como os indivíduos de determinado grupo social se relacionam com o seu corpo e com o de outrem em certo contexto sociotemporal. Para Jurandir Costa (2004) a cultura somática atual nos faz perseguir um tipo de corpo que ele denomina de “corpo-espetacular” (Costa 2004: 230). Este é amplamente veiculado nas mídias e desperta (porque também é imposto) os anseios das pessoas em reformularem seus corpos à semelhança.

Os indivíduos, além de serem levados a ver o mundo com as lentes do espetáculo, são incentivados a se tornar um de seus participantes pela imitação do estilo de vida dos personagens da moda. A imitação, contudo, não pode ir longe. A maioria nem pode ostentar as riquezas, o poder político, os dotes artísticos ou a formação intelectual dos famosos, nem tampouco fazer parte da rede de influências que os mantém na mídia. Resta, então, se contentar em imitar o que eles têm de acessível a qualquer um, a *aparência corporal*. Daí nasce a obsessão pelo *corpo-espetacular*. (Costa 2004: 230 – itálico no original).

Na cultura somática hodierna, a corporeidade masculina reconhecida como mais ligada às questões de vaidade é a que denomina os homens de metrossexuais. Esse neologismo aparece nas falas de alguns interlocutores para identificar os indivíduos masculinos que têm grandes preocupações de (re)formulação de suas paisagens corporais. É necessário considerar que esses indivíduos reelaboram as práticas de cuidados corporais dos homens e aliam estas com o consumo (Garcia 2004, 2011;

Barreto Januário 2009; Oliveira e Leão 2011; Oliveira Júnior e Cancela 2012, 2013; Oliveira Júnior 2014, 2015; Rodrigues 2013). Essa imagem corporal – e também esse modo de ser homem – tem grande relação, portanto, com o nosso sistema econômico e em muitos contextos essa corporeidade é cobrada.

Benedito: [...] hoje em dia, como eu te falei, hoje em dia, como a sociedade te pede ter um corpo bacana tem, também, que ser vaidoso, né? O metrossexual meio que está na moda, aquela modinha: metrossexual. Hoje em dia, o homem faz a sobrancelha, o homem cuida da pele. Antigamente, o homem era muito, muito marcado por isso: “Ah, ele faz a sobrancelha, ele homossexual”. Nada contra, entendeu? Mas, hoje em dia, a pessoa que se cuida é visada de uma maneira diferente, porque os tempos mudaram, entendeu?

EJ: Você se considera metrossexual?

Benedito: ãham! Eu me considero!

EJ: Por quê?

Benedito: Como eu te falei... Se eu falar que só a mídia te pede, aquilo te pede, isso te pede, não é verdade, entendeu? Eu gosto. Eu gosto de me ver bem, eu gosto de me ver bem arrumado. Como eu te falei, tem a questão da... Tem a questão de que... Tu queres ser olhado bem, entendeu? As pessoas têm que te olhar bem... Entendeu? Se não fosse por isso... Como eu te digo, setenta por... Cinquenta e cinco por cento da galera que faz academia é por causa de... Estética!

Assim, como dito outrora, subjetividade e intersubjetividade contribuem para as (re)formulações corporais que acionamos ao longo de nossa vida. Mas, se há os que se identificam com comportamentos e práticas metrossexuais, há, igualmente, aquelas pessoas que não se consideram vaidosas, apenas procuram ter algum cuidado com o corpo, “coisas práticas” como cortar o cabelo, usar o desodorante, algum perfume, aparar ou raspar os pelos pubianos etc. Desse modo, neste sentido, ter cuidados com o corpo (muitas vezes relacionados a cuidados rotineiros de higiene) e ser vaidoso tem uma enorme diferença para os interlocutores.

Benjamin: Cara, muitas vezes não [falando se cuida do corpo]. Por que, tipo, ah, tem aquela frescura de raspar pelo e tal, aí às vezes eu não gosto. Aqui [apontou para o rosto] tá até crescendo já. Aí... Tipo... As partes íntimas e tal eu cuido, entendeu? Égua, eu acho filé cuidar, porque é uma coisa... Como é? Tipo higiênica, entendeu? É bom, entendeu? Mas a parte, tipo, daqui da cara eu não cuido muito, porque às vezes eu demoro muito para raspar meu bigode, meu cabe... Meu cabelo cresce rápido e tal... E esses fatos assim, entendeu? Mas eu me cuido muito, cara! Por que, como homem, né, e hoje em dia o homem não tem mais frescura, tem que se cuidar mesmo... Por que tinha várias épocas que não podi... Que não... Que era viado, né? Era considerado viado, né? Um monte de coisa. Mas por mim eu me cuido, cara, eu acho bacana.

O que as pesquisas têm demonstrado é que existem práticas de cuidados corporais consigo que estão dentro da categoria da “normalidade”, do permitido que um sujeito masculino pode executar. Ultrapassar essa fronteira aciona a necessidade de taxonomização e enquadramento dos sujeitos, como o termo metrossexual comprova. Mas, se na linha da vaidade, do cuidado de si existem pontos que demarcam os que não se consideram “vaidosos” e os que se reconhecem com “grandes preocupações com a aparência”, é necessário considerar, também, os que estão entre estes, chamado por Pascoal de “vaidoso QB”:

Pascoal: Um pouco sim! [Entre risos] não muito, não ao extremo... Não sou... É que... Não sei como vocês apelidam lá isso; por acaso, temos aqui pessoas que são muito vaidosas ou têm um cuidado extremo com a imagem... Inferem na categoria dos metrossexuais. Não sei se no Brasil também... Eu não me insiro nessa categoria, mas, sim, sou uma pessoa que... Eu ao menos gosto de sair na rua e manter uma certa aparência, estar cuidado, estar limpo, bem vestido, sim. Mas, acho que sou vaidoso QB – [entre risos] Que Basta...

EJ: Como é? Vaidoso QB?!

Pascoal: QB! Essa é uma expressão que usamos aqui que é “Que Basta”; vaidoso na medida certa. Nem muito, nem pouco. O ideal!

O “QB”, então, pode servir como uma categoria de proteção da *self* excorporada. Afasta, portanto, o agente do desleixamento e, igualmente, dos exageros das práticas de cuidados corporais. Desse modo, há para alguns um “limite” para as “transgressões” nos comportamentos masculinos no tocante aos cuidados corporais. É significativo observar que tanto na pesquisa que desenvolvi sobre o modo de ser metrossexual em Belém do Pará (Oliveira Júnior 2014) quanto à pesquisa de Rodrigues (2013) sobre o mesmo tema em Portugal, a questão do *exagero* fora acionada pelos interlocutores como uma categoria de alerta do que seja permitido a um homem realizar em prol de a sua imagem corporal e, para tal, criam algumas estratégias, como o trecho a seguir exemplifica:

É interessante observar as estratégias de alguns entrevistados para demonstrar como são normais os seus cuidados com a pele, ou como a intensidade das suas práticas e níveis de preocupação ficam aquém daquilo que deveriam fazer, daquilo que é típico das mulheres, ou daquilo que são considerados os cuidados exagerados. Com esse intuito, alguns homens sublinharam o seu desleixe e falta de paciência para com este tipo de preocupações e rotinas... (Rodrigues 2013: 234-235).

Além disso, precisamos considerar que a prática do cuidado com o corpo (seu grau de intensidade), sua apresentação (e maneira de fazê-la) é contextual, ou seja, dependerá do lugar em que a pessoa se encontra e com quem ela se acha em relação. A

fala de Pablo, nesse sentido, é de necessária apreciação quando compara algumas situações no Brasil e em Portugal.

Pablo: [...] Gosto de cuidar de mim sim. Isso sem dúvida! De me vestir bem, de ter o meu corpo mais cuidado, isso eu gosto. Mais preocupado em certas ocasiões, sim!

EJ: Tu achas que isso faz alguma diferença em alguma situação?

Pablo: Depende muito. Mas... Também depende muito do ambiente, não é? Aqui, se calhar, quando estou na Faculdade ou quando vou a uma empresa eu tenho uma preocupação maior... Por exemplo, quando eu tava no Brasil tinha uma preocupação muito mais descontraída, porque passava mais dias na praia etc., então as preocupações eram diferentes. [...] Mas... Acho que em certas ocasiões pode fazer a diferença sim.

EJ: Tu viveste um período no Brasil, tu achas que lá, ou aqui, tu eras mais preocupado com a questão do teu corpo?

Pablo: Se calhar, se calhar lá. Lá, uma coisa que eu gostei foi que eu via muita gente preocupada com a saúde. Via muito... Primeiro, em primeiro lugar, os brasileiros não fumavam e aqui há muita gente que fuma; lá, quase ninguém fumava. Depois eu via sempre imensa gente correndo, indo na academia, tudo isso. Via muita gente mesmo preocupada, que era uma coisa que aqui não vejo tanto... Lá eu vejo mais [...].

EJ: Então lá tu te preocupavas mais com o teu corpo do que aqui?

Pablo: [...] Se calhar não diria que me preocupasse mais, mas como as outras pessoas se preocupavam, se calhar tinha um estilo de vida mais... Em vez de mais sozinho, se calhar tinha mais pessoas a incentivarem-me, mais com quem comparar, a falar e etc. Eu tinha um estilo de vida mais parecido com outros colegas; enquanto aqui, se calhar, eu conheço dois ou três que são aqueles amigos da academia. Lá teria mais⁴⁰.

Assim, os espaços, os itinerários são importantes na constituição e transmutação corpórea. A relação corpo e espaços, corpo e lugares é mútua. Dessa forma, é possível vermos não somente o corpo no lugar, mas o lugar no corpo, algo que se inscreve, igualmente, na biografia carnal, pois “(...) podemos olhar para o corpo a partir do lugar, e para o lugar a partir do corpo” (Cunha e Silva 1999: 31). E como os espaços são ocupados por variadas corporeidades, estas exercem alguma influência sobre o modo como moldamos nossa paisagem corporal. Nesses trânsitos, o cuidar do corpo perpassa por questões ligadas à saúde, algo que discutirei noutra momento, mas que trago aqui para mostrar a dupla característica da cultura somática atual, pois se esta nos faz perseguir corpos midiáticos, ficcionais, o “corpo-espetacular” e, para isso, nos conduz a salas de musculação, de treinamentos, de desportos, além de consultórios estéticos etc., também, por outro lado, como aponta Costa (2004: 236), esta pode nos fazer buscar um

⁴⁰ É significativo informar que no período em que Pablo esteve no Brasil, estudando, este morou no Rio de Janeiro. Ou seja, um lugar em que, segundo Fabiano Gotinjo (2007) e Stéphane Malysse (2007), os corpos estão em evidência devido ao clima tropical e, igualmente, sua relação com a praia.

estilo de vida que tem por lema a qualidade de vida – ou o que, atualmente, se tem chamado de *healthism*⁴¹.

Indumentárias, adereços, procedimentos estéticos, dentre outros, colaboram para a gramática de produção da nossa paisagem corporal, contribuindo, assim, para a gramática de recepção. Para muitas pessoas há uma relação direta entre felicidade e corpo, além, igualmente, da noção de bem-estar, saúde, prestígio, *status* social... Isso fala da corporeidade, do caráter polissêmico do corpo, pois este “surge não apenas como uma realidade *socializada* mas, sobretudo, como uma realidade *semantizada*” (Ferreira 2013: 501). O corpo, portanto, é marcado e demarca inúmeras variáveis sociais que nos posiciona na sociedade; afinal, o discurso que resume nossa tessitura coletiva atual, segundo David Le Breton (2008: 31), é: “... por seu corpo que você é julgado e classificado”. Dessa forma, este precisa ser vigiado (Foucault 2010), disciplinado (Foucault 2006a, 2006b) e, se necessário, taxonomizado como *outsiders* (Becker 2008), anormal (Foucault 1997), desviante (Goffman 2008), dentre outros, com a finalidade de reorganização e produção de “corpos que importam” (Butler 2002).

Brian: [...] Eu conheço muita gente que não é feliz por ter um corpo... Assim, fora do normal, meio gordo, muito magro e ficam me perguntando as coisas [...].

Plínio*: ... o próprio estilo de vida, hoje em dia exige, que as pessoas estejam mais vaidosas. Se a pessoa for uma obesa, for gorda, dificilmente alguém vai conseguir dar emprego. [...]. Se uma pessoa for obesa e for gorda tendencialmente vai ser sempre uma pessoa a ser preguiçosa, ninguém... Ou uma pessoa com alguma descompensação psicológica. Dificilmente alguém vai contratar um obeso ou uma pessoa gorda para tá numa caixa de supermercado, provavelmente vai ser uma pessoa lenta, não vai ser uma pessoa despachada.

Se há um modelo corporal imposto, “aceito” na sociedade, fugir a este coloca as pessoas que não conseguem atingir tal corporificação envolvida em alguma estigmatização e pode, igualmente, trazer algum tipo de tensão em inúmeras áreas da vida social, pois “... a normalidade implica catalogar o desviante” (Aboim 2013: 32). Uma dessas diz respeito ao mercado de trabalho e essa relação foi um dos temas discutidos por Mirela Berger (2010) em sua pesquisa com mulheres praticantes de atividades físicas em São Paulo. Segundo as interlocutoras da antropóloga, ter um corpo em forma, “perfeito” conferia a elas lidimidade em suas profissões. Uma nota de rodapé no artigo da pesquisadora é significativa sobre esse ponto:

⁴¹ Sobre o *healthism*, cf. Robert Crawford (1980), Katie Graham et al. (2015) e Richard Shipway e Immy Holloway (2016).

Segundo informações de uma comissária de bordo que trabalha para uma empresa de aviação brasileira, a direção da empresa informou aos seus funcionários, em especial, às funcionárias, que o novo uniforme seria confeccionado somente até a numeração 42 e deu um prazo de três meses para que as funcionárias acima desta numeração reduzissem seu peso, sob pena de demissão ou diminuição da escala de trabalho das que não se adequassem à nova silhueta (Berger 2010: 88 – nota 6).

O excerto acima juntamente com elementos de reflexão de outras pesquisas como, por exemplo, de Sabino (2000), Jorge Iriart, José Chaves e Roberto de Oleans (2009) e Francisco Ribeiro Neto (2015) apontam para a existência do que podemos chamar de *corporeidade modal laboral*. Esta faz referência ao fato de que as atividades profissionais, algumas mais que outras, exigem certa corporeidade para o seu exercício. Segundo Sabino (2000), por exemplo, há pessoas que remodelam seus corpos por meio da musculação para, dentre outras coisas, se inserirem em “setores do mercado de trabalho baseados na forma física, como no caso das atividades de modelo, ator ou segurança” (: 64); algo percebido, igualmente, na pesquisa de Iriart, Chaves e Oleans (2009) com frequentadores de academias de bairro populares e médios, em Salvador, os quais consomem anabolizantes. Desse modo, “A aparência se torna, assim, uma espécie de *capital corporal* a ser investido em harmonia com a lógica do lucro inerente ao mercado” (Sabino 2000: 103 – itálico do autor). Ribeiro Neto (2015), equitativamente, a partir da análise do filme *Magic Mike*, de Steven Soderbergh, fala-nos da existência de modelos corporais considerados adequados para compor o contexto dos *strip-teases* masculinos, os quais são moldados “na academia de musculação, nas compras de fantasias no sex shop e cuidados corporais (depilação)...” (: 44), com o intuito de dar a ver, nas apresentações, corpos “magros, musculosos, definidos e alguns tatuados, sendo um dos requisitos básicos para entrar e permanecer neste seguimento” (: 45). É necessário ponderarmos, no entanto, que a corporeidade modal laboral vem referir-se, em muitos contextos, a uma projeção corporal que, por inúmeras variáveis, pode não ser seguida à risca, como demonstram casos, dentre vários outros exemplos que se poderia pontuar, de instrutores/as de academias e/ou de aulas de natação que não detém um corpo malhado e em forma⁴².

É significativo considerar, todavia, que cobranças por tipos corporais são realizadas ao longo de toda a nossa vida e dizem respeito às formas, tonalidades e aspectos da compleição física. Vigilâncias, punições e remodelamentos fazem parte, por

⁴² Os corpos dos/as professores/as também funcionam como vitrines de suas habilidades e competências profissionais; algo que podemos ver bem forte, geralmente, mais nas academias de musculação do que na natação.

isso, do processo de interação entre os corpos. Por esse motivo, não nos são raras as brincadeiras e comentários em relação a algum aspecto de nossa fisionomia ou da de outrem, pois as corporalidades são vistas, analisadas e julgadas. A criação pela mídia de corpos belos, perfeitos, fictícios, de corpos *photoshops*, sucinta, muitas vezes, a vergonha pelo próprio corpo e – como disse anteriormente – demarca nossas posições na tessitura social:

... a vergonha do corpo assim suscitada não é talvez senão a vergonha de classe: o corpo efetivamente é, do mesmo jeito que todos os outros objetos técnicos cuja posse marca o lugar do indivíduo na hierarquia das classes, pela sua cor (descorada ou bronzeada), textura (flácida e mole ou firme e muscular), pelo volume (gordo ou magro, rechonchudo ou esbelto), pela amplitude, forma ou velocidade de seus deslocamentos no espaço (desajeitado ou gracioso), é um sinal de *status* – talvez o mais íntimo e daí o mais importante – cujo resultado simbólico é tão maior, pois como tal, nunca é dissociado da pessoa que o habita (Boltanski 2004: 167).

Benedito: É como eu te falei, hoje em dia, dificilmente tu vê como o papel principal de uma novela uma atriz gorda, um ator gordo, um ator muito magro, uma atriz muito magra, geralmente é aquele perfil, entendeu? Aquela perfil de corpo ideal, aquela pessoa malhada, aquela pessoa definida.

O olhar que percorre o corpo em toda a sua extensão e direção não isenta este de sanções de inúmeros graus, as quais, muitas vezes, não são percebidas como tais. Uma dessas diz respeito às brincadeiras que, individual ou coletivamente, se fazem sobre a paisagem corporal do Outro. Ainda que as pilhérias, as chacotas sejam reconhecidas como momentos de descontração do grupo em que o indivíduo, possivelmente, possa fazer parte, esta não deixa de ter algum efeito, pois

Noutros casos [que não a violação das leis do direito], a coerção é menos violenta; mas não deixa de existir. Se não me submeto às convenções mundanas; se, ao me vestir, não levo em consideração os usos seguidos em meu país e na minha classe, o riso que provoco, o afastamento em que os outros me conservam, produzem, embora de maneira mais atenuada, os mesmos efeitos que uma pena propriamente dita (Durkheim 1978: 47 – acréscimos meus).

Se certa corporeidade faz parte da cultura somática hodierna, apresentar-se de maneira desviada desse ideal aproxima o indivíduo do espectro do estigma: “Aqueles que se recusam a ingressar na cultura do corpo são mal vistos, são relaxados, fracos, acomodados. Atestam fraqueza moral e física e, por rejeitarem as idéias dominantes, acabam sendo excluídos, marginalizados” (Berger 2008: 20). Segundo Erving Goffman (2008: 14), o estigma é o afastamento negativo das expectativas particulares que estão em análise no momento da relação. Ou seja, corresponde a uma (ou mais) característica diferente da prevista socialmente. Assim, se o corpo magro (mais não ao extremo),

tonificado ou musculado é considerado a norma a se seguir atualmente, as pessoas que apresentam corporalidade diferente disso sofrem com algum preconceito, como a fala de Plínio*, acima, demonstra em relação às pessoas gordas. Ainda segundo Goffman (2008: 15): “Tendemos a inferir uma série de imperfeições a partir da imperfeição original”, algo que podemos notar, igualmente, no discurso de Plínio* quando este associa a pessoa gorda, obesa à preguiça, à “descompensação psicológica”, à lentidão; e no de Brian no qual diz não serem felizes pessoas meio gordas ou muito magras.

Para os indivíduos com quem conversei formalmente as pilhérias acontecem em vários espaços interacionais, como as academias, as escolas, as faculdades e em inúmeros outros contextos. O ser gordo, muito magro, ter o corpo desproporcional e mesmo o tamanho da genitália compõem a lista de aspectos utilizados pelas pessoas para zombarem de alguém:

Bernardo: ... Antes de eu malhar aqui, eu malhava em outra academia, já via muita gente brincando, como é costume chamar de **frango** pra quem carrega pouco peso... Chamar de **frango**... Na escola ocorre muito isso. Tem um banho de piscina e a pessoa fica de sunga, aí diz que tem o pênis pequeno. Muito comum o *bullying*, né? Então eu acho isso... Já vi muitas vezes acontecer...

Baruk: Mais na roda de amigos.

EJ: Aí, que tipos de brincadeiras são?

Baruk: Brincadeiras de ficar “humilhando”, entre aspas, um pouco a pesso... A outra pessoa, caso ela seja um pouco desproporcional ou não seja definida, tudo mais.

EJ: Entendi. Acontece da pessoa, dela ser mais gordinha, mais fortinha que a outra e receber esse tipo de brincadeira?

Baruk: Hum... Não só gordinhas, mas, também, pessoas [com ênfase] bem magras.

Bruno: Sim.

EJ: Que tipo de brincadeira foi?

Bruno: Ah! Tipo com as pessoas que não têm uma perna muito desenvolvida na musculação. Tipo: “Ah! Não-sei-o-quê é... Pernas de... Pernas de gaivota”, tipo esses apelidos, assim, pra tentar tirar uma brincadeira que, muitas vezes, a pessoa não pode gostar, né?

A cultura somática atual contribui para que haja cobranças de certas corporalidades. A despeito de termos ou não esse corpo, ou mesmo de conseguirmos atingir tal materialização por meio de exercícios físicos, práticas dietéticas etc., é a partir dela que moldamos nossos olhares e examinamos o próximo. Assim,

perscrutamos o corpo do Outro em busca de confirmações de que tudo está dentro das exigências atuais. Nesse contexto, além de presenciarem algum tipo de comentário ou gracejo de alguém para com outra pessoa, os jovens com quem conversei já foram alvos, igualmente, de brincadeiras em relação a aspectos de seus corpos. Algumas vezes são utilizadas, por eles, estratégias de defesa para tais comportamentos, acionando, desse modo, outra característica julgada “pior” que a sua:

Pascoal: ... Quando eu entrei [no ginásio], que era como eu estava a dizer, no meu caso, como eu era muito magro, não-sei-o-quê, as pessoas olham, assim, umas pras outras e veem um cara, pensam que é um frango da academia, e fazem... Fazem pouco, fazem trota, fazem graça. Tão sempre a xingar, dizendo: “Oh, o moleque tem braço de vara, vem pr’aqui treinar, fazer o quê?”, “É melhor ir pra casa, o teu lugar não é aqui”; então tem esse tipo de comentários desagradáveis, pois nem sabem qual é o objetivo da pessoa ou não. Mas quando chega um cara novo, assim, normalmente magro, ou chega lá, pode até não ser muito magro, mas que não sabe fazer os exercícios corretamente, tá a fazer mal, não pega bem no peso, todo mundo goza, todos os caras lá na academia gozam, dizendo que o gajo é estúpido, não sabe o que tá a fazer, “devia tá é em casa, vem pr’aqui só [em um tom bem baixo de voz] fazer merda”, etc.

Patrick: [...] eu sempre fui uma pessoa muito, muito magra... [...] Eu, quando era mais novo, cheguei a um ponto de ser magro, ao ponto de conseguir meter minha mão pra dentro das costelas... Eu era, mesmo, muito magro! Depois comecei a fazer exercícios e comecei a ganhar alguma massa muscular e foi aí que minha paixão pelo desporto se desenvolveu. Depois que perdi, por ter começado a fumar, depois que perdi voltei a emagrecer bastante e agora que, sim, tô conseguindo, no momento, recuperar a estrutura corporal que tinha quando comecei a fazer exercício físico... Mas, sim, chegaram a gozar comigo, porque eu era magro, XXXX, um palito... O problema que eu nunca tive... Aliás, eu... Eu arrematava ao contrário sempre. Dizia sempre: “Antes magro do que, contudo, gordo!”, que é uma coisa que pra mim... Não é que eu tenha problemas com pessoas gordas, tenho amigos que são... Que têm o peso acima da média e tudo, não tenho problemas com isso, mas foi uma coisa que pra mim, pá, eu não sei se conseguiria lidar com isso, é só nesse sentido... Por isso é uma coisa que eu sempre digo: “Antes magro do que gordo”.

Contato com o Patrick

Patrick tem 20 anos, é solteiro, heterossexual, moreno e está no décimo primeiro ano. Considera-se de *status* médio e agnóstico. Quando o convidei para participar da pesquisa este saía do vestiário e aceitou de pronto. Anotei seu número de telefone em um caderninho que trazia à altura e lhe entreguei um papel com o meu. Combinamos de nos encontrar, pela parte da tarde, em uma das esplanadas do prédio onde o ginásio que treinávamos ficava. Patrick chegou pouco tempo depois da hora combinada e nossa conversa durou mais de uma hora e trinta e dois minutos.

As conversas que tive com os homens jovens demonstraram, ainda, que entre a natação e a musculação, é no ambiente desta última que ocorrem mais comentários e brincadeiras sobre o corpo, como os excertos acima já corroboram. Uma vez que o crescimento corporal é mais visível – e muitas vezes, mais intencionado – na musculação do que na natação, a materialização corpórea dos indivíduos passa a ser mais requerida, o qual começa desde o início da inserção nesses lugares. O iniciante é cobrado, justamente, por estar nesse grupo, de neófito. Isso também fora identificado na pesquisa de Chaves (2010) com a categoria “sucata”, utilizada para designar os novatos “bastante magros sem nenhum tipo de definição corporal e que pega pouco peso” (Chaves 2010: 86). Segundo o pesquisador, ainda que tal termo possa ser empregado como forma de brincadeira entre o grupo dos malhados, tal ação, em alguns casos, é propícia a gerar brigas nas academias, pois “A idéia de ser *sucata* entre os praticantes veteranos traz consigo a idéia de perda de massa muscular; logo, uma diminuição do seu potencial físico e até mesmo hierárquico perante o grupo” (Chaves 2010: 88 – itálico no original). Assim, outras pessoas, com maior tempo de ginásio, podem ser alvos de comentários e pilhérias pelo pouco desenvolvimento das pernas, por treinarem os glúteos (no caso dos homens), por se olharem em demasiado no espelho, dentre outros comportamentos.

Estava treinando o bíceps quando escutei um senhor comentando com um rapaz sobre o Benedito, que acabara de deixar o local onde estávamos.

- Égua! O Benedito malha muito, puxa bastante peso, mas ele não cresce, né? – disse o senhor.

- É! – respondeu rindo o rapaz que com ele conversava.

- A genética dele é assim, não favorece. O Breno malha e é todo **bombadão** [com as mãos ia mostrando, no próprio corpo, onde o rapaz era bombado: peito e braço], é todo entroncado, mas ele...

O outro rapaz apenas ria.

Clava, outubro de 2014

O corpo é alvo de facécia, não apenas nos ambientes de exercícios físicos, mas para além deles, como já apontado anteriormente. Afora o volume corporal, o pênis aparece como a parte do corpo que, a partir dos comentários dos interlocutores, mais é passível de algum gracejo.

Beno: Quando eu fui para uma viagem de campo [...] a gente ficou alojado por vinte dias. [...]. Eram dois quartos, eu não tava perto dos meus amigos mesmo, da minha turma, mas lá no quarto da minha turma rolava brincadeira de [em um tom baixo de voz] um falar do pau do outro, não-sei-o-quê... Eles encarnavam nos colegas que tinham pau [entre risos] grande.

EJ: O quê que eles falavam?

Beno: Era cavalo, eram não-sei-o-quê, esse tipo de coisa [...]. Eu ouvia muita piada, que eles faziam, com quem [entre risos] tinha pau grande. Ou então, quando o cara era negão falava que era [esticou o braço esquerdo e posicionando o dedo indicador da outra mão na dobra do cotovelo indicou o tamanho da genitália], [em um tom de voz baixo] que tinha o pau grande, entendeu? Mas... Era brincadeira...

Há de se ressaltar que o grupo que a pessoa está inserida colabora para o tipo de brincadeiras que serão feitas ou não, pois, de acordo com alguns interlocutores, determinadas chacotas só devem ser realizadas entre amigos e se a pessoa alvo tiver ciência de que se trata de uma facécia e, também, aceitar tal pilhéria; uma vez que não se pode brincar com o corpo de qualquer um. Comentar em tom jocoso com alguém sobre braços, pernas, barriga, por exemplo, parece ser comum entre indivíduos que, não necessariamente, se conhecem; enquanto que falar sobre o pênis de alguém – sobre o tamanho, no caso – faz parte de grupos de amizades ou coleguismos mais íntimos. Em vista disso, como resalta Paulo, as brincadeiras realizadas em um grupo fechado nunca devem ser para fazer alguém se sentir mal e nem para tornar o autor de tal ação no grupo o melhor – o que, convenhamos, nem sempre acontece. Ainda assim, há pessoas com quem conversei que veem tais atitudes de chacotas com o corpo de outrem que não faz parte do círculo de amizade como um comportamento “infantil” e, mesmo, “idiota”.

Sobre a questão do pênis, é necessário comentar ainda alguns pontos, uma vez que essa parte do corpo contribui para a noção de ser homem e de masculinidade dos jovens entrevistados – como já comentei anteriormente – e, também, porque colabora para a reflexão sobre a relação dos homens com os seus corpos. Para José Gaiarsa (1989), Roberto DaMatta (2010) e Rafael Aragão (2011, 2012a, 2012b) a masculinidade no Brasil é medida pelo tamanho da genitália e, também, pelo uso que se faz dela. Portanto, o cuidado, a preocupação com o pênis, o querer mostrá-lo, exibí-lo, ou escondê-lo, é constituinte da formulação das masculinidades. A relação do sujeito masculino com a sua genital, desde muito cedo, é vigiada, sofre certas cobranças – principalmente durante o período do despertar sexual – e, conseqüentemente, isso provoca inúmeras facécias, fazendo parte, desse modo, do “trabalho de virilização” (Bourdieu 2014: 44) do indivíduo.

A preocupação com o pênis (tamanho e espessura) relaciona-se com o modelo de masculinidade ideal que ensina, desde criança, que os homens devem demonstrar potência e virilidade (Gomes, Rebello e Nascimento 2010) e isso, muitas vezes, gera inseguranças nos homens, influenciando em suas amizades e relações amoroso-sexuais; uma vez que, comumente, se relaciona virilidade, atividade (no sentido de “ativo” e “passivo” nas relações sexuais) com o tamanho do órgão sexual masculino⁴³ (Kronka 2005; Romero et al. 2007; Simões, França e Macedo 2010, dentre outros). Desse modo, as brincadeiras em torno do pênis atacam diretamente a masculinidade dos homens e essas investidas colocam em cena a feminilização desses indivíduos; algo que, desde a infância, os homens foram ensinados a temerem, a se afastarem.

É significativo considerar que o pênis (seu tamanho, ereção, capacidade ejaculatória) está extremamente ligado a signos de poder, força, violência, competência e virilidade e que os nomes utilizados para se referir a essa parte do corpo do homem faz referência a essa associação, além de objetos em formatos fálicos. Dentre as empregadas pelos jovens que entrevistei estão: pila, pilinha, pixa, mangalho, zezinho, caralho, gaita, coisa, cacete, caceta, pipinha, pipi, pau, pica, pomba, pinto, pintinho e piroca⁴⁴. Outra questão interessante é que alguns interlocutores atribuem outros nomes, mais pessoais para, digamos, se referirem a sua genitália como, por exemplo, Capitulum, Bruninho, Paulão, Dioguinho, Júnior, Bob, Billy etc. A utilização de uma nomenclatura ou outra dependerá do contexto e dos indivíduos envolvidos na interação com os agentes sociais em questão.

Para algumas pessoas, a mídia é a ferramenta utilizada pela sociedade para ratificar o discurso de que o comprimento peniano, principalmente, importa nas relações sexuais. Assim, o tamanho e espessura do pênis, em flacidez ou ereto, faz parte das queixas e imaginários masculinos, conforme Gaiarsa (1989), Romero et al. (2007), DaMatta (2010), Gomes, Rebello e Nascimento (2010) e Aragão (2011, 2012a, 2012b) demonstram em seus textos. Graziela Kronka (2005), que trabalha com revistas de nu, revela-nos a centralidade do pênis percebida nas fotos de modelos que recheiam os

⁴³ Essa questão deve ser pensada seguindo a mesma linha de reflexão que Anne Carol (2013: 45) faz sobre a presença “adicional” do cromossomo Y no par cromossômico XY. Ou seja, ter o cariótipo XYY não torna os homens mais violentos, com uma masculinidade mais exacerbada (como se acreditava), do mesmo modo que um genital grande e/ou grosso não é prova cabal de ser o indivíduo viril e ativo (o penetrador) nas relações sexuais. Esse é mais um mito criado por parte da sociedade e ratificado pela mídia, principalmente a pornográfica. Cf., por exemplo, María Elvira Díaz Benítez (2009).

⁴⁴ Para esses e outras designações em contextos diversos, cf. José Gaiarsa (1989), Richard Parker (1991) e Maggie Paley (2001).

periódicos analisados e os textos que se seguem a essas imagens. Por sua vez, Rafael Aragão (2012a), em sua dissertação, vai lidar com as cartas que alguns homens enviaram à Revista Playboy. Dentre as preocupações desses consumidores, o pênis tem lugar de destaque: ereção, disfunção erétil e tamanho, são alguns dos temas abordados. De acordo com esse autor, o editorial da revista fala a um homem seguro, convicto da sua masculinidade heterossexual. No entanto, Aragão chama atenção para o fato desse veículo de comunicação ter uma sessão onde pretende responder as angústias desse masculino, demonstrando que o consumidor alvo do periódico não é isento de conflitos e contradições.

Patrick: Acho que é um bocado, também, a tal situação, a tal situação dos mídias, da sociedade em si que impõe um bocado dessa cena de ter um pênis grande [...]. É a ideia errada que é passada pelos mídias e pela sociedade em si.

Paulo: Muita gente vai aprender a sexualidade na pornografia. E o que é a pornografia? É um filme, é ficção. Aquelas pessoas existem, sim! Mas, se calhar, só um por cento da população. Um pênis normal, uma vagina normal não tem necessariamente de... Ser daquela forma. [...] agora neste momento, com Internet, ver pornografia é algo super fácil, o que vai acontecer é que as pessoas vão... São educadas de uma forma errada [...].

Mídias pornográficas e/ou eróticas não apresentam quaisquer corpos em suas películas e páginas. Esses são escolhidos com muito critério, conforme demonstra María Elvira Díaz Benítez (2009). Nem todas as pessoas são consumidoras desse tipo de produto; contudo, é notório que comparações e parâmetros em relação à performance sexual e ao pênis são realizadas entre os/as usuários/as. Desse modo, cria-se e ratifica-se o mito de que o tamanho do pênis é importante para o prazer feminino. Mas, apesar desse aparente altruísmo, os indivíduos masculinos estão também preocupados com a imagem de si perante os outros, do que as mulheres e outros homens falarão deles.

Bernardo: Acho que pelo... De novo pelo fato do que os outros vão pensar. Muitos: “Ah, vão achar que é pequeno, vão me humilhar, me avacalhar, vão me sacanear, vão... Se for uma mulher, ela vai me sacanear...”, não! É muito pelo o que os outros vão pensar, entendeu? Que eles têm essa preocupação: “Ah, será que é pequeno, será que ela já viu maior, será que não viu”, entendeu? Então, é muito por isso, pelo o que os outros vão pensar mesmo.

EJ: Essa questão do pênis, então, mexe com o homem?

Beno: Mexe! Mexe muito isso aí, porque... O cara... Se a mulher falar “Teu pau é grande”, o cara já fica mais empolgado e tal.

EJ: E se ela falar “Teu pau é pequeno”?

Beno: Aí, porra! Aí tu... Já... Já não é a mesma coisa, entendeu? Já ficas menos...

EJ: Já fica meio...

Beno: É capaz de tu até [entre riso] broxar [...].

Em vista do exposto, a questão do pênis não está ausente dos ambientes da musculação e da natação. A presença da genitália masculina, nesses espaços de remodelamento corporal, é real e fantasmagórica ao mesmo, pois faz parte de brincadeiras, conversas, olhares e preocupações, além da ideia de masculinidade dos indivíduos e, igualmente, do óbvio que é: ser corpo. Se se considerar que, portanto, o pênis, na sociedade em geral, está diretamente relacionado com a virilidade, e esta é cobrada dos indivíduos masculinos, o tamanho da genitália masculina torna-se um assunto apontado como importante e, ao mesmo tempo, perturbador para muitos homens, uma vez que “... os homens tendem a se mostrar insatisfeitos com as partes de seu corpo que consideram ‘pequenas demais’” (Bourdieu 2014: 96). Destarte, a simbologia envolta na genital do homem provoca neste a vergonha ou o orgulho, o medo ou a confiança.

Pablo: Normalmente quando é pequeno, quando é grande acho que não tem [preocupação com a genital]. Eu nunca tive [...], mas, se calhar, há outra pessoa que não toma banho na academia, tem mais vergonha, pode acontecer [...].

Apesar da confiança que o remodelamento corporal dá para muitos dos jovens masculinos com quem conversei, alguns deles admitem que o tamanho do pênis seja um ponto importante de se considerar nos relacionamentos sexuais, uma vez que, para eles, há sempre o receio de não agradar as mulheres e estas comentarem, espalharem em seus grupos tal acontecido, como relatei anteriormente. Para muitos desses jovens, a transmutação corporal via exercícios físicos é importante para chamar a atenção, para atrair as pessoas com quem eles irão se relacionar sexualmente. Contudo, de acordo com os mesmos, a confiança que a modificação da compleição física dá não os isenta de certa preocupação com o pênis e, igualmente, com a performance sexual⁴⁵.

⁴⁵ É necessário considerar que, apesar dessa preocupação, para alguns interlocutores como Patrick e Bernardo, por exemplo, o tamanho do pênis pode importar em contextos de interações sexuais rápidas; mas, não para compromissos mais duradouros. Dessa forma, outros comportamentos e práticas, que não têm o corpo como mediador principal, entram em cena. Alfredo Romero et al. (2007: 78), sugerindo alguns procedimentos aos profissionais que atendem os homens preocupados com a genitália, dentre outros pontos, dizem: “... este profissional deve mostrar [ao paciente] (...) que, mesmo se ele tiver um pênis pequeno ou um micro pênis, poderá satisfazer sua parceira. Explicar sobre a variedade de motivações que interferem na atração sexual entre homem-mulher. E que para muitos, sexo é parte de uma relação mais ampla, onde antes que se concretize a atividade sexual propriamente dita, forma-se na

Pascoal: Talvez por que seja a maior prova de virilidade que um homem possa... Pois um homem pode... Pode impressionar as moças, sendo bombado, sendo cheio, XXXX que é muito bom, chegar lá, tirar a camisa e as meninas querem do lado, ficarem loucas, mas, depois, no hotel, no final da festa é que se ver quem é quem, né? E, aí, os homens têm essa tendência para darem muita importância a isso, porque se não conseguem proporcionar... Eu, como homem, eu próprio sou assim, sinto isso; se... Eu posso ser tudo o que uma rapariga sonhou, mas se na cama eu não responder às expectativas, aí depois ela vai ficar decepcionada, vai ficar desiludida e depois até vai comentar com as amigas: “Oh, o cara pode até ser bonito, pode até ser cheio, ter grana, mas na cama não vale nada”. Aí, acho que é... Quando uma rapariga diz isso, quando há um testemunho de uma rapariga sobre um homem nessas maneiras, nessa condição, acho que é deitar o homem completamente a baixo. A rapariga na cama não tem que ser... Há raparigas que são... Pronto, conseguem proporcionar prazer ao homem, mas não têm essa obrigatoriedade. Mas, o homem tem que ser o líder – fora, em vários aspectos – e tem que ser na cama também, tem que saber dar prazer, senão... Não sei se com os homossexuais acontece o mesmo ou não, mas no caso das raparigas, elas depois deitam a baixo um homem. Um homem que não serve na cama é... Já não é quase homem, é muito mal visto.

Roberto DaMatta (2010), ao analisar uma brincadeira da sua infância e juventude entre os rapazes de São João Nepomuceno, chamada de “Tem pente aí?”, nos diz que:

Nos vestiários, na piscina, nas rodas de bar ou nos banhos de ribeirão, falava-se ou aludia-se ao tamanho do pênis com muita frequência. Ter o pênis grande era sinal de orgulho e marca de masculinidade, embora todos conhecessem o ditado (que soava como um embuste) segundo o qual “tamanho não é documento” – entendido por todos como uma espécie de prêmio de consolação e como a expressão do bom-senso que tudo equilibrava (DaMatta 2010: 143).

Essa noção de “prêmio de consolação” parece perpassar o pensamento dos jovens com quem conversei. Todos eles concordam de que “tamanho não é documento”, e justificam tal adágio dizendo que o que vale mesmo, na relação sexual, é saber utilizar o pênis, ter ereção, ou seja, é proporcionar, com o tamanho da genitália que se tenha, a satisfação sexual na parceira ou parceiro. A categoria “tamanho”, portanto, é pensada como possibilidade de satisfação sexual e nesse contexto entra o saber utilizar a genitália masculina como uma forma de amenização da questão estética peniana.

Pascoal: [...] o que importa não é o tamanho, mas sim a capacidade XXXX, o que ele faz. O pênis pode ser maior, por exemplo, há caras que podem ter um pênis muito grande, mas... Até tomam anabolizantes, por exemplo, e levantam no ginásio, levantam tudo, quando chega a hora de levantar o mais importante não levantam. Portanto, até podem ter um pênis enorme, mas se não conseguem por a trabalhar não adianta de nada. E há caras que podem ter um pênis mais pequeno, podem não ser tão avantajados, mas

na cama conseguem proporcionar uma satisfação até maior às mulheres do que um cara que tem um pênis maior...

Brian: Depende! Como ele [Benedito] falou, se souber fazer, mano.

EJ: Aí o tamanho vai importar então?

Brian e Benedito: Não!

Brian: Mas também, se tiver grande e não souber fazer também é a mesma merda.

Contudo, apesar desse discurso de conformação com a “genética”, com a “fisiologia”, de que o que vale é o desempenho sexual, os interlocutores concordam, igualmente, que a questão do tamanho da genitália masculina causa incômodos para muitos homens, pois “mexe com o psicológico”, e é um ponto “vexatório”. Para Paulo é uma questão de educação e realmente o é, pois como falei anteriormente, os homens são ensinados, desde muito cedo, a considerar sua genitália em suas relações sociais.

Beno: [...] Mexe muito com o psicológico [falando bem baixinho] o tamanho do pênis do cara. Aí, às vezes, o cara se sente, sei lá, superior por que tem... Ou, tem muito problema psicológico, ou quando o cara tem o pinto pequeno ele... Se sente, assim, mais fraco, assim, mais... Tem esse psicológico, mas... O cara se sentir mais ou menos homem, eu acho que não.

Benedito: [Rindo] Como diz aquele ditado: “tamanho não é documento”, né? [...] Uma pesquisa indica que, para causar prazer na mulher, basta três centímetros, entendeu? E meio que, meio⁴⁶ que seja algo vexatório – o pessoal te usa como exemplo –, mas eu acho que não muda em nada não; não tá relacionado a isso.

Não há como discordar da existência de fatores psicosssexuais e sociais na relação dos homens com o pênis. A questão psicológica pode ocasionar vários outros comprometimentos, como o funcional, por exemplo; assim como o inverso também é passível de acontecer, conforme apontam Romero et al. (2007) a partir da análise de textos publicados no *News Bulletin* da International Society for Impotence Research. Além disso, é significativo considerar que não fica perceptível no discurso dos jovens com quem dialoguei se eles levam em consideração, para falarem se um pênis é pequeno ou grande, a situação de flacidez ou ereção da genitália. No entanto, em contextos como os vestiários e os urinóis, geralmente, as comparações acontecem com o pênis flácido, o que não revela o real tamanho da genitália, uma vez que “os pênis pequenos aumentam mais o seu tamanho durante a ereção que os pênis maiores” (Romero et al. 2007: 73). No geral, o que há bastante sobre esse tema são mitos,

⁴⁶ Pelo contexto da conversa e entonação da voz de Benedito, fica claro que a palavra que ele se referia aqui era “mesmo” e não “meio”.

construções que oprimem utilizadas por muitos dos agentes sociais entrevistados, dentre outros também, nos momentos de brincadeiras, de chacotas, as quais precisam ser desconstruídas.

A questão do corpo ideal está presente em toda a discussão feita até aqui. Cabe esclarecer, no entanto, que o termo *ideal* refere-se ao que é idealizado, imaginado em um sentido de modelo a ser seguido. É, portanto, um desejo, uma meta do indivíduo; no caso, um desejo corporal, algo a ser alcançado – e em alguns casos, superado. Nesse processo, o indivíduo não está sozinho, como as próprias entrelinhas já deixam depreender. Ferreira (2008: 122-123), considerando as reflexões de Tory Higgins e Guy Bajoit sobre a questão da identidade pessoal, nos diz que esta é gestada relacionalmente possuindo, assim, um nível intrapessoal – onde o indivíduo concilia a representação que tem de si, aquilo que ele pensa ser, com aquilo que ele gostaria de tornar-se – e um nível interpessoal – onde a imagem que tem de si é negociada com a impressão de si e expectativas que, ele acredita, têm outros a seu respeito. O remodelamento corporal passa pelo mesmo processo reflexivo pautado na intersubjetividade. E esse é um pensamento parecido ao de Malysse (2007) para quem os adeptos da *corporaltria*⁴⁷ agem no espaço existente entre o que podem fazer com seus corpos (em um sentido de materialização e exposição) e o que devem fazer com este (o que lhes é imposto). Mas, onde se encontram os exemplos corporais a serem seguidos? Quem os forja?

Para muitas das pessoas que refletem sobre questões relativas ao corpo, a mídia, com os seus vários aportes, é a principal divulgadora da cultura somática atual, ou dizendo de outra forma: de *modos corporais*. É ela que dita as normas da corporalidade, que contribui para o “corpo-espetacular” (Costa 2004: 230), “virtual” (Malysse 2007: 93), *photoshop*. Quando o indivíduo vê na tela, nas páginas, nas molduras o corpo criado pelos meios de comunicação, como em uma relação imagem-espelho, este realiza um processo avaliativo, comparativo. Em vista disso, é excorporando que os agentes sociais procuram alcançar o corpo que lhes serve de (lhes é apontado como) modelo, de corpo ideal.

Bernardo: [...] Tu olha pra uma pessoa: “Pô, um modelo!” um corpo que eu achasse... Que eu acho que vou me sentir bem, vou trabalhar para ficar daquele jeito, entendeu?

⁴⁷ A *corporaltria* refere-se ao culto ao corpo na sociedade contemporânea. Cf. Stéphane Malysse (2007) e Mirela Berger (2008).

Plácido: [...] Eu não gosto de coisas muito... Grandes, né? Acho que isso está um bocado arranjado, passado de moda, não é? Homens muito, muito bombados, muito musculados, mas acho que um corpo, um corpo de homem definido, sem muita gordura; mas, também, não é definido demais, acho que é, acho que é o corpo ideal. E, pronto, um corpo equilibrado e que mostre saúde, não é? Acho que isso é o, é o ideal de que não mostre demasiado, não mostre se toma anabolizantes, ou não mostre o inchaço de mais, ou não mostre... Acho que isso é um corpo ideal.

EJ: E tem algum exemplo que tu pudesses me dá?

Plácido: Não sei. É difícil. Não consigo... Até por que, normalmente, o que aparece na mídia são XXXX são aqueles homens todos musculados e não-sei-o-quê e isso não é... Eu não olho pra aquilo, não acho que seja, não acho que seja muito bonito, acho até que é um bocado irreal, não é? Tentam nos fazer construções, tentam nos construir na cabeça que aquilo é o... É que é, quando no fundo nem a maioria das mulheres gosta, gostam de homens assim e nem é uma coisa assim tão alcançável ou possível, não é? Eu acho que nos corpos masculinos tem... Nos corpos, em geral, tem é que mostrar... São muito de ser o que são e... Pronto!

O corpo que a mídia impõe, geralmente, é o corpo magro, que aparenta jovialidade, é musculado ou torneado, de aparência saudável. Como tantos outros objetos de consumo propagado pela mídia e pela publicidade, o corpo (mas não qualquer um) tornou-se mais um item que precisa ser consumido (Goldenberg e Ramos 2002: 32). Ao se adquirir esse corpo, visa-se, igualmente, absorver sua simbologia de sucesso, saúde, disciplina. Desse modo, ter o corpo da moda colabora para alguma propaganda do indivíduo. É outro capital a considerar nas relações sociais (Sabino 2000, 2007). Assim como, para Loïc Wacquant (1998: 80), o corpo do pugilista está sobre “apreciação visual” do público, os corpos das pessoas que praticam alguma atividade física, igualmente, estão, pois muitas buscam um ideal corporal para/de exibição, contribuindo, dessa feita, para movimentar uma enorme rede mercadológica que envolve academias, centros estéticos, médicos, farmacêuticos, lojas de acessórios desportivos, alimentícios etc. (Sabino 2000: 65).

Em vista disso, algumas características aparecem nas falas dos jovens entrevistados como significativas ao se pensar o corpo que é considerado ideal. Almeja-se, portanto, um corpo com o mínimo de adiposidade, definido, com músculos aparentes e, principalmente, proporcional; uma vez que, a simetria, a proporcionalidade, o equilíbrio são atributos valorizados por esses jovens, pois aponta, implicitamente, para a disciplina, o cuidado de si, a força de vontade na realização contínua dos treinos e de dietas desses agentes sociais, dentre outras ações por eles praticadas.

Baruk: Olha, é um corpo proporcional.

EJ: Que seria?

Baruk: Digamos que nem muito... Nada de exageros. Não gosto muito de... Nem muito magro, nem muito gordo e sim proporcional, igual um modelo grego renascentista. Já vistas aquelas estátuas?

EJ: Tipo do Davi?

Baruk: Exatamente. Por exemplo, você percebe caras que tenham ombros largos pra caramba e da cintura pra baixo começam a afinar. Ou, ao contrário, homens que têm a cintura... Mulheres que têm cintura grande e pra cima começam a afinar. Creio que seja... Tudo deva ser proporcional.

Paulo: Pra mim, em termos de homem, é o tal *V-Shape*. Não gosto de homens... Não gosto de fisiculturistas, acho que é extremamente exagerados. Mesmo no meio, que eventualmente vai ser o meu meio profissional, não fica bem. Eu, pessoalmente, também, não acho muita piada os homens extremamente musculados. Pra mim, o ideal é um corpo bastante proporcional. É... A proporcionalidade do corpo é muito importante. É, talvez, a parte mais importante do físico do que... O torna mais atrativo. Depois, naturalmente, magro, mais ou menos, em termos de porcentagem de massa gorda, por volta dos 15%, 13%. Muito menos do que isso, na minha opinião, torna-se feio.

EJ: Então não seria um corpo totalmente em V, mas um corpo mais...

Paulo: ... Em V, um V, mas não tão acentuado. Uma coisa mais natural. Por isso... Posso dar um exemplo... Normalmente os atletas da natação, na minha opinião, talvez porque eu andei muito no meio, eu gosto muito do físico dos atletas de natação, que tem um corpo *V-Shape*, que são magros, não têm músculos extremamente grandes, mas têm tonificação.

O corpo ideal está ligado, também, a certa noção de juventude duradora⁴⁸. Não direi que o corpo ideal da prática física (sem adiposidade, torneado ou musculado etc.) não seja algo atingível, pois temos exemplos, principalmente, em tempos de *Instagram*⁴⁹; contudo, esse êxito total não é para todas as pessoas, haja vista que inúmeros fatores, como sociais e biológicos, contribuem para distanciamentos, aproximações e exatidões do modelo corporal ideal. Além disso, há de se considerar que existem vários tipos de corpos ideais, dependendo da finalidade, da profissão, do *status* social (Boltanski 2004). Por exemplo, o corpo ideal para uma ginasta difere do que é

⁴⁸ Falo aqui de “juventude duradoura” e não “eterna”, porque a ideia que muitos dos jovens entrevistados têm é de preparação do corpo para quando a velhice chegar, ou seja, de retardar e combater “sintomas” comumente associados à fase de vida anciã. Em resumo: os interlocutores deste trabalho não temem de ficarem velhos, de verem seus rostos e corpos enrugados, eles não querem ser jovens para sempre (fazer plásticas para conseguir uma aparência jovial, por exemplo), mas poder envelhecer com mais qualidade corporal, obtida por meio de exercícios físicos, boa alimentação e outras práticas a isso associadas.

⁴⁹ O *Instagram* é um aplicativo de compartilhamento de fotos e vídeos curtos, desenvolvido por Kevin Systrom e Mike Krieger. Não são raras as fotos de pessoas, famosas ou não, que publicam imagens suas de antes e depois de começarem a praticar algum exercício físico e de fazerem dietas ou reeducação alimentar.

considerado ideal para um modelo de passarela. Também, o que é requerido em relação ao corpo de um trabalhador braçal é diferente do corpo do patronado.

É necessário dizer, portanto, que há dentro do modelo midiático corporal hegemônico, algumas variâncias. Em vista disso, o ideal de corpo irá influenciar os objetivos planejados para a realização dos exercícios físicos e estes, conseqüentemente, incidirão diretamente nos projetos corporais dos agentes sociais. Para Malysse (2007: 101) o corpo do *personal trainer* (PT) fornece ao aluno um modelo corporal ideal. Isso pode ser bem melhor observado no campo realizado no Lyceum, em Lisboa, uma vez que há um número grande de homens trabalhando como PTs e o vestiário utilizado para eles trocarem de roupa e tomarem banho era o mesmo dos alunos, o que possibilitava a estes verem os corpos dos professores sem a barreira das roupas. Em Belém do Pará a situação era diferente. Primeiro, no que diz respeito à musculação, havia uma predominância de mulheres como professoras. Somente uma vez, no período em que estive em campo, a Clava teve um professor, mas este ficou pouco tempo e, também, não possuía um corpo que pudéssemos enquadrar na categoria de “musculado”. Os homens como professores aparecem mais comumente na natação. Durante as aulas era possível, então, observar o corpo dos professores do Olympia, pois estes, geralmente, estavam somente de sunga ou vestindo, além desta, uma camiseta. No entanto, o vestiário que utilizavam era separado do dos alunos. No Aquarium, os professores até utilizavam o mesmo vestiário (mas não para se banharem), porém estavam sempre vestidos de camisas, bermudas e, às vezes, bonés e, também, não apresentavam um corpo musculado ou torneado, estando um deles bem acima do peso.

Dentre os jovens interlocutores deste trabalho, somente um disse-me considerar uma professora e um professor da natação como exemplos corporais. Os demais citaram outros nomes como o jogador de futebol Cristiano Ronaldo, o ator estadunidense Zac Efrom, os fisiculturistas Ronie Coleman e Felipe Franco e o personagem Hércules (interpretado pelo ator Kevin Sorbo no seriado “Hercules: The legendary Journeys”). Os motivos são vários: pouca ou nenhuma adiposidade, definição, proporcionalidade corpórea, grande quantidade de massa muscular, dentre outras.

A questão do modelo corporal que os jovens entrevistados veem como ideal é significativa para pensarmos a intersubjetividade por eles experienciada – que pode ser algo próximo ou mais afastado, a depender dos atores sociais envolvidos –, a qual aponta diretamente para os projetos corporais planejados – algo que discutirei melhor

mais à frente. Os homens com quem conversei formalmente, portanto, dialogam e negociam o remodelamento de seus corpos levando em consideração as pessoas outrora citadas, buscando se aproximar o máximo possível desses ideais e, quem sabe, superá-los. Contudo, alguns indivíduos, ainda que visando mudanças em suas paisagens corporais, longe de se espelhar em alguém, procuram produzir os espelhos.

Pedro: ... Eu tento fazer... O ideal sou eu mesmo. Eu vejo meus objetivos e quero perder aqui, quero ganhar ali. Mas assim, não... Compro as revistas, as revistas de musculação, mas nunca tive nenhum modelo a seguir. É mesmo, a minha coisa... Faço, todos os exercícios que eu faço são mesmo com a intenção de fazer o meu próprio corpo...

Brian: Cara, não tenho nenhum espelho, assim, eu queria ser o espelho, entendeu?

Benedito: Como ele [Brian] falou, entendeu? Eu tento ser uma coi... Eu tento ser o espelho, entendeu? Porque, geralmente, tu não queres ser igual ao cara que é fortão, tu sempre quer ser maior do que o cara que é fortão, entendeu? Então, meio que tu tens uma meta, que é ficar grande, entendeu?

É no corpo que se inscreve o ser homem dos jovens com quem conversei. É também nele que acontece a materialização da incorporação de práticas, valores e comportamentos ligados às masculinidades, vivenciadas pelos interlocutores deste trabalho ora de maneira aproximada, ora distanciada em relação a cada um. Essa estrutura carnal e social é moldada e remodelada considerando-se relações subjetivas e intersubjetivas, as quais são concretizadas em atos e discursos reiterados e reelaborados pelos agentes sociais. Assim, no contexto da musculação e da natação, a gramática de produção corporal dos homens entrevistados dialoga e negocia com a cultura somática e corporeidade hodierna. Nesse processo, a excorporação tem papel importante, pois contribui para a formulação dos projetos corporais dos indivíduos, e, igualmente, para a execução destes, uma vez que é necessário ponderar e negociar os limites que corpo impõe à concretização dos objetivos planejados, julgando os melhores meios (motores, dietéticos, farmacêuticos, dentre outros) para se alcançar o que fora bosquejado.

Remodelamentos e projetos corporais

Praticando musculação e/ou natação • Objetivo no ginásio e na natação • Depilação • Parte do corpo que mais exercita • Superando os limites corpóreos • Dor •

A prática de exercícios físicos proporciona aos jovens entrevistados parte das ferramentas necessárias para o remodelamento corporal dentro do que consideram como sendo ideal para eles mesmos. É necessário lembrar, no entanto, que a busca que eles fazem pela transmutação do corpo está contextualizada na cultura somática hodierna. Assim, dentre vários marcadores, a atividade física planejada, estruturada e repetitiva une os jovens com quem conversei, pois é por meio da musculação, da natação – e de outras modalidades desportivas que eles (eventualmente) praticam – que cada agente social procura trabalhar seu arcabouço carnal e, assim, atingir seus objetivos; e, tudo respaldado pelo discurso somático da atualidade – esse que, de certa forma, blinda os indivíduos em suas inúmeras ações de remodelamento –, contribuindo na formulação, portanto, de paisagens corporais polissêmicas.

É possível pensarmos, por conseguinte, a natação e a musculação – assim como muitas outras práticas desportivas – como fomentadoras de corpos condizentes ao tipo de sociedade que temos atualmente: uma que privilegia o espetáculo (o corporal aí incluso) e a noção de saúde, de vida com qualidade e que fornece diversos produtos para tal ação⁵⁰. Desse modo, a estética corporal aparece como sendo algo muito almejado por parte dos jovens, porque também lhes é imposta pela sociedade e propagada pela mídia⁵¹, ainda que haja variações no grau de aparência que se busca. De maneira semelhante, temos o discurso da saúde, do bem estar envolto no ato de trabalhar o corpo por meio de exercícios físicos; discurso esse que procura disciplinar os corpos que são considerados normais (não musculados), muito magros ou (demasiados) gordos. O parecer belo, chamativo e o estar com o corpo saudável entram em negociação e, a depender dos contextos, um se sobressai sobre o outro.

⁵⁰ Sobre a associação entre esportes e sociedade, cf. Jon Savage (2009), Victor Melo (2011, 2013) e Edivaldo Góis Jr. (2015).

⁵¹ Sobre modelos corporais masculinos e mídia, cf., dentre outros, Adriano Porto e Raquel Lins (2009), Soraya Barreto Januário (2010, 2014), Cláudia Ribeiro (2011), Soraya Barreto Januário e António Cascais (2012), Begonya Enguix (2012).

Benedito: [...] muitas pessoas, hoje em dia, malham com a intenção de ficar com o corpo sarado, é... Ficar com aquele, com aquele braço legal; as mulheres, no caso, com aquele bumbum durinho, definido. [...]. Então, hoje em dia meio que a sociedade te pede isso [...], com vendas de suplementos, fazendo anúncios, inconscientemente te manipulando pra ti poderes, pra ti poderes ficar bacana, entendeu? Principalmente a mídia. Geralmente a gente não ver numa novela aquele cara sequinho, aquele cara que é, que é desfavorecido do músculo, entendeu? Geralmente, hoje, hoje o capitalismo, a sociedade te pede um pouco disso, da estética humana.

Estética imposta, cobrada e viabilizada com ofertas de produtos e serviços. Entretanto, é significativo ponderarmos a prática de exercícios físicos para além da construção de corpos belos, musculados, aparentemente saudáveis⁵². Na verdade, muitas vezes, essa é a única relação que se faz, principalmente se pensarmos exclusivamente na musculação. Ou seja, associa-se que o frequentar a um ginásio promove às pessoas unicamente corpos hipertrofiados, enquanto que à natação o discurso é de vida mais saudável. Como disse outrora, a musculação e a natação entram como uma cobrança estética da sociedade. Contudo, estas também devem ser vistas como espaços de relaxamento, momento em que as pessoas aproveitam para sair da correria do dia a dia e terem um tempo para elas.

Plácido: [...] o desporto pra mim serve como... Onde posso esvaziar o estresse, onde eu largo o estresse e o ginásio pra mim, hoje em dia, serve como isso, ou seja, para além de ser, também, como um bem estar físico, não-sei-quê, serve, também, muito para meu bem estar psicológico, porque relaxa, eu me sinto muito mais zen, como se pode, como se diz por aí...

Patrick: [...] pra mim é um bocado terapia também, não é somente, não é só uma questão de ficar bem, não-sei-o-quê, evidentemente que me sinto bem, gosto de ver os resultados, mas é também um bocado de terapia [...] às vezes preciso fazer alguma coisa para limpar a cabeça, eu venho para o ginásio. Tô aqui, porque é o meu espaço, é o meu espaço [...].

Beno: ... é uma atividade de relaxamento pra mim. Eu estudo bastante, aí quando eu tô cansado do estudo e de fazer outras coisas... [...]. Tanto a natação quanto a musculação é um momento de relaxar a mente...

Na etnografia desenvolvida por Richard Shipway e Immy Holloway (2016), com corredores experientes regulares de longa distância, essa questão da prática física como

⁵² Digo “aparentemente saudáveis”, porque com o intuito de alcançarem o corpo almejado muitas pessoas forçam demasiadamente seus organismos com muitas horas e pesados treinos, além de privarem-se da ingestão de determinados alimentos e fazerem uso de produtos que aceleram os resultados pretendidos provocando, assim, consequências ruins que podem ser logo sentidas ou futuramente. A discussão sobre a questão dietética, o consumo de suplementação e anabolizantes e a saúde será realizada mais a frente.

um momento de relaxamento, de combate ao estresse provocado pela rotina familiar e trabalhista, por exemplo, também fora trazido pelas pessoas entrevistadas pelo investigador e pela investigadora:

Many participants also feel that they lose the stress that work and family imposes on them (...).

(...)

Most runners suggest that running can be understood as escaping stress and seeking well-being. (...). Thus, these athletes use running as a coping strategy and diversion from the pressures of every-day life. (Shipway e Holloway 2016: 86).

Além de contribuir para o remodelamento corporal e, também, de ser um comenos utilizado por muitos dos jovens com quem conversei de desaceleração da correria do dia a dia, a prática física concorre, igualmente, segundo suas falas, para torná-los pessoas melhores em suas relações sociais afora dos espaços de transmutação corpórea. A influência para isso está no processo que a busca de mudanças na compleição carnal propicia. Assim, deve-se considerar que a reformulação da matéria em questão proporciona às pessoas a autoconfiança necessária para atuarem em determinadas cenas quotidianas, uma vez que “O perigo deixa de ser o que vem de fora, mas o que pode estar dentro” (Cunha e Silva 1999: 194), ou seja, as fragilidades internas, as inseguranças, a baixa autoestima as quais são superadas quando se aproxima ou alcança o corpo desejado.

O esforço depreendido na realização da prática física, a disciplina que tal movimento planejado, estruturado e repetitivo requer, além das questões dietéticas aí envolvidas, segundo os jovens entrevistados, contribuem para deixá-los mais dispostos em suas relações diárias, para demonstrar que eles são capazes de superar suas dificuldades e limites dando-lhes, assim, outra postura corpórea e social.

É significativo ponderarmos, no entanto, que a despeito de toda a pressão que as pessoas sofrem, atualmente, para se colocarem em movimento, para saírem da inércia e, assim, atingir um corpo, pelo menos, aproximado do que é considerado padrão, belo, e/ou saudável, os agentes sociais desta pesquisa, mas não somente eles, entram em um processo de negociação e ressignificação dessa imagem corporal imposta e, em vista disso, criam suas metas corporais.

Assim, a negociação e o diálogo fazem parte do processo de remodelamento corporal e leva em consideração o tempo, os objetivos e os projetos desses alunos,

aliado aos conhecimentos teóricos e práticos de professoras e professores que trabalham nos espaços que esses jovens frequentam para transmudarem seus corpos. É significativo pensarmos, nesse contexto, que a prática física nas modalidades aqui observadas não confere ao alunado um caráter passivo diante da operacionalidade dos exercícios e séries nos ambientes de prática da natação e da musculação. Mediante ao “campo de possibilidades” (Velho 2003, 2006) e considerando os fluxos de poder, os alunos, juntamente com professores e professoras, direcionam as séries à realização do projeto que cada indivíduo planeja para si – seja este voltado ao ganho de massa muscular de forma proporcional, ou não, ou visando qualidade de vida, com um corpo saudável, sem patologias, não objetivando, desse modo, um corpo musculoso por princípio, dentre outros.

Por conseguinte, o que faz com que uma pessoa escolha traçar para si determinado projeto de corpo e não outro está conectado, igualmente, à trajetória de vida do indivíduo, às suas experiências anteriores, à percepção de corpo ideal que este tem em determinado momento; além de, no caso masculino, também considerarem a noção de masculinidade por ele incorporada. Um diálogo, portanto, constante entre subjetividade e intersubjetividade. É preciso reflexionar, ainda, as modificações dos projetos iniciais, uma vez que estes não são completamente fechados. Durante o processo de remodelamento corporal, a própria noção de corpo ideal pode ser ressignificada pelos agentes sociais, ocasionado, assim, a necessidade de se traçar novas metas para si.

Nessa possibilidade de reelaboração é fundamental observar que a compleição física não é somente *sígnica*, um texto a ser lido e, conseqüentemente, por isso, desencarnada. Mas, há de se levar em conta a “dimensão anátomo-fisiológica” do corpo (Ferreira 2013: 502). Mais que isso, é imperativo considerar a reflexividade dos agentes sociais e a capacidade que cada indivíduo tem de atuar sobre sua própria materialidade corporal e, assim, transformá-la.

Nesse jogo, nesse processo de transmutação corporal e semântica, a noção de *agência* é imprescindível. Precisa-se atentar ao fato de que os agentes sociais em questão dialogam com as estruturas que lhes são impostas – a saber: a noção de beleza corporal, de vida saudável, de masculinidade etc., vivenciando-as ora de maneiras aproximadas ora de formas distintas do que a sociedade valida – e intersubjetivamente ressignificam, retrabalham essas noções – dentro de suas possibilidades educacionais,

sociais, econômicas, culturais e biológicas – no remodelamento de seus corpos, pois, de acordo com Ortner (2007: 65), nunca devemos “perder de vista o fato de que o todo da meta é culturalmente constituído”.

Dessa forma, os jovens com quem conversei procuram gerir seus próprios corpos. Há uma relação de poder entre esses agentes e a noção de corpo que temos hoje e, também, entre o indivíduo e seu próprio corpo, pois este é um agente social, o qual tem seus limites e imposições que precisam ser negociados, retrabalhados, algumas vezes ultrapassados, “vencidos” por aqueles/as que querem reformular a sua paisagem corporal.

Em vista disso, a categoria *projeto* é outra significativa para considerarmos o remodelamento corporal dos jovens masculinos que praticam musculação e/ou natação – e, claro, outras modalidades esportivas também. Para Velho (2003: 101), o projeto “busca, através do estabelecimento de objetivos e fins, a organização dos meios através dos quais esses poderão ser atingidos”. Dessa forma, *agência* e *projeto* estão imbricados e fazem parte da reflexividade dos jovens entrevistados sobre as suas ações (da excorporação, portanto), e é nesse processo que as estratégias necessárias para se concretizar os objetivos corporais planejados são ponderadas e executadas.

Destarte, levando em consideração os objetivos para a prática de exercícios físicos de cada homem jovem com quem conversei formalmente, cheguei a quatro categorias de projetos corporais: a) Projeto fisiculturista/competição; b) Projeto de corpo chamativo, definido; c) Projeto de perda, manutenção ou ganho de peso; e, d) Projeto de corpo saudável/bem-estar. A seguir cito trechos de quatro entrevistas que se vinculam aos projetos elencados acima, respectivamente:

Pascoal: Não vou, por exemplo, a academia para ficar a correr na esteira, perder peso, fazer aqueles, o que está muito na moda, hoje em dia, que é os *fit moves* ou os *cross moves*. Eu estou num regime hipercalórico, logo pretendo ganhar peso; portanto, estou a ter uma alimentação muito cuidada, tomar suplementação, descansar bem e treinar sempre pesado, sempre!

EJ: Então tu não chamas de malhar, tu chamas de treino; ou tem algum outro nome?

Pascoal: Fisiculturismo. [...] eu entrei para o ginásio, conversei com o meu PT, passaram-me um plano, comecei a fazer uma dieta de um regime hipercalórico, ou seja, pra ganhar massa, ganhar peso, depois transformar em massa muscular e, a partir daí, a evolução foi grande, também, a partir do terceiro mês, com alguma ajuda de suplementação, mas nada de anabolizantes, só suplementação normal. Que é fato é que eu agora, ainda não cheguei a um ano de ginásio, tenho cerca de onze meses e já peso cerca de 73 quilos [...]. Eu, na altura que entrei [...] tinha 58, mas, digamos, que já

consegui ter um aumento de 15 quilos e o meu objetivo é chegar aos 80, numa primeira fase, e a partir daí continuar até ter cerca de 90, 95; ficar mesmo grandão, [entre sorrisos] digamos assim.

Bruno: ... ter um corpo, assim, diferenciado dos outros. Tipo, assim, um corpo que todo mundo olhe e admire, entendeu?

Baruk: [...] eu comecei a natação por que eu queria perder peso e também crescer [em altura].

Plácido: [...] o ginásio, pra mim, serve muito para... Além do bem-estar físico, me faz me sentir melhor, sinceramente faz mesmo me sentir melhor fisicamente, tenho mais força pro trabalho, tenho mais força pra ir pra escola, pra me levantar, pra dormir só cinco horas e me levantar; e serve, também, para o bem-estar psicológico também, uma grande parte. [...] eu não ando no ginásio porque quero ter músc... Ser muito forte ou quero ser muito grande ou ter grandes músculos; eu não ando no ginásio por causa disso.

Os indivíduos enquadrados no Projeto fisiculturista/competição são aqueles que visam competir profissionalmente (seja na modalidade musculação ou natação). Estes possuem treinos pesados e, conseqüentemente, corpos grandes (ou em processo de crescimento). Devido ao ritmo forte dos exercícios que executam procuram fazer uma dieta hipercalórica, a consumir suplementação e, principalmente no caso da musculação, a utilizar anabolizantes.

As pessoas do Projeto de corpo chamativo, definido também treinam forte, visam ter um corpo “sarado”, ou seja, com os músculos aparentes, barriga dividida, porém sem exageros. A dieta que fazem é balanceada e não costumam falhar com esta. Consomem suplementação, e alguns se utilizam de anabolizantes.

Os agentes sociais que pertencem ao Projeto de perda, manutenção ou ganho de peso nadam ou malham em um ritmo, geralmente, menos intenso quando comparados aos treinos das pessoas dos projetos anteriormente citados. No tocante à musculação, por exemplo, a quantidade de pesos utilizados nos exercícios é menor que a do Projeto de corpo chamativo, definido. Neste grupo, algum tipo de dieta poderá ser feita ou não e o consumo de suplementação torna-se mais comum para quem quer/precisa ganhar peso. As pessoas deste Projeto são as mais propícias, ao atingirem seus objetivos, a migrarem para os demais projetos aqui elaborados.

No Projeto de corpo saudável/bem-estar encontram-se as pessoas que não estão muito preocupadas com a quantidade de cargas que levantam e nem em fazer o menor tempo ao nadarem 300 metros, por exemplo. O fato de praticarem algum exercício físico já contribui para se sentirem bem. Há cuidados com a alimentação, mas sem muita rigidez. Esse grupo não faz uso de suplementação e nem de anabolizantes.

A categorização que faço dos jovens com quem conversei diferencia-se da realizada por Sabino (2000, 2007), quando este pesquisou academias de musculação em bairros de classe média do Rio de Janeiro. Enquanto considero os projetos corporais dos indivíduos masculinos que frequentam academias e aulas de natação, reputando, portanto, o que os agentes sociais objetivam alcançar ao praticarem exercícios físicos e o que fazem para a concretude de suas metas – uma ação que visa o “amanhã”⁵³ –, o referido autor formula três tipos ideais (fisculturista, veterano e comum) de acordo com as características corporais das pessoas que observou, apreciando o “hoje”, a circulação corporal do “agora”, do momento da realização de sua pesquisa.

Assim, a gramática de produção corporal dos jovens pertencentes a cada grupo é diferenciada em alguns aspectos. Ainda que o acesso a determinados serviços e produtos sejam os mesmos, ou bem próximos, a maneira de se relacionar com estes muda, a depender dos objetivos corporais a serem alcançados, proporcionando diferentes construções simbólicas em torno do corpo. Além disso, é significativo dizer que o projeto de corpo agrega os indivíduos; contudo, nem sempre as práticas realizadas por pessoas com a mesma meta corpórea são idênticas. Considerando a relação e conhecimento que cada pessoa tem do seu corpo, a possibilidade de consumir certos artigos, as experiências e a sua subjetividade, os homens categorizados em um mesmo projeto corporal terão contextos de aproximações e de distanciamentos na direção da materialização corpórea desejada.

A relação que os indivíduos que praticam exercícios físicos têm com as demais pessoas, serviços e objetos é de fundamental importância aos procedimentos de transmutação corporal, o que, a meu ver, já coloca em questionamento o caráter individualista do processo de mudança corpórea apontada por muitos/as

⁵³ Esse “amanhã” deve ser entendido como constituinte da categoria projeto, pois, como se verá mais adiante, embora os agentes sociais sejam guiados por um objetivo futuro, há, ainda, a presença do imediatismo no processo de remodelamento corporal de muitos deles.

pesquisadores/as que, principalmente, estudam a prática da musculação⁵⁴. Por exemplo, para autores como Sabino (2000) e Berger (2008, 2010) o alcance de um corpo enquadrado nos padrões estabelecidos na sociedade como “belo”, “perfeito” é de total responsabilidade do indivíduo, sendo, portanto, algo individual, solitário. Discordo, no entanto, dessa visão autossuficiente ao extremo; uma vez que, para mim, a partir do que observei em campo e, igualmente, do que experienciei malhando e nadando, o remodelamento corporal não é totalmente individual(ista).

Se considerarmos que a decisão da transmutação corporal é da pessoa, então, essa é algo individual. Mas, até que ponto esta não é mediada pela sociedade, pela mídia? O discurso do corpo em forma, de se ter uma vida saudável propagada em muitos meios de comunicação, por exemplo, contribuem para a cobrança que muitas pessoas fazem a si e/ou a outrem para estarem “enquadradas no padrão”. Assim, os indivíduos são impulsionados pela mídia, por alguém do seu meio social e/ou por algum problema de saúde a mudarem suas paisagens corporais. A força de vontade e a autodisciplina – tão valorizadas no processo e concretude do corpo que se deseja – são perpassadas pelo discurso legitimado da sociedade somática atual. Dessa forma, é preciso considerar que a própria formulação de um projeto é feita considerando aspectos sociais, culturais, relacionais, noutras palavras, coletivos. Além disso, todo um conjunto de ferramentas que as pessoas utilizam para atingir seus objetivos corporais não é produzido unicamente por elas mesmas.

(...) o corpo humano é, das máquinas “autopoiéticas”, simultaneamente a mais “alopoiética” e a mais *heteropoiética*. O corpo humano faz-se, é certo, mas o que o distingue dos outros corpos biológicos é o facto de fazer e ser feito (Cunha e Silva 1999: 24 – itálico no original).

Nesse processo temos os professores (mesmo que alguns procurem não seguir à risca suas orientações – isso faz parte da agência que tal contexto permite), os equipamentos (seja na musculação ou na natação), as dietas que muitos seguem, os profissionais médicos consultados, a suplementação, os anabolizantes dentre outros instrumentos, serviços e substâncias que não são produzidos solitariamente pelos indivíduos em remodelamento corporal, mas por uma coletividade. Assim, pensar que a

⁵⁴ Dos trabalhos que li sobre a natação nenhum falara do processo de modificação corporal dos/as nadadores/as como algo independente (mas, também, não disseram o contrário) – discurso mais comum de lermos nos textos que tratam da musculação. Contudo, a prática da natação, igualmente, promove mudanças na compleição física. Dessa forma, se seguirmos a lógica reflexiva dos/as autores/as que produziram etnografias sobre academias, ser-nos-á possível pensarmos que a formulação corporal dos indivíduos que praticam o referido esporte aquático – mas não somente este, como muitas outras modalidades desportivas – também será vista como uma ação individual, solitária.

transmutação do corpo por meio de exercícios físicos é algo solitário não me parece de todo plausível. Além disso, o *projeto* para Velho (2003) e a *agência* para Ortner (2007) também se formulam, se vivenciam relacionalmente, intersubjetivamente. Toda essa reflexão é significativa para considerarmos a elaboração e concretização dos objetivos corporais de praticantes de exercícios físicos.

Com o projeto corporal estruturado, a ação dos jovens entrevistados volta-se para a concretude deste e, nesse processo, será necessário dialogar e negociar com o principal elemento envolvido: o corpo. O desejo de remodelamento não é suficiente para o alcance da compleição física almejada, é necessário agir. O corpo não é uma matéria passiva, depositária unicamente de inscrições culturais. Dessa forma, este precisa ser visto não como uma entidade abstrata, algo que está distante do indivíduo, mas como ser encarnado, ou seja, “(...) enquanto organismo visível e sensório-motor, (...) em que seu *desing* físico, necessidades homeostáticas e capacidades sensoriais impõem ‘limitações...’” (Ferreira 2013: 520). Assim, é por meio da musculação ou da natação que os homens com quem conversei procuram ultrapassar a primeira barreira imposta pelo corpo, ou seja, de uma imagem corporal indesejada para aquela condizente com o projeto que cada indivíduo tem planeado. Nesse processo, de acordo com a fala dos interlocutores, dois pontos são fundamentais: o tempo e a busca de conhecimento.

O tempo, aliás, confere grande importância na escolha da prática esportiva que se realizará. Para alguns dos jovens com quem dialoguei formalmente a inclinação pela natação ou pela musculação é feita mediante o enquadro da atividade em seus horários disponíveis. Além disso, outro aspecto considerado, principalmente para os que frequentam a musculação, é a maior possibilidade de flexibilização dos horários de treinos dessa modalidade em relação a outras. Assim, imprevistos que possam ocorrer no dia a dia escolar, trabalhista ou de outra natureza não os impedirá de continuar o processo de remodelamento corporal e/ou relaxamento.

Nos espaços que frequentei de musculação e natação, era nesse primeiro que eu tinha maior liberdade de horário podendo, assim, ir malhar pela manhã, tarde ou noite, conforme o meu tempo disponível⁵⁵. Na natação isso não acontecia, pois os turnos eram fechados e limitados aos alunos e alunas a partir da matrícula. É significativo perceber que, na natação, a restrição de se transitar pelos horários favorece alguma possibilidade

⁵⁵ Mesmo no Olympia, onde meu horário de musculação era das 20 horas às 20 horas e 50 minutos, pude, algumas vezes, treinar mais cedo da noite.

de (re)conhecer as pessoas, ou seja, estas acabam se acostumando em ver sempre os mesmos indivíduos e isso contribui ao contato com alguns desses agentes sociais. Na academia acontece o mesmo, contudo com uma possibilidade de trânsito maior, pois a escolha de que horário se irá à academia dependerá do tempo “livre” do indivíduo. Além disso, existe um consenso entre os praticantes de musculação que há horários melhores para se malhar – caso a pessoa queira mais tranquilidade e disponibilidade dos aparelhos – do que outros⁵⁶.

Estava realizando minha série quando ouvi uma conversa entre dois rapazes. Eles falavam sobre o melhor horário para se malhar ali na Clava.

– Manhã – disse um deles.

– Mas não acordo cedo – refletiu o outro.

– Às 12 horas ou às 13 horas é melhor. A partir das 16 horas dá muita gente, principalmente à noite.

– À noite são umas 10 pessoas esperando um aparelho – concluiu um dos rapazes.

Clava, janeiro de 2014

O conhecimento, ou melhor, a busca de informações é um fator importante para alguns homens que pretendem remodelar seus corpos. Essa ciência diz respeito às práticas que os indivíduos desenvolvem tanto na musculação quanto na natação. Ou seja, quais exercícios darão o resultado pretendido e qual a postura correta de realizá-los, como desenvolver melhor as modalidades crawl, peito, borboleta e costas, quais alimentos, suplementos e anabolizantes são súperos para consumir e, dessa forma, contribuir ao projeto de corpo almejado etc.

É significativo perceber que na busca do saber fazer/usar/consumir, os interlocutores deste trabalho utilizam inúmeras fontes: os/as professores/as, outras pessoas que malham/nadam há mais tempo, revistas especializadas como a *Men's Health* e a *Sport Life*, livros específicos e, a principal delas, a Internet. Dietas, a postura correta de exercícios, número de séries, como respirar em cada nado, a forma de aperfeiçoar braçadas e pernadas na natação, quais suplementos tomar, quais

⁵⁶ Chaves (2010), na página 73, de forma breve, descreve os horários de funcionamento das academias que frequentou e o tipo de público que comparece em cada turno.

anabolizantes e como se aplicar, além das consequências e sintomas possíveis do uso (correto ou não) dessas substâncias é o que eles objetivam conhecer.

Pascoal: ... Eu fui pesquisar na Internet, fui... Por autoiniciativa, eu sou um pouco autodidata nisso, nessas questões [de dieta], fui procurando e com a ajuda dele [do PT], com auxílio dele naquela primeira fase e, posteriormente, eu sozinho fui conseguindo estabelecer uma dieta regrada, digamos assim [...].

EJ: Tu continuas tendo orientação dessa PT?

Pascoal: Tive no primeiro mês [...] então desisti nessa primeira fase por uma questão financeira, também, em grande parte, mas, também, porque fui procurando pesquisar na Internet e fui, mesmo, dentro do próprio ginásio me aconselhando com outros PTs e com as pessoas que já lá estavam e que eu via que já tinham atingido seus objetivos. Fui me aconselhando com essas pessoas e conselho aqui, conselho ali consegui absorver a informação necessária pra eu próprio ser independente nessa matéria, digamos assim. XXXX o meu treino, saber que exercícios eu devo fazer, saber que comida devo comer, quantas horas devo descansar, o que deverei fazer por mim mesmo, sem precisar de ajuda de um PT, digamos assim.

Pedro: Eles [os PTs] às vezes ajudam e, também, vejo na Internet alguns exercícios e pratico lá. [...]. Compro as revistas, as revistas de musculação...

EJ: Quais são essas revistas?

Pedro: Compro a *Men's Health* e compro uma chamada *Sport, Sport Life*, acho que é assim.

EJ: E as revistas que tu compras elas são, mais ou menos, pra quê? É pra tu seguir algum modelo dali, alguma dica?

Pedro: Sim, porque têm muitos exercícios e, também, têm dicas de alimentação e, sim, é mais por isso, não é pra ver os corpos, é mais para... Tem vários exercícios que aqui no ginásio, se calhar, não consegue ver e, lá, têm mais exercícios com instrutores e também têm dicas de como perder peso em 30 dias, ter uma alimentação mais equilibrada [...] é mais pra dicas.

EJ: Tu traz algum exercício que eles mostram lá pra tentar fazer no ginásio?

Pedro: Eu, das revistas não. Eu tenho é um livro mesmo que eu tirei da Internet, em pdf, depois imprimi, encadernei e, às vezes, trago pros exercícios.

EJ: Legal! Qual é? Tu sabes o nome?

Pedro: Sei. Chama-se Guia de Musculação... Acho que é Guia Anatômico de Musculação.

EJ: Legal! Aí tu procuras seguir algumas ideias que tem nesse livro?

Pedro: Sim, porque tem uns exercícios específicos, mostra mesmo... Tem um boneco e a máquina e explica exatamente, assim, como é que a gente pode fazer o exercício.

Durante meu período de campo similarmente fiz uso de alguns recursos apontados pelos interlocutores para poder otimizar minhas atividades na natação e na musculação e, também, seus resultados. Além do auxílio óbvio de professoras e

professores, igualmente me utilizei bastante da Internet. Li matérias falando sobre dietas para ganho muscular, além de anúncios e comentários sobre suplementação e anabolizantes e, por meio do *YouTube*, procurava aprender a postura correta para alguns exercícios na academia e como melhor realizar nados como *crawl* e costas e, também, de como fazer a virada na piscina⁵⁷.

O acúmulo de experiência, devido ao tempo de treino, e a busca de informações na Internet afeta, de certa maneira, a relação de alguns alunos com os/as profissionais que trabalham nos ambientes de remodelamento corporal auxiliando as pessoas em seus exercícios, principalmente nas academias, no que diz respeito às séries elaboradas. Em relação à natação, o que muitas vezes ocorre, é a ajuda de um aluno ou uma aluna mais experiente que te ensina, melhor do que os/as professores/as, alguma técnica. Nunca vi, e comigo nunca aconteceu também, de alguém questionar qualquer um/a dos/as instrutores/as da natação sobre a execução de algum exercício ou nado. O que acontecia, e eu fazia muito, era não realizar toda a sequência passada. Por exemplo, se era pedido, para aquecer, que eu nadasse 300 metros (doze voltas na piscina de 25 metros) – geralmente no Olympia – ou 1000 metros (quarenta voltas na piscina de 25 metros) – frequentemente no Aquarium – eu nadava pouco mais da metade. Na academia, no entanto, comumente entre os que já têm algum tempo de treino, acontece de haver negociações entre estes e os/as professores/as em relação aos exercícios formulados.

Brian: Eu sigo [as orientações do instrutor], só que, tipo assim, eu tento procurar entender bastante ele e eu também pesquiso muito, entendeu? Aí, eu até tenho uma noção do que ele fala, tento dá ideia pra ele, porque cada um sabe do seu próprio corpo, né? Aí, não é ele quem vai dizer o que é bom pra ti e o que não é. Tipo assim, ela passa um treino pra mim “Ah” – tem gente que não tem noção – “Ah, isso aqui tá bom, isso aqui não tá”, a gente [ele e Benedito] já tem. A gente vê o exercício que dá certo e o que não dá, porque nem todo exercício serve pra mim, nem todo exercício serve pra ele. Aí a gente... Ela passa um treino e a gente vê se tá bom, se não dá a gente mesmo vai e mexe. A gente conversa com ela “Ah, bora mexer aqui, bora mexer aqui”, “Ah, não tenho muito tríceps, não tenho muito ombro, bora mexer ali, bora mexer aqui”, entendeu?

Para Sabino (2000, 2007) existe certa disputa de autoridade entre os fisiculturistas e os professores. Esta se dá devido os primeiros terem, em seus corpos, a materialização de certo conhecimento prático adquirido ao longo do tempo de treino, o que faz com que muitos alunos inquiram esses indivíduos sobre a melhor maneira de remodelarem suas compleições físicas e quais produtos ingerirem, pois, de acordo com

⁵⁷ A relação entre busca de conhecimento e informações sobre o uso de suplementação e anabolizantes e seus efeitos e consequências será mais bem trabalhada à frente.

esse autor, são os fisiculturistas que vendem os anabolizantes ou sabem onde é possível adquiri-los. Chaves (2010) também comenta essa relação entre conhecimento adquirido por tempo de treino e por meio de mídias. Um de seus interlocutores chama a atenção para o perigo dessas informações – principalmente a compartilhada boca a boca nos espaços de remodelamento corporal –, pois, segundo ele “é muito comum pessoas agindo de ‘má fé’ indicar produtos e substâncias não adequadas” (Chaves 2010: 72)⁵⁸.

No campo que realizei não percebi que houvesse algum tipo de embate entre os/as professores/as e os indivíduos muito musculados. O que poderia acontecer, e realmente acontecia, eram negociações como as apontadas por Brian. Também, eram comuns conversas entre alunos com menos tempo de treino ou nado com aqueles alunos e alunas (neste último caso na natação) mais experientes para se obter alguma dica que pudesse contribuir no remodelamento corporal daqueles primeiros.

É necessário considerar que reclamar do treino elaborado ou de alguma série também faz parte do processo de remodelamento corporal, além, igualmente, de ser uma forma de resistência e poder levar a uma negociação. Quando se resiste ao treino prescrito pelo/a professor/a (e resistir tem várias manifestações desde fazer careta para o treino elaborado até não cumprir por completo a série ou mesmo solicitar que seja preparado outro plano de trabalho) este, geralmente, é feito considerando-se o projeto corporal que o indivíduo tem planejado para si. Além disso, de acordo com os professores e as professoras, a reclamação tem relação com a parte do corpo que os homens mais procuram trabalhar e aquelas que eles não gostam (ou resistem mais) em exercitar.

Patrícia*: [...] os homens não gostam de trabalhar perna.

EJ: E na sua opinião isso se daria por quê?

Patrícia*: Por que acham que não precisam. [...] simplesmente porque têm as intenções centradas [...] nos membros superiores e não ligam aos membros inferiores.

Bob*: Homem não gosta muito de ficar fazendo exercício da parte inferior. Então, às vezes, eles reclamam mais. Aqui na natação [...] o homem reclama mais.

EJ: E o que ele mais fala? Ele pede pra mudar alguma coisa ou ele só reclama, mas faz?

⁵⁸ Durante a realização da pesquisa de campo não ouvi nenhum relato sobre a indicação equivocada de anabolizantes. Somente durante a conversa formal que tive com Brian que este me disse que ficou internado, certa vez, porque alguém lhe aplicou uma substância que ele acreditava ser óleo de cozinha e, segundo suas palavras, “ainda em um lugar errado” de seu corpo. Irei trabalhar melhor essa questão e outras, envolvendo o uso de anabolizantes, mais à frente.

Bob*: É, tem uns que pedem pra mudar, né? “Ah, não dá pra fazer outra cosia?” [...], mas eles reclamam mais, às vezes, de trabalho, também... Parece que a perna eles não gostam de nada. Então você dá um tipo de trabalho “Vamos lá fazer uma execução de pernada aqui. Pega a prancha. Vamos trabalhar só pernada” então, já, “Ah, não dá pra gente usar o flutuador e fazer uma braçada não-sei-o-quê?”; então eles já reclamam a respeito desse negócio aí, eles ficam falando que está sobrecarregando a perna deles não-sei-o-quê. Por que, até então, como eu falo, né, praticam a musculação, não fazem o fortalecimento da parte inferior e trabalham mais a parte superior, muitas vezes isso interfere muito de sentir dor, de... Na hora do nado.

Contato com a Patrícia*

Patrícia* era uma das profissionais do Lyceum. Antes de convidá-la para conversar comigo sobre a pesquisa já havia tido algumas interações com ela dentro do ginásio. O convite fora feito quando esta saía do vestiário e se dirigia para seu treino (alguns professores e professoras utilizam o ginásio, em suas folgas, para se exercitarem). De imediato anotou seu nome e contato telefônico em minha lista e eu lhe dei meu cartão com o número do meu celular e *e-mail*. Ela me disse que poderíamos conversar na sua folga, às quintas-feiras, em uma das esplanadas na parte de baixo do ginásio. Dois dias antes lhe enviei uma mensagem de texto para confirmar nossa interlocução, mas ela desmarcou, pois iria substituir uma professora no horário. Remarcamos ainda duas outras vezes até conseguirmos conversar formalmente no local outrora combinado. Patrícia* tem 24 anos, é licenciada em Desporto e possui pós-graduação. Ela é solteira, considera-se heterossexual, católica não praticante, caucasiana e de *status* médio. Nossa conversa durou 38 minutos e 22 segundos. Após o término de nosso diálogo, Patrícia* subiu para treinar.

Contato com o Bob*

Bob* tem 23 anos, é estudante de Educação Física, solteiro e se autodeclara como católico, heterossexual, pardo e de *status* médio. Ele ficava responsável pelo treino da maioria dos alunos e alunas do horário que eu frequentava no Olympia, principalmente dos mais iniciantes. Algumas vezes ele passava uma série de nados para aquelas pessoas com mais tempo de natação e que, geralmente, competiam. Falei-lhe sobre a minha pesquisa e o convidei para conversar formalmente sendo aceito, por ele, de imediato. Acordamos de realizá-la na arquibancada da piscina e esta durou 52 minutos e 9 segundos. Nesse dia a professora Bete*, como combinado anteriormente, tomou conta de toda a turma das 20 horas para que pudessemos conversar tranquilamente.

Para os professores e as professoras os homens têm certa resistência em treinarem a parte inferior do corpo – salvo algumas poucas exceções – privilegiando, nesse caso, os membros superiores. Dessa forma, a partir da fala das pessoas que trabalham nos ambientes de remodelamento corporal auxiliando os alunos com quem conversei formalmente no alcance de seus objetivos, podemos perceber que o treino

torna-se, muitas vezes, uma atividade fragmentada. Fragmentada não no sentido de se trabalhar grupos musculares isolada e alternadamente como, por exemplo, tríceps e peito, bíceps e costas, pernas e trapézio, mas de valorização de uma área da compleição física (no caso, a superior) em detrimento a outra (a inferior). A justificativa que atribuem para tal comportamento está relacionada com o que é mais visível da materialidade corpórea do homem. Ou seja, o foco que os agentes masculinos que malham e/ou nadam dão para o peito, braços (tríceps, bíceps), trapézio etc. acontece por ser essa a região do corpo que eles irão mostrar, seja por meio da camisa apertada, do uso da camiseta ou mesmo do dorso nu. Em vista disso, por ser a perna o fragmento corporal mais escondido, que – segundo pensam – não atrai os olhares, esta é nada ou pouco valorizada pelos homens em seus treinos.

Peterson*: Os homens, mais de 90%, é claro que estes 90% é um estado metafórico, mas, quase todos os homens procuram aumentar a massa muscular, principalmente o tronco e aquilo que é mais visível que é braço; braço e peito.

Paco*: Peito e bíceps [...] talvez porque é menos doloroso, mais fácil de treinar, mais confortável e é um músculo visível, que na roupa tá visível no peito, no braço... É o que mais valorizam [...] digamos assim.

Bob*: ... o braço, a parte superior, né? [...] vê muito assim, questão de pegar um peitoral, um braço, um trapézio, chama mais a atenção...

Bianca*: [...] é o que está mais exposto, tu entendeu? Ele usa mais a camiseta, ele usa... Quando ele tá de bermuda é mais fácil ele tirar a camisa e ficar só de short, né? Então é o que mais se expõe, entendeu? E dá aquela coi... Aquele ar de superioridade, aquela coisa mais volumosa, quando ele bota uma camisa aparece mais o volume. A perna não mais, porque ele fica mais pra baixo, ao contrário da mulher, que ela não vai botar pra fora o cor... Ela expõe mais a perna, ela anda mais de shortinho, mais de sainha. Então, é por essa exposição que acaba tu pegando e treinando mais uma parte do que outras.

Contato com o Peterson*

Peterson* fora-me indicado pelo supervisor do Lyceum quando pedi a este que me ajudasse a contatar algumas pessoas que pudessem contribuir com a pesquisa que estava realizando. Antes de marcarmos o diálogo formal, conversamos um bom tempo no ginásio sobre vários assuntos relacionados à musculação. Nossa interlocução aconteceu poucos dias depois, durante um breve intervalo que fez do trabalho, numa das esplanadas que ficam abaixo do Lyceum, e durou cerca de 30 minutos. Peterson* tem 34 anos, é licenciado em Desporto, católico não praticante e casado. Ele se autodenomina de branco, heterossexual e de *status* médio.

Contato com o Paco*

Quando falei com Paco* sobre minha pesquisa ele aceitou logo participar. Já havia tido algum contato com ele, por intermédio do professor Plínio* que nos apresentou para que eu pudesse adquirir, com o referido PT, uma suplementação para tomar. O produto que comprei com ele custou € 36 (Trinta e seis euros)⁵⁹. Nossa conversa formal, que durou mais de 40 minutos, aconteceu numa das esplanadas, abaixo do Lyceum, e na hora do almoço. Assim, enquanto Paco* almoçava (uma salada grande com peito de peru e outros ingredientes, sopa e suco) nós dialogávamos. Em determinado momento a interlocução teve de ser interrompida, pois ele fora falar com duas mulheres – acredito que eram alunas dele – que chegaram ali na esplanada, sendo retomada logo em seguida. Paco* tem 34 anos, possui licenciatura incompleta em Educação Física, é solteiro e considera-se de *status* médio, heterossexual, negro e católico não praticante.

Contato com a Bianca*

Convidei Bianca* para conversar comigo sobre a temática desta pesquisa de doutoramento quando parte das atividades no Olympia foram retomadas. Ela era a professora que ficava na academia, mas com o espaço da musculação sendo reformado, substituíu alguns professores quando necessário, principalmente, na natação e na hidroginástica. Nosso diálogo ocorreu numa sala que as professoras e os professores-estagiários utilizavam para guardar seus pertences, trocar de roupas etc. e durou mais de 1 hora. Bianca* tem 40 anos, é graduada em Educação Física e possui especializações. Ela se considera católica, heterossexual, de *status* médio, branca e estava solteira.

O discurso de professores e professoras é uníssono quando se trata de apontar a zona do corpo que os homens nos ginásios e na natação priorizam: a região superior. Ainda que haja, por parte de alguns alunos, uma enunciação de que é necessário que se trabalhe o corpo como um todo, pode-se depreender que a percepção dos instrutores e instrutoras se confirma e isso independentemente do projeto corporal que esses indivíduos elaboram para si⁶⁰. Plácido, Pascoal e Bernardo foram uns dos poucos que me disseram treinar de modo geral suas compleições físicas e ao longo de nossas conversas isso fica perceptível que, de fato, acontece. O que não ocorre, por exemplo, com Paulo, Pablo e Bruno; pois, ainda que expressando trabalharem todas as áreas de seus corpos, eles demonstraram ter uma preocupação maior – e às vezes até exclusivamente – com braços, bíceps, tríceps, ombro, peito e trapézio.

⁵⁹ Nesse dia o euro estava cotado a R\$ 4.37 (Quatro reais e trinta e sete centavos).

⁶⁰ A valorização da área superior do corpo nos indivíduos masculinos que praticam a musculação também fora identificada nos trabalhos de Cesar Sabino (2000), Roger Hansen e Alexandre Vaz (2004), Sandra Santos e Adilson Salles (2009) e Mirela Berger (2010).

O corpo, então, é fragmentado nos treinos que envolvem o ambiente da musculação e, igualmente, da natação, seja ao se concentrar numa única área – a superior, por exemplo – ou em se preocupar em trabalhar grupos musculares com o intuito de, assim, se atingir o conjunto corporal como um todo ao longo do processo; algo que, por exemplo, Pascoal aprendeu a fazer.

Pascoal: Eu tento treinar o corpo em seu todo. Ao princípio eu treinava, cada vez que eu ia à academia, ao invés de passar duas horas, eu passava lá cerca de quatro, até quase o dobro, ou três horas pelo menos, porque treinava todos os grupos musculares num dia. Foi aí que, no final de um tempo, também, como eu referia a pouco, falando com outros caras que já lá estão, que já sabem o que lá estão a fazer, me disseram que eu deveria começar a isolar um pouco mais os músculos, não trabalhar tudo num dia, porque quando nós viemos à academia e treinamos, depois comemos, o corpo incha, devido ao treino e aí XXXX, mas quando cresce, verdadeiramente, é durante o nosso sono. Daí, por que o descanso e dormir seja muito importante [...]. É aí que se dá o processo de construção e de reparação da massa muscular, porque rasgamos durante o treino, e aí que o corpo verdadeiramente cresce. Então, como eu treinava tudo num dia, era muito difícil lá o meu corpo depois conseguir reparar tudo e fazer o corpo crescer todo só durante escassas horas de sono. Então, é importante, agora, ao final de um tempo, todos os caras que lá estão começaram a ensinar-me como deveria fazer e a partir dessa altura comecei a treinar, e como eu treino agora, e como toda gente faz fisiculturismo treina, tentar treinar, pelo menos cinco ou seis vezes por semana, com um ou dois dias de descanso e... Ou treinar, apenas, um grupo muscular por dia ou então dois. Por exemplo, o que eu costumo fazer é, quando eu tenho menos tempo pra treinar, devido ao curso ou estágio, etc., se treina três ou quatro vezes por semana, faço dois músculos por dia. Por exemplo, o que eu costumo fazer são: ombro e pernas, bíceps e peito e tríceps e costas e o corpo fica todo treinado, faço dois grupos por dia. Se eu tiver mais tempo, se eu conseguir fazer cinco vezes, aí faço só num dia, por exemplo, faço só pernas, noutro faço só costas, noutro dia faço só bíceps, noutro só peito e noutro só tríceps e assim consigo, isoladamente, grupo a grupo, ou dois grupos no máximo por dia, é assim que conseguimos crescer verdadeiramente.

A fala de Pascoal aponta para alguns pontos importantes no remodelamento corporal não só dos indivíduos pertencentes ao Projeto fisiculturista/competição, mas dos outros também. Um desses é a necessidade de se realizar o descanso da musculatura trabalhada. Esse repouso se dá com a troca, de um dia de treino para o outro, do grupo muscular que fora exercitado. É consenso ainda que o músculo, com o tempo, se acostuma ao exercício que lhe vem forçando. Devido a isso, é necessário variar o estímulo dado a este para que o crescimento aconteça. Outro ponto diz respeito ao sono, ou melhor, às horas dormidas, uma vez que estas se configuram como fundamentais no processo de transmutação da compleição física, pois é nesse momento que a fibra muscular – que fora “rasgada” durante os exercícios – irá se recuperar e crescer. Dessa feita, todos esses itens estão diretamente relacionados à disciplina dos indivíduos, haja

vista que, se o objetivo é a hipertrofia, então, essas pessoas terão que se dedicar aos seus treinos e, igualmente, abdicar de ficarem acordados até muito tarde, ocasionando poucas ou nenhuma ida a festas que possam prejudicar suas horas de repouso e lhes colocar em contato com substâncias, alimentos e atos – muitas vezes, os sexuais, como destaca Humberto Cesaro (2012)⁶¹ – que venham afetar, negativamente, seus desempenhos.

Diferente do que se possa pensar, que tal divisão e priorização dos membros superiores ocorrem somente na musculação, tal procedimento também é percebido na natação, ainda que esta, para muitas pessoas, seja vista como a modalidade física que trabalha de maneira mais completa os grupos musculares. Os homens concentram mais suas forças nos braços e, com isso, de acordo com a fala dos/as próprios/as professores/as, são mais propícios a reclamarem de treinos que envolvem as pernas. Uma das justificativas, para os alunos, é que essa parte do corpo é a mais utilizada no dia a dia e, por isso, na hora dos exercícios está mais cansada.

Baruk: Creio que sejam os braços [a parte do corpo que ele mais exercita na natação].

EJ: Os braços, por quê?

Baruk: Por causa dos movimentos que eu pratico na natação e por que eu procuro concentrar mais minha força nos braços na hora de nadar.

EJ: [...] Tu tens mais facilidade com qual deles [braços ou pernas]?

Baruk: Com os braços.

EJ: As pernas já dão mais trabalho?

Baruk: É.

EJ: E por que tu achas que seria isso?

Baruk: Acredito que por causa que eu faço mais... Eu utilizo mais as pernas no decorrer do dia do que os braços, então meus braços ficam mais descansados e minha perna eu procuro descansar um pouco na natação.

Paulo: [...] regra geral, acho que eles [os homens] têm mais facilidades na realização das braçadas do que propriamente das pernadas [...].

Em muitas das pessoas com quem conversei formalmente, sejam alunos ou professores e professoras, há um pensamento fragmentário do corpo que vê a região superior – que compreende os braços, os peitos, os bíceps, os tríceps, o trapézio, os ombros – de maior facilidade de trabalho para os homens, enquanto que na região inferior – formada pelas pernas e glúteos – as mulheres teriam mais destreza durante o

⁶¹ Os jovens com quem conversei, em nenhum momento de nossa interlocução, relacionaram a abstinência sexual com o processo de remodelamento corporal deles.

treino, seja este na musculação ou na natação. Esse tipo de pensamento além de dicotomizar as pessoas, dividindo o universo em dois gêneros, masculino e feminino (Bourdieu 2014), também promove no âmbito da prática de exercícios físicos uma diferenciação generificada de zonas corporais.

Podemos ver essa generificação do mundo em vários contextos e, muitas vezes, nem nos damos conta dela, porque fora naturalizada. Dessa forma, a materialização da compleição física, que é sexualizada e generificada, passa a justificar e a impor algumas práticas, valores e comportamentos nas interações sociais e, na execução de exercícios físicos. A própria questão da força física é vista, por muitas pessoas e em diversas situações, como tendo variações de gênero: “força de homem” e “força de mulher”. O início do texto de Fausto-Sterling (2001: 11), ao nos relatar o caso de Maria Patiño, fornece-nos um exemplo desse contexto quando diz que a atleta em reflexão: “tinha a força de uma mulher”. Esse tipo de pensamento binário e hierarquizante é encontrado nas falas de algumas das pessoas com quem conversei. E, devido a isso, é possível, para eles e elas, dizerem que os homens possuem potência na parte superior do corpo e a mulher na inferior.

Brenda*: Eles [os homens] dizem que não têm força, que a perna deles vai ser fina mesmo, que não adianta, [entre risos] não adianta; e que não querem mesmo ganhar, pronto, pra baixo. Já tem a bunda grande, a perna, também, já é grossa... [entre risos] se acham, às vezes, mas tudo bem [risos].

Patrick: Neste momento... Não gosto propriamente, admito que não gosto, é o treino... É as pernas. Os quadris e os gêmeos isso eu não gosto. Mas, era onde eu queria mais resultados... Quando eu treinei karatê, que é uma arte marcial, pontapés sempre foram a minha fraqueza. Do tronco pra cima eu sempre tive muita força, então, pra baixo, pernas eu nunca tive força nenhuma. E, pá, neste momento é um dos músculos que eu gostava... Não gosto de treinar, não, mas... Forço bastante nos treinos, pois gostava de ver resultados cedo, gostava de ver minhas pernas crescerem como devem ser, porque, acho que é muito... É muito desvalorizado, hoje em dia, a parte das pernas, eu vejo muito no ginásio [...] Às vezes meus colegas vêm treinar comigo e dizem “Ei, perna não! Eu vou treinar em cima, depois quando fica muito grande em cima eu treino as pernas” XXXX [...]. No verão, eu tinha mais tempo, chegava a treinar duas vezes por semana perna; não gostava nada, não! Odiávamos! [...].

Paulo: [...] o homem, naturalmente, costuma ter a parte de cima mais desenvolvida que a parte de baixo. O que acontece é que, naturalmente, com o treino, a parte de cima fica mais desenvolvida e haverá sempre essa proporção. Pois, o que acontece, ao longo do tempo, com o fulminar do fisicoculturismo sempre foi impregnado em nós, nós homens, que devemos ter aquela determinada proporção e não acho que terá a ver, necessariamente, com a parte fisiológica, no caso do homem; no caso da mulher, talvez,

porque como a mulher tem, naturalmente também tem aquele corpo de... Como é que chama? De agulha? Aquele relógio de areia... *Hourglass*. Eu não sei como é que se diz em português. É *hourglass figure*, normalmente é ter umas ancas largas, depois uma cintura fina, depois a parte de cima XXXX largas por causa das mamas, do peito. Não sei se terá, no caso dos homens, a ver com uma condição sexual, no caso das mulheres, talvez mais por causa do peito, talvez por uma condição fisiológica.

EJ: Tem uma parte específica que tu mais trabalhas na natação?

Benjamin: Braço.

EJ: Por que o braço?

Benjamin: Por que é onde eu tenho mais velocidade. Tanto que até um cara estava comentando uma vez comigo que eu tenho uma falta de coordenação no braço e na perna, entendeu? Mas por que eu uso mais o braço mesmo, porque eu acho que tenho mais potência. Às vezes eu vou bater a perna, eu não consigo, cara.

EJ: [...] e as mulheres?

Benjamin: A parte daqui [pegou nas próprias pernas], ó. O braço não. Eu acho o braço mais pro homem, entendeu? Que é mais robusto e tal, o cara ganha mais músculo.

Contato com a Brenda*

Brenda* foi uma das minhas professoras no período que frequentei a Clava. Construímos, ao longo do tempo, uma relação de amizade, o que facilitou o convite que a fiz para participar desta pesquisa. Ela ainda me indicou algumas pessoas que eu pudesse conversar, informal ou formalmente, para a realização deste trabalho. A conversa – que durou pouco mais de 55 minutos – aconteceu numa salinha, no segundo piso, onde, geralmente, eram realizadas as avaliações físicas. Brenda* tem 24 anos, é professora de Educação de Física e estava, na altura, cursando uma especialização. Ela não segue nenhuma religião e se considera heterossexual, pobre, negra e vivia uma relação estável com o seu companheiro.

Se a “força” do homem “está” da cintura para cima e a da mulher da cintura para baixo, quaisquer trabalhos, por exemplo, que os sujeitos masculinos realizarem na região inferior do corpo (principalmente para os glúteos – local não diferenciado do corpo das pessoas, relacionado à submissão, à passividade, segundo comentários de Bourdieu [2014: 32]) causará de espantos a desconfianças em algumas pessoas. Essa divisão do corpo e hierarquização da força obriga os indivíduos masculinos a preocuparem-se, especialmente, com os membros superiores como uma maneira de afirmação de certa masculinidade.

Assim, concentrar a atenção aos membros inferiores, principalmente aos glúteos, feminiza o sujeito na visão de algumas pessoas⁶², uma vez que, pensa-se, são as mulheres que devem com mais acuidade valorizar o treino das partes abaixo da cintura. Contudo, é necessário dizer que a despeito de tal pensamento, é possível ver alguns homens trabalhando, na academia, os membros inferiores⁶³ com uma preocupação igual ou aproximada a que destinam à região superior.

Para os homens hipermusculosos entrevistados por Chaves (2010: 139), o exercitar a parte inferior é valorizado por ser esta uma área do corpo observada e cobiçada pelas mulheres. Nas minhas conversas formais há quem diga que as mulheres preferem homens com glúteos “redondinhos” e quem fale que o que elas reparam mesmo é na parte superior do corpo; contudo, não é por aí que eles justificam o treino ou não da parte abaixo da cintura. Um fator que é apontado para o não treino das pernas, por exemplo, é que o exercitar essa área causa mais dores aos indivíduos devido ao grande esforço que precisam fazer. Esse pensamento vem corroborar a ideia de que os homens possuem mais força nos braços e ao treinarem as pernas terão que empregar uma energia maior o que causaria alguma resistência, pois os cansaria mais.

Minha experiência no campo: apesar de gostar, as pernas sempre me desgastaram mais, seja no treino na academia seja na natação. Nesses dias eu precisava usar mais a força, suave bem mais (mesmo na água) e, igualmente, sentia muito os músculos (quando realizava, de forma correta, os exercícios), chegando, algumas vezes, a ficar com as pernas bambas (de “gelatina”, como eu costumava pensar e comentar com algumas pessoas) de tanto que tremiam e não tinha muita firmeza, principalmente ao utilizar alguma escada. No entanto, acredito que a despeito de todos esses discursos sobre o porquê de os homens, em geral, não gostarem muito de trabalharem a região das pernas, assim como gostam de exercitar da cintura para cima, o que realmente contribui para esse tipo de comportamento é o fato de serem os braços e o peitoral a área mais

⁶² Alguns professores e professoras de academias preferem elaborar, para os homens, exercícios para as pernas que trabalhem, concomitantemente, a região dos glúteos evitando, assim, aqueles que focam exclusivamente a parte das nádegas e que são executados com as mãos e joelhos apoiados no chão, ou seja, “de quatro”, posição que é julgada “estranha” para os homens, mas não para as mulheres.

⁶³ É significativo dizer que, no que se refere à natação, o treino das pernas é fundamental para a execução dos quatro estilos de nados. Ainda que alguns homens concentrem suas forças nos braços e/ou reclamem para fazerem as pernadas, estas são feitas. Diferentemente, na academia, um aluno pode desprezar, por completo, o treino para as pernas.

visível, a parte que eles mais mostram por meio da camisa apertada, do uso da camiseta ou do dorso nu.

É necessário considerar, no entanto, que se o trabalhar a região inferior é motivo de pilhéria para algumas pessoas, o desenvolver somente a área superior do corpo acabada tendo efeito semelhante, pois cria as imagens e comentários sobre “corpos sorvetes”, “cones”, “Ts”, “Vs”, ou seja, grandes em cima e finos embaixo. Isso coloca em cheque a proporcionalidade corpórea, buscada por muitos dos jovens com quem conversei. Para Paulo, por exemplo, o ideal seria um corpo *V-Shape*. Esse corpo, segundo o referido interlocutor, traz a simetria, a proporcionalidade, certa beleza corporal que foge da imagem de exagero dos fisiculturistas, considerados, por muitos, como possuidores de uma compleição física exagerada, de um corpo monstro.

Quando se fala no corpo de indivíduos que praticam atividades físicas, principalmente aquelas que estão relacionadas ao ganho de massa muscular, há uma associação que não deve ser ignorada, pois diz respeito ao contexto de transmutação corpórea por parte dos agentes sociais e, igualmente, identifica os sujeitos nos trânsitos pelos espaços de remodelamento corporal e para além deles. Esse discurso diz respeito à associação que se faz do corpo com a animalidade, com a monstruosidade. Segundo José Gil (2006: 75) “Um monstro é sempre um excesso de presença”. Desse modo, podemos ver que os monstros da academia são aqueles em que há um excesso de presença de músculos – geralmente aqueles indivíduos que pertencem ao projeto corporal de fisiculturista/competição são considerados como “monstros”, como “Hulks”, pois:

O seu corpo [o do monstro] difere do corpo normal na medida em que ele revela o oculto, algo de disforme, de visceral, de “interior”, uma espécie de obscenidade orgânica. O monstro exhibe-a, desdobra-a, virando a pele do avesso, e desfralda-a sem se preocupar com o olhar do outro; ou para o fascinar, o que significa a mesma coisa (Gil 2006: 78).

Grandes nadadores, igualmente, devido a suas enormes compleições físicas e bons resultados nas competições que participam também são considerados monstros, animais, como é o caso de Michael Gross, o “Albatroz”, de Alexandre Popov, chamado de “Big Dog” e de Michael Phelps, conhecido como “Tubarão de Baltimore”, para citar alguns dos mais famosos. A animália, igualmente, está no excesso de uma não presença supervalorizada nos ambientes de remodelamento corporal. Por exemplo, aqueles que

estão iniciando a atividade física no ginásio são comumente chamados de “frangos”⁶⁴. Este termo se refere aos neófitos que não conhecem as regras, o uso dos equipamentos e dos espaços, mas, principalmente, porque não possuem a massa muscular desenvolvida. Assim como a “sucata”, na pesquisa de Chaves (2010), é uma categoria utilizada para diminuir o Outro, de estigmatização, o “frango” fala, igualmente, de um indivíduo que não possui conhecimento e nem força adequados para se tornar, digamos – para brincarmos com as palavras –, um “galo”, ou seja, alguém forte, que impõem presença⁶⁵. Esses nomes (monstro, Hulk e frango), além de outros (grandão, gigante etc.) circulam pelos ambientes de transmutação corpórea e contribuem para identificar os agentes sociais durante o processo de remodelamento do corpo.

Assim, independente do projeto corporal formulado pelos jovens com quem conversei formalmente, o discurso que eles têm ao praticarem atividade física, seja na musculação ou na natação, é de proporcionalidade, de crescimento simétrico, ou próximo a isso, tanto dos membros superiores quanto dos membros inferiores. Contudo, a prática por eles vivenciada, muitas vezes, contradiz tal discurso, pois há uma prevalência nos homens de se procurar desenvolver mais a região superior do corpo, como demonstrado anteriormente.

Essa fragmentação, no entanto, será vista de maneira diferenciada quando analisada a partir dos marcadores idade e sexualidade. Desse modo, considerando a fala das pessoas que trabalham nos espaços de remodelamento corporal, auxiliando os indivíduos no alcance de seus objetivos, temos uma percepção de que homens considerados mais novos (a partir dos 15, 16 anos) privilegiam o treino na parte superior do corpo, pois possuem o foco na estética corporal. São agentes sociais que segundo os/as profissionais com quem conversei procuram expor mais suas paisagens corporais remodeladas ou em processo de transmutação. Os indivíduos masculinos considerados “mais velhos” (para alguns a partir dos 30, 31 anos e para outros a partir dos 40 anos) já esboçam uma preocupação com o corpo como um todo, buscando, dessa forma, dispor de uma vida com mais qualidade física e mais saudável. Assim, os mais velhos, de acordo com as pessoas com quem dialoguei, não possuem grandes preocupações com a quantidade de peso que levantam ou com o tempo que levam para nadarem

⁶⁴ Na natação não percebi que existisse qualquer nomenclatura, do tipo do “frango” da academia, para designar os iniciantes.

⁶⁵ É interessante perceber que um indivíduo fraco, covarde, novo também é conhecido, na sociedade de modo geral, como frangote, uma derivação do “frango”.

determinadas distâncias⁶⁶. Esse comportamento diferenciado no que tange ao trabalho corporal de homens jovens e mais velhos também foi identificado por Santos e Salles (2009) em pesquisa realizada em uma academia de musculação da zona norte do Rio de Janeiro.

É necessário, no entanto, dizer que esse “mais velho” não se refere, necessariamente, ao ser “idoso”. Dessa feita, é significativo percebermos que bem mais que uma inscrição etária impressa na carnalidade do corpo, os interlocutores utilizam como demarcação para classificar quem é “jovem” e quem é “mais velho” a questão dos objetivos relacionados à exposição corporal ou à qualidade de vida. Ou seja, os jovens procuram remodelar seus corpos com a finalidade de exibi-lo, de demonstrar uma compleição física musculada, “sarada”⁶⁷, e, dessa forma, muitas vezes só privilegiam a região superior do corpo, enquanto que os “mais velhos” estão mais preocupados em, a partir de exercícios físicos, obter qualidade de vida, sair do sedentarismo, melhorar a saúde e, devido a isso, procuram exercitar, de maneira mais equilibrada, as áreas acima e abaixo da cintura.

EJ: O que tu achas que pesa mais? A busca desses homens é mais por saúde ou por estética?

Bete*: Depende da faixa etária. Eu acho que os mais novos, estética; conforme vai adquirindo uma certa idade, saúde.

Bob*: [...] eles [os homens a partir dos 40, 45 anos] buscam esse condicionamento, essa prática de exercício para melhorar de vida, por melhor... Pra melhorar cardiorespiratoriamente, esses negócios; tanto que eu passo exercício de perna, braço e eles fazem a execução todinha sem reclamar.

EJ: E os jovens?

Bob*: [...] mais para ter um corpo bacana, não é? Pra... Na questão da aparência mesmo.

⁶⁶ É necessário ter em conta que se trata de uma visão geral sobre quem os interlocutores estão chamando de “jovens” e de “mais velhos” e as maneiras de se trabalhar o corpo por eles. Desse modo, é preciso considerar que há exceções.

⁶⁷ De acordo com Sandra Santos e Adilson Salles (2009: 88) o termo “sarado” faz relação entre beleza e saúde: “um adjetivo que deriva do verbo ‘sara’, ou seja, ‘recobrar a saúde’ ou ‘curar uma ferida’, mas que foi ressignificado para ‘corpo modelado’ ou ‘corpo musculoso’”. Ser “sarado” é estar “curado” da doença que a gordura e a flacidez configuram para quem pratica atividade física e, assim, apresentar um corpo rígido, tonificado e sem ou com níveis mínimos de adiposidade (Goldenberg e Ramos 2002: 30-31).

Paco*: [...] Os mais velhos [...] valorizam o todo, o equilíbrio, sim! Tentam encontrar mais o equilíbrio, não procuram tanto levantar mais peso, não procura... Procuram o todo, o equilíbrio [...]. O mais velho já busca mais uma qualidade de vida.

Plínio*: O homem mais velho, tendencialmente, é mais equilibrado; o homem mais novo tem mais preocupação com a parte superior, sim, sem dúvida.

Contato com a Bete*

Bete*, que foi minha professora de natação no Olympia, considera-se heterossexual, branca, de *status* médio e sem religião. Ela tem 32 anos, é solteira, graduada em Educação Física e possui algumas especializações. No início não tínhamos proximidade, até mesmo devido ser os professores-estagiários que tomavam mais conta das duas primeiras raias da piscina que era onde eu nadava por ser iniciante. Nossa aproximação maior se deu, de fato, nas últimas aulas antes do fechamento da piscina para uma reforma. Em uma conversa que tivemos contei-lhe que estava fazendo uma pesquisa de doutoramento, expliquei-lhe sobre o que era e ela aceitou, quando eu começasse a etapa dos diálogos formais, de falar comigo. Para não perdermos contato e, também, para receber notícias sobre o retorno das atividades no Olympia, ela me adicionou em um grupo no *Facebook*. O diálogo formal só fora marcado, realmente, quando retomei minhas aulas de natação ali. A conversa, assim, aconteceu numa parte da arquibancada da área da piscina e durou por volta de 41 minutos. Para que pudéssemos parolar tranquilamente o professor que a auxiliava ficou supervisionando, sozinho, a turma do horário. Ao final da conversa, com o gravador desligado, ela me disse que ficou um pouco envergonhada em alguns momentos, porém, logo em seguida complementou: “Mas é bom falar dessas coisas”.

A sexualidade, também, será outra maneira de olhar a fragmentação do corpo que é trabalhado nas academias e na natação. Para muitos, o ser heterossexual ou homossexual, igualmente, terá influência na forma como os indivíduos procurarão remodelar seus corpos. Assim, na visão das pessoas com quem conversei, os homens heterossexuais priorizam a parte superior do corpo enquanto que os homossexuais procuram trabalhar o todo, muitas vezes dando ênfase à região inferior. Essa visão de que os homossexuais priorizam a parte abaixo da cintura, de igual modo, contribui para a resistência de alguns homens heterossexuais, em treinarem as pernas e, em específico, os glúteos, como destacam Bernardo e Bruno em suas falas, pois a virilidade está associada à área superior do corpo do mesmo modo que a área inferior vincula-se à feminilidade (Malysse 2007: 104).

Apesar de se constatar modificações nesse cenário, tal pensamento de que há áreas do corpo interditas para cada gênero exercitarem (por exemplo, os glúteos para os homens e o peito para as mulheres) ainda se faz presente nos ambientes de

remodelamento corporal e gera comentários jocosos. Chaves (2010), a partir de sua pesquisa, fala-nos que a parte menos utilizada pelos homens nas academias é onde se concentram os aparelhos para se trabalhar as pernas e, principalmente, os glúteos. Ainda que ele perceba a mudança de comportamento de alguns indivíduos masculinos que treinam para “sair do estigma do *homem sorvete*, *homem chuchu*, ou seja, largo em cima e fino em baixo” (Chaves 2010: 91 – destaques do autor), porque estes acreditam que o corpo deve ser trabalhado na sua totalidade e, também, por considerarem que braços e pernas hipertrofiados agradam as mulheres, o pesquisador revela que o treino de glúteos por parte de agentes masculinos ainda é alvo de brincadeiras que colocam em questão a heterossexualidade dos indivíduos.

Novamente chamo a atenção para o fato de existirem as exceções em relação a essa visão geral, pois como dizem Bruno e Plácido:

Bruno: Existe muito na academia, na musculação... Assim, tem muitos homens que não malham perna ou glúteo, porque falam que é exercício só de mulher. Eu já não concordo. Pra mim, assim, tem que malhar como um todo, porque não adianta tu parecer, assim, como o pessoal fala “um sorvete”, aí, tipo, o superior grande, a perna fina, tudo mais, eu não gosto.

EJ: Aí tu achas que é mais por causa dessa questão do preconceito mesmo que eles têm um pouco dessa resistência?

Bruno: Sim. Sim... [...] pra pessoas que têm certeza da sua sexualidade não tem problema.

Plácido: [...] acho que é uma parte do corpo como outra qualquer e eu acho que as pessoas têm... Até porque, se quiser ter um corpo equilibrado isso também tem que fazer parte, não é? Não acho, não acho que seja uma coisa estranha.

Além disso, é significativo percebermos a contradição no fato dos homens buscarem, atualmente, certo equilíbrio corporal – o que se traduz em ter que trabalhar de igual modo todos os músculos – e ainda, assim, verem como “de mulher” o treino de pernas e, principalmente, o de glúteos. É necessário, no entanto, considerar que ter um corpo grande, com músculos desenvolvidos e ostensíveis, faz parte da “cultura da aparência viril” (Courtine 2013: 563). Desse modo, a valorização do exercitar braços, peito e ombros por parte dos indivíduos masculinos os colocam em conformidade com certa imagem de homem, a qual relaciona músculos com força e proteção (Sabino 2000, Bourdieu 2014), mas, também, materializa uma corporeidade que se distancia daquela que é imposta às mulheres a qual tem como símbolo, dentro dos ambientes de

remodelamento corporal – mas não somente ali – a região inferior do corpo⁶⁸. Assim, o trabalhar, principalmente ou exclusivamente, a área superior da compleição física, em detrimento à inferior, relaciona-se à noção de masculinidade hegemônica que, dentre várias características e imposições comportamentais, tem a anulação, no corpo masculino, de aspectos vistos como femininos (Connell 1995; Vale de Almeida 1996, 2000; Kimmel 1998; Connell e Messerschmidt 2013).

Dessa feita, no processo de remodelamento corporal e formulação dos projetos dos homens jovens é imprescindível atentarmos para a coexistência de aspectos simbólicos e sociais de uma masculinidade vista como antiga, clássica ou tradicional e outra atual, moderna ou pós-moderna que apontam para formas de ser e estar no mundo dialogando com inúmeros elementos comportamentais e estéticos ressignificados. Destarte, dentre as várias referências que circundam os indivíduos masculinos atualmente, é significativo refletirmos sobre a depilação, pois esta, ao mesmo tempo em que paira na mente de muitos como uma prática fortemente ligada ao universo feminino, também, hodiernamente, tem sido atividade comum para alguns homens e não somente os de sexualidade homossexual (Freitas 2009; Morais 2015), ainda que para muitas pessoas a condição sexual de quem utiliza serviços de depilação seja questionável. A eliminação total ou parcial dos pelos está muito presente quando refletimos sobre determinadas práticas físicas, em especial a musculação e a natação.

Se outrora a presença de pelos no corpo distinguia as pessoas em relação ao gênero e, assim, estava relacionado com certa noção de masculinidade (DaMatta 2010; Aragão 2012a), hoje o cenário é outro (Enguix 2012). Pesquisas como as de João Paulo Vilas-Boas (2001), Sabino (2004), Ludmila Freitas (2009), José Chaves (2010), Cesaro (2012), Rodrigues (2013), a minha (Oliveira Júnior 2014) e a de Vinícius Morais (2015) demonstram que homens que vivenciam masculinidades diversas, em contextos variados, têm realizado a depilação, com finalidades diferentes e em diversas áreas de seus corpos.

Assim, o ter ou não pelos está relacionado com o ato excorpóreo dos indivíduos. Por conseguintes, a decisão da eliminação total ou parcial dos pelos corporais conecta-se com a mensagem que esse indivíduo quer transmitir, seja esta estética, higiênica ou

⁶⁸ No cotidiano, considera-se “masculinizada” as mulheres cuja parte superior do corpo, seja por meio da musculação ou da natação – ou de outra modalidade esportiva –, é bastante desenvolvida. Cf. Cesar Sabino (2000, 2007), Stéphane Malysse (2007).

ambas. É preciso reflexionar, no entanto, que a despeito da gramática de produção corporal investida pelos indivíduos que se depilam a gramática de recepção poderá ser outra, diferente do elaborado (Ferreira 2013: 502) provocando, assim, outras interpretações, como é o caso de se considerar homossexual o indivíduo masculino por depilar determinadas áreas do corpo ou, como aponta Freitas (2009), por ter outras motivações que não a higiênica.

É necessário atentar que há espaços autorizados, há contextos onde determinados comportamentos e práticas são aceitos, compreendidos e exigidos, os quais são “espaços de corporeidade” (Malysse 2007: 92). Por exemplo, falar de depilação em um ambiente esportivo, de práticas de exercícios físicos não gera tantos estranhamentos, pois se entende que o corpo ali deve seguir certa “corporeidade modal” (Malysse 2007: 92) – traços corporais valorizados –, diferente, por exemplo, do espaço de uma borracharia. Os estranhamentos acontecem devido ao desvio na vivência do padrão estabelecido pela sociedade e por se pensar como naturais comportamentos e práticas relacionadas aos gêneros (Connell e Pearse 2015: 37), sendo a presença ou a retirada dos pelos uma delas. Mas é necessário considerar, como chamam à atenção as referidas autoras que “Ser um homem ou uma mulher (...) não é um estado premeditado. É um tornar-se; é uma condição ativamente em construção” (Connell e Pearse 2015: 38), o que permite releituras, ressignificações e aderências de novos/outros comportamentos e práticas relacionadas às masculinidades e feminilidades, afinal “vivir [es] una contradicción entre lo culturalmente apreendido y una práctica cotidiana” (Montesinos 2007: 188 – acréscimo meu).

Em vista disso, deve-se atentar para a força do olhar do Outro e o nosso próprio sobre nós, pois este, mais que “um elemento perceptível, é, assim, um elemento da ação...” (Cunha e Silva 1999: 31), o qual contribui, força os agentes sociais a remodelarem suas paisagens corporais, acionando corporeidades em conformidade ou não à corporeidade modal.

Para os jovens com quem eu conversei, o pelo é visto como um elemento ocultador da definição corporal. Esse tema surgiu quando dialoguei com os homens portugueses, uma vez que estes, em algum momento de nossas conversas, ao citarem práticas realizadas por eles ou por outras pessoas falaram de “depilação”, o que me fez questioná-los sobre a relação dessa conduta com a evidência dos músculos trabalhados

via exercícios físicos⁶⁹. Por conseguinte, para causarem o efeito esperado de valorização corporal e exposição desse corpo que não se quer escondido – ou pela roupa ou pelo pelame – os agentes portugueses veem como necessária a eliminação dos pelos, seja por parte dos outros que frequentam as academias ou a natação ou por eles mesmos.

Pascoal: [...] preciso fazer uma fotodepilação no corpo todo, no corpo todo não, excluindo braços e pernas, mais no peito, no abdômen, nas costas e na zona púbica. Primeiro eu quero retirar os pelos todos de forma definitiva, isso faz parte do mundo, do estilo de vida do ginásio, não se ver muitas pessoas no ginásio, aqueles caras bombados, normalmente, a maior parte deles não se ver com pelos no peito, na barriga, nem nada, são todos depilados. Eu pretendo seguir o mesmo [...].

Pedro: [...] se tiver muitos pelos não conseguem ver, não conseguem ver e nem mostrar aos outros como é o seu corpo [...].

Pablo: Ah, muitos deles [dos homens que frequentam o ginásio] sim. A maior parte dos que eu vejo não tem, não tem pelos [...]. Outros esportistas é mais por uma questão de eficiência de... E, mesmo, por que tem que ser.

A retirada dos pelos, que deixa a pele nua dessa vestimenta biológica, natural, reveste o corpo de significados culturais, contribuindo, desse modo, à sua corporeidade, à sua paisagem corporal. Destarte, nos trechos acima, podemos verificar três pontos significativos para pensarmos a questão da depilação. Um deles é a influência que outras pessoas exercem sobre algumas de nossas decisões. Pascoal, seguindo um projeto corporal fisiculturista, procura se espelhar em outros indivíduos que são ou que ele ver integrantes do mesmo projeto – o que Marcel Mauss (1974: 215) chamou de “imitação prestigiosa”, que é quando a pessoa “imita atos que obtiveram êxito e que ela viu serem bem sucedidos em pessoas em quem confia e que têm autoridade sobre ela”. Dessa forma, Pascoal procura imitar a gramática corporal de indivíduos que lhes são “instâncias de autoridade somática” (Ferreira 2008: 64), justamente por serem o que ele almeja ser.

⁶⁹ Em Belém do Pará a associação da presença/ausência de pelos com a visibilidade da musculatura não foi um assunto debatido; pois esse não apareceu nas falas dos jovens belenenses e nem eu, no momento das conversas formais, trouxe o tema para a reflexão deles. No entanto, é necessário dizer que ainda que eles não tenham utilizados a palavra “depilação” em nossos diálogos, pode-se perceber a referida prática implícita nos costumes dos jovens em cortar os cabelos, fazer a barba, eliminar total ou parcialmente os pelos pubianos, das axilas etc. Além disso, outro ponto que merece ser ponderado é que a questão da depilação surgirá importante para quem tem muitos pelos ou o suficiente em regiões que podem causar algum tipo de desconforto. Desse modo, por aquilo que pude observar dos jovens nos campos realizados (durante a execução dos exercícios físicos, nos banheiros e/ou vestiários e ao longo da realização das interlocuções formais), os portugueses demonstraram ser mais pilíferos que os belenenses.

O outro assunto é a visibilidade do trabalho muscular que a exclusão dos pelos propicia. E aqui eu retomo a ideia dos pelos como elemento ocultador – ou, pelo menos, dificultador de se enxergar claramente – da massa corporal desenvolvida. Assim, para que o resultado do treinamento, muitas vezes árduo – seja este na academia ou na natação –, apareça, seja visto e admirado pela própria pessoa ou pelas demais, é necessário, para alguns, que o corpo esteja nu (não no sentido do sem roupas, mas do encobrimento da visão proporcionada pelos pelos). Essa preferência ou necessidade de quem pratica exercícios físicos de se eliminar os pelos do corpo com o intuito de dar a ver o desenvolvimento muscular a si e aos outros, também, aparece nos trabalhos de Sabino (2004), de Chaves (2010) e de Cesaro (2012).

O último item que os trechos de entrevistas acima ressaltam está relacionado com a questão da eficiência ou do rendimento. Sobre isso, a natação é um ótimo exemplo. Para Vilas-Boas (2001: 66) a pilosidade é uma variável passiva – pois não depende da técnica – que produz alguma interferência no deslocamento da pessoa que nada, “o que tem justificado a generalização do hábito dos nadadores se depilarem antes de competições importantes”. Assim, a depilação, nesse esporte, possui a finalidade de minimizar a fricção entre o meio líquido e o corpo da pessoa, algo importante para quem pertence ao Projeto fisiculturista/competição⁷⁰. Contudo, milésimos de segundos a mais ou a menos não farão a diferença na vida de quem nada tendo por objetivo o Projeto de corpo saudável/ bem estar físico, por exemplo, algo que fora apontado por Paulo em sua experiência na natação:

Paulo: [...] na natação faz muito sentido fazer a depilação... Isso, no meu nível, sinceramente, não faz diferença nenhuma. Mas, o nosso treinador dizíamos: “Se tu fizer a depilação, se calhar, ganhas um segundo”. Isso é puramente mentira! A fricção na água é praticamente dispensável. O nosso nível de competitividade não faz diferença nenhuma. Se calhar, ao nível do Phelps faz toda a diferença, um microssegundo faz toda a diferença; pra nós não. Mas nós fazíamos por causa disso.

Deste modo, há vários motivos que levam os jovens com quem conversei à prática da retirada ou tosa dos pelos corporais, conforme descritos acima, e estes se relacionam, igualmente, às masculinidades por eles vivenciadas (Freitas 2009). Outra questão que não deve ser desprezada é a asséptica. Se outrora se via a presença de pelos como característica de virilidade, hoje, para muitas pessoas, essa é sinônimo de sujeira,

⁷⁰ João Paulo Vilas-Boas (2001) chama a atenção, em sua conclusão, que a partir da literatura existente é possível perceber vantagens entre a depilação e a diminuição da fricção no meio líquido. Contudo, o autor salienta, também, que são necessárias mais investigações científicas para a comprovação, de fato, sobre tal relação.

de descuidos, de falta de higiene. Assim, muitos procuram aparar ou eliminar sua pilosidade com o intuito de terem uma pele “limpa”, lisa e, conseqüentemente, uma paisagem corporal mais esteticamente aprovada pelos Outros e por si.

No que se refere à natação, os pelos não têm relação somente com o assunto da fricção no meio líquido. Há um discurso de que é preciso eliminá-los ou apará-los por uma questão de higiene também, como se pode ver nos trechos abaixo do meu diário de campo:

Além de mim, mais dois outros homens foram nadar. Antes de começar, recebemos instruções da Bete*. Para um senhor ela disse que ele deveria providenciar uma touca para nadar, o qual lhe respondeu dizendo que não sabia, pois, no ato da matrícula, não fora informado da necessidade do equipamento; contudo, iria providenciar para a próxima aula. Ela também pediu a ele que depilasse o corpo:

– Não precisa tirar tudo, mas aparar.

Esse senhor é bastante peludo. Ela olha para um rapaz ao lado e continua:

– Igual o nosso amigo aqui, ó!

O rapaz que ela se reveria tinha, visivelmente, os pelos do peito raspados.

– Não precisa tirar tudo, apenas diminui o tamanho. É uma questão de higiene da piscina – complementa.

Esse senhor disse que compraria um barbeador elétrico para isso.

Olympia, março de 2014

Ao ir ao vestiário para me trocar encontrei aquele senhor que a Bete* havia pedido para ele aparar os pelos. Quase nem o reconheci. Ele havia raspado todos os pelos do peito. Estava bem lisinho mesmo. Olhei para as pernas dele para ver se ele havia raspado também, mas não...

Olympia, abril de 2014

A ideia de higiene deve ser relativizada, pois é possível perceber que para uns a interdição deve ser cumprida, mas para outros não. Por exemplo, enquanto o senhor do trecho do diário acima fora instruído a tirar seus pelos, eu que, apesar de não ter grandes quantidades como ele tinha, mas o tenho de forma bem visível no peito, barriga e pernas, nunca me foi exigido nada, a não ser o uso da touca quando de minha primeira aula no Olympia e, tal como o senhor do excerto, não fui informado que precisaria do

referido equipamento quando me matriculei. Um questionamento que cabe é: até que ponto, por exemplo, o uso da touca está relacionado com a questão hidrodinâmica, a qual se diz contribuir para a velocidade dos nados, ou com uma tese asséptica, para se evitar, desse modo, que fios de cabelo desprendidos de alguém fiquem na água e se grudem noutra pessoa ou por elas sejam engolidos?⁷¹

É imprescindível ponderar que a questão da higiene, como fala José Rodrigues (2006), é e está implicada em um sistema de signos do qual emergem noções construídas e legitimadas de puro, impuro, sujeira, limpeza etc., algo que Mary Douglas (1991) também aponta. Desse modo, a corporeidade acionada pelos agentes sociais, nos ambientes de musculação e de natação, está envolta em regras que dizem como proceder diante dos pelos e fala, igualmente, de um comportamento que tem relação com certa noção de ser sadio, uma vez que higiene e saúde, em nossa sociedade, estão entrelaçadas (Rodrigues 2006).

Na musculação, além do discurso estético há, também, certa ideia de higiene, pois se relaciona pelos e suor com os odores que podem e devem ser combatidos, eliminados ou disfarçados; ponto que fora apresentado, igualmente, pelos interlocutores de Chaves (2010: 130). Em vista disso, as fronteiras discursivas do que vem a ser preocupações estéticas e assépticas – e de saúde também – se misturam visando um único resultado: a eliminação parcial ou total dos pelos corporais e o acionamento desses discursos dependerá da parte do corpo que os jovens costumam eliminar ou diminuir a pilosidade.

Todas essas questões discutidas até aqui, direta ou indiretamente, falam da encarnação, do corpo que obriga a determinadas ações, dos limites impostos pelo “corpo-sujeito” (Ferreira 2008), no processo de remodelamento corporal, mas, também, da excorporação, as reflexões realizadas pelos agentes sociais sobre seus corpos e a forma de transmudá-lo e de apresentá-lo ao Outro, uma vez que:

⁷¹ Dos trabalhos que li, especificamente, sobre a natação, nenhum falara do tópico pelos e higiene. O trabalho de João Paulo Vilas-Boas (2001), que traz alguma reflexão sobre a pilosidade, analisa esta pelo ponto de vista da hidrodinâmica, do rendimento do atleta. Ainda sobre a questão em reflexão, se a ideia da retirada dos pelos, ou sua tosa, passa uma noção de limpeza, de higiene, quer dizer, por outro prisma, que os pelos são vistos como sujos, como impuros, dessa forma, a presença deles na água e a possibilidade de engoli-los durante algum nado (crawl, costas, peito ou borboleta) relaciona-se, também, com certa noção nojo e com uma possível presença de microrganismos patogênicos. Contudo, a ausência desse elemento na água não significa, de todo, que o ambiente esteja completamente limpo (Cf. Oliveira 2013; Santos 2013). Assim, “As práticas higiênicas [como a eliminação ou diminuição da pilosidade] imunizam mais as idéias que as cosias” (Rodrigues 2006: 121 – acréscimos meus).

Ao tentar superar-se continuamente, com o objetivo de se fazer, mais eficazmente, à ação, o corpo confronta-se com o facto de ser o seu próprio obstáculo. No limite, para melhorar o corpo, para melhorar as suas *performances*, seria necessário eliminar o corpo, ou pelo menos aquele corpo (Cunha e Silva 1999: 165).

O processo de transmutação corporal pode ser resumido no trecho acima de Cunha e Silva. Destarte, os homens jovens com quem conversei procuram trabalhar sua compleição física, modificando sua paisagem corporal utilizando-se de inúmeros meios para isso. Nesse processo, lidam com características fenotípicas e igualmente simbólicas do corpo. É um jogo constante de negociações, de pressões e afrouxamentos de um lado ou de outro, do agente enquanto indivíduo e do corpo enquanto unidade natural e cultural. Corporeidade, incorporação, excorporação, encarnação, subjetividade, intersubjetividade, agência, projetos, dentre várias outras noções e conceitos, fazem os corpos das pessoas, e são feitas por eles, ainda que, muitas vezes, de maneira não perceptível.

A dor é outra variável que os agentes sociais precisam (saber) lidar na intenção de trabalharem seus corpos e deixá-los conforme seus projetos. A algia está presente no dia a dia de quem pratica exercícios físicos. A partir do campo é possível pensarmos dicotomicamente a dor e classificá-la enquanto “boa” ou “ruim”. Por exemplo, a ruim compreende a lesão, o machucado que pode deixar a pessoa afastada por um tempo da prática física, e em alguns casos até para sempre. A boa já seria o incômodo no músculo que fora forçado, “rasgado”, “esmagado”, mas um incômodo que não invalida a pessoa, pelo contrário, fornece-lhe sinais de que os exercícios foram bem executados e que a musculatura recebeu o estímulo necessário para o seu crescimento. Enquanto a primeira dor causa preocupação, a segunda revela-se, para muitas pessoas, prazerosa e enquadrada na famosa frase das academias “*no pain, no gain*”. Essa frase serve, para muitos, como um mantra que auxilia a suportar a dor dos movimentos e estimula os treinos diários e intensos e as abstenções.

Pascoal: [...] toda a gente pensa que é fácil chegar lá e começar a levantar peso e passar um mês já se fazer mais cinco, dez quilos e se passar dois meses já vai estar no objetivo que se queria, não é assim! Então, quem vai pra lá achando que, pra academia, vai conseguir chegar lá e levantar os pesos todos e não vai ter dor, vai ver logo ganhos, está enganado. É preciso ter muita dor até chegar lá. É começar a treinar com um treino controlado, não é chegar lá e tentar pegar mais do que o nosso corpo aguenta, porque isso só vai definir os músculos e prejudicar nossas articulações. Enquanto a pessoa é nova, recupera rápido, mas daqui a alguns anos as consequências disso vão aparecer, a pessoa pode ficar com artrose, pode ficar com deficiências a nível muscular, pode ficar com as articulações muito prejudicadas, pode ter hérnias, que é muito perigoso, uma

hérnia na coluna, na zona da coluna pode impossibilitar a pessoa de treinar durante muito tempo, quiçá, mesmo, impossibilitar a pessoa depois, de voltar a treinar, impedi-la de fazer certo tipo de exercícios, que já não poderá fazer mais; portanto, não convém ir pra lá e arriscar tudo logo a início. Convém ir, evoluindo gradualmente. Mas, sim, tem que ser com dor. O músculo para crescer tem que, o próprio musculo tem que saber que ele tem que rasgar, tem que doer. Se não doer, se a pessoa for pra lá levantar um peso todos os dias, tem uma rotina, vai lá, levanta um peso, chegar a casa, descansa, no outro dia não dói nada, o corpo tá ótimo, alguma coisa tá mal, não tá a fazer nada, não tá a fazer as coisas bem. Portanto, pra crescer tem que rasgar, pra rasgar tem que doer, daí que *no pain, no gain*, sem dor não há ganho.

Bruno: A definição de treinar, pra mim, numa academia, é que, no final do treino se você não sentir, assim, tipo doendo, se você forçar o músculo ou, tipo assim, o peitoral se você forçar, ou o bíceps e você não sentir ele, assim, pra mim, você não treinou, pra mim você foi lá carregou peso... Entendeu?

EJ: E o que tu achas daquela frase “*no pain, no gain*”, “sem dor, sem ganho”?

Bruno: [...] É uma frase verdadeira, assim, tipo, a pessoa malha direito ela sente dor lá no músculo que ela está treinando e ela sente aquela dor e vai desenvolvendo. Assim, realmente, se a pessoa não está sentindo dor ela não tá ganhando nada ali.

Pedro: Eu treino, sinto dor, mas vejo que a dor, se for muito intensa, não vou esforçar muito, posso estragar tudo logo. Por isso, eu sinto, se for uma dor pequena, como a bocado estava a treinar, a dor tá a crescer, sinto o músculo inchar. Mas, se for uma dor muito intensa paro logo.

É necessário considerar que nem todas as pessoas reagem à dor da mesma forma (Ferreira 2008; Le Breton 2013). Enquanto alguns gostam de sentir a dor no músculo trabalhado na academia ou na natação, há outras pessoas que não, pois “A relação íntima com a dor depende da significação que ela reveste no momento em que afeta o indivíduo” (Le Breton 2013: 13). Apesar disso, todos os jovens com quem conversei disseram-me gostar de sentir a dor no músculo exercitado, uma vez que compreendem como algo necessário ao remodelamento corporal e alcance dos objetivos planejados.

Destarte, diferentemente da dor da marcação corporal via tatuagens e/ou piercings, a qual, apesar de esperada, não é um “prazer que se busca” (Ferreira 2008: 76), a algia do exercício físico é desejada, ansiada como um signo indicial de uma série bem executada que terá como consequência o crescimento muscular. Essa dor, por ser ensejada, almejada, não afasta o indivíduo do controle do seu corpo. Assim, a ação de nadar, de malhar é realizada até ao limite do suportável, colocando nesse contexto o agente social como aquele que possui o corpo e nele age conscientemente.

Além de depender da significação e interpretação de cada agente social em relação à dor que sente ou procura sentir, esta igualmente tem relação com os objetivos que cada pessoa tem planejado para si. Desse modo, a dor para os que pertencem ao Projeto Fisiculturista/competição e Projeto de corpo chamativo/definido é diferente (em suas intensidade e simbologias) da dor das pessoas do Projeto de perda/manutenção/ganho de peso e do Projeto de corpo saudável/ bem estar físico.

Plínio*: [...] ter mais dores, dependendo do exercício ou dependendo do tipo de treino que se está a introduzir, não significa mais benefícios. Agora, biofisiologicamente logicamente quando se trabalha num limite sabemos que temos mais resultados, sabemos que a dor, nesse caso poderá a ser um benefício, depende do o que se estiver a trabalhar; se a pessoa tiver a trabalhar para, para ter mais coordenação ou para ter uma maior capacidade sensorial etc. por se ter mais dor pode não significar que esteja a fazer melhor. Mas, em termos biofisiológicos quanto maior é a dor ou maior é a intensidade do esforço, maior vai ser também o resultado que a pessoa vai obter.

Para quem trabalha com o intuito de hipertrofiar, a dor será um elemento identificador do bom trabalho que está sendo realizado. Sentir a algia pode indicar (a depender da intensidade e do que provoca no corpo) que algo está bem ou não, pois a ausência desta também é motivo de atenção. Assim, é necessário saber ouvir o corpo. Desse modo, para muitas pessoas, não sentir dor, não sentir o esforço, o músculo sendo trabalhado, aponta para uma necessidade de mudança, é o alerta cultural no biológico para que se reformule o plano de treino. Em vista disso, a algia do exercício físico causa prazer e, igualmente, fala do esforço que se está a fazer para superar os obstáculos corporais. Suportar a dor é lidar com os limites do corpo encarnado.

Brian: A dor?

EJ: É.

Brian: É a melhor coisa que tem.

EJ: É? Por quê?

Brian: É uma dor muito gostosa. Eu até...

Benedito: ...Por que aquilo tá te fazendo... Tá te sentindo bem, entendeu? Tá fazendo efeito.

Brian: Toda vez que tu treina e sentir dor, pode ter certeza que a hipertrofia foi boa. Se tu treina e não sente dor nenhuma...

Benedito: ...Não vale de nada.

EJ: Então aquela frase “*No pain, no gain*” é certa?

Benedito: Ahã, verdade!

EJ: Tem que sentir dor para poder...

Brian: ...Sim, porque as fibras se rompem e se a fibra não se romper ele não tá...

Benedito: ...Para um determinado objetivo de hipertrofia, claro!

EJ: Como tu lidas com a dor na natação?

Benjamin: Quanto mais eu sinto dor melhor pra mim, entendeu? Porque eu sinto que estou me esforçando no... Na batalha XXXX.

EJ: Então se tu estás nadando sentindo dor, tu achas que aquilo está valendo?

Benjamin: Tá valendo. Eu percebo que o treino tá cansando, que eu tô me esforçando cada vez mais, tipo: eu vou fazer um 10x50, aí eu sinto que não tô sentindo dor, eu sei que não tô forçando, entendeu? Aí quando eu nado 10x50 de porrada mesmo, começo a forçar e começa a doer, eu sinto que tá evoluindo.

Pablo: ... acho que temos que aprender a ouvir o nosso corpo, não é? [...] se eu tô a fazer um certo exercício; por exemplo, pro peito, é normal que eu sinta a dor, que eu sinta o músculo. Se eu sinto a dor e consigo fazer o movimento bem, correto, tudo bem; se eu sentir que já estou a utilizar outra parte do corpo, aí já acho que não devo fazer. [...] eu tento sempre ver, no dia seguinte, como é que estou, se não sentir nada, também, não gosto muito, sinto que, se calhar, não treinei assim tão bem...

Patrick: [...] o corpo habitua-se a encarar as dores em si, depois torna-se parte quase do dia-a-dia [...] com o tempo vai se habituando.

O limite não me afasta do corpo, pelo contrário, aproxima-me e evidencia que este a mim pertence (Ferreira 2008: 78). Resistir bem à dor na prática de exercícios físicos, principalmente quando se está treinando forte – seja na natação fazendo-se muitas voltas e em pouco tempo, seja na musculação levantando grandes cargas e com várias repetições – coloca o agente social partícipe em destaque, dentre outras coisas, como um indivíduo disciplinado, que possui força de vontade na direção da concretude do seu projeto corporal.

A dor irá indicar, igualmente, que exercício o aluno poderá fazer ou não, se a série programada está adequada aos objetivos planeados ou se será melhor readequá-la. A dor é a responsável, ainda, por limitar os movimentos e, assim, impedir que o treino, o nado – ou qualquer outra prática física – continue. O corpo, a força do indivíduo também é levada em consideração, muitas vezes, para permanências ou modificações, conforme os trechos do diário de campo abaixo:

Havia um rapaz novo malhando e a Bianca* dava-lhe algumas instruções. Ela passou um

exercício de tríceps para ele e me perguntou:

- Edyr, foi você que me pediu mais exercícios de tríceps, né? – Respondi que não.
- Mas alguém me pediu – disse ela.

Falei que ela já havia me passado um – mostrei qual foi – e então me falou:

– Pois é, foi você mesmo. Mas eu quero que você faça esse que ele vai fazer também – Ela me instruiu a pegar um peso que é “vazado” para poder melhor segurar na execução do exercício.

Fiz conforme a sua orientação; contudo, senti um pouco de dor. Falei-lhe ao final e, assim, disse-me:

- Ah, então não faz mais. Vamos mudar o posicionamento. Iremos fazer de outra forma.

Olympia, abril de 2013

Fiz os primeiros 50 metros, descansei um pouco e parti para completar mais 50. No entanto, na finalização dos 25 metros, senti o pescoço. Fiquei próximo à borda e, poucos segundos depois, o rapaz que dividia a raia comigo hoje chegou e eu lhe disse que havia machucado o pescoço, mas que tentaria cumprir a série mesmo assim. Contudo, não consegui fazer a respiração, pois, devido à dor, não pude virar o pescoço. Sai da água...

Olympia, abril de 2013

Reclamei de dor no ombro para o Beto*, depois de fazer a vigésima ou vigésima segunda volta. Ele me pediu, então, para nadar costas.

- Mas não vai ser pior, por eu estar com dor no ombro?
- Não. Faz lá. Se tu sentires alguma dor, aí tu me falas.

Aquarium, outubro de 2013

Como corpo-sujeito, o corpo impõem seus limites, suas regras. Este, ainda que possa propiciar seu remodelamento, também pode dificultar as coisas para os indivíduos. Não raramente a questão genética é acionada para se falar de alguma dificuldade em relação à modificação corporal. Assim, é necessário vencer a “natureza” do corpo, ainda que esta esteja na profundidade, nas áreas invisíveis a olho nu. Basta termos em mente que o corpo exercitado por meio de práticas físicas modifica-se fora e dentro, uma vez que, assim como a paisagem corporal assume outras corporeidades, o metabolismo, por exemplo, também passa a ser outro. Nesse processo de superação das

fronteiras corporais, recorre-se a inúmeros meios: dietas, treinos intensos, suplementação, anabolizantes etc.

Enquanto eu fazia minha série para os bíceps ouvi um senhor e um rapaz mais novo conversando sobre o Benedito que acabara de sair:

– Égua! O Benedito malha muito, puxa bastante peso, mas ele não cresce, né?

– É! – disse rindo o rapaz.

– A genética dele é assim, não favorece. Fulano malha e é todo bombadão [ele apontava em seu próprio corpo onde: peito e braços], é todo entroncado, mas ele...

Clava, outubro de 2014

Para superar os limites corporais e do meio faz-se uso de tecnologias, ferramentas que auxiliam na remodelagem do corpo. Na academia, por exemplo, com barras, halteres e anilhas, desafia-se a gravidade; na natação, o diálogo e a negociação são com a hidrodinâmica e com a densidade. Para a transmutação da compleição física é necessário aprender “técnicas corporais” (Mauss 1974). Essas técnicas do saber fazer, aliadas a outras, às repetições, às ferramentas produzidas pelo corpo “heteropoiético” – o qual produz outras coisas que não ele e ao mesmo tempo faz-se a si mesmo (Cunha e Silva 1999: 24) – viciam a carne modificada ou em modificação, uma vez que: “O corpo treinado é, no sentido em que necessita de exercício para se manter, um corpo viciado” (Cunha e Silva 1999: 165).

Desse modo, o corpo se acostuma com os exercícios, com a rotina de treinos e, igualmente, com a alimentação e com as substâncias que ingere. Quando terminei o período de campo, como uma forma de melhor trabalhar as informações apreendidas, resolvi me afastar da musculação e da natação. Contudo, esse não fora um período fácil. Sofri o que chamo de “processo de abstinência do campo”. Apesar de julgar necessário parar de frequentar as aulas das modalidades observadas para análise dos dados e escrita deste trabalho, o meu corpo pedia o não repouso, a não inércia. Assim, senti a falta de nadar, de malhar. Aos poucos, contudo, o meu organismo foi ganhando um ritmo distinto, outro metabolismo, não mais das barras e anilhas, das braçadas e pernadas, mas da escrita e, assim, uma diferente mobilidade foi tomando lugar. Saía, por um tempo, o

corpo desportivo e entrava em cena o corpo motor, mais sedentário; algo que acontece com muitas pessoas que, por algum motivo, interrompem a rotina de exercícios físicos.

Segundo dia de aula no Olympia, após a reabertura. Encontrei o Benjamin na arquibancada. Ficamos conversando. Ele me disse que nunca mais havia nadado desde que o Olympia fechou e que já havia até perdido peso, principalmente na região do peito, e criado barriga, pois estava “fazendo muitas besteiras”. Disse-me que estava bebendo e que a barriga era principalmente disso e, também, por que havia parado de nadar e malhar que era o que dava corpo para ele.

Olympia, março de 2014

O corpo tem limites e é preciso respeitá-lo. Mas isso, raramente acontece. Força-se o corpo, invade-o com inúmeras substâncias, pois o amanhã está longe demais. O agora, principalmente para os jovens, é imprescindível, conforme aponta Michel Maffesoli (2004: 27) e, igualmente, chama a atenção o professor Peterson*:

Peterson*: Há muito miúdos que nos chegam à mão, a mim e a outros colegas, que a preocupação deles é “Que proteína posso tomar?”, “Qual é o suplemento que posso tomar?”. Há muita essa preocupação.

EJ: E é direto? Não espera, assim, um ou dois meses?

Peterson*: Não, não, não, não. É direto. É direto. É direto. Dependendo da pessoa, há aquelas pessoas que XXXX têm as suas fibras, há aqueles que conseguem crescer, entre aspas, “em seis meses” e há aqueles que demoram um e dois... E aquilo não passa dali, não passa dali. Porque o corpo não tem, não é aquela tendência natural do corpo. Há aquelas pessoas em um, dois, três meses nota-se uma diferença, há aqueles que em seis meses não há praticamente mudança nenhuma. Eles conseguem levar o peso, sim senhor, conseguem fazer os exercícios, mas não há diferenças físicas. [...] se nós tivermos duas pessoas a fazer o mesmo treino, o resultado pode ser muito diferente, muito diferente.

Algum remodelamento corporal é com o tempo. O trabalho na academia, na natação deve ser visto como um processo, segundo ressaltam os jovens que dialogaram comigo, um momento de negociação com o corpo. É por meio da excorporação que os agentes sociais procuram lidar com o corpo encarnado. E nesse contexto o discurso da disciplina é imprescindível. No entanto, como já apontado, muitos procuram meios para acelerar a concretização do projeto planeado, uma vez que o amanhã é tempo demais para se esperar.

Há algumas práticas a serem adotadas quando o corpo estagna em sua evolução rumo ao remodelamento pretendido: mudar o treino, colocar mais peso, forçar as

braçadas e as pernadas, aumentar o ritmo, mudar a alimentação, usar suplementação ou anabolizantes – o que Sabino (2007: 164) denomina de “drogas apolíneas” ou o que Pascoal chamou de “remédio milagroso”, de “ajuda milagrosa”⁷².

Pascoal: Quem vai pra academia achar que chega lá e... Que há um remédio milagroso... Neste caso até há, as bombas ou, nós chamamos aqui esteroides, vocês lá chamam mais bombas, nós aqui nós chamamos esteroides; esteroides e anabolizantes, realmente, são um milagre. Quando chegamos num limite e já não conseguimos... Eu, por exemplo, eu próprio, se vir que chego aos 80 quilos ou, até não consigo lá chegar, estou perto e já, mesmo com muita alimentação, com muita ajuda de suplementos, muito treino e bom descanso, já não estou a conseguir evoluir mais, provavelmente o meu corpo vai dizer que chegou ao limite, ou seja, eu sempre vou continuar musculado ou definido, a força, provavelmente, vai continuar a aumentar, apesar de ter o mesmo peso, até vou conseguir aumentar, gradualmente, a força, pegar pesos mais pesados e a meter cargas mais elevadas, mas, se calhar, o corpo em si, a nível de volume, de peso não passará desse limite, normalmente, aí, que o pessoal recorre aos anabolizantes. Já que eu já não consigo agora, cheguei ao meu limite, o que eu preciso é de ajuda; ajuda milagrosa toda gente sabe qual é: esteroides e anabolizantes...

Para superar a inércia, a fim de colocar o corpo em movimento, a tecnologia presente nos espaços de remodelamento corporal é essencial. O que seria do treino de peito sem a barra, o supino reto ou inclinado, sem o aparelho conhecido como “voador”? O que seria do aprender a “bater os pés na água” sem a prancha? Assim, a fronteira entre sujeito e objeto desaparece (Le Breton 2012: 26), uma vez que a ferramenta torna-se um prolongamento do corpo e auxilia este no seu processo de modificação. Os espaços, suas dinâmicas, equipamentos e movimento dos corpos, de igual modo, contribuem para a concretização dos projetos corporais dos jovens com quem conversei. É na circulação dos espaços que compõem os ambientes de remodelamento corporal que a compleição física transmutada enfrenta sua primeira prova: a do olhar do Outro, o qual, de inúmeras maneiras, colabora à visão que o agente social tem de sua paisagem corporal e para o processo de modificação que este almeja.

⁷² O uso de suplementação e anabolizantes será reflexionado mais à frente.

Espaços de interações e circulações corporais

Interação e solidariedade • Treinando só ou acompanhado • Espelhos
• Competição • Música • Vestiários • Comparando os corpos •

Os ambientes de musculação e de natação do Olympia, Clava, Aquarium e Lyceum são lugares de interação. Deve-se ter em reflexão, no entanto, que esta não acontece somente entre as pessoas que frequentam ou transitam por esses espaços de remodelamento corporal, mas, igualmente, entre os agentes sociais e as coisas, os objetos, os equipamentos, a infraestrutura e as máquinas que compõem a paisagem dessas zonas. Desse modo, a transmutação da compleição física dá-se mediante uma série de ações dos indivíduos e, também, devido aos relacionamentos destes com todos os elementos que fazem parte do cenário das modalidades citadas, mesmo, porque, a organização espacial contribui tanto à quinesesia – ao movimento corporal – quanto à propriocepção – percepção do próprio corpo no espaço –, conforme reflexiona Edward Hall (1986).

É significativo dizer que considero os espaços da musculação e da natação como paisagens, pois vejo esses cenários de remodelamento corporais “como express[ões] dos símbolos e sentidos” (Rocha e Eckert 2013: 219 – acréscimo meu) que as pessoas que praticam essas modalidades conferem a si e aos ambientes de transmutação da compleição física. É necessário ponderar, no entanto, que contemplar a paisagem – seja ela qual for – ou “transformar” uma cena cotidiana, ou mesmo um corpo em paisagem, dependerá do modo de olhar, de uma sensibilidade da pessoa para contemplar estruturas, ferramentas, sons, corpos como repleto de significados passíveis de serem lidos e que falem do contexto societário no qual estão inseridos.

Nesse sentido, os cenários, as paisagens da musculação e da natação enquadram-se na característica da paisagem que Augustin Berque (1998: 85) chama de “marca” e de “matriz”. Ou seja, ao mesmo tempo em que elas são estruturadas por uma forma de olhar, por experiências entremeadas por questões estéticas, morais, políticas etc., ela, igualmente, conforma o olhar, a experiência, a estética, a moral, a política etc. (Berque 1998: 86).

Em vista disso, em contraste com os movimentos repetitivos da musculação e da natação, a paisagem e a circulação das pessoas pelos ambientes de transmutação corpórea não é trivial, uma vez que, como afirma Flávio Silveira (2009: 77): “As paisagens como fenômenos culturais são dinâmicas e transformam-se com o passar do tempo”. Essas modificações são importantes porque dinamizam o lugar e reformulam a maneira dos agentes sociais interagirem com os espaços e, conseqüentemente, com os corpos que por eles transitam.

Primeiro dia de aula no Olympia após o período de reforma. Eles colocaram uma cobertura na área das piscinas (natação e hidroginástica). No corredor dos vestiários percebi que eles criaram dois outros banheiros: um para meninas crianças e outro para meninos crianças. Assim, eles separaram os párvulos dos adultos...

Olympia, março de 2014

O Lyceum é um prédio que fica em uma esquina, cujas laterais são de vidros, o que permite às pessoas que se encontram do lado de fora do ginásio observar quem está dentro do estabelecimento, até certo limite. Desse modo, da rua já pude perceber alguns equipamentos de exercícios. Ao me aproximar mais da edificação e ao fazer o contorno por ela com o intuito de chegar à sua entrada, comecei a percebê-la melhor e, assim, vi alguns indivíduos que lá estavam se exercitando. Aqueles que utilizam os aparelhos que estão mais próximos da vidraça também observam os transeuntes que entram ou saem do edifício por aquele lado, além da população que transita pela via...

Lyceum, setembro de 2015

Para o professor Peterson* os ambientes dos ginásios mudam muito de um lugar para o outro. Disse-me que o Lyceum, há seis meses, sofreu uma modificação na sua organização espacial. Onde hoje ficam os halteres, por exemplo, antes, encontravam-se as máquinas de cárdio (remo, elíptico, esteiras). Falou-me do posicionamento das salas para as atividades em grupo e em quais partes se situavam os equipamentos para o treino das pernas, peito, costas, ombros... Com o seu relato fiquei imaginando as pessoas transitando no logradouro e vendo os homens malhando os braços ali, pois o lugar de outrora era a área que dava visibilidade à rua, permitindo, assim, olhares de dentro para fora e do exterior para o interior do estabelecimento.

Lyceum, dezembro de 2015

O movimento corporal nesses lugares é condicionado pela forma como a espacialidade é organizada, pois esta favorece a circulação e, ao mesmo tempo, limita e

impõem a trajetória dos corpos, algo constituinte do que Fernando Franco (2011) chamou de “espaço organizado” (: 05). Na natação, por exemplo, as raias demarcam o espaço que cada indivíduo pode se utilizar da piscina. No tocante às academias, o trânsito de corpos masculinos e femininos é influenciado pela localização dos aparelhos e equipamentos destinados a grupos musculares específicos. Assim, onde se encontram as barras, os halteres e as anilhas utilizados para o trabalho da parte superior do corpo, lá estarão, majoritariamente, indivíduos masculinos constituindo uma paisagem da academia. Essa compartimentação do espaço, para Sabino (2000), faz parte do que ele chamou de “divisão sexual do trabalho muscular” (: 95), sendo esta uma:

Divisão que se radica, a princípio, no espaço físico, estendendo-se à prática dos exercícios que definem o que é correto para um homem realizar em conformidade com seus objetivos de aquisição de características viris e aquilo que é correto para uma mulher realizar em conformidade com seu objetivo de aquisição de características femininas (Sabino 2000: 95).

Desse modo, as disposições espaciais comunicam, expressam certa “ordem” e apontam para o trânsito possível pelo ambiente. Assim, a paisagem dos espaços de remodelamento corporal é constituída de inúmeras cenas, o que nos permitem fazer diversas leituras, não somente corporais, no sentido das corporeidades e das transmutações em curso, mas, igualmente, no que se refere aos gêneros, aos estilos das pessoas e suas interações sociais, uma vez que os indivíduos também fazem parte da paisagem (Berque 1998: 86; Silveira 2009: 73). Há, portanto, nos ambientes de transmutação corpórea, “micro-espaços” “marcado[s] por usos e contextos diferenciados” (Uriarte 2013: 09 – acréscimo meu), a depender de cada pessoa ou grupo, que atualiza o modo de estar no lugar⁷³. Segundo Urpi Uriarte (2013), o conjunto desses “micro-espaços” forma uma “totalidade-diversidade” (: 10), porque não coerente, não homogêneo, permite observar inúmeros deslocamentos, ressignificações e construções espaciais, realizadas por distintos agentes sociais no interior dos lugares investigados.

É necessário considerar, ainda, que “A imagem de cada um se torna parte da decoração” (Sabino 2000: 66), sendo, portanto, uma forma de “promoção” da eficácia de serviços oferecidos naquele ambiente, principalmente no que se refere aos ginásios, para quem, da rua, consegue observar os corpos em pleno trabalho de

⁷³ Pode-se pensar esses “micro-espaços” nos ambientes de transmutação corporal a partir das corporeidades dos agentes sociais (gordo, magro, musculado, “frango”, “grandão”, “monstro” etc.) – uma vez que, assim como o corpo ocupa um lugar, ele também é “lugar de múltiplas intervenções, de múltiplas colonizações” (Cunha e Silva 1999: 31) – e, igualmente, como consequência, na compleição física, dos projetos que cada um planeja para si.

modificação/(re)constituição da sua paisagem. Mesmo que alguns espaços de remodelamento corporal não possibilite a observação do seu interior por quem está do lado de fora, é preciso considerar que as pessoas que circulam por estes são “vitrines vivas”, as quais servem de motivação, de exemplos, igualmente, para aqueles indivíduos que buscam a concretude de algum projeto de corpo (a natação, aqui, com seus corpos com pouca roupa é representante máximo).

Além disso, outra reflexão sobre os ambientes das práticas de exercícios físicos, analisadas neste trabalho, diz respeito aos dispositivos tecnológicos que auxiliam as pessoas no remodelamento de seus corpos. Sendo os equipamentos que compõem os cenários da musculação e da natação “prolongamentos” do corpo humano (Hall 1986: 14), estes potencializam o processo de transmutação corporal dos agentes sociais, pois “O seu desenvolvimento [dos prolongamentos] permitiu-lhe [ao Homem] melhorar e especializar diversas funções” (Hall 1986: 14 – acréscimos meus). Desse modo, o uso de halteres, de kettlebell, dentre outros, potencializam o treino e o posterior desenvolvimento muscular; a prancha contribui para a flutuação e equilíbrio do corpo no meio líquido etc.

A utilização de maquinarias, tanto na musculação quanto na natação, a partir da promoção desses prolongamentos corporais, torna os indivíduos, em certo sentido, em “quimeras, híbridos” (Haraway 2000: 41), pois os adapta para a ação de remodelamento de seus corpos. Ao aprender as “técnicas corporais” (Mauss 1974) da modalidade física que pratica, ao utilizar os equipamentos e os objetos da musculação e da natação, o corpo se torna preparado a desenvolver as habilidades necessárias à transmutação da compleição física. Essa questão fala, igualmente, da superação dos limites do corpo, o que nesse processo, considerando a união, a cooperação de maquinários, ferramentas, objetos, biotecnologias à encarnação, remete-nos a um “corpo ciborgue”, esse “híbrido de máquina e organismo” (Haraway 2000: 40).

É devido à relação entre corpo e maquinaria que Le Breton disse que “A sala de musculação é muitas vezes comparada a uma câmara de tortura. Quanto mais se sofre, mas os músculos se desenvolvem e são valorizados” (2008: 43-44). Bruno, diferentemente, durante nossa conversa, chamou o local de “campo de treinamento”, dando outra conotação ao espaço. No entanto, os sons que essa “câmara de tortura”, esse “campo de treinamento” produziam não me fizeram pensar que as pessoas estavam sendo torturadas – ou, inicialmente, treinando – ainda que parecessem sentir dor, mas

contribuiu para que tivesse a impressão de estar ouvindo a algum intercuro sexual. Essa sensação acometeu-me quando, certa vez, chegando à Clava para treinar, ouvi, de fora do prédio, os gemidos e gritos das pessoas que lá se encontravam malhando.

Estava me aproximando da academia quando comecei a ouvir alguns gritos e gemidos. Identifiquei que vinham das pessoas que estavam malhando, mas não pude deixar de achar engraçado, pois pareciam gritos e gemidos vindos de algum filme pornô. A partir daí, não consegui não pensar nessa relação a cada vez que alguém expressava algum som desse tipo ali.

Clava, novembro de 2013

Pensar as academias de musculação é refletir sobre o todo que a compõem. Nesses cenários a visão, a audição e o olfato – sentidos sensoriais – também são deveras significativos e provocam reações diversas nas pessoas que ali transitam. Há erotização desses ambientes, seja por meio das roupas (muitas vezes poucas, cavadas, apertadas) ou devido às posições que os corpos precisam estar para utilizarem determinados aparelhos no processo de remodelamento de suas compleições físicas. Aliando posições, gritos e gemidos, não parece ser difícil pensarmos a “*erotização dos espaços esportivos*” (Camargo 2014: 64 – itálicos do autor) – principalmente, nesta pesquisa, dos ginásios –, mas não no sentido de desejo sexual, como aponta Wagner Camargo (ainda que este possa ocorrer), todavia por um viés metafórico, “imitativo”, uma vez que é possível lançarmos um olhar (escuta também) erotizante para o ambiente das academias, propiciando, assim, nessa lógica – individual ou coletivamente – contextos de pilhéria.

Outra questão ligada à audição deve ser considerada. Agora não relacionada a um viés metafórico, mas como componente importante no processo de remodelamento corporal, principalmente das pessoas que praticam a musculação, que é a música. No Olympia, em relação à musculação, o som vinha de um aparelho que ficava na sala onde a professora se encontrava na maior parte do tempo; alguns alunos também operavam o equipamento, colocando algumas canções, via pendrive, ou mudando de faixa quando a que estava em execução não agradava ou se repetira demasiadamente. As sonâncias que mais se reproduziam ali eram em inglês como “Counting stars” de OneRepublic e “Burn” de Ellie Goulding. No que diz respeito à natação sabe-se que as aulas não acontecem tendo a música como um dos seus componentes; contudo, inúmeras vezes

nadávamos ao som de melodias que vinham da hidroginástica (as piscinas ficavam próximas); nesse caso, havia certo equilíbrio de músicas nacionais e internacionais a exemplo de “Poeira” de Ivete Sangalo e “Don’t stop the music” de Rihanna, respectivamente. Na Clava, o ritmo musical predominante era o arrocha sertanejo e/ou universitário tendo “360” de Thiago Brava e “Vó, tô estourado” de Israel Novaes como representantes. O aparelho de dvd, conectado a uma caixa amplificadora média, e interligado às caixas de sons fixadas em alguns pontos do ginásio, era gerido pela pessoa que estivesse no balcão da recepção. No Lyceum a totalidade das músicas era em inglês, a exemplo de “Pompeii” de Bastille e “Wrecking ball” de Miley Cyrus, e podíamos ouvi-las, igualmente, nos vestiários⁷⁴.

É necessário dizer que os estilos musicais citados acima não excluem a presença de outros durante os treinos nas academias. Assim, por exemplo, ainda que predominasse o arrocha sertanejo/universitário na Clava ouvíamos, também, músicas em inglês como “Rolling in the deep” de Adele. Somente no Lyceum é que não posso apontar esse tipo de variação musical. Acredito que isso aconteça devido ser este um ginásio que atende não somente pessoas portuguesas – ao contrário das academias que frequentei em Belém do Pará onde não percebi ninguém que não fosse brasileiro ou brasileira – o que pode contribuir a predominância de músicas em inglês. Desse modo, o Lyceum, ainda que seja um ginásio com um preço acessível (*low cost*), procura alcançar diversos públicos.

Mas, no tocante aos/às artistas que cantam *pop rock* em inglês, há aqueles/as que fazem parte da *playlist* das academias frequentadas em Belém do Pará, mas não do ginásio de Lisboa e vice-versa? Não! Tanto aqui quanto lá me foi possível escutar durante os treinos as músicas de Britney Spears, de Rihanna, de Maroon 5, de P!nk, de Madonna, de Bruno Mars, de Adele e de vários/as outros/as cantores, cantoras e bandas. Assim, o que de fato torna-se significativo nessa temática é que não somente as canções e artistas do momento que influenciam o repertório das academias, mas, especialmente, o ritmo, pois – como se verá mais adiante – este é um componente importante para a realização dos exercícios. Desta forma, era comum, principalmente nas academias de Belém do Pará, alguma canção ser remixada conferindo-lhe outra cadência, uma batida

⁷⁴ Estou falando, especificamente, dos ambientes da musculação (ainda que cite, brevemente, a natação no Olympia), espaços onde a música faz parte do treino; por esse motivo não menciono o Aquarium aqui.

mais marcada. E é o ritmo “não lento” das músicas que marca um ponto de encontro entre as sonâncias ouvidas no Olympia, na Clava e no Lyceum.

Há poucos estudos sobre a relação das músicas e a prática de exercícios físicos; contudo, algumas investigações, principalmente da área da Educação Física, têm demonstrado o papel motivacional das canções nas atividades físicas estruturadas, planejadas e repetitivas (Souza e Silva 2010; Moreira e Ramos 2013; Santana 2014, dentre outras). Desse modo, a música – onde esta é possível de ser executada – pode influenciar positiva ou negativamente o ritmo do treino, pois, dentre vários fatores, dependerá de gostos pessoais. Apesar da possibilidade de se ouvir as canções que a própria academia proporciona em seus sistemas de sons, chamada de “música ambiente”, é possível perceber algumas pessoas utilizando fones de ouvidos conectados aos seus celulares. Não posso dizer que o uso desse acessório demarque uma diferença entre os espaços de musculação que frequentei para este trabalho, uma vez que não identifiquei, entre os jovens, uma predominância desse equipamento seja no Lyceum, na Clava ou no Olympia. O que pude observar é que algumas pessoas treinam ouvindo a música ambiente e outras utilizam os fones (não sendo estes a maioria em nenhum dos lugares estudados)⁷⁵.

Dentro do que se vem construindo nos saberes da Educação Física, a audição de músicas favoritas contribui para um rendimento melhor no trabalho muscular realizado, conforme demonstrou a pesquisa que os profissionais de Educação Física Maurílio Moreira e Marcelo Ramos (2013) realizaram. Segundo os autores, houve um aumento no número de repetições do exercício de supino reto quando os homens passaram a ouvir suas músicas preferidas em relação quando o mesmo movimento fora executado sem som algum. Esse impulso estimulante das músicas também fora comentado por alguns dos jovens com quem conversei:

EJ: Tu usas fones de ouvidos para treinar?

Pedro: Sim.

EJ: Que tipo de música tu escutas?

Pedro: Gosto de música calma. Não gosto de estar a ouvir música, assim, muito violenta, assim, rock. Não gosto assim, porque... Pois não me sinto bem. Gosto de

⁷⁵ Ainda que a questão das músicas esteja presentes nas academias frequentadas em Belém do Pará e em Lisboa foi somente durante a pesquisa realizada em Portugal que me atentei para esse fator como significativo para as ações de remodelamento corporal dos homens jovens que praticam exercícios físicos. Como se verá mais adiante, em minhas interações informais com os belenenses há situações em que a música aparece; contudo, tal assunto só fora trazido para as conversas formais com os portugueses.

música calma pra ficar sereno. Faço minha musculação, meus treinos, minha corrida, assim, com músicas mais calmas [...].

EJ: E isso te ajuda na hora de treinar?

Pedro: Sim. Me sinto mais motivado, estou sempre a cantar.

EJ: Geralmente, no ginásio, tocam aquelas músicas mais eletrônicas, mais agitadas. Então, tu procuras não ouvir essas, tu ouves as tuas mais calmas...

Pedro: Sim. Eu... Esta semana, eu esqueci-me do MP3 e, também, sem fones, não consegui treinar tão bem, fiquei, assim, mais desorientado, pois estava a ouvir mais barulho do ginásio e com os fones eu não oiço quase barulho nenhum do ginásio; oiço só as minhas músicas e os meus pensamentos e assim... Com o barulho do ginásio fico mais desconcentrado e perco a motivação.

EJ: [...] então tu usas os fones?

Plácido: Os fones, exatamente, sim! Acompanho muita música, que é uma coisa que eu gosto muito.

EJ: Por quê? Tu achas que concentra mais se usar?

Plácido: É... Primeiro eu gosto de música, eu acho que a música dá mais, dá energia, não é? Portanto, eu uso a música também pra isso. Depois, também, eu tô sempre acompanhado, passo o dia todo com pessoas a minha volta [...] meu trabalho é lidar com pessoas etc.; portanto, pra mim, essas duas horas que eu venho pra o ginásio também servem pra isso, ou seja, servem também pra eu estar sozinho, só comigo próprio, e a música, também, ajuda a isso pra eu abstrair um bocado donde estou e, pronto, sou só eu e as máquinas e a minha música e pronto.

EJ: Que tipo de música tu escutas?

Plácido: Quando estou a fazer desporto eu gosto muito de música eletrônica [...] alguma coisa muito dançável, que dê energia. [...].

A música é motivacional, dá energia e, muitas vezes, ritmiza o treino – falando especificamente, no caso desta pesquisa, da musculação. Mas, além disso, é significativo atentar para um ponto já comentado anteriormente, porém por outro viés, que é a prática de exercícios físicos pensada como um momento de relaxamento, de encontro do indivíduo com ele mesmo, ainda que essa atividade física planejada, estruturada e repetitiva esteja vinculada a algum projeto corporal, pois “A música age na diminuição da percepção de cansaço e instiga os praticantes” (Santana 2014: 17). Desse modo, a junção de prática física com a escuta de canções que agradem as pessoas favorece o movimento quinestésico, como trechos das falas acima demonstram. É ainda necessário considerar a subjetividade de cada pessoa, pois uma música, um estilo musical pode ser estimulante para uns e não para outros (Souza e Silva 2010; Moreira e Ramos 2013; Santana 2014) e terá consequência no exercício realizado e, concomitantemente, nos resultados pretendidos.

Para os profissionais de Educação Física Yonel de Souza e Eduardo da Silva (2010), as músicas, a partir de suas influências durante a prática de exercícios físicos, podem ser divididas em duas grandes áreas: músicas sincrônicas e músicas assincrônicas. A primeira diz “que o ritmo ou batidas da música são interligadas proporcionalmente aos movimentos repetitivos do praticante de atividade física” (: 36) e a segunda “visa motivar o praticante através de estímulos de origem interna (...) sem que os movimentos repetitivos (...) possam estar diretamente ligados ao ritmo ou batida por minuto” (: 38). Ambas as influências são percebidas na relação dos jovens, com quem conversei formalmente, com as canções que escutam, a exemplo de Pascoal:

Pascoal: [...] muitas vezes eu oiço a música, minha música preferida, o metal, oiço várias bandas, porque, como é música pesada e no ginásio o que eu tô a fazer, fisiculturismo, é um trabalho pesado, é uma coisa que requer força e manter os dentes fora e vamos lá, o metal dá muita motivação, já é uma música pesada, já puxa mesmo para a pessoa ficar mal e tem que ser naquela ocasião. Mas, há cerca de um ano eu descobri o rap maromba, que vocês chamam lá no Brasil, que existe muito, e eu comecei a ouvir muito rap maromba desde então e aí, como não tenho pré-treino, até porque não tomo nada antes do treino, meu pré-treino é ir pro ginásio, meter os fones e começar a ouvir rap maromba, porque dá muita motivação. Oiço artistas como, não sei se conhece, B-Dynamitze, do Rio Grande do Sul, Stifler Kallahari, LetoDie [...] normalmente trabalham todos em conjunto [...]. Oiço muito esse rap brasileiro, principalmente o rap maromba pra me dar força no ginásio, porque, realmente... [...] apesar do ginásio já ter aquela música ambiente, mas é música diferente [...] quando eu meto os fones e começo a ouvir aquela música, principalmente porque tem a ver com o ginásio, tem a ver com maromba, tem a ver com o peso, aquilo me dá uma injeção de motivação, daí que eu oiço muito.

Assim, quando Pascoal relaciona as batidas pesadas de um dos seus estilos musicais favoritos com o tipo de treino que tem, ele faz referência às “músicas sincrônicas”, pois este se relaciona com o seu treino, com o ritmo deste. Em seu relato, as músicas assincrônicas aparecem quando usa o “rap maromba” como “pré-treino”, uma vez que, a partir da revisão bibliográfica realizada por Souza e Silva (2010: 41), as “músicas estimulativas tendem a melhorar ainda mais as respostas psicofísicas” antes de treinos e/ou provas de alto rendimento. Dessa forma, Pascoal – mas, igualmente, muitas outras pessoas, nas quais me incluo, que escutam determinadas canções antes de treinar – sentem-se mais motivadas, mais dispostas para realizarem o trabalho de remodelamento de suas compleições físicas⁷⁶.

⁷⁶ Dentre os raps marombas que citou durante nossa conversa está “Quer ficar grandão?” e “No pain, no gain” de B-Dynamitze e “Quer tomar bomba?” de Mag.

Contudo, o papel das músicas nos ambientes de remodelamento corporal não se limita à questão do rendimento dos exercícios físicos. As canções também são motivos de variadas interações entre os agentes sociais: dançam-se algumas músicas que estão tocando; conversas são empreendidas a partir das melodias, dentre outros comportamentos. Sendo assim, as pessoas inter-relacionam-se pautadas pelas sonâncias que são ouvidas na academia, seja via “som ambiente”, seja por meio de equipamentos individuais de reprodução de áudios.

Numa hora, a música parou de tocar e alguém foi trocar. Eu estava na segunda sala, onde também se encontravam o Benício, treinando no supino inclinado, o Borges no trampolim e o Bóris, que sempre está com eles, sentado em uns *steps* de borracha. De repente começou a tocar o “Bonde do Tigrão” e o Benício, sentado, começou a dançar. Eles conversaram, a partir daí, sobre funk. O Benício começou a cantar e a dançar o “Passinho do Volante (Ah! Lelek, lek, lek)”. Eles se perguntavam quem cantava essa música. E o Benício acrescentou:

– E ainda tem o treme – (ênfatisou o “treme”, como faz a cantora Gaby Amarantos) e começou a dançar, mexendo os ombros.

Olympia, abril de 2013

Hoje, a música que rodava no aparelho de DVD plugado na caixa amplificadora eram músicas internacionais, como Adele remixada.

Interessante ver os meninos, numa música e outra, cantando baixinho. Outro arriscava uns passinhos. Uma das meninas tentou puxar um rapaz para dançar, mas ele não foi. Ela deu uns passos sozinha então.

Clava, dezembro de 2013

Benedito colocou a mão no meu ombro e começou a se balançar e a me balançar, para dançarmos... Mesmo meio envergonhado e surpreso, me balancei também. Ele retirou um dos fones do seu ouvido e colocou no meu – ainda bem que fora no lado que eu escuto. A música era em inglês, com uma batida forte, e estava muito alta.

– Égua! Tu escutas nessa altura? – perguntei-lhe.

Ele sorriu e falou alguma coisa que eu não consegui compreender e voltou para o exercício que estava fazendo.

Clava, outubro de 2014

Quando fui à área dos chuveiros ouvi um rapaz que cantava durante o banho. Foi a primeira vez que escutei alguém cantar ali. Não era um canto alto e nem muito baixo. Não consegui identificar qual era a música, somente que se tratava de uma canção em inglês.

Lyceum, setembro de 2015

As canções, portanto, compõem um importante instrumento de interação nos ambientes de remodelamento corporal, seja proporcionando momentos de conversas, de danças, de contatos vários entre as pessoas, seja entre os próprios agentes sociais consigo, dando-lhes energia, motivação, quebra da rotina do dia a dia e/ou dos próprios espaços de exercícios repetitivos, estruturados e planejados.

No tocante às interações entre as pessoas, nos ambientes de remodelamento corporal, para os jovens com quem conversei formalmente, estas são importantes, pois lhes fornecem informações e ajudas no processo de transmutação de seus corpos; contudo, reconhecem que os contatos nem sempre são de fáceis concretizações em determinados grupos e contextos. Desse modo, as negociações entre práticas, comportamentos, projetos e corporeidades são necessárias e proporcionam elementos que podem contribuir para alguma aproximação entre as pessoas.

Pascoal: [...] pra uma pessoa entrar na academia, como foi no meu caso, ainda por cima com 55 quilos, muita gente olhava de lado [...] então, lá, quando eu entrei, eu era visto assim um pouco como frango de academia. Então, as pessoas que estavam lá, principalmente os homens, os grandões olhavam pra mim: “Ah, o moleque tem o braço de vara, não vem aqui treinar, só ver” – desculpa a expressão – “só ver a bunda das marombadas”; e não era bem isso que eu queria fazer, mas eles pensam, há um preconceito, há uma ideia pré-concebida quando se olha pra uma pessoa... Eu entrei com um objetivo, ninguém, olhando pra mim ninguém sabia se eu tinha anemia, ninguém sabia se eu estava ali com um objetivo sério, real e que eu queria levar isso às últimas consequências; olharam pra mim e viram uma pessoa magra, viram: “Oh, é mais um frango que vem aqui treinar, que vem aqui olhar pras raparigas, não vem fazer nada de especial”, então é difícil conseguir um primeiro contato e uma abordagem a esses caras que já estão lá no ginásio há muito tempo, já são grandes, já são musculados e levam o treino a sério. Mas, aí, foi... Foi o que me surpreendeu mais: a princípio, como eu estava a dizer, tinha muita dificuldade em conseguir enquadrar-me no meio e falar com essas pessoas, eles olhavam todos pra mim, assim, de lado, com estranheza, desconfiança. Então eu entrei na academia de cabeça baixa, mas comecei a levar o meu treino a sério, fui fazendo... Fui procurando ver, já que é difícil falar, então eu via, tentava imitar o que eles faziam, procurava aperfeiçoar a cada dia a técnica, pra fazer bem... Passou um mês, passou dois, passaram três, eles começaram a ver a minha evolução e esses mesmos caras que, dalguma forma me criticavam, me olhavam de forma estranha no início viram: “Não, ele só está aqui a três, quatro meses já evoluiu

bastante, já tem um peso muito maior, já está a ficar definido, está a ficar musculado, leva isto a sério”, e aí foram os próprios que me abordaram, não digo que [entre sorrisos] para me dar os parabéns [risos], mas para me dar uma espécie de felicitação e prestar ajuda, e prestar XXXX, porque eles próprios viram que eu, ao final de um tempo, de quatro, cinco meses, ao final eu já não era mais um frango que iria pr’ali brincar com os pesos, nem sabia o que estava a fazer, não, viram que eu tava ali com objetivo, que estava determinado e focado em atingi-lo e aí começaram eles próprios a vir ter comigo e foi mais fácil o entrosamento. Portanto, pra quem vai no início, não tiver, assim, um físico, com uma estatura ideal, é difícil enquadrar-se no meio, porque ginásio é muito, é muito complicado [...]. A gente que quer ganhar peso, ficar musculado, os caras da musculação são muito pouco sociável, principalmente com iniciantes. Mas, se eles virem, pelos menos foi a minha experiência, que a pessoa está lá com objetivo e se começarem a ver evolução na pessoa, eles são os próprios a ajudar também e a entrosar-se com a pessoa. Agora já estou perfeitamente enquadrado no meio e já estou [entre sorrisos] ficando um deles também, portanto, já está muito bom [risos].

A experiência de Pascoal no ginásio aponta para algumas questões significativas para pensarmos os ambientes de remodelamento corporal da musculação, da natação e de demais práticas físicas. Uma delas, e já até comentada noutra parte deste texto, diz respeito à leitura da corporeidade do indivíduo, da sua gramática de produção corporal, a qual pode trazer equívocos sobre as possíveis significações corporais do agente emissor (Ferreira 2013: 502). Assim, segundo Pascoal, sua paisagem corporal foi vista, lida e julgada, de certa forma, como inadequada para o ambiente e para determinado grupo, deixando-lhe, deste modo, de fora das interações que acontecem entre as pessoas que seguem a corporeidade modal do lugar. Tal ação dos “grandões” faz-nos pensar na relação existente entre o corpo-norma – ou seja, aquele que é aceito, valorizado e ansiado nesses espaços –, e o corpo visto como abjeto – aquele que, a partir das reflexões de Butler (2002), está na margem, que não pesa, que não importa, ainda que tais espaços sejam vistos como lugares de transmutação corpórea, isto é, onde os indivíduos procuram retrabalhar suas compleições físicas. Pensar em corpos que já chegam prontos nesses locais parece ser uma contradição da finalidade das academias e da natação. É necessário pensarmos, também, na existência de uma corporeidade assumida pelos agentes sociais e noutra que a estes são impostas pelas demais pessoas, uma vez que o corpo surge “como uma realidade *semantizada*” (Ferreira 2013: 501) e, por isso, ainda segundo o mesmo autor, é polissêmico.

Nunca percebi esses olhares “inquisidores” ou “coercitivos”, ainda que notasse ser observado por homens e mulheres quando realizava algum exercício ou nado, quando utilizava determinados pesos etc. De todo modo, a interação com pessoas que têm mais tempo de academia ou de natação para um/a recém-chegado/a é, de fato,

dificultada pelo fator tempo de contato e, em alguns casos, pela diferença corporal que pode causar receio, timidez e assim por diante. No caso da natação, por exemplo, ainda que muitos que estão ali estejam aprendendo a nadar, se encontram em processo de conhecimento dos estilos de nado e outras técnicas,   possível percebermos, algumas vezes, pessoas – sejam alunos/as ou outros indivíduos que ficam acompanhando a aula da arquibancada – comentando e/ou rindo das inabilidades dos/as novatos/as. Quem depreende tais cenas pode intimidar-se, envergonhar-se, como aconteceu comigo:

Durante a aula vi dois rapazes que estavam na arquibancada rindo de outro que não conseguia executar as pernadas do nado costas (ele estava utilizando a prancha). Não gostei de vê-los comentando e rindo, pois pensei: “Quantas vezes outros já não fizeram o mesmo comigo?”...

Olympia, abril de 2013

Outro ponto que merece destaque   o do “frango” como uma categoria passageira e relacional. A partir do momento em que a pessoa adquire tempo de prática física – o que lhe dará conhecimento e experiências em rela o ao todo do processo de transmuta o corporal – e tem o corpo modificado por esta, o agente social passa a ter outra posi o na hierarquia dos espaços. Eu mesmo, com mais tempo na nata o, me orgulhava de saber nadar (principalmente *crawl* e costas), de fazer pernadas e braçadas com ou sem prancha melhor que a turma de alunos/as novatos/as e, entre um exercício e outro, ficava observando suas dificuldades e, algumas vezes, quando solicitado ou não, dava dicas para melhor execu o dos nados que lhes haviam sido demandados.

Berger (2008) discute essa questão da mudança de posi o em sua pesquisa com mulheres frequentadoras de uma academia em São Paulo. Utilizando a perspectiva de Victor Turner, a autora pontua que suas interlocutoras passam por um “rito de passagem” que, ao final do processo que tem três fases – a separa o “que significa o afastamento do indivíduo ou do grupo, quer de um ponto fixo anterior na estrutura social, quer de um conjunto de condi es culturais (um “estado”), ou ainda de ambos”; a margem ou “limiar” cujas “características do sujeito ritual (o “transitante”) são ambíguas; passam através de um domínio cultural que tem poucos, ou quase nenhum, dos atributos do passado ou do estado futuro”; e a agrega o, no qual a passagem   efetivada e o “sujeito ritual (...) tem direitos e obriga es perante os outros (...),

esperando-se que se comporte de acordo com certas normas costumeiras e padrões éticos, que vinculam os incumbidos de uma posição social, num sistema de tais posições” (Turner 2013: 97) –, as consagra “ao papel de ‘malhadoras’” (Berger 2008: 04). Assim, para Berger (2008: 03-04), ao começarem a frequentar uma academia, as mulheres que observou se afastam do grupo de sedentárias (esta corresponde à primeira fase); após, aprendem a fazer os exercícios, a o que comer ou não, dentre outras ações que envolvem a musculação (segunda fase); e, finalmente, quando já dominam o todo do processo de malhar e tem em seus corpos o testemunho da mudança, adquirem um novo posicionamento perante o grupo, o de “malhadoras” (fase final).

Tal situação de transição também fora encontrada entre os fisiculturistas/veteranos e os iniciantes, chamados de “sucatas”, que Chaves (2010) observou e entrevistou em sua pesquisa. O referido autor destaca as dificuldades que os neófitos têm em se aproximarem do grupo dos “malhados” por ser este um grupo fechado, formado por indivíduos exibidores de uma musculatura muito desenvolvida (Chaves 2010: 85) os quais consideram que os iniciantes “acabam por atrapalhar seu treinamento, já que a quantidade de peso é bastante inferior ao que estão acostumados a pegar” (Chaves 2010: 86). Assim, de acordo com o pesquisador, a mudança de um *status* a outro perpassa pela aquisição da corporalidade valorizada no ambiente de remodelamento corporal (o que vem com o tempo, com a disciplina dos treinos etc.), atestando, desse modo, o “capital de competência” (Chaves 2010: 87) da pessoa. Ao fazer mudanças em sua compleição física, o indivíduo outrora apagado, desvalorizado por muitos, pertencente a uma categoria “inferior” dentro dos espaços de transmutação, adquire outras atitudes e comportamentos que o insere no grupo do qual passa a ser representante.

Esse foi o processo experimentado, vivenciado por Pascoal, por mim e, igualmente, por outras pessoas que frequentam os espaços de transmutação da compleição física. É necessário considerar, no entanto, que a mudança de posição dentro dos espaços de remodelamento da compleição física dependerá do projeto corporal planejado por cada indivíduo. Desse modo, por exemplo, uma pessoa iniciante que tem como objetivo perder peso poderá nunca se aproximar ou interagir com os indivíduos do Projeto fisiculturista/competição, mas, possivelmente, com o tempo, com disciplina etc., interagirá com outras pessoas que, de igual modo, fazem parte do Projeto de perda, manutenção ou ganho de peso. Além disso, é possível acontecer,

equitativamente, aproximações entre indivíduos de projetos diferentes, mas similares, que possuem práticas de transmutação próximas – seja no uso ou não de suplementação, de anabolizantes, nos tipos de alimentos que ingere, nos exercícios que fazem etc. – como o Projeto fisiculturista/competição e o Projeto de corpo chamativo, definido; e o Projeto de perda, manutenção e ganho de peso e o Projeto de corpo saudável/bem-estar.

É significativo dizer, também, que a nova posição conquistada não é imutável. Assim, cabe a cada agente social continuar sua disciplina de treinos e cuidados corporais a fim de não retroceder em seu “rito de passagem”. Ainda que Chaves (2010) não discuta sobre esse ponto pelo prisma que estou chamando atenção aqui, da “regressão do rito”, ele nos dá uma noção de como uma posição conquistada, alcançada não é fixa, apontando certa tensão entre os veteranos de serem chamados de “sucatas”, uma vez que:

A idéia de ser *sucata* entre os praticantes veteranos traz consigo a idéia de perda de massa muscular; logo, uma diminuição do seu potencial físico e até mesmo hierárquico perante o grupo. Ser colocado nessa condição os diferencia dos malhadores de elite, referência para os demais, por isso a não aceitação dessa condição (Chaves 2010: 88).

Nenhum dos jovens com quem conversei mencionou essa não fixidez que o “rito de passagem” dentro da musculação ou da natação – assim como de outras modalidades esportivas que possamos pensar – assume. Ainda assim, uma pessoa que outrora se enquadrava na corporeidade modal de determinado ambiente de transmutação corporal, mas que, por algum motivo, interrompeu o ritmo de treino por certo tempo, parou de atender à alimentação, de utilizar – se for o caso antes – suplementação e/ou anabolizantes tem, por exemplo, sua aparência, sua força, sua agilidade modificadas. Ao retornar à prática de exercícios físicos ela terá que refazer o processo de modificação de sua compleição física e o tempo para a “recuperação” dependerá do seu estado antes e de como, no momento do retorno, se encontra.

O Benito, antes de entrarmos na piscina, disse ao Beto*:

– Quarenta voltas.

Beto* e eu nos olhamos e eu fiz uma cara de “nossa!”. Ao ver minha reação Beto* falou-me:

– Tu não precisas nadar as 40. Nada só 24, porque tu ficaste um tempo parado.

Aquarium, agosto de 2013

Encontrei com Benjamin na arquibancada. Ficamos conversando um tempo e ele me disse que nunca mais nadara desde que o Olympia fechou e que tinha até perdido peso, principalmente na região do peito, e criado barriga, pois “estava fazendo muitas besteiras”. Falou-me que se encontrava bebendo e que a barriga era sobretudo disso e, também, por que havia parado de nadar e malhar que era o que lhe dava corpo.

Olympia, março de 2014

Fui a sala 2 e lá estavam o Beбето fazendo abdominais e o Borges malhando os bíceps. Depois que o Borges saiu e que o Beбето, ao descansar de seu treino, se aproximou mais de onde eu estava, perguntei-lhe:

– Tu já malhas há muito tempo?

A partir dessa pergunta disse-me que já havia malhado antes e que praticava musculação desde os 16 anos, mas parou e, por isso, engordou, chegando a pesar 120 quilos. Ele resolveu ir ao médico e, ao verificar sua pressão, viu que estava 19 por alguma coisa. A médica constatando que estava muito alta pediu-lhe alguns exames. Os resultados acusaram tudo alto: colesterol, triglicérides etc. A médica indicou que ele fosse a uma nutricionista, fizesse dietas e atividades físicas. Ele foi, fez várias dietas e voltou para a academia. Quando chegou à academia a professora lhe disse que logo ele iria criar músculos, pois a estrutura já estava nele. Hoje ele é um homem muito malhado; não parece que um dia já foi uma pessoa gorda. Atualmente ele pesa 94 ou 96 quilos e se sente muito bem.

Olympia, abril de 2013

Por fim, temos a importância do olhar. Uma vez que certa aproximação é dificultada pelas diferenças de *status* – e, com isso, a possibilidade da “sociação” (Simmel 1983), da interação, de se empreender alguma conversa –, resta às pessoas a observação do Outro. Esse olhar vai além do simples ver (Cardoso 1988) e relaciona-se, muitas vezes, com a categoria de “imitação prestigiosa” de Mauss (1974: 215). Assim, o perscrutar torna-se relevante no processo de remodelamento corporal, pois é a partir da avaliação da ação do outro, o qual possui alguma autoridade corporal sobre mim, que eu, impossibilitado de receber orientações verbais, procurarei orientar o trabalho de modificação de minha compleição física. Obtendo sucesso em meu empreendimento, transmutarei minha paisagem corpórea, modificarei meu *status* em relação ao grupo e, assim, poderei transpor a barreira imposta pela leitura inicial de minha corporeidade, a qual fora vista como distinta da corporeidade modal daquele ambiente.

O olhar é uma faculdade sensorial muito importante na musculação e na natação, pois este pode “punir, encorajar ou estabelecer uma dominação” (Hall 1986: 80). É a partir do exercício da visão que muitas pessoas aprendem técnicas, corrigem posturas, apreendem estilos, comparam corpos, flertam, dentre outras ações. Em vista disso, é necessário, conforme fala Hall (1986), ““aprender a ver”” (: 83); uma vez que, dependendo do contexto e dos atores sociais envolvidos, o olhar comportar-se-á de maneira diferente e promoverá reações diversas no observador e no observado.

Assim, sendo os olhos “receptores à distância” (Hall 1986: 56), as pessoas tocam e são tocadas por olhares sem que necessariamente se deem conta disso. Para Hall (1986), como trabalhado anteriormente neste texto, os indivíduos se distinguem de outros animais pela capacidade de criarem “prolongamentos” de seus corpos (: 14). Dentre os inúmeros prolongamentos que se encontram nos ambientes da musculação e da natação, os espelhos são os que estão mais diretamente ligados à ampliação da visão.

Destarte, quando a observação direta não é possível – por inúmeros motivos como a timidez, por exemplo – é por meio do objeto refletidor de imagens que o comparar os corpos, no ambiente da musculação, se realiza. Medir com os olhos pernas, braços, peito etc. compõem as ações, os comportamentos e as práticas das pessoas durante o exercício físico. Esse é um ato igualmente constituinte do processo de remodelamento do corpo dos agentes sociais, seja da musculação seja da natação. Olhar a compleição física do indivíduo ao lado – muitas vezes nem tão ao lado assim – independe do projeto corporal e da corporeidade do observador e relaciona-se, algumas vezes, à questão de comparação e/ou de competição.

A partir das observações e experiências em campo e, igualmente, das conversas formais empreendidas é possível pensarmos o olhar atuando em três esferas distintas, mas que muitas vezes se interconectam, sendo estes: o olhar para si, o olhar comparativo e o olhar competitivo. Em ambos, os espelhos, sejam da academia, sejam dos vestiários – e até mesmo de outros lugares – terão alguma participação, para mais ou para menos. Esses olhares e sua relação com os componentes que integram as paisagens dos locais citados compõem o que Franco (2011) chama de “práticas do olhar”, as quais dizem respeito ao:

(...) conjunto heterogêneo de elementos que estão relacionados não apenas ao olhar et [sic] certas formas de olhar o corpo, mas também a apropriação de elementos que constituem o espaço organizado a fim de efetuar determinadas formas de olhar (Franco 2011: 02).

Essas atitudes que envolvem o(s) olhar(es) independem dos projetos corporais dos agentes sociais que malham e/ou nadam. São olhares nos ambientes de remodelamento, mas, igualmente, de muitos outros espaços como shoppings, ruas, escolas, trabalho etc., como se verá mais à frente.

O olhar para si está relacionado à prática do indivíduo, após realizar determinada série, de olhar-se para perceber alguma “instantânea” mudança em seu corpo. Muitas vezes, por exemplo, posteriormente ao exercitar algum músculo, a pessoa procura ver-se no espelho se já houve alguma evolução em sua compleição física. Essa prática de ficar apreciando-se pode chamar a atenção de algumas pessoas e, a partir disso, ocasionar comentários e brincadeiras sobre o indivíduo que se observa.

Pedro: Eu vejo eles muito a olharem-se no espelho. Há um bocado tava ali um [...], sozinho e tava sempre ali a olhar pro espelho. Tava ali pra uns cinco minutos a olhar-se ao espelho.

EJ: [...] tu achas que algumas pessoas possam criticar esse tipo de atitude?

Pedro: Sim, devem ter pessoas que estão sempre a criticar ou invejosos de verem que essa pessoa tem resultado, assim, que eles não têm.

Bernardo: Ah, ajuda! [a presença de espelhos na academia].

EJ: Ajuda em quê?

Bernardo: Ah, ajuda pelo simples fato de tu querer te olhar mesmo, por vaidade. Tu acabas de fazer um exercício: “Ah, meu braço tá grande! Bora se olhar no espelho!”. [Entre sorrisos] Muita gente desce, vem aqui no banheiro se olhar⁷⁷. Eu acho que o espelho é até saudável. Eu acho bem legal!

Hoje o Brian estava preocupado com a barriga dele. O ouvi perguntando a um instrutor – um que ensina artes marciais no piso abaixo – o que ele deveria fazer para dividir, para ficar com a barriga trincada...

[...]

Entre um exercício e outro, principalmente para a área abdominal, Brian ficava se olhando no espelho, levantando a camisa para se ver...

Clava, novembro de 2014

⁷⁷ No período em que conversei formalmente com Bernardo, a Clava não possuía espelhos em seu ambiente, exceto um médio no banheiro. Posteriormente, com nova administração, alguns desses objetos foram, aos poucos, sendo inseridos na paisagem da academia.

Achei interessante ver que no espaço onde se encontram os halteres, local em que há um dos poucos espelhos do ginásio, os homens malham se olhando. Também foi possível observar, hoje, a presença de alguns indivíduos que, ainda que não realizassem nenhum exercício ali, ficavam olhando os músculos dos braços...

Lyceum, setembro de 2015

O que se percebe nas falas de alguns dos jovens com quem dialoguei formalmente é que eles veem como expressão de “ vaidade ” ou de “ exibicionismo ” as pessoas (e muitos deles incluídos nessa prática, como a fala de Bernardo aponta), nas academias, ficarem admirando-se na frente dos espelhos – algumas até registrando o momento com a câmera de seus aparelhos celulares. Ainda que os espelhos distribuídos pelos ambientes da musculação tenham a finalidade de auxiliar o frequentador a ver se a sua postura, ao realizar um movimento, está correta, este acaba assumindo outras funcionalidades. Essa questão aparece no trabalho de Chaves (2010), quando, a partir de suas observações e da conversa com algumas pessoas de sua pesquisa, diz:

Denis explica que o espelho é correção, por isso determinados exercícios devem ser feitos diante dele. (...). Apesar dessa constatação para os praticantes, na maioria das vezes a ação de malhar diante do espelho funciona como uma forma de sentir prazer na contemplação do próprio corpo e do corpo do outro. (...). [Denis e Samis] são unânimes em afirmar que para muitos praticantes, os espelhos funcionam apenas para a questão de vaidade, sem se preocuparem com o objetivo principal que é o cuidado na forma de executar os exercícios (Chaves 2010: 92-93 – acréscimos meus).

Tais apontamentos apareceram, igualmente, na fala de alguns dos jovens com quem conversei, como:

Bruno: Pra mim, assim, a finalidade, pra mim, do espelho na academia é tu perceber, é tu perceber o teu movimento, assim, pra vê se tu está fazendo certo, se tu não tá roubando, tudo mais [...].

EJ: E tinha muito homem que ia pra frente do espelho olhar, ver se cresceu um pouco [risos]?

Bruno: Sim! Sempre tem. Sempre tem.

EJ: E o quê que eles viam?

Bruno: Sempre tem, assim, sempre tem aquele que, que eu acho que ele pensa que ele é modelo, porque ele malha aí depois ele vai, ele fica olhando, assim, no espelho, ele fica olhando se ele cresceu, assim, por vaidade mesmo. Aí, tipo, tipo, eu fazia isso, mas não era tanto. Eu fazia isso de uma maneira normal, tipo, assim, quando eu tô malhando, olhar braço... Assim, quando tá terminado treino de bíceps ou alguma coisa, assim, olhar o braço, tudo mais. São coisas, assim, que realmente acontecem.

Se ponderarmos que a maioria das pessoas que praticam a musculação e/ou a natação pretendem alguma modificação externa em sua compleição física, a observação de si nos espelhos não nos será incompreensível⁷⁸. Ver o músculo inchado, a barriga diminuída etc. após uma série de treinos, dá a satisfação e a esperança da concretude do projeto corporal que cada um planejou para si, ainda que se saiba que o resultado, naquele momento, é passageiro, pois a modificação corporal é um processo, um contínuo e, após “passar o efeito do treino”, a região não permanecerá com o mesmo tamanho, “obrigando” a pessoa a dedicar-se mais e mais e, a depender de sua ansiedade, a procurar utilizar serviços e substâncias que acelerem os efeitos pretendidos.

O outro olhar é o comparativo, o qual permeia a vivência, se não de todas as pessoas que frequentam os espaços da musculação e da natação, da quase totalidade. Esse tipo de olhar é experienciado por iniciantes e não iniciantes, por “frangos” e também por “grandões”, por “monstros”. Muitos indivíduos comparam o treino que estão fazendo com os de outros. Na natação, por exemplo, é comum a comparação entre os tempos de nados. Além disso, em ambos os locais de transmutação corporal, não ficam de fora da análise comparativa as partes do corpo como braços, peito, barriga etc.

A comparação corporal pode ocorrer entre amigos ou conhecidos que treinam/nadam juntos ou mesmo de uma pessoa sozinha para outra. Dessa forma, é necessário pensar a comparação como sendo direta ou discreta. Esse tipo de classificação dependerá de pessoa para pessoa e de grupo para grupo. Na categoria direta, obviamente, a comparação é sabida; na discreta, sente-se ou não e, nesse processo, os espelhos – seja da “sala de treinamento” da musculação seja dos vestiários das academias e da natação –, mais uma vez, desempenham papel importante.

Plácido: Eu acho que sim... Da minha parte não, porque eu sou muito satisfeito com o corpo que tenho e não... E nem quero ser grande, ou seja, não quero ser muito musculado, nunca quis. Mas, eu acho que, muitas pessoas que entram pra o ginásio tem esse objetivo. Ou seja, se calhar olham pro corpo de outra pessoa com inveja, não é? Querendo ser, querendo ter aquele corpo que a pessoa que tá ao lado tenha...

Benjamin: [...] ele olha pra ver se o cara tá mais malhado, se o cara tá mais... Tipo... Entendeu? [...] “Tenho que ficar melhor que ele”, entendeu? Mas eu nunca fui assim não, cara!

⁷⁸ Para quem pensa que o olhar para si não acontece na natação precisa considerar a presença dos espelhos nos vestiários, local onde a maioria das pessoas que praticam a referida modalidade se direciona após o término de seus treinos.

EJ: E tu achas que essas olhadas são olhadas discretas ou o cara olha mesmo, assim, na cara dura?

Benjamin: Não, tem cara que olha discretamente. E, realmente, muitos outr... Muitos caras discretamente. Aí... Só que eu sou... Só que eu fico ao redor, entendeu? Eu vejo tudo e tal. Aí, eles pegam, eles fingem assim... E, aí, eles veem o cara puxando, eles querem puxar o mesmo tanto que eles, entendeu?

A questão da “inveja do corpo do outro” apareceu – explícita ou implicitamente –, no discurso de algumas pessoas com quem conversei formalmente, como justificativa para a prática do olhar comparativo. Desse modo, a comparação “invejosa” parece acontecer bem mais entre indivíduos que treinam, nadam sozinhos do que entre amigos. Nas situações de amizades, impera, sobre esse assunto, um clima mais de brincadeira, de pilhéria, do que de inveja da compleição física do Outro, conforme as falas gravadas nos fazem saber. Essa situação de querer ver para ter também é vivida pelos jovens com quem interagi oficialmente e percebida pelos/as professores/as.

Bob*: Eu acho que essa questão é mais na academia, não que na natação não tenha. Às vezes eu vejo um olhando pro outro [...]. Mas, na academia, eu vejo esse negócio de observar e tal, como eu já falei, aquele negócio de “Pô, o fulano tá ficando com o braço mais grosso”, “Pô, eu tenho que fazer mais exercício”; e, às vezes, o cara tá lá e faz uma rosca lá em tal aparelho, tá com o braço grande, aí o outro pensa “Pô, aquele aparelho ali vai me deixar com o braço grande”, aí vai lá e faz o exercício. Então, ele acaba observando esse negócio, o comportamento dos outros pra fazer uma execução.

EJ: E tu achas que essas observações são mais discretas ou diretas?

Bob*: Eu acho que são mais discretas. Mas, às vezes, tem aquelas diretas mesmo, patetas, que a pessoa fica observando a outra e perde a noção que tá olhando para a pessoa. Isso a gente observa muito. Tem umas pessoas que ficam meio que viajando olhando pra outra.

EJ: E por que tu achas que eles se olham? O quê que eles procuram?

Bete*: Eu acho que é essa questão: “Eras! Será que eu tô bacana?”, “A minha barriga, meu peito tá maior, tá menor?”, alguns têm essa preocupação.

EJ: E essa olhada é uma olhada discreta ou é uma olhada mais assim...

Bete*: Não, é discreta, bem discreta.

Olhar sem ser percebido é uma tática exercitada, mas nem sempre exitosa; uma vez que, o observador também é observado – não por seu alvo, muitas vezes, mas por outras pessoas – e, nesse processo, seus olhares para o(s) outro(s) são notados e, igualmente, avaliados. Assim, observar outra pessoa na realização de seu exercício é um comportamento sabido e aceito, desde que tal seja rápido, furtivo.

Contudo, ocorrem algumas mudanças, incrementações no olhar comparativo quando se cambia os ambientes, quando deixamos a área dos halteres, das anilhas, das barras e da piscina e adentramos, por exemplo, nos vestiários e banheiros⁷⁹, uma vez que estes são “micro-espços” (Uriarte 2013: 09), os quais possuem suas regras de entrada, saída e permanências. Destarte, ali outra lógica entra em ação; pois, mais que um lugar de passagem, para trocas de roupas, os vestiários e os banheiros são espaços de atualizações e ressignificações de práticas, valores e comportamentos de gêneros, lugares de vigilâncias e ratificação da heteronormatividade (Edelman 2011; Franco 2011; Camargo 2012: 178-188; 2014; Longhini e Silva 2013; Nunes e Paulino 2013; Silva, Longhini e Fernandes 2014, Preciado s/d).

Assim, os banheiros e os vestiários, com a sua “arquitetura material-simbólica” (Longhini e Silva 2013: 266), e vistos como “espços hetero-arquitetados” (Camargo 2014: 67), (re)fazem e atualizam os gêneros, sendo-nos possível vê-los, portanto, como uma “tecnologia de gênero” (Lauretis 1994: 213; Preciado s/d) e igualmente como “espços organizados” (Franco 2011: 05).

É significativo, antes de continuar, dizer o que estou considerando como vestiário: todo aquele ambiente, inserido ou não nos espços de remodelamento corporal, usado para trocas de roupas, banhos, higienização dos corpos. A diferença entre vestiário e banheiro dá-se pelas modalidades *uso* e *tempo*. Naquele o uso é coletivo e o tempo de estadia no espço mais prolongado; enquanto que a utilização do banheiro é individual, “somente”⁸⁰ para depósito de detritos orgânicos, como urinas e fezes e, portanto, comumente mais rápido (Camargo 2014: 63).

O processo de remodelamento do corpo dos jovens com quem conversei também passa por questões que estão ligadas à circulação nos ambientes outrora citados, pois, ainda que espços transitórios, o tempo de permanência é suficiente para ver e dar-se a ver o corpo com as suas imperfeições ou mudanças que muitas vezes não são possíveis de serem enxergadas no momento do treino, seja na natação seja na musculação; uma

⁷⁹ Desde aqui quero deixar claro que por ter frequentado tanto banheiros quanto vestiários, durante a pesquisa, essas palavras, muitas vezes, aparecerão juntas, ainda que haja diferenças funcionais entre ambas as estruturas – como procuro apontar no texto. Também, solicito, por não haver outros termos que eu possa utilizar como sinônimos, a compreensão para a necessidade da repetição desses termos na produção textual.

⁸⁰ Utilizo a palavra *somente* entre aspas, pois inúmeras pesquisas têm demonstrado as ressignificações e consequências das reelaborações dos espços dos banheiros públicos. Cf., por exemplo, Laud Humphreys (1976), Francisco Costa Neto (2005), José Arantes (2010), Bruno Puccinelli (2010), William Jones (2011), Tedson Souza (2012), Geni Longhini e Kessila da Silva (2013), Kessila da Silva, Geni Longhini e Felipe Fernandes (2014).

vez que, nos locais de trocas de roupas, os corpos estão mais expostos, não possuindo a interferência das vestimentas para a visualização de determinadas partes da compleição física.

Pedro: ... se calhar uma pessoa, passar toda nua ao pé de outra pessoa, essa pessoa vai olhar aquela pessoa que vai nua e diz assim: “Ah, aquela tá com um corpo melhor e eu não tenho, assim, este corpo”. Ou, então, vê um mais gordo e ele tem um corpo bom, aí ele diz: “Olha, aquele tá gordo”. Se calhar repara assim.

Bernardo: Umas sim [tem reserva de trocar de roupa na frente de outras pessoas], pelo simples motivo da timidez. Acho que algumas pessoas: “Pô, não vou tirar a blusa”, por exemplo, “no vestiário, quando o cara é mais forte que eu; não vou tirar a blusa, vou ficar com vergonha”, “Não vou tirar a cal... ficar de cueca, por causa do tamanho da minha perna, tamanho do meu peito... Vai aparecer mais volume, menos...” Eu acho que sim! Tem essas restrições...

Banheiros e vestiários além de acionarem sentimentos de vergonha, também mobilizam, nos indivíduos que os frequentam, questões relacionadas ao medo e ao desejo. Isso fala do caráter intermediário, fronteiroço, liminar desses espaços. Segundo Ulf Hannerz (1997), “os cenários das zonas intersticiais parecem cheios de vida, mas não completamente seguros” (: 23). Assim, devido a toda a movimentação e trânsito de pessoas, os vestiários podem ser lugares da suspeita não revelada, da vigilância disfarçada, a despeito de toda amizade, camaradagem, companheirismo que possa haver em determinados contextos e grupos. Desse modo, os banheiros e os vestiários tornam-se ambientes, de certo ponto de vista, “perigosos”, pois lá os olhares estão atentos e as masculinidades (assim como as feminilidades) são colocadas em escrutínio o tempo todo (Longhini e Silva 2013; Morris-Roberts 2013; Silva, Loghini e Fernandes 2014; Preciado s/d).

Em vista disso, concordo com Camargo (2012) quando diz que banheiros e vestiários “envolvem uma atmosfera de segredo (por também se relacionarem com a sexualidade humana) e evocam sentimentos contraditórios de necessidade e repulsa” e, ainda, “O vestiário de trocas de roupa, no ambiente esportivo, é um local-chave nos encontros corpo-a-corpo entre os ‘atletas’” (: 179). Assim, é com essa área de “segredos” e de encontro com o Outro (semi)despido que os agentes masculinos que observei e interagi – e eu mesmo, enquanto aluno nos locais de remodelamento corporal – têm de negociar suas performances e olhares. Afinal, de acordo com Mirian Goldenberg e Marcelo Ramos (2002: 26), as pessoas sentem dificuldades em mostrarem

seus corpos em determinados contextos, devido à grande difusão de imagens na mídia de modelos cujas aparências parecem ser impecáveis.

O vestiário estava cheio. Preparei minhas coisas e segui para o box. Não deixei a porta escancarada, mas não a tranquei também. Quando sai, havia mais homens ali. Um senhor, que chegou mais tarde, até brincou:

– Tá lotado de macho aqui!

Apesar de cheio, o ambiente estava silencioso. Muitos homens saindo dos boxes já vestidos. Outros iam para os reservados. Apenas um rapaz de traços orientais, o Borges, um senhor da hidroginástica e eu trocamos de roupas ali mesmo no salão. Sendo que, esses dois últimos antes de mim, ficaram pelados.

Contudo, apesar de despirem-se completamente, tanto o Borges quanto o senhor da hidroginástica voltaram-se para a parede para tirarem suas sungas e vestirem-se. Isso evita olhares para a genitália; apenas suas bundas ficaram à mostra.

Olympia, abril de 2013

Havia poucos homens hoje ali. Alguns já estavam arrumados, após banharem-se, e outros se preparavam para ir ao chuveiro... De onde me encontrava pude perceber alguns homens completamente pelados, mexendo em suas cosias para vestirem-se e ir embora. Muitos dos que passaram na direção dos chuveiros também estavam nus, apenas com a toalha na frente de si, de uma forma que não escondia e nem mostrava muito.

Lyceum, setembro de 2015

Em virtude dessas questões, não se pode desconsiderar, por conseguinte, certo código de conduta, de etiqueta a ser seguida nesses ambientes, uma vez que se trata de um espaço de trocas de roupas, de contato visual com o corpo do Outro (semi)nu e onde a sua própria compleição física estará mais à mostra. Por isso, pude observar que não raro acontecia de uma pessoa desviar o olhar para não contemplar a nudez de outrem. Essa nudez faz referência, muitas vezes, não somente à genitália masculina, mas, também, ao corpo como um todo: costas, bunda, peito... Destarte, deve-se colocar em prática um olhar sem enxergar.

Deste modo, geralmente, em se tratando dos espaços que frequentei em Belém do Pará, o comportamento de muitos, no Olympia e no Aquarium, era de não ficarem totalmente nus, escondendo-se nos reservados ou mesmo nos boxes, ou noutras partes possíveis, para tirar a sunga molhada e vestir suas roupas secas. Em alguns casos, o

indivíduo não permitia nem ser olhado de cueca, mas já saía dos boxes ou do reservado de bermuda/calça e, às vezes, até já de camisa. Esse tipo de conduta que coloca em relação de oposição sunga e cueca tem ligação com o fato de a primeira ser vista, nos espaços frequentados, como uma “roupa de trabalho/aprendizado”, uma vestimenta para a prática de exercício físico no meio aquático, com ares de uniforme, enquanto que a segunda é pensada como “íntima”. Por isso, algumas pessoas fazem a associação de estarem vestidas usando sungas e de estarem nuas quando utilizam cuecas.

Benjamin: [...] lá dentro [do vestiário] eu já fico nu [de cueca], entendeu?

Baruk: [...] a sunga possui um tecido extra para forrar, para evitar que a roupa fique colocada, ao contrário da cueca, que já é uma roupa íntima [...].

Outra estratégia utilizada era tirar e vestir toda a vestimenta com a toalha envolta na cintura, situação muito mais presenciada nos espaços frequentados em Belém do Pará. Com a toalha era possível vestir-se “em qualquer lugar”, mas exigia certo malabarismo para não deixar aparecer coisa demais (essa, sempre relacionada, ao pênis e às nádegas). No Aquarium, os espaços vazios entre os reservados são muito utilizados para isso; contudo, há também quem se troque pelos cantos – algo que acontece bastante, tanto no Olympia quanto no Aquarium – ou mesmo, no caso desse último, na área dos chuveiros, quando ninguém está por ali tomando banho.

As questões de visibilidade e de ocultação do corpo nos banheiros e vestiários são importantes, pois apontam para onde o olhar comparativo será direcionado. É necessário considerar, ainda, que muitas pessoas procuram se afastar dos olhares dos frequentadores desses espaços; no entanto, os espelhos contribuem para que a visualização e a comparação aconteçam, desempenhando, portanto, um papel importante no consumo visual do Outro. É por ele que se pode expiar alguém que mais distante está trocando de roupa. Em vista disso, o espelho media e favorece a visualização dos comportamentos e dos olhares dos indivíduos que seguem a etiqueta do vestiário e do banheiro, mas que também podem em um descuido, um momento fugidio, um olhar de canto, quebrar essa etiqueta, no olhar curioso, observador, mais detido sobre o corpo nu de outrem.

É significativo perceber que para a maioria dos frequentadores dos vestiários analisados, principalmente para aqueles que não se importavam em ficarem nus em Belém do Pará, as nádegas são as menos protegidas; situação diferente do relato de

Roberto Da Matta (2010) sobre a brincadeira do “Tem pente aí?” entre os rapazes de São João Nepomuceno, a qual colocava uma “zona sagrada” do corpo masculino – o traseiro – em evidência de proteção. O referido antropólogo conclui em seu texto que para ser homem não basta “ter um corpo de homem”, mas é necessário “mostrar-se como ‘masculino’ e ‘macho’ em todos os momentos” (: 138) e isso contribui para a vigilância do seu corpo e dos Outros (Gaiarsa, 1989; Vale de Almeida, 1996, 2000), o que implica na performance exercida nos contextos de interações.

Muitos dos homens observados para este trabalho têm uma preocupação grande em esconder, seja com a toalha, com a cueca ou com a bermuda, o pênis; no entanto, suas bundas, em diversas ocasiões, ficam à mostra, o que, para Baruk, se deve ao caráter mensurável da genitália masculina:

Baruk: Você percebe que as pessoas têm vergonha de mostrar o pênis, mas não têm vergonha de mostrar a bunda. Acho que [...] por causa da comparação do tamanho do pênis [...]. [Entre sorrisos] A bunda, eu creio, que seja um órgão universal, assim como todas as nos... O resto do corpo. O que muda de uma pessoa pra outra é mais, assim, o órgão genital...

Desse modo, a interdição da nudez masculina, conforme Marcos Hill (2012) reflete, “age como veto social do ‘pinto’” (: 123), deixando aberto à exposição outras partes do corpo masculino, incluindo aí, em determinados contextos, a própria exibição das nádegas. Para melhor compreendermos a assertiva de Hill, podemos pensar essa interdição, por exemplo, a partir das telenovelas e minisséries brasileiras onde o nu masculino se refere ao aparecimento, na tela, das nádegas, como na abertura de “Brega & Chique” (1987) e na cena de Thiago Fragoso no *remake* de “O astro” (2011), dentre outros; enquanto que em relação ao feminino, a nudez não se restringe aos peitos e às nádegas, mas se estende ao frontal, bem como se pode ver em algumas cenas de “Pantanal” (1990), de “Boca do Lixo” (1990) e noutras produções⁸¹.

Assim, vários indivíduos, que tomavam banho no vestiário do Olympia, os quais tiravam a sunga para a higienização e deixavam a porta do box aberta ou entreaberta, ficavam de costas para o salão. Os que permaneciam de frente eram quase que inexistentes e só o faziam, muitas vezes, se houvesse algum flerte envolvido na ação⁸²

⁸¹ Sobre a questão da nudez em telenovelas e/ou minisséries, cf. o texto jornalístico de Lufe Steffen (2011) e os trabalhos de Paulo Lopes (2007) e Luciana Klanovicz (2012), dentre outros.

⁸² Os flertes nesses ambientes são feitos com muita cautela e discrição. O(s) espelho(s) também é(são) utilizado(s) como mediador(es) dos olhares trocados e demorados (poucos segundos, exatamente, para não ser percebido por outras pessoas) que indicam desejo e interesse entre os indivíduos envolvidos.

ou, ainda, para vigiar seus pertences deixados em alguma parte do recinto⁸³. Não era raro encontrar homens, protegidos pela própria porta entreaberta ou pela sunga posta à frente da genitália, ali no chuveiro, mas que deixavam, parcialmente, a lateral de uma das nádegas aparecendo quando se viravam. Comum, igualmente, era o uso de algum “canto” ou dalguma parte da parede na hora de vestir a sunga para nadar ou cueca e a calça/bermuda para ir embora, o qual “escondia” a genitália, mas deixava as nádegas à vista dos olhos ou do reflexo no espelho.

No Lyceum o comportamento em relação a isso era diferente. Ali, em sua maioria, os corpos estavam completamente nus. Muitos dos que se preparavam para o treino, dos que iam para a zona dos chuveiros (às vezes, até alguns que de lá retornavam) e dos que se arrumavam para sair do ginásio despiam-se totalmente. O trajeto da área dos cacifes até as duchas era feito por homens enrolados em suas toalhas; com o pano de se enxugar ou com uma cueca cobrindo, parcialmente, a genitália; ou totalmente nus. Ainda assim, a prática dos que não se deixavam olhar sem roupas – tal como nos vestiários em Belém do Pará – era de ficarem, também, enrolados na toalha – tanto para desnudarem-se quanto para vestirem-se (o que eu sempre fazia, na verdade); contudo, essa era acionada por pouquíssimas pessoas que, durante a pesquisa naquele local, eu pude observar. Em ambos os lugares (Olympia, Aquarium e Lyceum), por conseguinte, o corpo era alvo de olhares; uma vez que, nos vestiários os corpos se encontram mais expostos e, digamos, mais vulneráveis a perscrutação.

Mas, por que há essa diferença de comportamentos dentro dos vestiários de práticas de exercícios físicos? Um possível indicativo de compreensão para essa questão pode ser vislumbrada na fala dos jovens belenenses e lisboetas com quem conversei formalmente.

Segundo os jovens de Belém do Pará, a timidez/vergonha⁸⁴ são os fatores que contribuem para que eles e/ou outros homens não fiquem completamente nus nos vestiários.

Baruk: [...] eu me sinto desconfortável quando as pessoas ficam observando meu corpo de cima a baixo, ficam analisando tudo...

⁸³ Algumas vezes pude perceber que o “vigiar os pertences” também era utilizado como estratégia para “se deixar ver”.

⁸⁴ Escrevo as palavras “timidez” e “vergonha” apenas separadas por uma barra, pois ambas apareceram nas falas dos jovens com quem conversei ao se referirem ao receio (deles ou de outros) de se exporem nus nos vestiários.

Beno: Acho que a grande maioria é a mesma da minha, timidez mesmo.

Ainda que o olhar comparativo também aconteça durante a prática de exercícios físicos, é nos vestiários que ele causa mais desconforto. Ter o corpo analisado, mesmo que sorrateiramente, provoca nos indivíduos o acionamento de estratégias de ocultamento (total ou parcial) de partes específicas do corpo: o pênis e/ou as nádegas. Assim, como dito anteriormente, eles se despem ou se vestem com a toalha enrolada na cintura, ou dentro dos boxes, dos reservados ou em um canto do vestiário, procurando ocultar o que os insere na categoria “estar nu”: a exposição da genitália e/ou das nálgas.

Donn Short (2007) comenta que ficou perplexo quando se viu, na atualidade, em um vestiário, rodeado de homens que se despiam “modestly behind a towel” (: 184), cenário muito diferente quando frequentava esse ambiente há uns 15 ou 20 anos:

When I was growing up (let’s describe this phenomenon as occurring 15–20 years ago), boys and men strolled around the locker room, showing their private parts without hesitation. (...). Towels were in their hands, around their necks, but very often, not around their waists (Short 2007: 184).

O referido autor irá dizer, também, que, outrora, as pessoas se constrangiam em trocarem de roupas em um vestiário enroladas na toalha; contudo, hodiernamente, esse constrangimento não ocorria mais. Ele apontará em seu texto que a mudança de comportamento em relação à exposição do corpo nu dos homens nos vestiários esportivos deu-se devido ao medo que os homens heterossexuais têm dos indivíduos homossexuais, os quais também frequentam os vestiários e, assim, como se veem (ou se pensam) objetos de desejo de homens gays e, muitas vezes, não conseguem identificar quem é quem naquele espaço, acabam por se refugiar atrás de uma toalha: “Perhaps there are manly explanations for the towels. Here is one. Keenly aware of their newly-eroticized selves, unable to spot the naked queer, all of a sudden that bath towel can do more than just get a guy dry” (Short 2007: 185).

Essa ideia do educador e dramaturgo Short deve ser considerada, pois também fora apontada pelos homens jovens com quem conversei em Belém do Pará. Está presente na fala desses indivíduos o medo, o receio do desconhecido (às vezes nem tão desconhecido assim). Destarte, da mesma forma que o “medo da homossexualidade” – ou de serem vistos como gays – restringe a maneira como agem nos vestiários, por exemplo, também os coloca em alerta em relação ao comportamento, ao olhar, aos

sinais do Outro que com eles compartilham do espaço de mudança de roupas, conforme bem ilustra a fala de Benjamin:

Benjamin: Ele vira logo o rosto para não... Como é? Pra não causar uma timidez ou o cara pensar que ele é viado, entendeu? Aí ele vira logo o rosto. É a coisa que eu faço, pô! Tipo, se eu vejo o cara nu eu passo logo direto, entendeu? Eu nem olho, só passo direto...

A questão da homossexualidade nos vestiários somente apareceu no discurso dos portugueses na fala de Plácido, mas para falar que por ele não sentir atração por homens não lhe fazia diferença estes estarem nus ou não:

Plácido: [...] pra mim não é, não é... Não há nenhum tipo de choque, nem... É só, é só mais um homem nu, não... Pronto! Depois como eu não tenho essa coisa da sexualidade pelos homens pra mim também não... É-me completamente indiferente, acaba por ser, não é? Pode tá nu, pode tá vestido pra mim é exatamente igual, acaba por ser exatamente a mesma coisa.

Além disso, Patrick, ao conversar comigo sobre a troca de roupas nos vestiários, disse-me que não lhe havia problemas em ficar nu e que era habituado a isso, pois praticara natação quando era mais novo. Em vista disso, tomar banho e mudar de roupa despido não lhe constrangia, somente se alguém (no outrora e no agora) o olhasse. A fala dele aponta para algo que já comentei neste texto, o qual faz referência a certa etiqueta do lugar, principalmente em relação aos olhos que não podem estar fixados em ninguém e em nenhuma parte do corpo do outro (ou, pelo menos, não se deixar perceber no ato de escrutinar).

Patrick: [...] não tenho problema em tar-me a vestir... Até porque como eu andei na natação durante muitos anos e na natação, nos balneários, as zonas dos chuveiros era tipo... Coletiva, eram assim uns chuveiros todos assim [demonstrou “desenhando” no ar que os chuveiros estavam uns ao lado dos outros] e távamos todos ali nus a tomar banho, e nesse sentido eu nunca tive problemas; então, logo desde pequeno eu fui habituado a isso a tá a tomar banho cheio de gente [entre riso] à minha volta; nunca me fez diferença. Só que é tal acesso: apenas se o cara olhasse fico um bocado desconfortado, mas fora a isso, tudo e todos, é uma coisa que sempre fiz e não tenho problemas com isso.

O que se destaca no discurso de muitos dos jovens portugueses, já até apontado na fala acima de Patrick, e que nos faz ter alguma compreensão sobre as suas maneiras de agir nos vestiários, e as das demais pessoas, em relação à nudez, refere-se ao hábito de praticarem desporto e, conseqüentemente, de frequentarem os ambientes de troca de roupas e de se sentirem bem com o próprio corpo:

Pedro: Pessoalmente eu andei na natação, por isso... E em muitos desportos, eu tô, desde os oito anos que eu tô habituado a estar nu à frente de outros homens. Por isso,

que eu, pessoalmente, não tenho problemas nenhum; não tenho problemas absolutamente nenhum por que tô habituado. [...]. Mas, com certeza absoluta que há adultos, que nunca tiveram esse tipo de vivência que eu tive e que acham que é estranho, que é... Tenham vergonha. É normal.

Plácido: Eu acho que depende muito das pessoas. Por exemplo, no meu caso eu não tenho porque já tô muito habituado a lidar com a nudez e tô muito habituado que os outros me vejam nu e eu ver as outras pessoas nuas, portanto, pra mim não tem... Mas, se calhar, pra pessoas que são mais... Que nunca fizeram um desporto, que são mais acanhadas, que são mais envergonhadas, que, se calhar, não gostam tanto do corpo delas, como eu gosto do meu, se calhar, eu percebo que seja mais difícil e que vão pra um espaço mais reservado pra trocar de roupa etc.

Pascoal: [...] ao princípio, quando eu entrei, era difícil pra mim, XXXX sou na magreza e ir, por exemplo, pro banho e passar por aqueles caras todos inchados e eu com menos 30, com menos 40 quilos que eles, era muito complicado. Agora que também já tenho um corpo aceitável e bastante musculado, definido, troco de roupa lá. Às vezes, ao princípio, tinha... Por causa dessa questão da magreza tentava me esconder mais um pouco, é... Sei lá! Ia pra o balneário... Pra o balneário não... Ia pra o balneário, quando ia tomar banho, ia de calças de fato de treino, pra não mostrar as pernas que eram muito magras, então eu ia pro banho mesmo, ia pro banheiro – banheiro não! Banheiro é casa de banho no Brasil – pra zona dos cacifes de banho, fechava a porta, ia com calça, tirava as calças pra treino e pendurava, só pra não mostrar a magreza das pernas; tinha dificuldades, assim, de despir-me à frente deles. Ainda por cima, só ver homens inchados, bombados, aquilo me metia algum medo. Agora não, agora é natural. [...] Por uma questão pudica, mesmo minha, isso desde pequeno, muita gente também é assim, não gosto de me despir completamente e ir pro banheiro, assim, todo nu, com o órgão sexual a abanar, como muitos fazem lá no balneário. Eu tenho respeito dos outros e não faço isso; tiro os boxes ou as cuecas quando já estou dentro do cacife de banho, do local de banho, mas até lá vou de boxes; não tenho problemas em tá a pôr o equipamento de treino ou a despir e a ficar exposto à frente deles, não tenho problemas.

Vemos como o hábito de praticar desporto, para alguns dos jovens portugueses, os fazem ter uma relação diferente das dos jovens brasileiros no tocante ao ficar nu nos vestiários. A maioria dos lisboetas com quem interagi formalmente já praticara, noutro(s) estágio(s) de suas vidas, algum (ou alguns) esporte(s), diferente dos brasileiros deste trabalho, e esse hábito, segundo suas falas, os fazem reagir com certa “tranquilidade” em relação aos seus corpos nus e aos de outras pessoas dentro dos vestiários. Contudo, não podemos pensar como resolvida a questão da nudez nos ambientes de troca de roupas a partir do hábito da prática ou não de esportes – ainda que ela possa ser um ponto. Short (2007), por exemplo, traz em seu texto um comentário que o deixou surpreso, de um amigo seu, o qual tinha 30 anos e era ex-atleta de natação, o qual lhe revelara que a equipe de natação da qual fizera parte também fazia o “the towelwrap before yanking down underwear or swim suits” (: 185).

A vergonha do corpo, como apontara as falas dos jovens lisboetas, mas também belenenses, é outro ponto a ser considerado. Para Camargo (2014: 63) os banheiros – e por ampliação os vestiários – “seriam extensão da natureza pública da masculinidade (hegemônica)”; considerando isso podemos pensar que aqueles indivíduos que não têm ou não sentem ter um corpo totalmente enquadrado nesse modelo procuram escondê-lo, se não inteiro, ao menos parcialmente. Alia-se a isso, decerto, a questão da corporeidade modal dos espaços de remodelamento da compleição física dos quais os vestiários são prolongamentos, conforme podemos ver no discurso acima de Pascoal, mas, igualmente, de outros, sejam portugueses ou brasileiros.

Assim, ter um corpo bonito, proporcional, pode facilitar a nudez, seja nos vestiários de modalidades esportivas ou noutros lugares. Estar fora do padrão corporal do espaço em que se encontra aciona (ou, na concepção de algumas pessoas, deveria) a questão da vergonha, da timidez. Por exemplo: ainda que trabalhando com clubes de sexo em São Paulo e a forma como diversos marcadores de diferença se interseccionam na conformação de corpos masculinos desejáveis, uma experiência de Braz (2007) com o corpo despido ajuda-nos a pensarmos a mobilização contextual da vergonha corporal nos ambientes que fazem parte dos espaços de remodelamento da compleição física. O referido pesquisador diz que ao conversar com um funcionário de um dos clubes que visitara comentou sobre a sua estranheza de ficar nu ali naquele espaço recebendo como resposta: “...que isso era uma bobagem – afinal, eu tinha um corpo ‘digno de ser mostrado’. Ele apontou então para um senhor meio gordo e disse, rindo, que ele sim deveria ficar com vergonha” (: 11-12). Braz (2007) conclui seu texto dizendo-nos que, nos espaços em que pesquisou, “Nem toda nudez é castigada” (Braz 2007: 13); mas, se ali, inseridos em um ambiente de desejos, nem toda a nudez é castigada – ainda que eu considere que seja, principalmente os corpos que naqueles espaços transitam, porém são invisibilizados (como comenta o antropólogo) por não se enquadrarem no perfil de “‘macho[s]’ sexualmente desejável[is]” (Braz 2007: 13 – acréscimos meus)⁸⁵ – nos vestiários da musculação e da natação, o é, seja por olhares (ainda que rápidos e

⁸⁵ Pode ser que Camilo Braz esteja se referindo ao “castigo” como algo presente na prática sadomasoquista (S/M). Nesse sentido, o seu corpo, revestido da áurea de antropólogo que está realizando um trabalho de campo, e outros (que não se enquadram no modelo de desejo buscado nos ambientes investigados) são invisibilizados e, por isso, “não castigados”, não participes das cenas eróticas do S/M. Sobre a prática do sadomasoquismo, cf. Filomena Gregori (2204) e, também, o referido texto de Braz (2007), dentre outros.

discretos), seja por pensamentos comparativos silenciosos. A ciência disso pode contribuir para a ocultação de algumas partes.

Em vista disso, os aspectos aqui comentados sobre a nudez nos vestiários devem ser percebidos não como um todo, mas enquanto fragmentos dos trânsitos corporais por esses espaços. Desse modo, admito que haja outras peças desse quebra-cabeça social que faltam, mas deixo nesta oportunidade essa provocação para pesquisas (e pesquisadores) futuros, pois o que observei e o que conversei com os homens jovens que malham e/ou nadam em Belém do Pará e em Lisboa, para analisar as suas práticas de remodelamento corporal, só me permite ir até este ponto na questão da nudez nos ambientes de troca de roupas e higienização dos corpos.

Contudo, é necessário atentarmos um pouco mais para a questão da genitália masculina, pois esta, assim como as nádegas e outras partes do corpo, conforme já apontado anteriormente, também é atravessada por inúmeros olhares quando do trânsito dos indivíduos pelos banheiros e vestiários. Destarte, se outrora o pênis se faz presente nos ambientes de remodelação “apenas”⁸⁶ por sua marcação nas sungas, bermudas, shorts ou calças, nos banheiros e vestiários, a partir de alguns comportamentos dos agentes sociais, como o despir-se e o vestir-se, este é visto e é alvo, equitativamente, tal como os braços, peito, barriga etc., de um processo de medição.

Beno: Homem olha! Homem costuma olhar pra comparar, isso existe.

EJ: Então ele olha, geralmente, pro pênis?

Beno: Olha! O cara que disse que não olha, tá mentindo. O cará dá uma olhada rápida, só pra comparar.

EJ: E acontece comparação entre os pênis também?

Paulo: Sim, sim! Sem dúvida. Claro!

Christopher Morriss-Roberts (2013), a partir de pesquisa realizada com alguns esportistas de Londres conclui que o tamanho do pênis, assim como outros elementos encarnados, simbólicos e performáticos, contribui para a elevação, nos indivíduos, do que chamou de “masculine capital”. Tomando como base outros autores, Morris-Roberts diz-nos que este se refere aos modos práticos legitimados de se ser homem e

⁸⁶ O *apenas* encontra-se entre aspas, pois o pênis está presente nos ambientes de remodelamento corporal, além da forma como eu disse outrora, por meio da marcação na roupa, também em muitas das conversas e brincadeiras dos agentes sociais sobre, por exemplo, exames de próstatas e consequências do uso de anabolizantes.

está diretamente relacionado à certa noção de masculinidade hegemônica, uma vez que “[...] the greater the amount of hegemonic masculine traits a man holds the greater his Masculine Capital” (Morris-Roberts 2013: 36).

Assim, ainda que falar do pênis pareça, em uma análise apressada sobre o tema, não ter relação com o remodelamento do corpo dos agentes sociais, este está presente nas preocupações de muitos que frequentam os banheiros e vestiários e que ficam despídos ou não, pois o “masculine capital” é observado e julgado e, de acordo com Morris-Roberts, a genitália, com o seu tamanho e espessura, faz parte do lado encarnado da masculinidade que contribui para que o homem tenha um maior ou menor “masculine capital” entre seus pares. Devido a isso, o autor chama essa influência de “Cock-Supremacy”. Nesse sentido, a genitália deve ser refletida como discursiva e visualmente negociada, pois, além da materialidade percebida nos locais de trocas de roupas, o pênis, ou seu espectro, está presente, igualmente, nos ambientes de transmutação corporal quando se discute ou se medita sobre a impotência como uma das consequências do uso de anabolizantes para o crescimento da compleição física⁸⁷.

Desse modo, o corpo remodelado na prática física refere-se a um corpo heteronormativizado e, portanto, viril. Assim, a imagem corporal ao chamar atenção, devido ao seu processo de transmutação, dentre outras variáveis, gera curiosidade para saber se o tamanho do pênis acompanha a estrutura somática do indivíduo. Busca-se, assim, algum equilíbrio, alguma harmonia que podemos chamar de mítica devido a todo o imaginário incorporado de que “tamanho é documento” – ainda que não seja – ou de que a fisionomia peniana eleva o *status* de se ser homem⁸⁸.

Em vista disso, esse espaço de passagem, o qual compõe o universo infraestrutural de atividades físicas como a musculação, natação, hidroginástica, etc. revela práticas, comportamentos e valores masculinos em um jogo de ratificação e ressignificação de masculinidades, o que descaracteriza pensá-lo, somente, como um local de trocas de roupas e higiene corporal, pois:

⁸⁷ Falarei mais à frente sobre os efeitos e consequências do uso de anabolizantes na prática de exercícios físicos.

⁸⁸ Podemos pensar na briga de galos, em Bali, relatado por Clifford Geertz (2008). O antropólogo fala-nos da identificação entre os homens balineses com os seus galos (considerando tanto o sentido real quando figurado da palavra “galo”) (Geertz 2008: 188-189). E é interessante pensarmos que, não no português, mas em inglês, por exemplo, o termo “cock” faz referência tanto ao animal galo quanto ao pênis. Assim, é prestigioso, de muitas formas, para um homem balinês ter um galo bem cuidado e vencedor.

(...) the locker room is a homosocial environment for men to engage in voyeuristic contemplation, and gauge through comparison of other men's physical development their own masculine status within a microclimate of hegemonic hierarchical paradigm. Through bodily comparison (...), men can see other men's cocks in the locker room and (...), the size of a man's cock can have a huge impact on his Masculine Capital. It can be noted that Cock-Supremacy is an additional tenet that can be added to the pre-existing qualities that construct the Masculine Capital epistemology (Morris-Roberts 2013: 170).

É significativo dizer que a comparação do corpo não se restringe aos ambientes de transmutação corporal. Nesse caso, de acordo com os jovens com quem dialoguei, as pessoas se observam (são observadas) e se comparam (são comparadas) em inúmeros outros espaços, como shoppings, escolas, local de trabalho etc. Esse tipo de olhar e situação comparativa, para além dos espaços de transmutação da compleição física, igualmente, influenciam as pessoas em seus processos de transformação corpórea, pois faz com que, neste caso, os jovens, muitas vezes, busquem um melhoramento do rendimento de seus treinos.

Paulo: [...] logicamente em qualquer sítio haverá, sempre, uma comparação. Nós comparamos sempre. Nós comparamos com os outros.

Patrick: [...] às vezes, por exemplo, na escola sim. Eles, lá da escola, que não tão no ginásio, às vezes, começam a comparar, porque sabem quem é que vai, dizem: “Olha, aquele XXXX está maior que tu” ou chama um outro pra perto de mim “Olha, ele tá maior que tu” [...].

Beno: [...] eu já vi alguns colegas meus se comparando. Isso existe sim!

EJ: Aqui na natação?

Beno: Não. Colegas meus da Geologia que faziam musculação, aí eles ficavam se comparando e tal.

EJ: E o quê que eles se comparavam?

Beno: Eles falavam quando o cara tava mais bombado [...]. O homem – tem uma parte –, que compara mesmo, músculo e tal.

EJ: Na tua opinião, acontece algum tipo de comparação, entre os homens, em relação ao corpo?

Baruk: Sim.

EJ: Como? Em que situação?

Baruk: [...] principalmente no shopping, em lugares públicos pessoas comparando o corpo dela em si. Por exemplo, você vê um homem de regata você olha pro braço dele e você pensa... Você olha pro seu e fica comparando pra vê se... Comparando mentalmente pra vê qual o maior, se é maior, se é menor... Pra parte do corpo, enfim.

O outro olhar que está presente no processo de transmutação corporal é o competitivo. É possível perceber esse olhar nos outros dois comentados anteriormente, pois o indivíduo, a princípio, examina-se, compara-se com outra pessoa e, muitas vezes, após isso, empreende alguma competição, sendo esta direta – quando ambas as pessoas tem ciência de sua ocorrência – ou indireta – quando somente o autor, sem contato ou comunicação com o seu alvo comparativo, empreende tal “superação”.

A competição direta ocorre mais entre pessoas que malham e/ou nadam juntas. Nesse sentido, para alguns jovens com quem conversei, esse tipo de “rivalidade” é visto como uma brincadeira entre amigos e/ou conhecidos, é uma prática “sadia”. A indireta, no entanto, perpassa por questões relacionadas à vaidade do indivíduo, ao orgulho de não querer se ver diminuído perante o outro, de não querer ser lido como fraco ou não capaz. Esse tipo de atitude é reflexionado pelos agentes sociais como perigoso, uma vez que leva à execução forçada, errada do treino, cujo risco de lesão é grande⁸⁹.

A competição no ambiente de remodelamento corporal também é vista como uma forma de fazer com que as pessoas busquem um melhor rendimento de seus treinos (Chaves 2010: 69) e das consequências destes. Contudo, a ânsia de demonstrar melhores resultados corporais, de não ficar para trás, principalmente por quem começou a modalidade recentemente e/ou apresenta um corpo mais próximo do ideal almejado, coloca em cena o perigo de se machucar, podendo, assim, inviabilizar todo o projeto corporal que o indivíduo tem planejado para si.

Patrick: [...] ao treinar, via que muitos deles [algumas pessoas que começaram a treinar no mesmo período que ele] iam com a aquela cena, o rapaz que treinava com eles, levantava grandes pesos e queriam levantar quase igual a ele, pra não se sentirem fracos. Nesse sentido, XXXX apesar das vezes, também, naquela de querer levantar o mesmo peso que ele, pensava: “Não, tens que começar por baixo, por baixo que se começa”, até porque, assim, se começar com muito peso arrisca-se a lesões – que foi o que aconteceu mesmo com esse rapaz que nos ensinava, chegou a ter lesões no ombro, principalmente o ombro que é muito fraco [...] uma coisa que eu sempre fui muito... pouco peso, faço de forma correta e, posteriormente, ir aumentando se sentir que já está a ficar demasiado fácil, nunca a pesar [...] eu sempre comecei por baixo XXXX às vezes era um bocado triste [...] via mulheres a levantarem mais peso do que eu, às vezes ficava um bocado naquela de quase que ia me esconder pra um canto para fazer, pra ninguém me ver a treinar com tão pouco peso, mas consegui atingir meus resultados [...]. Às vezes, eu próprio vou a chamar a atenção a pessoas que eu vejo que são novas aqui no ginásio,

⁸⁹ Ainda que a competição direta, entre amigos e/ou conhecidos, seja pensada como uma prática “sadia”, é necessário dizer que nesta, também, está presente certa vaidade e orgulho, ainda que de forma menos intensa do que na competição indireta, por estar envolvida numa área de brincadeiras. Contudo, igualmente importante que se diga, é que mesmo nesse contexto a possibilidade do indivíduo se lesionar é real.

como eu venho cá há um ano, já há muita gente que eu conheço, então eu sei que há pessoas que são novas, mesmo em termo de postura e, às vezes, há aquela situação da pessoa tá mal, exatamente porque fica abusando do peso, chegam lá e querem mostrar que tem muita força e querem agarrar nos pesos maiores pra não se sentirem mal, às vezes eu digo mesmo: “Eu sei que tu queres te sentir, te sentir com... Quer levantar um peso maior e não quer te sentir mal, mas há de lá chegar. Começa por baixo, não tenhas presa. Vais ter os resultados também e tens até menos riscos de lesões”. Não quer dizer que a pessoa não consiga até levantar e não tenha uma lesão, mas é muito mais difícil, não vale a pena tá lá a ariscar [...].

As pessoas mais novas – não só em idade, mas em tempo de prática de exercícios físicos – são apontadas como os agentes mais propícios a empreenderem competições, sejam estas diretas ou indiretas. Justifica-se isso, muitas vezes, pela inexperiência da pessoa de saber entender como se dá o processo de remodelamento corporal, tanto na musculação quanto na natação. O olhar competitivo é percebido, principalmente, entre os de menos idades e os novatos e os que possuem preocupação estética, estando estes, para alguns/mas professores/as, por exemplo, na faixa etária até aos 40 anos. Dependendo, igualmente, do tipo de projeto corporal que cada indivíduo planeja para si, a competição estará presente ou não e esta se dará em maior ou menor grau também.

Paulo: [...] nunca tive o... Por exemplo, eu tenho que levantar 50 kg, porque, se não levanto 50 kg, o fulano da esquerda vai levantar os 50 e eu vou me sentir mal. Até, porque, esse tipo de competitividade, normalmente, é pra pessoas que fazem o ginásio há pouco tempo e percebem que quanto mais peso melhor; e, não é necessariamente correto, quanto mais peso, maior a probabilidade de termos um problema na articulação etc. É preciso ter muito cuidado com o peso. Esse tipo de competitividade normalmente há, especialmente nos homens [...]. Eu, pessoalmente, nunca tive, porque sempre soube, mais ou menos, a trabalhar no ginásio e percebo que não é pelo peso, mas sim pelo tipo de movimento que se faz que o músculo cresce.

EJ: Essa competição acontece, assim, entre amigos ou, de repente, alguém que não conhece o outro, mas tá vendo levantar um peso maior...

Paco*: ... sim, nos dois casos! Entre amigos; a pessoa ver o outro levantar e também acha, quer fazer o exercício com aquele peso. Sim, o homem tem essa preocupação... Rivalidade, digamos assim, saudável, mas sempre quer tá melhor que o outro e levantar mais [...]. Mas isso, também, até uma certa idade, vá tá. Acho que isso também acontece até aos 40, ao passo da estética; mas quando passa a saúde, vá tá, a pessoa deixa de ter essa competição, não preocupa tanto com os pesos etc., antes sim! Há sempre uma comparação com o vizinho do lado, com o colega, quer fazer melhor que o outro, sim, há! O homem tem essa... Muito essa questão. [...] em algum patamar quer tá melhor que o outro.

Beto*: Esse negócio de querer nadar mais, isso já é mais quando é criança, eu acho.

EJ: É?

Beto*: É. [...] Quem é adulto, e que nada lá, busca mais o bem-estar, não tá nem aí pra velocidade [...].

Contato com o Beto*

Beto* tem 20 anos, considera-se de *status* médio, branco e católico. Ele é estudante de Educação Física, solteiro e em relação à sua sexualidade disse-me ser “liberal”, pois está “na época de experimentar de tudo, por isso não classifico o que eu sou”. Nossa conversa aconteceu em uma pizzaria e durou quase 38 minutos. O ambiente não era silencioso, mas nada que atrapalhasse a interlocução. Esse local foi escolhido por ele depois de decidirmos não conversarmos em um shopping – onde havíamos combinado anteriormente – e, também, após não conseguirmos ir a dois restaurantes de comidas orientais, haja vista que um estava com problemas elétricos e o outro fechado. Após nosso almoço-lanche, que fiz questão de pagar, saímos caminhando pela cidade. Nesse momento, já com o gravador desligado, ele me disse que estava tomando um suplemento para aumentar seu metabolismo. Comentei com ele que, antigamente, as pessoas malhavam e ganhavam massa muscular sem precisar tomar nem um tipo de produto, o que ele concordou. Disse-me ainda que há um *site* onde as pessoas podem comprar suplementações que são proibidas, no qual ele pensava em acessar para realizar uma compra. Questionei-o de o porquê, e ele me disse que era por ser mais forte...

Como demonstrado anteriormente, nos ambientes pesquisados é possível identificar três situações de competição. Uma delas é a que se refere ao corpo, propriamente dito. Muitas pessoas que malham e/ou nadam, olhando as paisagens corporais à sua volta, procuram alcançar corporalmente o alvo de sua visão comparativa ou mesmo ultrapassá-lo. Esse ato faz com que o agente realize algumas práticas como a intensificação de seu treino e, mesmo, utilização de serviços e substâncias que lhe dê os resultados pretendidos em menos tempo.

A segunda refere-se ao instrumental. Ao ver um amigo, um conhecido ou não, por exemplo, realizando um treino em um supino reto com uma carga de 20 kg, ele tentará fazer o mesmo ou com um peso maior, com o intuito de demonstrar força, capacidade ou ainda superioridade; na natação essa situação também acontece em relação ao tempo que se leva para a execução de determinada série ou nado e, também, na efetuação de técnicas como, por exemplo, a largada na piscina ou a virada.

A última trata da competição que o agente social empreende consigo próprio. Uma vez que o corpo não é só incorporação ou corporeidade, é necessário ponderar o aspecto encarnado deste. Assim, o agente social precisa negociar e excorporar as maneiras de exceder aos seus limites, com a finalidade de, além de alcançar ou

ultrapassar àquelas pessoas que ele julga ter – corporalmente – o que ele quer, concretizar seu projeto corporal. Nesse processo, entram em cena diversos elementos auxiliares como a música, a suplementação, a ajuda médica e o uso de anabolizantes. É significativo considerar que essas questões serão acionadas ou não levando em consideração o projeto corporal que o indivíduo tem planejado para si.

Destarte, tanto os espaços de remodelamento corporal quanto as interações que acontece em seus limites e entre seus vários constituintes paisagísticos (equipamentos e pessoas, por exemplo), contribuem para que os jovens com quem conversei atinjam os projetos de corpo que planejaram. Os agentes sociais ao mesmo tempo em que são afetados pela corporeidade do Outro que transita pelos ambientes de transmutação ou por outros espaços da urbe, também afetam e, nessa relação intersubjetiva, um dá materialidade ao corpo do outro, pois só existirá o “grandão” se houver quem seja identificado por “pequeno”, por “frango”. Além disso, se as interações existentes nas zonas da musculação e da natação, com os instrumentos que fazem parte dessas modalidades, nos colocam diante da ideia de ciborguização das pessoas, as quais praticam os referidos exercícios físicos, igualmente devemos pensar – como sinalizado anteriormente – que a ingestão de determinadas substâncias e alimentos, equitativamente, contribuem para a referida associação e apontam para questões lidas, não somente de modificação da compleição física, mas, da mesma forma, a uma questão de saúde, pois a ultrapassagem dos limites corporais sempre gera consequências que podem ser (vistas como) benéficas ou não.

Questões de saúde e transmutações corporais

Dietas • Suplementos • Anabolizantes • Influência da mídia •
Saúde • Ida ao médico • *Healthism* • *Sentio bonum*

Sendo o remodelamento corporal, via exercícios físicos, um processo, é necessário considerar, não somente a prática de atividades planejadas, estruturadas e repetitivas, mas, igualmente, outros elementos e ações que contribuem para se alcançar os objetivos pretendidos pelas pessoas. Destarte, no guarda-chuva de possibilidades colaborativas para se ter o corpo almejado, uma questão muito significativa diz respeito à alimentação. Ingerir ou deixar de consumir determinados alimentos, substâncias e líquidos contribuem para que a meta que cada agente social tem planejado para si seja concretizada.

Quando se pensa na relação da alimentação com a prática de exercícios físicos, as palavras que logo surgem à mente são: dieta e regime (estas são sinônimas no sentido aqui empregado). Além disso, faz parte desse universo, bem mais do que se imagina e do que se percebe – até mesmo por ser uma prática menos difundida, principalmente pela mídia, visto que surgiu “no cenário das práticas educativas em alimentação e nutrição nos anos de 1990” (Santos 2010: 461) –, a reeducação alimentar. À primeira vista, esses vocábulos parecem significar a mesma coisa; contudo, há diferenças entre eles na literatura. Dietas e regimes possuem uma conotação de rigidez, de regra a ser seguida a fim de atingir algum propósito medicinal, prescrita por alguma autoridade no assunto – como um/a nutricionista, por exemplo –, enquanto que reeducação alimentar fala do controle do apetite, de moderação e, assim, de flexibilidade – o que qualquer indivíduo, caso decida, pode fazer por conta própria – ainda que a orientação médica seja, igualmente, ideal. Em vista disso, os “deslizes” das duas primeiras geram culpas, enquanto os da última são permitidos, desde que compensadas no dia seguinte (Santos 2010: 462).

Acredito que foi devido a esse caráter terapêutico que muitos dos jovens, com quem dialoguei, disseram-me não praticar nenhum tipo de dieta. Fica claro na fala desses agentes sociais, no entanto, a partir das características elencadas acima, a realização e atualização de certa noção de reeducação alimentar. Desse modo, cortam-se

determinados alimentos julgados prejudiciais e acrescentam-se aqueles que, segundo suas visões e pesquisas, auxiliá-los-ão a alcançar seus objetivos⁹⁰.

Nesse sentido, quando se pensa na questão dietética de pessoas que praticam exercícios físicos é preciso reflexionar que alguns alimentos, algumas ingestões, serão vistos como “agentes de poluição” (Douglas 1991: 151), não pelos contatos anteriores à sua preparação e deglutição – como demonstra Douglas ao tratar da relação entre as noções de “pureza”, “poluição” e “perigo” na Índia –, mas pelo o que eles fazem ao corpo que se pretende remodelar e, por esse motivo, deverão ser evitados – até mesmo eliminados das opções de consumo – para se poder alcançar a compleição física planeada.

Pablo: Eu, dantes, tinha uma alimentação despreocupada, comia de tudo, bebia de tudo e agora eu ligo muito mais ao refrigerante, já não bebo refrigerante há muito tempo e não é... E não me custa! Eu sei que não é bom, tem muito açúcar e não me custa não beber. E há coisas que eu deixei de comer e beber que não me custa; por exemplo, o açúcar, eu não consumo muito açúcar; por isso... E sinto bem com isso, não... É uma coisa que, se calhar, no início custa, mas, depois, a longo prazo, compensa bastante. Faz toda a diferença.

Bernardo: [...] cortando as coisas que me prejudicavam; por exemplo: refrigerante, comer muita fritura, comer essas besteiras, produtos industrializados, *fast foods*, essas coisas eu evitei mais.

A dieta e/ou a reeducação alimentar são fundamentais para quem pratica a musculação, a natação ou quaisquer outros exercícios físicos, independentemente dos objetivos pretendidos. Segundo Ileana Kazapi e Lúcia Ramos (1998: 118), “A ingestão de energia e nutrientes varia de esporte para esporte” e eu acrescentaria: de atleta para atleta, uma vez que o caráter encarnado do corpo não deve ser desconsiderado, pois cada organismo trabalha, gasta e acumula energia de forma diferenciada e, também, sobre esse aspecto, é necessário considerar cada projeto corporal elaborado pelos diferentes agentes sociais, o qual indicará os tipos de alimentos que poderão ou não ser consumidos e quais as quantidades. Dessa maneira, um indivíduo que tenha como objetivo a hipertrofia e que, devido a isso, tem um ritmo de treino acelerado, consumirá

⁹⁰ Para falar da relação da musculação e da natação com a alimentação, neste trabalho, utilizarei o termo *reeducação alimentar*, por compreender que é isso que os jovens com quem conversei fazem, ainda que em seus discursos eles não tenham aplicado esse vocábulo. Acredito que o que os levou a adotarem a palavra *dieta* durante nossa interlocução tenha sido, além da comumente associação desta com a prática de exercícios físicos, também, o fato de eu ter empregado esse substantivo com eles quando introduzi o assunto *alimento* em nossa conversa e, em nenhum momento, eu mesmo ter utilizado a expressão *reeducação alimentar*, pois, somente posteriormente tive acesso a conteúdos que me ensinaram a diferença entre ambos os jargões.

determinados alimentos hipercalóricos que uma pessoa que quer perder peso evitará, ingerindo, assim, nutrimentos hipocalóricos.

Ainda que haja certa idiosincrasia e que, com isso, faça-se necessário um acompanhamento ou consulta a um profissional mais especializado, no tocante a alimentação que se realiza concomitante a prática de exercícios físicos, a maior parte dos jovens com quem conversei disseram-me fazer suas dietas por conta própria, utilizando-se de conselhos e dicas de amigos, de conhecidos, dos profissionais que auxiliam as atividades físicas nos ambientes de remodelamento corporal e, ainda, com pesquisas que realizam na Internet.

O nutricionista ou nutrólogo⁹¹, profissional capacitado para orientar as práticas dietéticas das pessoas, não faz parte da realidade de remodelamento corporal dos jovens com quem dialoguei. Com exceção de Bruno, a maioria não utiliza os serviços de algum desses profissionais. Ainda que Beno, por motivos de gastrite, tenha se consultado com um profissional médico, a fim de direcionar o que comer ou não, as suas ações alimentares, com objetivos de concretizar seu projeto corporal, são feitas por conta própria, a partir de reelaborações entre o que o médico (o gastroenterologista) lhe disse e as pesquisas que realizou.

Não é que os jovens com quem dialoguei não reconheçam a importância de consultas aos profissionais anteriormente citados; por exemplo, ainda que fazendo sua própria dieta, a partir do que via nas pessoas e do que pesquisava na Internet, Pablo, no momento em que está de sua prática física, sente a necessidade de “uma ajuda mais profissional” o qual, segundo sua visão, melhor auxiliá-lo-á a ingerir 3000 calorias boas por dia de que julga precisar. Todavia, inicialmente, os jovens procuram agir por conta própria, colocando em prática o que sabem, o que veem, o que escutam e o que leem – seja em revistas e/ou em *sites* na Internet –, e somente quando percebem que já não podem mais agir sozinhos, que suas capacidades estão limitadas, é que reputam a real necessidade de algum acompanhamento médico⁹². Esse tipo de comportamento de

⁹¹ A diferença entre o nutricionista e o nutrólogo está na formação. O primeiro faz uma graduação em Nutrição. O segundo gradua-se em Medicina e especializa-se em Nutrologia. Outra diferença consiste que o nutricionista está apto a prescrever dietas, mas não medicação, enquanto que o nutrólogo é o inverso. Para outras informações, cf., Francisco Vasconcelos (2002) e José de Oliveira e Julio Marchini (2008), dentre outros.

⁹² Essa questão de o homem só procurar ajuda médica quando, por conta própria, não pode mais cuidar-se – ou já não aguenta mais a dor – é bastante comum nos estudos sobre a saúde masculina. Cf., por exemplo, Romeu Gomes, Elaine Nascimento e Fábio Araújo (2007), Romeu Gomes et al. (2008),

autossuficiência limitada não é restrito à pesquisa aqui apresentada, mas também fora identificada, por exemplo, por Boltanski (2004) em investigação que empreendeu no final dos anos de 1960, na França. O autor fala-nos que as mães costumam cuidar da saúde de seus filhos a partir do reconhecimento de alguns sintomas e da aplicabilidade de remédios que elas conhecem. O que foge à “medicina imitativa” (Boltanski 2004: 20) materna, exige a intervenção direta de um profissional médico por elas procurado.

Além disso, Brian aponta a condição econômica para o não acesso – pelo menos até aquele momento – ao nutricionista esportivo e, por isso, procura realizar suas pesquisas via Internet, as quais lhes são mais acessíveis. É possível, igualmente, refletirmos que as orientações dietéticas prescritas pelos nutricionistas estão longe da realidade financeira e temporal de muitas pessoas, pois os custos para se comer bem, diversificada e balanceadamente são altos – não somente para quem pratica exercícios físicos, mas para a população geral – (Casotti et al. 1998; Ferreira et al. 2010; Santos 2010: 466) e a correria do dia a dia, muitas vezes, inviabiliza que tais orientações sejam seguidas à risca.

Em vista disso, três são as formas mais recorrentes pelas quais os jovens com quem dialoguei procuram reestruturar sua alimentação: a) conversando ou observando outros alunos dos ambientes de transmutação corporal; b) aconselhando-se com os/as próprios/as professores/as; e, principalmente, c) com pesquisas na Internet. É necessário considerar que a modificação no que comem ou deixam de comer, além da questão da periodicidade, dependerá das possibilidades econômicas e temporais, por exemplo, de cada um.

São em interações com amigos, conhecidos ou estranhos, os quais também treinam ou nadam – não necessariamente juntos –, quer conversando quer somente observando ou ouvindo, que muitas pessoas vão reelaborando sua alimentação. Quando ocorre a impossibilidade de se conversar com alguém, o qual possua o corpo que se almeja (ou próximo ao) e/ou que tenha mais tempo na musculação ou na natação, uma das estratégias é observar as práticas e os comportamentos dessa pessoa ou ouvir as conversas que ela possa ter sobre sua alimentação com outros indivíduos. Práticas de alimentação nos espaços que compõem os ambientes de remodelamento corporal não são incomuns. Durante minha frequência nas aulas de musculação e de natação pude

presenciar algumas pessoas comendo bananas, ovos cozidos, barrinhas de cereais etc., tomando iogurtes, além de suplementação em forma de *shakes*⁹³. Chaves (2010) e Cesaro (2012) também observaram algumas pessoas comendo nas academias que investigaram. Ainda que a ingestão ou não de determinados nutrientes seja uma questão importante para quem pratica exercícios físicos, a dieta ou a reeducação alimentar, para os interlocutores das pesquisas dos autores citados, não é algo rígida, fixa, pois lhes faltam tempo e recursos financeiros para a incorporação de tais hábitos em seus quotidianos.

Além disso, o marcador *status* social também influencia os homens por eles investigados – de camadas populares – a preferirem alimentos hipercalóricos como forma de manutenção da força corporal e do corpo remodelado, “diferente dos discursos dos indivíduos de classes superiores que abominam o uso e absorção de gordura” (Chaves 2010: 107). O comer muito, distinto do comedimento e equilíbrio nutricional, é pensado, nas pesquisas de Chaves (2010) e Cesaro (2012), equitativamente, como um marcador de gênero. Para Cesaro (2012: 79), os homens que observou dizem que consomem alimentos saudáveis e equilibrados por influência de amigas, namoradas ou esposas como uma estratégia de proteção da masculinidade, pois esta, geralmente, é associada, no contexto por ele investigado, ao grande consumo de gorduras e calorias⁹⁴.

Na pesquisa que empreendi, no entanto, a relação “comida de homem” e “comida de mulher” não apareceu. Ainda que alguns ingiram alimentos hipercalóricos –

⁹³ É significativo dizer que nos espaços de remodelamento corporal não se fala ou se consomem somente alimentos categorizados como “saudáveis”. Por exemplo, certa vez, na Clava, uma aluna levou para a professora, a recepcionista e alguns alunos (eu incluído) fatias de bolo de chocolate e de empadão de frango que ela separara do seu aniversário no dia anterior. Estes foram ingeridos com suco em caixa que a referida aniversariante levou. Ali eram vendidos, também, bombons de chocolates e, posteriormente, sucos industrializados e energéticos. No Olympia, a professora e seus ajudantes da natação também recebiam mimos gastronômicos de alguns alunos. Era comum vê-los, igualmente, enquanto nadávamos, ingerindo biscoitos recheados ou outras guloseimas. Em festas de confraternização organizadas pela professora Bete*, onde cada aluno e aluna levava algum prato, as comidas também fugiam da classificação de “saudáveis”. Na academia do mesmo lugar um casal vendia sanduíches naturais e, mais comumente, chopps de frutas, os quais eram muito disputados não somente pelas pessoas que malhavam.

⁹⁴ Inúmeras investigações têm demonstrado que o *status* social, o gênero, a geração, dentre outros marcadores sociais, influenciam o que as pessoas comem. Manuela Jomori, Rossana Proença e Maria Calvo (2008: 371-372), a partir de pesquisa com 293 clientes de um restaurante *self-service* de Florianópolis, Santa Catarina, destacam que os homens, diferentemente das mulheres, por exemplo, escolhem pratos sem saladas para comerem. Camilla Estima, Sonia Philippi e Marle Alvarenga (2009: 266), por sua vez, demonstram, a partir de vários estudos revisados, que homens e mulheres diferenciam-se no tocante à escolha dos alimentos e do tamanho das porções que ingerem, principalmente em refeições fora de casa.

pois este dependerá do projeto corporal planejado para si – não há um discurso generificado para isso. A alimentação, mais do que uma questão de gêneros, a partir da fala dos jovens com quem conversei, aparece como um componente que impulsionará ou não o rendimento dos exercícios físicos e, assim, fá-los-á alcançar seus objetivos corporais.

Ademais, ocorre orientações com os/as próprios/as professores/as. Alguns/mas aconselham – dependendo do projeto corporal – o que a pessoa deve comer, quando e a quantidade e o que ela deve evitar. É comum, igualmente, sugerirem o uso de alguma suplementação alimentar e, para aqueles/as que querem crescer rapidamente ou objetivam ter um corpo hipermusculado, esses/as profissionais chegam a indicar o uso de anabolizantes. Ainda que haja alguns/mas desses/as instrutores/as que orientam sobre alimentação, suplementação e anabolizantes, é necessário dizer que, como salientam Ana Araújo e Yone Soares (1999: 86) e Ana Fayh et al. (2013: 34), essa não é uma prática que eles/elas estão autorizados/as a fazerem. Segundo as autoras, somente médicos/as e nutricionistas são mais capacitados/as para indicar o que cada pessoa pode ou não ingerir a fim de alcançar seus objetivos na prática de exercícios físicos. Muitos/as dos/das professores/as com quem dialoguei têm ciência de sua não autoridade acadêmica-profissional, ainda que muitos/as deles/as aconselhem os/as frequentadores/as das academias e da nataçãõ a integrarem ou excluïrem algum nutrimento de suas refeições:

Beto*: [...] eu acho que o profissional de educação física não deveria prescrever nada para uma pessoa, ele deveria mesmo só auxiliar na atividade física, porque ele não estuda para isso, ele estuda o movimento, o corpo, ele não estuda suplementação, ele não estuda nada disso.

Brenda*: Sim, normalmente a gente... Não, vou falar de mim. Normalmente, se a pessoa não tem uma boa alimentação... Claro! Tu come de três em três horas? Tu tem uma vida corrida? “Ah, eu tenho uma vida corrida, não dá para eu me alimentar direito”, então toma um suplemento já pra tá ajudando a repor essa questão da... Do carboidrato, da proteína, das vitaminas que tu necessitas diariamente, que tu não consegues... Porque, muitos, muitos na verdade, se alimentam só uma vez por dia; tipo, só no almoço mesmo. Aí, quando é o café, só toma aquele café preto, puro e o almoço e depois, qualquer coisa, vão jantar, senão passam batido e é essa correria... Um corre-corre. Então, o quê que eu aconselho: Cara, não dá pra ti comer? Então, leva um shakezinho que não é preciso tu parar em restaurante não, é só botar água, bater, tomar. Pelo menos as vitaminas vão tá supridas. Mas, claro, que nada troca a alimentação, mas eu sugiro um... Um suplemento, tipo BCAA, dependendo do objetivo da pessoa, se é ganho de

massa é BCAA, se é... No caso, emagrecer, um **termogênico**; se é... Uma pessoa corrida, não tem boa alimentação, **wey protein**, aí vai.

EJ: Tu sugeres o uso de algum produto para ajudar na atividade física?

Plínio*: Sim, dependendo do objetivo sim.

EJ: Que tipo, por exemplo?

Plínio*: Dependendo, poderá ser um termogênico, uma proteína, poderá ser uma proteína para ajudar a fazer a reconstrução muscular... Há uma série e gamas de produtos que podem ser utilizados e são benéficos na... Quer em termos de saúde quer em termos de obtenção de resultados.

Ainda que tenham consciência das suas limitações profissionais a respeito de questões dietéticas, alguns/as professores/as não se isentam de indicar o consumo de determinados alimentos e substâncias, com a finalidade de contribuir à concretude dos projetos corporais de seus/suas alunos/as, conforme indicam os trechos acima e os excertos de meu diário abaixo:

Fiz minha avaliação para verificar o que havia ganhado ou perdido ao longo desses meses de academia e, também, para montar outra série de exercícios... Pela medição da Brenda*, ganhei pouquíssimo; na verdade, apenas igualei algumas medidas... Assim, o novo treino que ela montou está mais pesado, a fim de que eu ganhe mais massa... [...] Ela me recomendou tomar **creatina**. Disse-me que eu notaria a diferença logo. Falei que a nutricionista havia me passado um suplemento e lhe disse que tinha receio de além de ganhar massa eu ganhasse, também, barriga. Ela me falou que o suplemento é bom quando eu não conseguir, por exemplo, comer direito... Assim, disse-me para tomar a **creatina** que teria um resultado de ganho muscular. Contudo, me alertou para procurar a creatina e não a **creatine**, pois os componentes eram diferentes... Brinquei com ela e a Beatriz dizendo que eu tinha era que aplicar alguma coisa... Elas riram. E a Brenda* comentou que só se eu quisesse adquirir alguma doença, um câncer, por exemplo...

Clava, fevereiro de 2014

Plínio* ainda falou-me que seria importante eu tomar alguma coisa para ajudar no desenvolvimento da massa muscular. Assim, disse-me que havia um colega dele que vendia essa suplementação que eu poderia comprar, o qual duraria um ou dois meses:

– Você lembra aquele cara negro que chegou carregando aquelas sacolas? – Antes de começarmos a avaliação a pessoa que ele se referia havia entrado no ginásio carregando algumas sacolas que pareciam estar até pesadas – É ele quem traz aos alunos daqui. Você pode falar com ele.

Perguntei quando eu deveria tomar: – Antes ou depois?

– Depois. Você traz numa shakeira, que é baratinho de você comprar, coloca água, mistura e toma.

Lyceum, setembro de 2015

A partir de algumas referências, Janaina Goston e Maria Correia (2009: 04), alerta-nos que a alimentação balanceada é suficiente para suprir os indivíduos que praticam exercícios físicos e que a complementação da dieta dessas pessoas com suplementos alimentares só deveria ser indicada por profissionais capacitados e autorizados para tal, como nutrólogos e nutricionistas, e caso haja, após análises clínicas, reais necessidades, algo afirmado, igualmente, por Mónica Sousa (2008: 35). Contudo, o que se percebe é que muitas pessoas ao começarem a praticar alguma atividade física planejada, estruturada e repetitiva, sem acompanhamento médico, orientados por pessoas leigas, que muitas vezes têm somente suas experiências pessoais, começam a modificar sua alimentação e a incluir em seu consumo diário algum tipo de suplementação.

A modificação dietética pode acontecer partindo de algum/a professor/a, por exemplo, como ocorreu comigo no Lyceum, no meu primeiro dia ali, ou por parte do próprio aluno/a. Em ambos os casos parece estar envolvido uma pressa por resultados. Ainda que o remodelamento corporal por meio da prática de exercícios físicos seja um processo, uma evolução gradual, muitos agentes sociais anseiam fazer uso de métodos que venham “pular algumas fases”, como os “remédios milagrosos” (suplementação e anabolizantes) que acelerarão o ganho de massa, a perda de peso etc. Como já disse noutra parte deste texto “o amanhã está longe demais” para muitos que frequentam a musculação e a natação.

É necessário considerar, no entanto, que uma alimentação e suplementação inadequada ocasionarão sérios problemas de saúde para os indivíduos. Deixar de comer determinados carboidratos, proteínas etc. e exagerar no consumo de outros elementos – até mesmo com a ingestão de suplementações – provocará desequilíbrios, antagonismos e toxidez no organismo ocasionado pelo consumo excessivo ou deficitário de aminoácidos, como destacam Araújo e Soares (1999: 82). Assim, o projeto corporal dos agentes sociais pode ficar ameaçado com os efeitos reversos instigados por inadequação dietética.

É demasiada propagada na mídia a associação entre a prática de atividades físicas, o consumo e/ou exclusão de determinados alimentos com a saúde. Os meios de divulgação de informação, ao mesmo tempo em que criam os padrões, e cobram dos indivíduos a adequação a estes, oferecem inúmeras “receitas” para se chegar ao objetivo do corpo perfeito, ainda que esse seja, para muitas pessoas, uma ilusão do *photoshop*, um “corpo espetacular” (Costa 2004: 230) e, por isso, de difícil alcance. Revistas, *outdoors*, televisão, Internet estão recheadas de modelos corporais ideais e colocam à responsabilidade de cada agente social alcançar tal padrão, gerando, assim, inúmeros transtornos de saúde como anorexia, bulimia, vigorexia etc. Quem lá consegue chegar é visto como uma pessoa bem sucedida, disciplinada. A pessoa torna-se, portanto, responsável pelo sucesso ou fracasso do seu corpo.

Em vista disso, muitas pessoas reproduzem o discurso de que basta realizar uma atividade planejada, estruturada e repetitiva e/ou se alimentar equilibradamente para se considerar com qualidade de vida e saúde. Contudo, ainda que a prática de exercícios físicos, por exemplo, seja importante, esta é somente um elemento no guarda-chuva de possibilidades e ações necessárias para se ter um corpo esteticamente apresentável, de acordo com os ditames societal, e sem grandes males; uma vez que, a qualidade de vida, a aptidão física e a condição de saúde – noções relacionais – dependem, de acordo com Denise Araújo e Cláudio Araújo (2000: 196), de fatores subjetivos, intersubjetivos e ambientais.

Giane Serra e Elizabeth Santos (2003) demonstram como as revistas destinadas às adolescentes, por exemplo, em especial a *Capricho*, utilizam-se de estratégias discursivas para apresentar o que é um corpo bonito e como as pessoas “fora do padrão” podem alcançá-lo. Uma questão importante apontada pelas autoras é que a mídia se apropria do discurso médico, o qual tem legitimidade e caráter de verdade (Foucault 1979; Freire 2009), e o reelabora, considerando interesses editoriais e de patrocinadores, dando aos seus consumidores releituras de questões científicas⁹⁵. Contudo, é necessário que atentemos que estas são visões por cima dos ombros do gigante, construções significadas e significantes, que muitas vezes fazem com que acreditemos que o elefante está sendo sustentado por somente uma única tartaruga⁹⁶.

⁹⁵ Um trabalho interessante sobre a apropriação do discurso médico-científico pela mídia, e a influência deste no cotidiano das pessoas, é o de Maria Freire (2009).

⁹⁶ Elefante e tartaruga(s) fazem parte de uma história indiana utilizada por Clifford Geertz (2008). O exemplo das piscadelas, aplicado pelo mesmo autor e obra, também cabe aqui. Ou seja, o que

Ainda assim, a principal fonte de conhecimento e informação, para os jovens com quem conversei formalmente, no que se refere à alimentação, é a Internet. Esta toma lugar dos profissionais médicos, porque estes são, de acordo com as suas percepções, de difícil acesso e, por que, a *web* poupa-lhes tempo e oferece soluções “rápidas” para as suas questões. A fala de Benedito sobre esse assunto sintetiza as práticas de muitos dos frequentadores da musculação e da natação com quem dialoguei:

Benedito: Ah, cara, e hoje em dia, hoje em dia, o médico tá na Internet, porra. O médico tá no Google, entendeu? Tudo o que tu queres, numa pesquisa bem atenciosa, tudo tu acha a cura, entendeu? Hoje em dia a Internet facilita muita coisa.

Ainda que concordando com Benedito sobre as facilidades de acesso às informações, Brian faz questão de salientar que as suas pesquisas na Internet passam por um filtro que ele elabora durante seu processo de busca de conhecimento. Assim, ele acessa inúmeros *sites*, lê várias coisas e seleciona, dentro de seus objetivos, aquilo que está de acordo com as suas metas. Agindo assim, ele acredita que evitará fazer alguma “besteira” com o seu próprio corpo.

Brian: [...] tem gente que pega uma pesquisa e, ah, se guia logo por ela. Eu não! Eu faço tipo um filtro. Eu pego várias, mano! Eu pego várias e vou vendo se cabe o mesmo objetivo que eu tô querendo, entendeu? Se as dietas se batem, pra mim não fazer cagada.

Brian não especificou onde e quais materiais ele lê (*blogs*, revistas *online*, artigos acadêmicos...?). Contudo, independente disso, é significativo atentarmos que essa sua conduta – e de várias outras pessoas que praticam exercícios físicos – pode não ser tão benéfica como ele pensa, a despeito dos cuidados que diz tomar, pois como admoestam Serra e Santos (2003: 701): “O conteúdo do discurso da mídia (...), mostra-se de cunho informativo, mas nem sempre pode ser tomado como base. O fato de ser informativo não significa que seja adequado, científico, saudável”.

É necessário considerarmos, também, no processo de remodelamento corporal dos jovens com quem conversei, a questão da hidratação. Beber água foi uma prática que somente Pedro comentou fazer quando conversávamos sobre *dieta*; contudo, essa é de fundamental importância no equilíbrio do corpo antes, durante e após o treino, seja na musculação, na natação ou em qualquer outra modalidade esportiva, pois “A perda hídrica pela sudorese durante o exercício pode levar o organismo à desidratação” (Machado-Moreira et al. 2006) e esta ameaça o desempenho da pessoa no movimento

se apr(e)ende pela mídia é *um* aspecto sobre qualquer assunto, concepção essa que também é perspectivada por interesses, uma (re)leitura direcionada e direcionante.

corporal estruturado, planejado e repetitivo e a sua saúde (Ferreira et al. 2015; Furtado et al. 2016).

Contrariamente a que muitas pessoas podem pensar, a hidratação em esportes aquáticos é, assim como na musculação, por exemplo, de fundamental importância. Contudo, como alertam Edison Furtado et al. (2016: 387): “Por ser praticada em ambiente com menor estresse térmico a reposição hídrica na natação é muitas vezes negligenciada”. Durante o treino a pessoa, mesmo no meio líquido, perde água corporal em forma de suor. A não reposição torna-se, portanto, prejudicial ao desempenho do exercício físico e perigosa para o organismo, como demonstram os trabalhos de Christiano Machado-Moreira et al. (2006), Aline Ferreira et al. (2015) e Furtado et al. (2016), por exemplo. Ainda assim, é mais comum vermos as pessoas circulando com as suas garrafinhas de água ou isotônicos⁹⁷ nas academias e não na natação. No entanto, apesar de rara ocorrência, pude presenciar algumas pessoas consumindo água durante o trabalho realizado na natação, como o trecho abaixo, do meu diário de campo, procura exemplificar:

Hoje, enquanto nadava, vi uma moça com uma garrafinha rosa, a qual colocou ao lado do bloco de saída. Foi a primeira vez que vi alguém levando água para o treino – aliás, não sei se era água mesmo, pois o material da garrafa não deixava perceber seu líquido. Depois de algumas voltas, na hora do descanso, ela sempre bebida um pouquinho...

Olympia, abril de 2014

⁹⁷ A garrafa é mais um item que compõe a paisagem corporal da pessoa em trânsito pelos espaços de remodelamento corporal. O contexto espacial influenciará, também, os indivíduos a utilizarem ou não tais recipientes. Na academia do Olympia o acesso à água era feito por meio de um bebedouro de garrafão. As pessoas usavam copos descartáveis fornecidos pela professora quando solicitados. Na Clava, inicialmente, havia um bebedouro de garrafão (os garrafões eram cheios em uma torneira ali mesmo), que ficava próximo ao balcão da recepção. Mais tarde esse bebedouro foi substituído por um industrial grande, instalado em uma das extremidades da academia e conectado à rede hídrica do lugar. Os/as alunos/as poderiam solicitar copos descartáveis na recepção – embora a funcionária sempre alertasse, no ato, para cada aluno/a levar a sua garrafa – ou, quando da substituição, beber água na torneira de pressão (os poucos indivíduos que guardavam seus copos, enchia-os até a metade para evitar que caíssem devido ao vento, e deixava-os pelo parapeito ou em cima do bebedouro). Ainda nesse lugar podia-se comprar água mineral, sucos ou, às vezes, isotônicos – os quais ficavam no expositor de bebidas na recepção. No Lyceum cada aluno/a andava com o seu recipiente de água. Era comum ver pessoas transitando com garrafas de água mineral, cujos tamanhos eram variados. Estas ou eram trazidas de casa (e algumas vezes enchidas na pia do vestiário) ou compradas em uma das máquinas que ficavam na portaria. A máquina que ficava no piso de baixo, próximo ao vestiário, disponibilizava somente bebidas isotônicas.

Pesquisas como os de Machado-Moreira et al. (2006), Ferreira et al. (2015) e Furtado et al. (2016) certificam que o consumo de água deve ser aconselhado e incentivado durante a prática da natação, pois evita a desidratação dos/as nadadores/as e outras problemáticas resultantes da instabilidade da euidratação (quantidade normal de água corporal). Contudo, esse assunto some dos discursos de orientação dos/as professores/as e, igualmente, das falas dos jovens com quem dialoguei sobre suas atividades para remodelarem suas compleições físicas.

Essas práticas, e outras que procurei apontar ao longo deste trabalho, as quais contribuem para o remodelamento corporal dos jovens com quem dialoguei, dizem respeito ao *healthism*. De acordo com Robert Crawford (1980: 368), que segundo Shipway e Holloway (2016) foi quem cunhou o termo:

... healthism is defined (...) as the preoccupation with personal health as a primary – often the primary – focus for the definition and achievement of well-being; a goal which is to be attained primarily through the modification of life styles, with or without therapeutic help.

Cada vez mais as pessoas pensam (ou são levadas a pensar?) que a qualidade de vida está associada com a saúde e a boa forma da compleição física; mas, conforme comentam Araújo e Araújo (2000), nem sempre a qualidade de vida está e pode ser relacionada com a saúde (: 196). Além disso, segundo Crawford (1980) e Shipway e Holloway (2016), o *healthism* coloca toda a responsabilidade da sua concretude no indivíduo. Ao se fazer isso, inconscientemente ou não, criam-se hierarquizações dos agentes sociais. De um lado temos os que conseguem atingir as expectativas da corporeidade modal, por exemplo, com a sua aparência corporal saudável, e, de outro, os que não, sem levar em consideração as possibilidades sociais, econômicas e culturais das pessoas e a própria ação do Estado na promoção de condições de lazer e esportiva da população como um todo. Para Crawford (1980), a operacionalidade do *healthism* contribui para criar, em relação a esse assunto, pessoas desviantes, abrindo as portas para a “medicalização da vida cotidiana”, pois: “The notion of deviancy is therefore extended from the sick person to the potentially sick person, from manifest illness to what is considered unhealthy behavior. We all become deviants in our everyday lives” (: 380).

Ainda que nem todos os jovens com quem conversei participem do Projeto de corpo saudável/bem-estar, todos eles possuem um discurso de vida saudável, de saúde incorporada em suas práticas de remodelamento corporal. Contudo, a despeito de todas

as informações que esses agentes sociais têm acesso e dos conhecimentos que dizem possuir sobre a postura correta durante os exercícios, questões dietéticas etc., nem sempre seus enunciados condizem com o modo como se portam.

Por exemplo, após o término da conversa gravada com Plácido, e antes de ir ao ginásio, este abriu a mochila e tirou de lá um pacote onde continha papéis e um saquinho de tabaco. Enquanto interagíamos ele enrolou o tabaco no papel, acendeu-o e fumou. Não raras, também, eram as interlocuções nos vestiários ou na academia sobre festas que os alunos foram ou iriam e sobre bebidas também. Acompanhando, pelo *Facebook* e/ou *Instagram*, algumas dessas pessoas com quem dialoguei, é-me possível ver que as festas noturnas e as bebidas alcólicas não estão excluídas das sociabilidades delas, algo que também fora percebido por Cesaro (2012: 80-81) em sua pesquisa. Uma vez que “The ideology of healthism is a way of controlling and regulating the body” (Shipway e Holloway 2016: 89), os jovens com quem conversei, assim como os interlocutores de Shipway e Holloway, por exemplo, ressignificam as práticas e as atitudes que julgam serem, em maior ou menor grau, benéficas para si, demonstrando, desse modo, a incorporação e certa reelaboração da noção de *healthism*.

Comportamentos que envolvem o consumo de produtos como o cigarro, as bebidas alcólicas e a ingestão de nutrimentos calóricos são considerados inadequados para quem pratica uma atividade física planejada, estruturada e repetitiva, pois podem prejudicar os projetos corporais planejados. A fala de Pedro sobre essa questão resume o pensamento de muitos dos jovens com quem dialoguei formalmente:

Pedro: Isso vai trazer consequências, não é? Quando treinamos, quem fuma e bebe, os pulmões e isso, assim, vai dar, vai dar menos resistência e as pessoas não vão conseguir, também, ter os objetivos mais depressa alcançados.

Assim, por serem considerados incongruentes esses hábitos podem contribuir ao aumento do tempo para se alcançar o corpo desejado, conflitando, portanto, com o “presentismo” (Maffesoli 2004: 27), o desejo, a “necessidade” em obterem a compleição física que objetivam no agora, o que pode fazer com que as pessoas busquem outros meios – nem sempre prescritos por profissionais médicos e nem sempre seguros, como os anabolizantes – para transmutarem sua aparência corpórea, pois, como me disse Plácido:

Plácido: [...] nós, em dia, vivemos nesta geração do instantâneo, geração do instante.

Os anabolizantes são recursos utilizados por algumas pessoas, as quais buscam um hiperdesenvolvimento de seus músculos, para obterem grandes ganhos musculares em pouco tempo. Diferentemente da questão do uso de suplementação alimentar, encontrado também entre alguns/as praticantes da natação, os anabolizantes – pelo menos para os jovens deste trabalho – só aparecem entre os indivíduos que frequentam as academias.

De acordo com Sabino (2000: 73, nota 27):

Esteróides anabolizantes, mais comumente conhecidos como ‘bombas’ nas academias de musculação, são drogas nacionais e importadas fabricadas à base de hormônio masculinos. Os fisiculturistas utilizam tais produtos para aumento rápido e significativo de força e massa muscular.

Parece haver uma relação maniqueísta entre o que se pensa sobre a suplementação e o que se pensa sobre os anabolizantes. Geralmente, os primeiros são vistos como benéficos e os últimos como perigosos. Contudo, esse tipo de dicotomização e hierarquização não são corretos. A suplementação se não realizada de forma condizente, prescrita por profissionais habilitados, pode trazer sérios problemas para a saúde da pessoa. Os trabalhos de Sousa (2008) e Goston e Correia (2009), por exemplo, demonstram o perigo do uso de alguns suplementos alimentares, pois, de acordo com as autoras, há produtos que possuem substâncias proibidas em sua composição – as quais não são discriminadas em seus rótulos – e, também, nem sempre a quantidade informada de alguns compostos permitidos coincide com a informação fornecida ao consumidor.

Ainda que haja certo perigo na utilização tanto de suplementação quanto de anabolizantes, a primeira é mais aceita e facilmente vista circulando pelos ambientes de remodelamento corporal do que a segunda. Seu uso, portanto, é visto como “natural”.

Bruno: [...] uma pessoa, assim, que acabou, começou agora a academia, assim, ela não conhece quase nada, ela não pesquisou quase nada, mas já vai fazer uso de anabolizantes, porque não tá vendo resultado. Pra mim a pessoa, pelo menos, deveria explorar todos os recursos naturais como suplementação, alimentação, assim, pra ver um resultado visível e se esforçar, ter muito foco mesmo...

Conquanto a aceitabilidade do consumo de suplementação alimentar, é necessário ponderarmos que estas não estão isentas, como já comentado, de possuírem informações erradas e/ou incompletas em seus rótulos e, também, substâncias perigosas que não estão discriminadas em sua composição. A pós-conversa formal que tive com

Beto* ajuda-nos a refletir sobre o papel não isento de problemática das suplementações alimentares:

Enquanto caminhava com Beto*, em direção à parada de ônibus, este me disse que estava tomando um suplemento para aumentar o seu metabolismo. Comentei que, antigamente as pessoas malhavam e ganhavam massa muscular sem precisar tomar nenhum tipo de produto, o que ele concordou. Beto* falou-me ainda que há um *site* onde as pessoas podem comprar suplementações que são proibidas no Brasil [Não me revelou qual durante a conversa e nem eu o indaguei sobre] e que estava pensando em acessar para comprar alguma. Questionei-o de o porquê, e ele me respondeu:

– Porque é mais forte.

Abril de 2014

A visibilidade midiática de casos de pessoas que utilizaram algum produto destinado ao rápido crescimento muscular e/ou modelação corporal e que sofreram danos em suas compleições físicas ou mesmo chegaram a óbito pode ser um dos fatores que contribui para se ver a utilização dos anabolizantes como perigosos. Casos assim, de enfermidades ou falecimento, por uso de suplementação são raramente vistos noticiados.

Sobre o acesso a substâncias anabolizantes, Sabino (2004) nos informa que:

Até o ano de 1998 as ‘bombas’ podiam ser compradas sem qualquer tipo de impedimento em farmácias por qualquer um. Com o gradativo aumento de casos de morte de usuários, além de câncer, falência hepática, entre outros, noticiados pela imprensa, afora distúrbios de personalidade, o governo federal proibiu a venda dessas drogas para pessoas sem autorização médica, e impôs, mesmo aos médicos, um limite de prescrição aos pacientes, passando também a combater a entrada no país de anabolizantes importados (art.28 port. 344/98) por reembolso postal e tráfego aéreo, meios utilizados pelo narcotráfico para burlar a legislação. Já que o consumo encontra-se cada vez mais limitado por leis que fazem a posse e o uso ou venda dessas drogas um delito sancionável penalmente, o consumo freqüente de tais substâncias tem ficado cada vez mais restrito, limitando a distribuição a fontes ilícitas dificilmente acessíveis às pessoas comuns, além de promover o fortalecimento de um mercado negro que envolve desde o tráfico internacional até donos de farmácias que vendem ilegalmente tais substâncias. (Sabino 2004: 89).

Pascoal, ao falar sobre o uso de anabolizantes por praticantes de academias, faz uma longa comparação entre o consumo e a comercialização no Brasil e em Portugal:

Pascoal: Aqui também ocorre; mas, aqui, é diferente do Brasil. No Brasil, toma-se tudo, digamos assim. O mercado é liberalizado, apesar das substâncias serem, a maior parte, ilegais, mas há um mercado negro muito grande. E quando... E mesmo sem o recurso ao

mercado negro já se encontra muitas substâncias anabolizantes nas farmácias. É possível, com receitas prescritas, comprar na farmácia medicamentos como Hemogenin, como Anabol, como RWR, como Testosterona, Diabolin, vários medicamentos com, assim, nomes estranhos, mas é tudo substâncias anabolizantes, visualmente massa muscular... Nolvadex... Vários! São muitos. Então, há quem comprem, com recursos às farmácias, há quem comprem com recurso ao mercado negro. Mas, de uma maneira ou outra eles tão... De uma maneira geral tão bastante disponíveis. É muito fácil adquirir esses medicamentos, essa medicação lá no Brasil. E daí que, isso, junto a uma mentalidade de corpo – lá não é bem corpo saudável, lá toda gente quer ser inchado, toda gente quer ser bombado, digamos assim. As bombas ou bomba – o que se denomina por bomba são esses medicamentos que permitem a pessoa ter um, ou o cara ou a rapariga, ter um aspecto bombado. Então, lá, esse é um estilo de vida, quem entra nesse estilo de vida, nesse mundo, que é chamando o “mundo da maromba”, são os marombados, seja rapariga, seja rapaz. [...] Então, basicamente, quem entra no ginásio e quer ganhar peso, quer ganhar massa muscular, é tudo, basicamente, bombado. Aqui, também, há esse estilo de vida, mas é um pouco diferente. Aqui não se injeta tudo no corpo ou não se toma qualquer coisa que apareça a frente, digamos assim. Lá no Brasil é fácil até injetar, por exemplo, Synthol, que é uma coisa pra cavalo XXXX isso não vai... Não faz nada, só prejudica a saúde; o músculo vai inchar, vai ter uma inflamação, depois vai inchar, o braço incha, mas passado um mês, se calhar, o cara vai acabar no hospital, e vai ter que amputar o braço? Vai ficar durante um mês a fazer força com o braço e depois vai ter que amputá-lo? Ou, se calhar, até vai morrer, devido o envenenamento da substância no organismo. Aqui em Portugal, e na Europa, de um modo geral, há regras, há padrões, a maior parte dessas substâncias não são permitidas aqui e não se encontram disponíveis aqui, são abolidas. Aqui podemos encontrar uma que é muito, ou algumas que são muito comuns no Brasil também: o Deca, Dura, Testosterona, o Anabol... Lá vocês chamam Hemogenin, aqui nós chamamos Anadrol 50 que se toma por tanto via oral, que são os comprimidos, que são os comprimidos, portanto, dentro dos anabolizantes é o que dá mais gás, por isso chama-se anabolizantes, mas como são feitos em comprimidos, pra ingestão, são quimicamente alterados, provocam mais danos no fígado; aqui, também, se vendem esse tipo de medicamentos, mas nas farmácias, no mercado negro também se encontra, mas é mais difícil e pra obter uma receita médica pra comprar um produto desse na farmácia é preciso... Aqui é muito difícil. É preciso, mesmo, ter uma condição clínica, praticamente nenhum médico aqui ou poucos médicos passarão essas receitas prescritas – que é o que todo mundo quer pra poder ter acesso a esses medicamentos – sem alguma condição ou alguma causa clínica. Daí que, aqui, seja mais... Quem tá neste mundo seja... Procure mais treinar pesado, comer muito bem, é trei... Aqui os suplementos estão mais na moda, se calhar, que no Brasil, porque é o que as pessoas podem recorrer quando não têm anabolizantes – suplementos diários são muitos. E, sim, se toma também anabolizantes, mas, aqui, há mais controle sobre essas substâncias, não é tão liberal. No Brasil, eu, se quiser um anabolizante, vou aí numa esquina, praticamente como quem compra droga aqui, comprar anabolizante no Brasil é a mesma coisa; aqui já é mais difícil, quer nas farmácias quer no mercado negro. A procura também existe, também é muita, mas a oferta é mais reduzida, daí que é mais difícil aqui consumir essas substâncias pra ficar bombado e quem é bombado é, na maior parte, sem recorrer à bomba, digamos assim, é com boa alimentação, muito suplemento e muito treino e alguns aproveitam da genética, que já tem uma genética propícia, boa pra isso.

O conhecimento que Pascoal diz ter sobre o Brasil é obtido por muitos amigos brasileiros que possui, além de assistir a TV Globo, a Record TV e de pesquisar na Internet. É com essas amigades que ele conversa sobre assuntos relacionados à academia e, igualmente, inúmeras outras temáticas, pois gosta do país e, um dia, pretende passar as férias aqui ou uma temporada mais prolongada. Contudo, a relação que faz entre os países outrora citados não condiz com o que algumas pesquisas têm destacados sobre o uso de anabolizantes. O discurso de Pascoal sobre o Brasil parece reforçar certo estereótipo de um lugar cuja prática é a malandragem e o “jeitinho” para resolver determinadas situações⁹⁸; Portugal, assim, assume o lugar de nação desenvolvida, hierarquicamente superior ao não permitir as pessoas obterem tais medicamentos, seja via farmácias (pois, segundo a sua fala, somente com receita médica e em casos de necessidade clínica) ou mercado negro, porquanto “há regras, há padrões” que impedem que as pessoas tenham acesso a essas substâncias.

Inês Proença (2012), em pesquisa quantitativa realizada com 196 pessoas dentre atletas de Culturismo e praticantes de musculação em ginásios na cidade do Porto, Portugal, sobre questões relativas ao uso de anabolizantes, no entanto, demonstra que a relação dos portugueses com os medicamentos para aceleração do crescimento da massa muscular é diferente da apontada por Pascoal. A partir de seu trabalho, ela pode detectar que as farmácias configuram-se como o principal local de obtenção das “drogas apolíneas” (Sabino 2007: 164) e sem necessidade de receita médica – caracterizando, assim, a condição ilegal da comercialização e consumo em Portugal –; em seguida tem-se acesso a essas substâncias, segundo a sua investigação, por meio de amigos, do treinador do ginásio ou pela Internet. Considerando que muitos dos que responderam seu questionário utilizam as referidas drogas há muito tempo, Proença (2012) conclui, ainda, que “o consumo crescente e indiscriminado de anabolizantes em Portugal não é um fenómeno recente” (: 29).

A matéria de Rute Coelho para o jornal português *Diário de Notícias*, publicada em 11 de fevereiro de 2016, demonstra Portugal como um dos principais exportadores de esteroides anabolizantes para a Europa e, também, para o Brasil e países da América do Norte. A investigação da Polícia Judiciária portuguesa, que acabou com o desmantelamento de cinco laboratórios clandestinos no país, apontou a Internet como o

⁹⁸ Sobre as categorias “malandragem” e “jeitinho brasileiro”, cf. Roberto DaMatta (1986).

principal meio de venda e compra das substâncias produzidas e a “existência de profissionais dos ginásios envolvidos no negócio” (Coelho 2016: *online*).

Ou seja, a partir das duas fontes anteriormente citadas, é possível percebermos que, ainda que proibido o consumo de determinadas substâncias, como aponta Pascoal, isso não significa o não acesso das pessoas a elas e que a obtenção desses medicamentos nas farmácias não é tão restrita como Pascoal considera ser. Além disso, tal como no Brasil, o trabalho de Proença (2012) demonstra que em Portugal há toda uma rede de acesso às drogas apolíneas por meio das farmácias, que vendem anabolizantes sem receita médica, além da possibilidade dos usuários adquirirem esses produtos com amigos, treinadores e/ou Internet.

O caráter encarnado do corpo deve ser considerado ao se pensar a relação que as pessoas, as quais praticam exercícios físicos, têm com os suplementos e os anabolizantes. É em vista a ter um crescimento rápido que muitos indivíduos utilizam essas substâncias. Além disso, quando o corpo não consegue mais responder à rotina de treinos e a reeducação alimentar, por exemplo, muitos recorrem aos anabolizantes para vencerem as barreiras impostas pelo corpo e, assim, atingir seus objetivos corporais.

Ainda que o uso de substâncias suplementares e anabólicas esteja envolvido em uma noção de corpo estético e/ou corpo saudável, é necessário que atentemos para o fato da compleição física não ser só referências significadas e significantes; não apenas corporeidade, mas carnalidade também. É excorporando que os jovens com quem dialoguei procuram agir na dimensão anátomo-fisiológica do corpo, ao ponto de fazerem uso de produtos que os auxiliarão na transmutação corporal, pois:

Enquanto carne, o corpo humano é caracterizado por propriedades materiais, impulsos vitais, necessidades homeostáticas e capacidades físicas e sensoriais que vão além dos parâmetros estritamente sociais. É certo o corpo ser um dado social situado no tempo e no espaço, mas não deixa de ser igualmente uma *estrutura material*, carnalidade dotada de características que são particulares a cada corpo (...), de órgãos com funções fisiológicas identificáveis (...), sujeita a mecanismos e necessidades de ordem biológica, química e física, que exige manutenção e reparação perante a doença, o abuso, o acidente ou a deterioração que decorre do seu tempo de vida (Ferreira 2013: 517-518 – itálicos do autor).

Tendo como finalidade de ir além, de melhorar o desenvolvimento muscular, de promover a perda ou ganho de peso etc., o uso de suplementos e/ou anabolizantes também, a meu ver, contribui para a transformação de corpos “naturais”⁹⁹ em ciborgues

⁹⁹ Vejo a noção de “natural” ligada ao corpo como uma construção social, a qual pode variar de contexto a contexto, por isso o uso das aspas.

– tais como as ferramentas e objetos utilizados na musculação e na natação, dos quais já comentei –, uma vez que o consumo dessas substâncias hibridiza e dicotomiza o corpo da pessoa em “natural” e “artificial” (ou suplementado ou anabolizado).

Mas, sobre essa temática, cabe uma indagação: o que há de “natural” em um corpo que é modificado por meio de uma atividade estruturada, repetitiva e planejada? Essa é uma questão que Cunha e Silva (1999) também faz: “Até que ponto o corpo treinado é um agente natural e, se o deixa de ser, qual o seu lugar no contexto das ações desportivas?” (: 165). Contudo, a despeito dessa possível reflexão-provocativa, o que é avaliado pelas pessoas, de modo geral, é o consumo de substâncias utilizadas para o desenvolvimento da massa muscular. Assim, ainda que haja ciência da ingestão de suplementos (lembremo-nos que esses são mais comuns e aceitos nos ambientes de remodelamento corporal) e, principalmente, de anabolizantes – em especial por aqueles agentes sociais que apresentam ou querem ter um corpo hipermusculado, os quais, em sua maioria, fazem parte do Projeto fisiculturista/competição –, procura-se pôr em prática (ou, pelo menos, deseja-se, seja por meio discursivo), nos espaços de transmutação corpórea, uma “moral do *fair-play*” (Vigarello 2013: 275) – ou seja, do jogo limpo, disciplinado, meritocrático –, a qual avalia, principalmente, a utilização de anabolizantes, por estes serem vistos como drogas propiciadoras de resultados em pouco tempo.

Destarte, a prática de exercícios físicos é pensada como uma atividade que requer disciplina por parte de seus adeptos. É sabido que não se remodela um corpo por meio da musculação ou da natação, por exemplo, sem treino constante, sem cuidados com a alimentação etc. Desse modo, pessoas que fazem uso, sobretudo, de anabolizantes, são vistas como indivíduos que querem resultados rápidos e fáceis, ou seja, que procuram burlar o processo – visto como gradativo, evolutivo, mas nem sempre vivenciado assim –, independentemente das consequências que tal aceleração pode ocasionar ao corpo encarnado. Trabalhos como os de Jorge Iriart e Tarcísio Andrade (2002), Sabino (2004, 2007), Iriart, Chaves e Orleans (2009), Chaves 2010 e Proença (2012), dentre outros, têm demonstrado que o (rápido) aumento de massa muscular é a principal motivação do consumo de anabolizantes por parte, principalmente, dos jovens. Por conseguinte, ainda que os resultados sejam visíveis e chamem a atenção, sejam nos espaços de remodelamento corporal ou fora deles, os

esforços para obter o corpo com músculos grandes e aparentes é minimizado¹⁰⁰ devido à obtenção deste não ser por meio do trabalho paulatino, “natural” e “justo”, conforme discursa o professor Peterson*:

Peterson*: [...] vou dar-lhe um exemplo muito, muito fácil, que é: Estamos a estudar na Universidade, vamos fazer uma prova, eu tenho 12 na prova e o Edyr tem 19; eu não usei as chamadas *cábulas*, os XXXX...

EJ: O quê?

Peterson*: As *cábulas*. Ou seja, não copiei e o Edyr copiou. Qual é a nota com mais valor pra si: O 12 que tem a certeza que é aquilo que sabe é aquilo que sabe ou o 19 com auxílio? Eu prefiro o 12.

EJ: Seria uma questão mais de justiça então?

Peterson*: Claramente! Eu tenho que ser justo com o meu corpo. [...]. E eu prefiro demorar a um ano a crescer ou a um ano a perder peso do que usar XXXX. Ajudam? Ok ajudam! Mas apresentam consequências. E é só isto! E eu prefiro ter um 12 e ter a consciência de que sei, sei, não sei, não sei.

Destarte, é necessário ser justo com o corpo, com os seus limites, saber dialogar com o seu tempo de resposta, principalmente no que se refere à prática de exercícios físicos. Em outras palavras, não forçar demasiadamente para que este não venha sofrer consequências, muitas vezes, irreversíveis. Uma questão apontada pelos jovens com quem conversei é que, geralmente, os efeitos do uso prolongado de anabolizantes não é sentido no tempo presente, mas no futuro. Goza-se da estética no agora, mas esta tem prazo de validade e o tempo e a “injustiça” com o corpo, mais cedo ou mais tarde, cobrará o seu preço.

Benjamin: [...] eu vejo muita gente que usa anabolizantes que não consegue fazer muitas coisas, entendeu? Vai ficando velho vai ficando fraco, entendeu? [...].

EJ: Já viste alguém usar?

Benjamin: Alguém usar não; já ouvi falar que usaram. E tipo, ele, hoje em dia, eu vejo a pele dele toda caindo, entendeu cara? Eu acho muito escroto. Tipo, ele perde a potência na cama, entendeu? Eu acho muito escroto, cara. Tipo, eu tenho um amigo meu que foi assim. Tem uns que usaram também, mas ainda tão novos, entendeu? Não tão aquela... Mas o meu amigo é mais velho, tem 33, 34 anos e já tá se acabando, entendeu?

A impotência sexual é um dos prováveis efeitos colaterais do uso de anabolizantes. Além desse, é possível destacar a calvície, o aparecimento de espinhas,

¹⁰⁰ A aplicação ou ingestão por si só de substâncias anabolizantes não desenvolve a musculatura. É necessário que o usuário dedique-se ao exercício físico para fazer o efeito desejado. Contudo, ainda que haja essa necessidade da disciplina do treino e que, muitas vezes, a utilização de tais produtos seja percebida como um esforço do indivíduo – devido, por exemplo, aos riscos dos efeitos colaterais –, o consumo de anabolizantes é visto, por muitas pessoas, como uma quebra do *fair-play* na atividade física planejada, estruturada e repetitiva.

as estrias, a irritabilidade, o nervosismo, as dores de cabeça, a ginecomastia, a retenção de líquidos, a insônia, os problemas no fígado, a pressão alta, a arritmia, aumento ou diminuição da libido, a dependência, atrofia dos testículos etc.

Contudo, os perigos que estão associados ao uso das “drogas apolíneas” e a ciência de muitas pessoas sobre elas, não as impedem de consumi-las, uma vez que o “grau de satisfação supera os riscos a que se submete o consumidor” (Proença 2012: 31). A “demora”¹⁰¹ no surgimento de muitos sintomas faz com que alguns jovens, como destaca Sabino (2004), prefiram o uso para gozarem de seus “benefícios” estéticos hodiernamente, conforme disse-lhe um interlocutor:

(...) de que adianta viver muito e ser um fracassado? Um infeliz que não pega mulher, não consegue ser respeitado, não consegue se olhar no espelho? É melhor viver pouco e feliz do que muito e desgraçado. Se o diabo aparecesse para mim e dissesse: ‘cara, vou te dar tudo que você quiser, mas vou deixar você viver só mais dez anos’ eu ia topa na hora! (Mario. 27 anos. *Personal trainner*) (Sabino 2004: 102-103).

Os jovens com quem dialoguei formalmente têm ciência dos perigos do uso dos anabolizantes e muitos resolvem não utilizar tais medicamentos por esse motivo. Contudo, ainda que cientes dos riscos do consumo dessas substâncias, para Brian e Benedito, por exemplo, a questão está mais fortemente relacionada ao saber usar e concomitantemente nas informações que se adquire sobre essas substâncias. Assim, a pesquisa que se realiza sobre qual o tipo de produto tomar para obter determinado resultado, quais os períodos de descanso etc. faz a diferença para o que eles consideram ser a forma correta e a errada de utilizar os anabolizantes. Além disso, esses agentes sociais destacam a importância da consulta a um profissional médico para atestar que o corpo esteja preparado para receber os medicamentos anabólicos – algo que Pascoal, também, aconselha. Ainda que eles destaquem a necessidade de um acompanhamento médico, em suas interlocuções, principalmente na de Brian, o médico aparece não como aquele que supervisiona e acompanha a aplicação ou ingestão do produto anabolizante, mas como quem atesta o bom funcionamento do corpo e, desse modo, possibilita que eles deem início ou prosseguimento ao ciclo anabólico.

A busca de informação sobre os anabolizantes é pensada de duas formas pelos jovens que malham e/ou nadam. Primeiro, como já comentado anteriormente, pesquisa-

¹⁰¹ A depender do modo e de quais produtos a pessoa utiliza para acelerar o ganho e/ou aumentar a sua massa muscular, além de ter ou não supervisão médica, mas, principalmente, da funcionalidade de seu organismo, algum tipo de efeito colateral pode apresentar-se de imediato ou demorar alguns anos. Por isso, emprego as aspas para demarcar a idiosincrasia do processo.

se para saber como utilizar, quais os medicamentos tomar, em qual periodicidade etc. Segundo, para obter ciência dos perigos, das consequências no corpo do/a usuário/a. Para muitos, brasileiros ou portugueses, com quem conversei, várias pessoas consomem anabolizantes porque não conhecem, de fato, os efeitos nocivos que tais produtos podem causar; eles e elas só veem os resultados, só pensam na possibilidade de crescimento rápido e fácil. No entanto, como vários jovens com quem interagi reconhecem e apontam, não existe ganho de massa muscular espontâneo, pois o consumo de anabolizantes sem o treino correto e disciplinado e sem uma alimentação balanceada não trará os êxitos corporais desejados.

Brian: Tem gente que fala de anabolizante como se fosse a pior praga do mundo, sendo que tem bebida, tem cigarro, tem isso e tem aquilo. Sendo que tem duas formas de usar. Se tu começar a usar agora, tu não entende nada e tu: “Ah, vou pegar e tomar essa porra aqui”, o que aparecer, entendeu? Sendo que tem a forma correta de usar, tu fazendo o TPC, tomando nos dias certos, tu vendo as miligramas: “Pô! Essa miligrama aqui, tal peso”, tu joga uma semana sim, uma semana não. Aí, no fim do ciclo, tu vai, faz um TPC pra ti não baixar o livre, entendeu?

Mesmo que a procura de conhecer os produtos que se pretende tomar e os seus efeitos possa gerar nas pessoas, de forma geral, um pensamento do tipo: “pelo menos isso”; é necessário considerarmos quais informações esses usuários estão obtendo e onde – lembrando que, como disse Serra e Santos (2003: 701): “O conteúdo do discurso da mídia (...), mostra-se de cunho informativo, mas nem sempre pode ser tomado como base”. Mesmo que apareça na fala de alguns deles a importância de se procurar ajuda médica, essa não acontece; ou, pelo menos, não visando um acompanhamento profissional desde o início e até a finalização do ciclo de anabolizantes. O que, por exemplo, Brian diz ter feito foi procurar realizar alguns exames que atestassem o bom estado de seu corpo a fim de fazer seus ciclos tranquilamente por conta própria. Contudo, como Proença (2012) observou, os resultados nocivos da utilização de anabolizantes é “menos visível nos elementos que estiveram sob supervisão médica” (: 21).

Ainda de acordo com a pesquisa de Proença (2012), são os fisiculturistas que competem os quais mais procuram acompanhamento médico por serem eles, também, os que mais utilizam os anabolizantes, uma vez que é por meio dessas substâncias que obtêm o corpo necessário para a competição, conforme Bruno resume:

Bruno: [...] na maioria dos campeonatos, as pessoas sempre usam anabolizantes, porque, de forma natural, ali, é meio difícil elas conseguirem algum resultado.

Hoje conversei um pouco com o Brian. Estávamos debruçados no parapeito observando a aula de karatê no piso abaixo de nós quando puxei o assunto “anabolizantes”, pois queria saber a opinião dele e, também, se ele utilizava. Ele me disse o nome de algumas substâncias empregadas no crescimento muscular e outras para estabilizar o processo, como o Testogar e o Clomid, respectivamente. Brian disse-me ainda que, antes de utilizar os anabolizantes, ele pesquisou muito na Internet e, igualmente, conversou com muitas pessoas e que “os melhores fisiculturistas tomam”. Ele me revelou, ainda, consumir esses produtos juntamente com outro rapaz que malha conosco e com o nosso instrutor...

Clava, agosto de 2014

Além dele, Brian também destaca a relação entre atletas fisiculturistas e o uso de anabolizantes trazendo como exemplo o ex-fisiculturista Arnold Schwarzenegger, pois, segundo ele, este demonstra a possibilidade da boa relação entre o remodelamento corporal e o consumo de medicamentos que contribuem ao hiper crescimento muscular.

Brian: [...] o Arnold Schwarzenegger é um exemplo; se fosse por isso ele estava morto.

Sobre o corpo de Schwarzenegger, Gatti (2011b) nos diz que:

(...) é inimaginável que alguém alcance tais proporções, a não ser como fruto de alguma alteração do *curso natural das coisas*, da *normalidade*. É o mundo das alterações provocadas por processos que permanecem fora do alcance da maioria das pessoas, que não estariam dispostas a submeter seus corpos a alterações químicas, geralmente ilegais – refiro-me aqui ao mundo clandestino das academias, por onde circulam os esteroides anabolizantes que levarão à construção desse corpo de ‘natureza impossível’ (: 229 – itálicos do autor).

Destarte, jovens como Brian e Benedito, por exemplo, procuram justificar o uso que fazem de substâncias anabolizantes citando exemplos de pessoas que obtiveram êxitos em seus empreendimentos, considerando, assim, que o bom uso, a forma correta de consumo dessas drogas traz o benefício à compleição física que eles buscam, eliminando ou atenuando seus efeitos colaterais. Pascoal também considera que o “saber usar” contribui aos resultados pretendidos:

Pascoal: [...] uma pessoa que faz um ciclo de anabolizantes, a questão médica é muito importante; deve fazer exames pré-ciclo, durante o ciclo e pós-ciclo. Lá no Brasil vocês têm o que chama TPM ou TPC, nós chamamos aqui TPC, que é Tratamento Pós-Ciclo e é muito importante porque se a pessoa tomar essas substâncias os nossos níveis de testosterona, por exemplo, no caso de um homem, nas mulheres é estrogênio, os níveis de insulina, é... Várias substâncias em nosso corpo ficam alteradas, os níveis ficam completamente desregulados e é preciso tomar um... Uma certa... Uma medicação pós o ciclo, a seguir a tomar o Deca, a Testosterona etc. para voltar a repor esses níveis de normalidade no nosso corpo, essas substâncias têm que voltar aos padrões normais; daí que é muito importante seguir uma medicação adequada a seguir ao ciclo. Mas, também, é muito importante fazer exames, antes do ciclo, para ver se podemos tomar

essas substâncias e se o nosso corpo vai reagir bem; durante o ciclo, para ver se estamos realmente a tomar e se aquilo está apresentando resultados, mas se o nosso corpo está a valorar, porque há pessoas que podem tomar e não se perceber logo na hora, mas o corpo pode estar em declínio, ou pode estar a reagir mal e a pessoa pode estar em via de ter um ataque, pode ter alguma espécie de reação má ao que está a tomar, também, portanto, é bom fazer exames antes, durante e depois de um ciclo, neste caso, de anabolizantes [...].

É significativo considerar que, assim como na experiência de Brian, na fala de Pascoal o médico é acionado não como alguém que acompanhará o indivíduo na utilização dos medicamentos, mas como mais uma ferramenta (por meio de exames específicos como de sangue, de urina, de fezes, de coração etc.) utilizada pelos jovens para o comportamento da automedicação em seus organismos.

Destarte, a questão da saúde está pressuposta em todas as práticas de remodelamento corporal dos homens jovens com quem conversei, seja em Belém do Pará ou em Lisboa, as quais envolvem a alimentação, a hidratação, o uso de suplementação e anabolizantes, a prática de exercícios físicos etc. Mas, qual a noção de saúde acionada por esses agentes sociais?

Definir esse vocábulo não é uma tarefa fácil. Muitas são as opiniões, as noções em relação à palavra. Ou seja, não há consenso do que o termo queira dizer por este não conseguir, de acordo com algumas pessoas que se dedicam à temática e às suas correlações, abranger a multiplicidade de realidades sociais. O mesmo se pode falar sobre o que é doença.

Assim sendo, afirmar que ter saúde é não ter doença reduz a questão e desconsidera saberes e inúmeros fatores que incidem em um entendimento mais amplo sobre o assunto, conforme destaca Naomar de Almeida Filho (2011: posição 1595 [*ebook – Kindle*]): “A perspectiva da saúde-como-ausência-de-doença (...) não dá conta dos processos e fenômenos referidos a vida, saúde, doença, sofrimento e morte. (...) a saúde é muito mais do que a ausência ou o inverso da doença”.

Em vista disso, para não cairmos em um centrismo, que automaticamente subalterniza e deslegitima outros contextos, é necessário pensarmos que:

O conceito de saúde reflete a conjuntura social, econômica, política e cultural. Ou seja: saúde não representa a mesma coisa para todas as pessoas. Dependerá da época, do lugar, da classe social. Dependerá de valores individuais, dependerá de concepções científicas, religiosas, filosóficas. O mesmo, aliás, pode ser dito das doenças (Scliar 2007: 30).

Portanto, para seguirmos por um caminho mais abrangente, concordo com Almeida Filho (2011) quando este pensa saúde como um objeto plural:

... não se pode falar da saúde no singular, e sim de várias ‘saúdes’, na pluralidade devida e na riqueza de perspectivas conceituais e metodológicas, a depender dos níveis de complexidades e dos planos de emergência considerados (Almeida Filho 2011: posição 1511 [ebook – Kindle]).

A consciência de saúde para os jovens com quem conversei formalmente não gira, prioritariamente, em torno da ausência de doenças, mas envolve, em maior ou menor grau, a capacidade deles em lidar com as limitações, adversidades e enfermidades e, com isso, em sentirem-se bem. Percebe-se, portanto, que é uma negociação (superação, se for o caso) com o meio e o contexto que a eles se apresentam. Isso se aproxima da análise feita por François Laplantine (2010) – a partir de sua própria sociedade: a França – sobre a relação da doença e da intervenção sobre esta. Segundo esse autor, a forma como as pessoas percebem a(s) enfermidade(s) irá influenciar o(s) tipo(s) de tratamento(s) que será(ão) buscado(s). Esse ato perceptivo é pluralizado pelas experiências dos indivíduos e pelos contextos sociais, econômicos, religiosos etc. que esses agentes sociais estão inseridos. Assim, ao falar dos objetivos de seu trabalho, o antropólogo nos diz que atentara à “*idéia que os que curam e os que são curados fazem da doença e da cura sonhadas, imaginadas, espiritualizadas, representadas, ou seja, vivenciadas*” (Laplantine 2010: 17-18 – itálicos do autor).

Considerando esses pontos, a noção de saúde assume um caráter não apenas científico, mas subjetivo também, algo reflexionado por Sandra Caponi (2003: 124) quando diz que: “se por um lado o conceito de saúde se refere às funções orgânicas, por outro, deve referir-se também ao ‘corpo subjetivo’”; em outras palavras, ainda que haja certa relação entre saúde e doença com questões biológicas, a subjetividade dos indivíduos, igualmente, deve ser considerada, pois:

... existe um elemento, caracterizado e categorizado como sintoma, que não pode jamais ser liberado totalmente de seu caráter subjetivo, referimo-nos à ‘dor’. Na medida em que toda dor é uma sensação, ela variará necessariamente de acordo com aquele que a sente e nem sempre poderá ser enunciada do mesmo modo por diferentes sujeitos, ainda que possa ser reduzida a um ‘padrão constante’ (Caponi 2003: 130).

Por conseguinte, torna-se difícil monopolizar e universalizar o que é ter saúde. Por exemplo, é recorrente nos discursos dos jovens com quem conversei, ao tratarem de comportamentos e práticas salutíferas, a noção “sentir-se bem”, estando esta envolvida na capacidade de cada indivíduo em lidar com a enfermidade, com certos sintomas, com

a dor etc.¹⁰² É necessário considerar a forte influência da socialização, tanto primária quanto secundária¹⁰³ e, ainda, variáveis sociais como a geração, o *status* social, o gênero, a etnicidade etc. em nosso *sentio bonum*¹⁰⁴.

O *sentio bonum*, igualmente, está ligada à satisfação corporal, às aproximações e distanciamentos da corporeidade modal e, conseqüentemente, portanto, à aceitação ou não da compleição física. É por pensarem (ou serem levados a) que saúde está relacionada com o “sentir-se bem”, e vice-versa, que esses agentes sociais consomem determinados serviços e produtos que irão agir no sentido do remodelamento corporal; e a mídia tem grande influência no processo de aceitabilidade de si e nas formas de se buscar uma transmutação corpórea, pois, comumente, transmite a mensagem de que as pessoas precisam sair do sedentarismo, ser proativas, alimentarem-se bem etc. Tal discurso midiático, ainda que não explicitamente identificado pelos jovens que praticam musculação e/ou natação, com os quais conversei formalmente, é deveras perceptível em suas falas:

Benedito: Assim, pra mim, ter saúde é como eu falei no começo da entrevista, é o cara se alimentar bem, o cara tá bem consigo mesmo, entendeu? [...] se tu tá com o corpo legal, tu vai te sentir legal, entendeu? Se tu... Isso que é a questão da saúde pra mim.

Benjamin: Cara, ter bem... Tá bem estar com o corpo, né cara? Ter uma alimentação boa. Tipo, tá praticando uma coisa que eu tô fazendo que é, tipo, um esporte e tal. E... Tratar bem do corpo, né cara? Pra mim saúde é isso, alimentação e tudo.

Plácido: [...] eu associo muito a saúde a isso: a comida e a prática de desporto. Acho que são dois fatores muito importantes para as pessoas serem mais saudáveis, sem dúvida nenhuma.

Paulo: Ter saúde é... Acho que é praticar desporto. Basta-me praticar desporto e ter um estilo de vida saudável. O que é ter um estilo de vida saudável? Na minha opinião é não fumar, não beber muito, não beber em excesso. Não sei... Ou melhor, eu... *Remodel*, por... [entre risos] também não sou covarde, nós bebemos bastante. É... Mas ter um estilo de vida saudável, pra mim, é praticar desporto, com alguma frequência, ter algum cuidado com a alimentação, mas quando eu digo ter algum cuidado com a alimentação não é sermos obcecados por alimentação. É ter um... Não é... É não comer pizza todos

¹⁰² Não se deve perder de vista que a dor, como apontam Cynthia Sarti (2001), David Le Breton (2013), dentre outros, ainda que experimentada, vivenciada de forma individual é regida por questões coletivas.

¹⁰³ Para a diferença entre socialização primária e secundária, cf. Peter Berger e Brigitte Berger (2012).

¹⁰⁴ Utilizo essa expressão em latim como outra forma de me referir à noção “sentir-se bem” presente nas falas dos agentes sociais com quem conversei para este trabalho.

os dias, mas, também, não é banir completamente a pizza do nosso regime alimentar. Acho que saúde passa por aí e que a pessoa se sinta bem.

Assim, a imagem corporal não deixa de ser um marcador de saúde para esses jovens. Por isso, quem pratica exercícios físicos é visto como uma pessoa mais saudável do que quem não se exercita e, pelo mesmo motivo, causa espanto notícias de mortes prematuras de indivíduos atletas ou desportistas, principalmente durante o treino ou competição.

Conforme trabalhei anteriormente, a mídia reelabora discursos vários, principalmente o médico, e dita comportamentos que são incorporados como saudáveis: prática de exercícios físicos, determinada alimentação, eliminação (ou o evitamento) de vícios como o cigarro e a bebida alcóolica em excesso etc. – essas práticas e comportamentos estão intimamente relacionadas à noção de *healthism* já comentada, pois transfere ao indivíduo a total responsabilização por sua saúde, vida e aparência saudável.

Sabino (2000: 63-64) chama atenção, também, para a comum relação que se faz entre saúde e estética; algo encontrado, igualmente, nos trabalhos de Berger (2008) e Santos e Salles (2009); essa dupla de pesquisadores, por exemplo, comenta a ligação entre beleza e saúde a partir da utilização do termo “sarado”: “... adjetivo que deriva do verbo ‘sara’, ou seja, ‘recobrar a saúde’ ou ‘curar uma ferida’, mas que foi ressignificado para ‘corpo modelado’ ou ‘corpo musculoso’” (Santos e Salles 2009: 88). A beleza corporal, o modelo ideal de corpo, baseado na corporeidade modal, comumente, é relacionado com um modo de ser saudável e isso é perceptível nas falas dos agentes sociais que praticam musculação e/ou natação, com quem dialoguei formalmente, uma vez que o “sentir-se bem”, constituinte, igualmente, da ideia de saúde por eles pensada, perpassa pela imagem corporal e relaciona-se com os seus projetos corporais, haja vista que:

‘Estar em forma’ implica mostrar (determinadas) formas. A manifestação mais valorizada do ‘corpo saudável’ deixa de ser o seu rendimento, força e resistência, para passar a ser a sua aparência. A saúde cosmetiza-se e torna-se num fenómeno estético: não basta mantê-la mas fazer transparecê-la, nomeadamente através da aquisição de um ‘corpo perfeito’. Este, por sua vez, passa a ser condição *sine qua non* para o indivíduo contemporâneo se sentir bem com ele próprio e com os outros e, em última instância, para chegar a ser socialmente reconhecido como ‘alguém’ no mundo (Ferreira 2011: 245).

Compreender que a noção de saúde para os jovens deste trabalho está relacionada com o “sentir-se bem” auxilia-nos no entendimento de o porquê desses

agentes sociais não procurarem os serviços médicos ou o fazerem de forma limitada; desse modo, conforme fala Caponi (2003) sobre a atuação médica, mas que podemos estender às pessoas em geral: “aceitar um determinado conceito ou idéia de saúde implica em escolher certas intervenções efetivas sobre o corpo e a vida dos sujeitos individuais” (: 122).

Ao discorrer sobre como cuidava da saúde, Paulo foi o único que trouxe à cena de sua fala a ida ao médico; contudo, para salientar não uma prática que costuma realizar, mas como algo de que, no momento, não necessita:

Paulo: Eu sempre pratiquei muito desporto, por isso, só por aí... Nunca tive uma grande... Uma grande preocupação a nível de alimentação. Eu quando era mais novo, antes de entrar na natação, eu era gordinho, bastante gordo. Ah... Mas depois, naturalmente eu entrei na natação e depois eu cresci muito na fase... Na fase da puberdade e eu fiquei normal. É... Eu fiquei magro e, naturalmente, musculado, porque eu praticava muito desporto. Nunca tive, assim, uma grande... Uma grande preocupação com minha saúde, até porque eu nunca fui muito doente e eu era naturalmente acompanhado pelos médicos, porque eu tinha que fazer todos os anos aqueles testes de rotina, que era o que eu tava a dizer: os eletrocardiogramas e essas coisas, porque era obrigatório, como eu fazia... Desporto... É... Competitivo. Ah... Tive aquelas otites naturais, como eu praticava muita natação tinha algumas otites, talvez uma por ano, ia a um... Otorrinolaringologista uma vez por ano, talvez. Mas... Nunca tive uma preocupação, porque eu nunca fui muito doente... Um... Tive essa sorte, graças a Deus! Nunca... Nunca tive esses problemas¹⁰⁵.

Como se pode perceber, a relação de Paulo com os médicos deu-se em um determinado momento de sua vida e na base, de certa forma, da obrigatoriedade devido ao desporto competitivo que fazia. Além disso, segundo a sua fala, hoje, assim como naquela época, não é comum para ele ficar doente; por conseguinte, sua preocupação com a saúde, que o faça buscar algum especialista médico, é pouca. Nesse caso, a atenção com a saúde está na proporção da “manifestação da doença” o que nos remete, novamente, a noção de se estar/sentir bem.

Em vista disso, é possível concluirmos que a apreensão com o corpo por meio da alimentação, da prática física, denota um cuidado; contudo, é uma precaução que os homens jovens com quem conversei fazem, muitas vezes, com relação ao médico, por obrigação, por imposição ou somente quando estão doentes (o “estar doente” deve ser

¹⁰⁵ Chamo atenção para o fato de Paulo relacionar “normalidade” com “magreza” – temática que já trabalhei neste texto. Esse é um discurso deveras propagando em nossa sociedade, sendo a mídia uma forte aliada nessa difusão, o qual as pessoas incorporam, onde o corpo valorado, signico de beleza e saúde, dentre outras marcas positivadas, é o magro. É necessário atentar, contudo, que a busca pelo enquadramento nesse padrão pode levar aos extremos como são os casos da bulimia e anorexia. Sobre essas questões, cf., por exemplo, Ana Castro (2001), Giane Serra e Elizabeth Santos (2003), Daniela Silva (2004), Wilton Garcia (2005), Vinícius Damasceno et al (2006) e Bianca Sophia (2010, 2015).

compreendido no sentido da pessoa não poder mais aguentar alguma dor ou ela mesma – ou outro agente social de suas interações próximas – tratar a enfermidade sentida).

Desse modo, é necessário que atentemos para uma prática não somente dos homens com quem dialoguei, mas de muitos outros que é: a busca médica somente quando há alguma necessidade; às vezes, até uma necessidade urgente¹⁰⁶.

A atenção dada ao corpo, relacionada com a ida regular ao médico como forma de prevenção é associada, comumente, às mulheres. A pesquisa que Boltanski (2004) empreendeu nos anos de 1960, em Paris, demonstra essa relação. Trabalhos recentes como os de Heloísa Perista (2002), Gomes, Nascimento e Araújo (2007), João Vintém (2008), Cunha, Rebello e Gomes (2012), María Durán (2013), Fabíola Rohden (2014), dentre outros, também comprovam a diferença de comportamentos entre os agentes femininos e masculinos no tocante aos cuidados com a saúde. Para esses autores, o tipo de socialização que os homens recebem faz com que a procura por serviços médicos por esse grupo seja menor quando comparado às mulheres, que desde cedo são incentivadas a atentarem para si e, posteriormente, para o Outro como os filhos, o marido, o pai... Ou seja, a performance de masculinidade exigida, ensinada, incorporada e vivenciada pelos sujeitos reconhecidos como sendo do sexo masculino contribui para que os homens deem pouca ou nenhuma atenção a sua saúde:

Atualmente, a discussão acerca do reduzido envolvimento de homens com os cuidados em saúde, seja no que se refere ao autocuidado, seja no que tange à busca de cuidados especializados, tem evidenciado que, em parte, os problemas ocorrem em função dos modelos de masculinidade (Gomes 2008:50).

Essa socialização, baseada em certo modelo de masculinidade, também influencia a noção de *sentio bonum* dos indivíduos masculinos – assim como esta, igualmente, contribui no reforço da vivência da masculinidade desses agentes – o que, equitativamente, influi à procura ou não pelos serviços médicos por parte desses indivíduos.

É considerando esses pontos que precisamos ler os trechos abaixo das conversas gravadas, quando os jovens falaram-me se costumavam ir ou não ao/à medico/a:

Beno: Eu costumo ir todo ano pra fazer um *check-up*. Ah, é mais assim, quando eu preciso de algum atestado... Esse... Esse ano eu fui por causa da gastrite. Fui bastante.

¹⁰⁶ “Necessidade urgente” no sentido da protelação de uma situação que acaba se agravando. Para algum apontamento sobre essa questão cf., dentre outros, Rosely Costa (2003), Romeu Gomes, Elaine do Nascimento e Fábio de Araújo (2007), Jorge Lyra (2008), Sérgio Carrara, Jane Russo e Livi Faro (2009) e Jorge Lyra et al. (2012).

Aí... Agora... Agora eu até vou, semana que vem por causa dessa dor, mas é só quando eu sinto dor mesmo... Mas eu faço... Eu faço, todo ano, um *check-up*.

Pascoal: Ah... Por acaso há agora a bastante tempo que não vou ao médico. Mas eu... Eu... Sempre fui atleta, durante quinze anos, não é? E eu... Todos os anos eu ia ao médico, sempre no principio de época nós tínhamos sempre exames etc. em que fazíamos... Testes, fazíamos testes físicos, testes a doenças todas etc. Agora a muito tempo que não vou [...]. Eu vou ao médico quando me sinto mal, não é? Como me sinto bem... Acho que não tenho necessidade de ir ao médico. Sinto-me bem, sinto-me... Não me dói nada. Sinto... Sinto-me bem fisicamente, mentalmente; portanto, acho que não... Eu acho que as pessoas hoje em dia preocupam-se... Tem muita urgência do médico, tem muita urgência do medicamento e de... Depois vão ao médico e o médico não receita-lhes nada e vão a dizer “E pá, esse médico... Esse médico não vale nada, não me receitou nada”. E eu acho... Eu... Eu sou um bocado contrário das pessoas nesse sentido, porque eu fujo um bocado dos médicos. Eu não gosto muito de tomar comprimidos, não gosto muito de... Até quando eu tenho febre eu evito. É fácil, não é? Ter febre e tomar um Cêgripe e pronto, eu tomei e a seguir eu tô bem, não é? Eu... Se calhar eu tenho febre eu prefiro aguentar a febre mais um dia ou dois e não tomar nada... Meu remédio é à antiga: torradinhas, chazinho... Pronto! E... Eu prefiro... Eu prefiro... São opções, não é? Eu consigo... Se calhar... Se calhar eu tivesse um teste amanhã e eu ficasse com febre, se calhar eu tomasse um Cêgripe. Mas em alturas que eu posso não tomar e... E posso, entre aspas “ficar doente” durante uns dias, eu prefiro ficar doente... A medicarme. Mas, na resposta, não costumo ir ao médico não; não costumo ir ao médico muitas vezes.

Patrick: Muito raro. Eu vou ao médico [entre risos] quando eu tô doente, basicamente. Não... Poderia fazer algum *check-up* a nível de alguma coisa, mas não, não... É mesmo só quando tô doente e como é muito raro [entre risos] é muito raro eu ir ao médico. Algumas vezes lá, quando eu preciso de alguma declaração médica ou algum... Algum atestado para alguma situação é que, sim, vou ao médico, fora isso...

Ou seja, ao mesmo tempo em que há um discurso de que se vai (ou se deveria ir) ao médico para se realizar um *check-up*, exames de rotina, enuncia-se que o/a profissional médico acaba assumindo um papel de “solucionador de problemas”, sendo procurado quando se está doente, quando não se pode mais suportar a dor e, mesmo, quando se necessita de uma declaração e/ou de um atestado médico.

Quando os jovens relataram-me algumas experiências de ida a médicos/as – geralmente impulsionados por alguma obrigatoriedade, sendo a dor sentida uma delas –, um ponto que chamou a atenção foi o fato que, comumente, eles (brasileiros e portugueses) não vão/iam sozinhos, mas acompanhados por alguma figura feminina (mãe, avó). A predominância da mulher como aquela que cuida, que leva os membros masculinos da família ao médico é confirmada por outras pesquisas como apontei anteriormente. Esse tipo de discurso de que a mulher é mais cuidadora, mais preocupada

com a saúde, sua e de outros, é tão forte em nossa sociedade que mesmo quando se procura fazer campanhas voltadas para a promoção da saúde dos homens, a presença delas é indispensável, como demonstrou Rohden (2014) ao analisar a “Caravana pela Saúde Masculina”, promovida pela Sociedade Brasileira de Urologia (SBU) em 2010. A pesquisadora começa chamando atenção para o título da campanha, a qual dizia: “Homens: participem! Divulguem! Mulheres: motivem seus filhos, maridos, pais e amigos!”, desse modo, ela comenta: “A campanha parece tão direcionada a eles, alvo da intervenção, quanto a elas, capazes ou responsáveis por levá-los ao médico” (Rohden 2014: 128). Além disso, a pesquisadora continua sua análise:

De um modo geral, todo o conteúdo exposto no sítio do Movimento e nos eventos da Caravana (...) insiste na constatação de que os homens tradicionalmente não cuidam de sua saúde e, em consequência, estariam correndo sérios riscos. Isto se deve a um conjunto de fatores que poderiam ser chamados de ‘culturais’, como medo, vergonha, preconceito, ignorância. Em contraste, as mulheres aparecem como privilegiadas por contarem com uma vasta rede de atendimento e também como aliadas imprescindíveis, porque, acostumadas com a responsabilidade do cuidado com a saúde da família, conduziriam os homens ao médico (Rohden 2014: 134).

Igualmente é significativo notar que em nenhum momento os jovens da pesquisa que empreendi falaram ir ao urologista. Alguns deles, na verdade, nem se quer sabiam de que especialidade se tratava¹⁰⁷. Se a mulher desde cedo é incentivada e ensinada a frequentar o consultório ginecológico, os homens só procuram – quando procuram – o urologista na época do exame de toque retal, a partir dos 40 anos, associando, dessa forma, a imagem desse profissional a uma única parte do todo que ele pode responder (aparelhos reprodutor e urinário dos homens – testículos, pênis, vesículas seminais, ducto deferente, próstatas, epídímios, rins, uretra, bexiga urinária – e aparelho urinário feminino – rins e bexiga¹⁰⁸).

Uma vez mais, a fala comum dos jovens com quem conversei sobre a não ida ao urologista está relacionada a não necessidade por eles sentida. Se olharmos somente para a questão da próstata, esses homens jovens, realmente, podem não ter necessidades, uma vez que os profissionais médicos fixam os homens de 40 anos a seguir como foco

¹⁰⁷ Por que é significativo falar da ida ou não ao urologista? A meu ver, porque esse/a profissional tem a sua imagem muito fortemente associada ao público masculino (ainda que, também, atenda a mulheres), sendo visto, por muitas pessoas, como o equivalente, no homem, do/a ginecologista. E, também, devido ao consumo de algumas substâncias utilizadas pelos jovens deste trabalho, que malham e/ou nadam, mas não somente por eles, como por muitos frequentadores dessas modalidades, para acelerar o processo de crescimento muscular, afetarem a genitália masculina – podendo ocasionar em atrofia dos testículos, disfunção erétil etc. –, a qual faz parte da área de conhecimento e atuação desse/a especialista.

¹⁰⁸ Essas informações foram retiradas do sítio <http://www.infoescola.com/profissoes/medico-urologista/>, acesso em 13 fev. 2016; artigo assinado por Thais Pacievitch.

para prevenção do câncer de próstata. Contudo, como antes mencionei, esse profissional não se restringe a isso. Ademais, com o uso que alguns desses agentes sociais fazem de suplementos e anabolizantes – os quais, dentre outras consequências, pode afetar o sistema reprodutor e urinário – a ida a um consultório urológico para algum acompanhamento ou *check-up* seria mais que interessante.

Outro ponto que, para eles, contribui para o afastamento dos homens, de modo geral, das consultas urológicas, diz respeito à vergonha que os indivíduos sentem de falar e mostrar o corpo a uma pessoa estranha e, também, ao receio de se ter a masculinidade questionada e violada:

Beno: [...] O papai ele tem mais de 50 anos e ele não foi ao urologista.

EJ: Ele...

Beno: É, por que ele acha que mexe com a masculinidade dele, tá entendendo? Mas eu, com certeza, quando chegar na idade de risco eu não vou, não vou ter essa. Não vou...

EJ: Vai fazer o exame?

Beno: Vou fazer. Não tem nada a ver isso aí.

Paulo: Eu acho que há muito tabu [sobre o porquê dos homens não irem urologista]. Eu acho que os homens têm muito tabu... Nós somos muito básicos. E, o homem tá associado sempre à figura de... “Não deve ficar doente”. E, naturalmente, ir a um urologista... O pênis é das nossas zonas mais sensíveis. E nós temos muita vergonha do nosso pênis. E eu acho que pouca gente vai ao urologista, acho que deveria ir muito mais gente, porque muitas pessoas têm problemas que são facilmente tratadas e o que acontece é que não vão lá por vergonha [...]. E o que acontece é que, depois, os problemas que são facilmente tratáveis tornam-se muito difíceis de tratar e, eventualmente, até, não se pode tratar.

EJ: E essa vergonha seria do quê?

Paulo: [...] O que acontece é que muita gente é criada em ambientes fechados. [...]. Se nós tivermos a falar de pessoas que foram criadas num ambiente muito conservador, logicamente que não terão tanta, tanta facilidade em, em falar de sua sexualidade e, logicamente, terão vergonha de ir a um urologista. Se eles não falam com os pais que, supostamente, são as pessoas que tem, devem ter mais confiança, muito menos vão falar com um estranho que nunca viram na vida.

Não são raros, igualmente, os momentos onde os assuntos “próstata” e “exame de toque” tornam-se motivo de jocosidade. Uma dessas ocasiões aconteceu em campo:

Estava na sala 2, esperando o Bento terminar a série dele no supino reto para começar a minha, enquanto Borges, Belmiro e Berilo conversavam. Nesse momento chega um senhor, que eles

chamaram de Brito, e ficou conversando ali também. Brito estava vestindo uma roupa social e parece que trabalha no Olympia. Durante a conversa esse diz a Borges:

– Sabe quem quer te ver? O Bóris – e todos riram. Acho que esse Bóris é algum médico, pois, a partir daí, eles começaram a falar de exame de próstata.

O Brito brinca dizendo que o médico que iria fazer o exame no Borges tinha o dedo do meio muito grande:

– [...] desse tamanho. [nessa hora ele fechou a mão próximo a uma barra de ferro, dando a entender que o dedo do médico seria do tamanho daquela barra].

Todos riram.

Borges disse que ia mesmo, ainda que voltasse de lá andando... [ele começa a andar com dificuldade, como se tivesse com a bunda machucada devido ao “toque” do médico]. Bento até brincou dizendo que hoje, apesar de já existir exames de sangue para a próstata, o Borges queria o outro método. Brinquei, igualmente, falando que ele preferia o método tradicional. Um rapaz que estava sentado próximo ao supino inclinado ria de todas essas coisas.

A conversa sobre o exame de próstata continuou.

Brito, então contou uma pegadinha que vira no Silvio Santos:

– Dois atores contratados: um é o médico e outro o paciente. Na sala de espera está o paciente e outros homens. O falso médico chega à porta do consultório para chamar o paciente. O médico, que usa a luvas cirúrgicas, tem os dedos muito grandes, principalmente o do meio [Brito demonstra a extensão em sua própria mão]. Quando o paciente entra e o médico fecha a porta, pouco tempo depois, começam uns gritos: “Não! Para! Tá doendo!” e por aí vai. Até que o paciente quebra a porta e sai correndo. O médico aparece com o dedo do meio todo sujo de sangue pedindo para ele voltar. Nessa hora, aqueles que esperavam na sala saem correndo...

Todos nós rimos.

Olympia, abril de 2013

Assim, pelos excertos acima, é possível perceber o quanto a imagem do/a urologista está vinculada ao aparelho reprodutor e ao exame de toque retal, excluindo suas outras especialidades, e, também, o quanto o referido teste é cercado de tabus e mexe com o imaginário masculino¹⁰⁹; além, equitativamente, de associar este profissional, assim como os demais médicos, a alguém que trata de doenças manifestadas, diagnosticadas e não como uma ajuda, um contributo preventivo. Ademais – pensando especificamente no exame de toque retal –, sendo as nádegas uma região de certa “preocupação” masculina, como o trabalho de Roberto DaMatta (2010) demonstra-nos, o ânus, por consequência, torna-se, para determinados modelos de masculinidades – se não para todos –, zona perigosa, constrangedora – no mínimo –, merecedora de proteção a fim de se evitar alguma violação – de que natureza for – e,

¹⁰⁹ Sobre as questões que envolvem a percepção masculina acerca do exame da próstata, cf. Romeu Gomes (2003), Pamela Godoy, Carmem Maciel e Jaqueline Avelino (2011), Pamela Durães Oliveira et al. (2015), Quezia Anjos et al. (2016), dentre outros.

por esse fato, como bem discorre Gomes et al. (2008: 1980), o toque retal “toca” não somente na próstata, mas, igualmente, na masculinidade dos homens; questão essa que também fora percebida por Ana Marques (2009) quando realizou uma pesquisa qualitativa com 10 homens belenenses, com idade a partir dos 40 anos. Segundo essa autora, os homens de sua pesquisa temem (e muitos evitam) realizar o exame de toque retal “pois se sentem ameaçados, amedrontados da possibilidade de que os outros os vejam como pouco masculinos” (: 77), haja vista que “O exame do toque mexe com o imaginário masculino no que diz respeito aquilo considerado como a marca da identidade masculina que é a orientação sexual [a heterossexualidade, no caso]” (: 78 – acréscimos meus).

É significativo considerar, desse modo, o papel da educação, da socialização na formação dos indivíduos o que, como aponta Paulo, pode contribuir para os homens sentirem vergonha em falar de seus corpos e, com isso, padecerem diante de “problemas que são [seriam] facilmente tratáveis” – acréscimo meu. Ou seja, há um conjunto de comportamentos, práticas e valores que precisam ser desconstruídos, revistos, com a finalidade de fazerem com que os homens tenham uma prática de (auto)cuidado, de prevenção em relação à saúde mais acentuada (isso, com certeza, irá remodelar a *sentio bonum* que operacionamos).

É possível, destarte, percebermos que para os homens jovens, os quais, no estudo aqui empreendido, praticam musculação e/ou natação, a saúde – ou pelo menos uma vertente dela – é uma preocupação. Uma solicitude que perpassa a prática física realizada por eles, o tipo de alimentos ingeridos, excetuando desse processo de se ter (ou de se vivenciar a) saúde um acompanhamento mais regular de profissionais médicos. Esse auxílio só acontece, muitas vezes, quando os jovens estão inseridos em algum esporte, de cunho competitivo e profissional, onde são obrigados a realizarem alguns testes médicos mais regularmente.

É significativo considerarmos, contudo, que a saúde não “acontece” pelo simples fato de uma pessoa ir a um consultório médico, pois não é mais sadia aquela pessoa que, habitualmente, consulta-se com cardiologistas, endocrinologistas, ortopedistas etc. No entanto, esse ato pode contribuir a uma vivência mais saudável, tal como a que é buscado pelos os jovens com quem conversei.

Além disso, parece haver uma ideia entre eles que somente os homens mais velhos precisam cuidar da saúde de modo mais direto, expresso em suas falas em

expressões do tipo: “quando chegar na idade de risco”, “eu ainda sou novo” etc. O diálogo com Bruno ajuda-nos a percebermos a diferença existente entre buscar “ter saúde” e buscar ter um “corpo legal” entre homens jovens e velhos que praticam exercícios físicos:

Bruno: [...] eu acho que eles [os homens mais velhos] não se preocupam tanto em ficar com um corpo legal. Tanto assim pela idade, acho que eles vão mais por causa da saúde mesmo. [...] Passado pelo médico, assim, tipo: ‘Ah, faça musculação, porque vai melhorar tal coisa’, entendeu?

EJ: E os mais jovens seriam mais preocupados em ficar com um corpo grandão...

Bruno: Sim. Sim. Há até as pessoas que usam, que usam recursos de anabolizantes, colocando a saúde em perigo, né? É... Pra alcançar isso. Assim... Assim, como eu te falei, assim como os mais velhos se preocupam com a saúde, têm novos que se preocupam em ficar grande, mas colocam a saúde em perigo. E têm novos, assim, que não usam anabolizantes... Eles querem ficar com um corpo legal; eles conseguem, mas através de suplementos, alimentação que, pra mim, seria o caminho mais correto.

Bruno divide os “novos” em os que querem ter ganhos de massa muscular e fazem isso utilizando substâncias perigosas para a saúde – o que, para ele, seria o consumo de anabolizantes – e os que não se aplicam ou ingerem tais artifícios, mesmo que deglutem suplementos alimentares – o que, para Bruno, aliado à alimentação e à prática de exercícios físicos “seria o caminho mais correto” –, ainda que ele desconsidere os perigos e problemas que as suplementações, igualmente, podem ocasionar, como já trabalhei anteriormente aqui neste texto. Desse modo, por se preocuparem mais com a saúde, os homens mais velhos deixariam o “corpo legal” em segundo plano, o que não acontece com os homens mais jovens, segundo as pessoas com quem conversei formalmente. Esses homens mais novos, na verdade, em busca de um corpo musculado, com a ingestão e/ou aplicação de anabolizantes, alcançariam seus objetivos de um corpo “sarado”, “grande”, porém arriscariam a saúde com isso. Ou seja, a saúde só aparece protagonista quando, por meio das “drogas apolíneas” (Sabino 2007: 164), ameaça a “aparência saudável” que esses jovens procuram construir.

Desse modo, o tipo de saúde buscada, independente do projeto corporal objetivado pelos agentes sociais, com os quais, informal e formalmente, interagi para este trabalho, durante o período que entre eles e com eles, igualmente, estive me exercitando nas academias e aulas de natação, em Belém do Pará, Brasil, e em Lisboa, Portugal, é uma saúde negociada, resignificada, a qual se revela ser, mais do que qualquer coisa, uma saúde estética.

Fim de treino (ou um recomeço?)

“O conhecimento só cresce, só se complexifica, se for *heterofecundado*. Um conhecimento autofecundado fica limitado na variabilidade das suas soluções evolutivas. (...). A *endogamia cultural* inibe qualquer processo de superação, leva a uma circularidade conceptual, a um conhecimento exclusivamente tautológico (...). Se os conhecimentos não circulam, ficam prisioneiros de um círculo vicioso que os confina a uma pequena área do espaço de fase e os impede de se revitalizarem no confronto com outros”. (Cunha e Silva 1999: 204 – itálicos no original).

Geralmente, na prática da musculação e da natação o final não significa o fim de fato, mas uma pausa para o recomeço do treino logo a seguir ou no próximo dia. Assim, com o fôlego recuperado, ou parte dele, a pessoa lança-se em mais uma série com o intuito de alcançar o seu objetivo. Dessa forma, reforço que esta aqui não é uma conclusão, pois conforme avisei no início, não pretendo fazê-la por considerar que os assuntos, neste trabalho, não foram apresentados de maneira definitiva, uma vez que se encontram sempre em processo.

Na verdade, nada (ou quase nada), pelo menos nas Ciências Sociais, pode ser dado como fechado, acabado, pois há sempre algo que precisa ser aprofundado, melhorado (as bancas de avaliações, com as suas frases clássicas do tipo: “Senti falta de... Do/a autor/a tal...” etc., quem o diga). Em vista disso, outros olhares, de ângulos diferentes, com abordagens e metodologias diferentes para um “mesmo objeto” nos fornecem novas/outras perspectivas e informações. Em suma, a temática do corpo não nos permite e nem consente ser homogênea em sua abordagem, mas atrai para si, para a sua possibilidade de reflexão, inúmeras formas de pensamento e tratamento. Daí, nesta laboração textual, o trajeto epistemológico ter se dado por áreas como a Antropologia, a Educação Física, a História, a Nutrição, a Sociologia, dentre outras. Cada autor e autora (conhecidos/as ou, até então, anônimos/as) dessas e de outras áreas foram significativos/as para alguma compreensão relativa às práticas de remodelamento corporal de homens jovens, de Belém do Pará, Brasil, e de Lisboa, Portugal, que malham e/ou nadam. É contributo dessa transdisciplinaridade a elaboração e execução do empreendimento científico ter acontecido em um Programa de Pós-Graduação em Antropologia (PPGA) em quatro campos (ou em três, haja vista a não efetivação, ainda,

da Linguística), o qual se permite (e encoraja) ser atravessado por inúmeros saberes em suas discussões, análises e projetos de pesquisa.

Por esse e outros motivos, agradeço ao PPGA-UFPA que em todos esses anos, desde a realização do meu Mestrado, no segundo semestre de 2010, me proporcionou um ambiente de inúmeros aprendizados, os quais não se resumiram aos contextos de sala de aula. Meu muito obrigado, também, a Cléo Ferreira (ex-PPGA), Dona Marina e Antônio Carlos, as/os quais me assistiram em tudo o que diz respeito à secretaria do Programa. Também, aos doutores Fabiano Gontijo e Diogo Costa que, na coordenação do PPGA, ajudaram-me com o meu pedido de bolsa, junto a CAPES (nº BEX 6187/15-3), para o Doutorado Sanduíche. Regracio, ainda, às professoras e aos professores que tive contato durante as disciplinas obrigatórias e optativas: Dra. Denise Schaan, Dra. Edna Alencar, Dra. Márcia Bezerra, Dra. Cristina Cancela, Dra. Jane Beltrão, Dr. Ernani Chaves, Dr. Flávio Silveira, Dr. Abdelhak Rasky, Dr. Hilton Silva e Dr. Fabiano Gontijo. Mesmo que alguns desses profissionais não se encontrem mais no Programa, seus ensinamentos ficaram. No grupo dos docentes incluo, ainda, o Dr. Maurício Costa, do Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia, pois as aulas de Antropologia Urbana foram de grande valia para esta tese.

E por falar nela, é significativo dizer que produção textual de doutoramento se fez (e muitas vezes se refez) a partir de (re)leituras de vários textos (incluídos aqui o corporal), de (re)análises de dados e, também, com suores e alguns episódios de ingestão de água de piscina, dentre outras experiências que tive no campo empreendido. E foi a partir das minhas vivências nos ambientes da musculação e da natação que pude compreender um pouco que o malhar e/ou o nadar envolvem muito mais do que levantar anilhas e barras, ou bater pés e braços dentro d'água e que, independente de diferenças culturais, sociais e econômicas de Belém e de Lisboa, os homens jovens, com os quais conversei formalmente, compreendidos na faixa etária de 17 a 25 anos, que frequentam espaços de transmutação corporal, procuram modificar suas compleições físicas, fazendo uso de determinados produtos, exercícios físicos, alimentação etc., alcançando, assim, a concretude de projetos corporais muito próximos.

Destarte, agradeço a minha orientadora, Dra. Cristina Cancela, por me ter fomentado a adentrar os espaços das práticas de exercícios físicos para a realização da pesquisa aqui apresentada. Desafio para mim e para ela também! Suas orientações, indicações de leituras, instigações reflexivas e críticas aos textos que lhe apresentava

resultaram nesta tese. Contudo, é necessário dizer que todos os ensinamentos de nossas reuniões de orientações, das aulas ministradas não se restringem a esta produção textual, mas estarão presentes em minhas trajetórias pessoal e profissional, assim como os aprendizados de outros momentos formais ou não.

O tempo que passei frequentando o Olympia, a Clava, o Aquarium e o Lyceum permitiu-me entender melhor os processos interacionais (entre pessoas, espaços, e equipamentos) que acontecem nos ambientes de remodelamento corporal, os quais, muitas vezes, para aquelas pessoas que praticam algum exercício físico, passam despercebidos. Além disso, minha permanência nesses lugares ajudou-me não somente a contatar alunos, professores e professoras para a etapa da conversa formal, mas, igualmente, para me fazer entender suas linguagens, seus códigos, suas dificuldades e conquistas. Gostaria de poder citar seus nomes reais, mas isso anularia a estratégia de anonimato sustentado em todo este trabalho. Ainda assim, acredito que ao lerem esta tese poderão descobrir-se, mesmo sob o manto da nomeação fictícia. Portanto, agradeço o tempo, as informações e as experiências compartilhadas de Bernardo, Baruk, Beno, Benjamin, Bruno, Benedito, Brian, Bete, Beto, Bianca, Brenda, Bob, Pedro, Paulo, Patrick, Pablo, Pascoal, Plácido, Plínio, Paco, Patrícia e Peterson.

Foi a partir das minhas observações e conversas com essas pessoas, sobre as suas práticas de remodelamento corporal, com intuito de alcançar objetivos planejados por si, que cheguei aos quatro projetos corporais apresentados neste trabalho: Projeto fisiculturista/competição; Projeto de corpo chamativo/definido; Projeto de perda/manutenção/ganho de peso; e, Projeto de corpo saudável/bem estar físico. Quando uma pessoa se insere em um desses projetos ela passa a acionar determinadas ações, a acessar ou não certos serviços e produtos. Assim, a depender do que pretende com o seu corpo, ela irá ter determinado plano de treino, irá incluir ou eliminar o consumo de certos alimentos, poderá fazer uso de suplementação e/ou anabolizantes etc. Essas questões, dentre outras coisas, estão relacionadas à excorporação e à encarnação.

A minha estada no Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa (ICS-ULisboa) foi deveras importante para o aprimoramento de meu olhar para os corpos masculinos de pessoas que praticam exercícios físicos. Pensar a compleição física como fractal e questões relativas à corporeidade, à excorporação e à encarnação, por exemplo, vieram dessa etapa. Mediante isso, agradeço a CAPES pela concessão, não somente da minha bolsa de doutorado no Brasil, mas, igualmente, da bolsa de

doutorado sanduíche que me permitiu aprender mais em Lisboa e a empreender uma pesquisa de campo que fora incorporada na elaboração textual da tese. O acolhimento do ICS-ULisboa e a disponibilização de toda a sua infraestrutura – equipamentos, salas e acessos – foram de importância capital ao meu doutoramento. A receptividade – uma quase adoção – do Dr. Vítor Ferreira, com suas orientações individuais, sugestões, reuniões de orientações em grupo e seminários enriqueceram não somente a pesquisa, naquela altura em andamento; porém, a mim próprio enquanto discente e pessoa. Certamente, minha estada no ICS sob sua orientação e supervisão deixaram marcas – positivas, é claro! – que demarcam não somente este trabalho, mas a minha biografia. Muito obrigado, Vítor, por todos os ensinamentos e pela apresentação do MAXQDA.

Como comentei no início, este trabalho não é e nunca pretendeu ser a última palavra sobre as práticas de remodelamento corporal de homens jovens, belenenses e lisboetas, que praticam musculação e/ou natação. Por isso, cada assunto abordado poderá ser, pelas mentes inquietas e curiosas, retrabalhados sob outros prismas e os resultados, certamente, produzirão significativas contribuições às ciências sociais, pois alguns pontos necessitam de aprofundamento, de uma visão e discussão mais densa, decerto. Como o fim não significa o final de fato – ainda mais em se tratando de um texto acadêmico (mesmo que muitos, ou alguns, queiram assim) –, quem sabe não há uma continuidade em um pós-doutorado, ou na escrita de alguns artigos ou elaborações de projetos outros?

Mas antes de pensar em levantar pesos maiores nas “barras” ou de fazer “1.500 metros de nado livre”, há mais agradecimentos para a laboração atual:

No âmbito da UFPA, não poderia deixar de agradecer àquelas pessoas que quando as forças diminuía e faltava-me o fôlego, incentivaram-me a continuar com “as braçadas e as pernadas”. Muito obrigado ao M.e Robson Cardoso de Oliveira, a Dra. Ligia Filgueiras, a Dra. Adelina Farias, a Dra. Lilian de Lima, a M.a Ariana da Silva, a M.a Elane Pantoja e a M.a Eli do Socorro Pinheiro.

Agradeço também a “suplementação”, dando-me energia e restaurando as “fibras rasgadas”, da Dra. Telma Goncalves, do M.e Jakson Ribeiro, da M.a Osvaldina Araujo, do Douglas Brito, do Grupo de Estudos e Pesquisas com Crianças, Infâncias e Juventudes (Juerê-UFPA) e do Grupo de Estudos da Linha “Gêneros, Corpos e Sexualidades” (GEPEM-UFPA).

Grato sou, igualmente, ao Dr. Wagner Xavier de Camargo pelas observações, comentários e sugestões sobre o “treino” da escrita.

Em terras lusitanas o suporte para as “pesadas anilhas” e “exercícios cansativos” devo a Luzia Luz Gomes, a Celine Ribeiro, a Glória Oliveira Martins, a Fernanda Oliveira, a Cecília Luís, a Mafalda Sousa, a Cristina Santinho, a Normando Viana, a Felipe Viero, a Victor Hugo Barreto, a Ivan Faria, a Cândida Moraes, a Denise Reis, a Daniela Reis, a Maria Tarcisa Bega, a Caio Novaes e a Joel Miguel.

Obrigado aos meus “primeiros juízes de competição” (fase de qualificação da tese), Dr. Fabiano Gontijo e Dr. Camilo Braz pelas “séries pesadas” exigidas e “gritos” de incentivos para que eu continuasse, para que eu não parasse e utilizasse barras, anilhas, *kettlebells*, pranchas e outras ferramentas que me auxiliariam (e auxiliaram) na concretude dos objetivos planeados.

Às vezes professores e/ou professoras, da musculação, por exemplo, passam-nos uma série em algum aparelho que não sabemos qual é e alguém, que tem mais tempo de treino do que nós, nos ajuda a descobrir onde o exercício deve ser feito. É por essa “tradução”, esse tira-dúvidas, o qual muito me ajudou a melhorar e a tornar mais simples e claro o Glossário, que sou grato ao meu amigo, profissional da educação física, Matheus Moraes.

Quando “os pesos em quaisquer aparelhos eram demasiados árduos para empurrar”, quando o “*Whey*” chegava ao fim ou mesmo quando “não conseguia realizar nenhum tipo de nado”, sempre tive o apoio e contei com as orações de meu pai Edyr Oliveira, da minha mãe Marilene Oliveira e das minhas irmãs Angélica Oliveira e Leiliane Souza. Minha imensa gratidão à minha família por tudo isso e muito mais.

E por fim, mas não menos importante, na verdade o grande responsável por tudo, cujas demais coisas nada poderia ter sido feita sem a sua permissão e vontade, agradeço ao El Deot.

Referências

- Aboim, S. 2013. *A sexualidade dos portugueses*. Lisboa, Portugal: Fundação Francisco Manuel dos Santos/Relógio D'Água Editores.
- Almeida Filho, N. de. 2011. *O que é saúde?* Rio de Janeiro: Editora Fiocruz [ebook – Kindle].
- Almeida, G. 2012. 'Homens trans': novos matizes na aquarela das masculinidades?. *Estudos Feministas* 20(2): 513-523. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0104-026X2012000200012>>. Acesso em 20 jun. 2016.
- Anjos, Q. da S. dos; Leal, I.; Ragadali Filho, A.; Danelussi, D. P. & Loose, J. T. T. 2016. Práticas de prevenção do câncer de próstata em uma unidade básica de saúde no município de Rolim de Moura – RO. *Rev. Enfermagem e Saúde Coletiva*: 2-18. Disponível em: <<http://revesc.org/index.php/esc/article/view/5>>. Acesso em 23 fev. 2017.
- Aragão, R. V. de J. 2011. Cartas sobre a masculinidade que brocha: o problema do playboy em crise com seu corpo, in *Anais do II Seminário Enlaçando Sexualidades*, pp. 1-15. Salvador: Núc. Est. Gên. Sex. Disponível em: <<https://nugsexdiadorim.files.wordpress.com/2011/12/cartas-sobre-a-masculinidade-que-brocha-o-problema-do-playboy-em-crise-com-seu-corpo.pdf>>. Acesso em 09 ago. 2016.
- _____. 2012a. *Cartas de Príapo*: a construção da masculinidade via corpo na revista Playboy. Dissertação de Mestrado. Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade. Universidade Federal da Bahia, Salvador.
- _____. 2012b. O hegemônico não existe ou por que os homens querem ser playboys, in *Anais do VI Congresso Internacional de Estudos sobre a Diversidade Sexual e de Gênero da ABEH*, pp. 1-17. Salvador: Ass. Bras. Est. Homocult. Disponível em: <<http://docplayer.com.br/16723823-O-hegemonico-nao-existe-ou-por-que-os-homens-querem-ser-playboys-rafael-aragao-1.html>>. Acesso em 09 ago. 2016.
- Arantes, J. E. R. 2010. Do Padre Pelágio ao Novo Mundo: uma proposta de etnografia dos “banheirões” nos terminais do eixo Anhanguera, in *Anais do Seminário Internacional Fazendo Gênero 9*, pp. 01-09. Florianópolis, UFSC. Disponível em: <<http://www.fazendogenero.ufsc.br/site/anaisfg9#J>>. Acesso em 14 dez 2016.
- Araújo, A. C. M. de & Soares, Y. de N. G. 1999. Perfil de utilização de repositores protéicos nas academias de Belém, Pará. *Rev. Nut.* 12(1): 5-19. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rn/v12n1/v12n1a07.pdf>>. Acesso em 31 jan. 2017.
- Araújo, D. S. M. S. de & Araújo, C. G. S. de. 2000. Aptidão física, saúde e qualidade de vida relacionada à saúde em adultos. *Rev. Bras. Med. Esporte* 6(5): 194-203. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S1517-86922000000500005>>. Acesso em 07 jun. 2016.
- Araujo, M. da S. 2011. *O corpo atlético da pessoa com deficiência*: uma etnografia sobre corporeidade, emoção e sociabilidade entre nadadores paraolímpicos. Tese de

Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro, RJ.

Assunção, V. K. de. 2014. Etnografando o consumo alimentar: reflexões sobre trabalho de campo, viagem e afetos, in *Etnografias possíveis: experiências etnográficas sobre consumo no ambiente urbano*. Editado por M. E. Goidanich & S. R. Mezabarba, pp. 41-65. Rio de Janeiro: Ponteio.

Barreto Januário, S. M. B. 2009. O homem contemporâneo e sua representação social nos media. *Passages de Paris édition spéciale (APEB.fr)* 1: 223-235. Disponível em: <<http://apebfr.org/passagesdeparis/editione2009/portugal/Portugal%20-%20Soraya%20Januario.pdf>>. Acesso em 14 jul. 2016.

_____. 2010. As masculinidades contemporâneas e a sua representação nos media: as revistas de estilo de vida masculina Men's Health com edição em Portugal e Brasil. *BOCC*: 01-16. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/januario-soraya-as-masculinidades-contemporaneas.pdf>>. Acesso em 03 nov. 2016.

_____. 2014. De homem para homem: cultura, imagem e representações masculinas na Publicidade. *Redes.com* (9): 397-428. Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=4718689>>. Acesso em 03 nov. 2016.

_____. & Cascais, A. 2012. O corpo masculino na publicidade: uma discussão contemporânea. *Comunicação e Sociedade* 21: 135-148. Disponível em: <[http://dx.doi.org/10.17231/comsoc.21\(2012\).705](http://dx.doi.org/10.17231/comsoc.21(2012).705)>. Acesso em 03 nov. 2016.

Bauer, M. & Gaskell, G. (Eds.). 2005. *Pesquisa quantitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. Petrópolis: Vozes.

Becker, H. S. 2008. *Outsiders: estudos de sociologia do desvio*. 1.ed. Tradução de M. L. X. de Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

Bento, B. 1999. A (re)construção da identidade masculina. *Revista de Ciências Humanas* (26): 33-50. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/revistacfh/article/view/23834>>. Acesso em 25 jun. 2016.

_____. 2006. *A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual*. Rio de Janeiro: Garamond.

_____. 2012. *Homem não tece a dor: queixas e perplexidades masculinas*. Natal, RN: EDUFRN.

Berger, M. 2008. As chaves do templo. *Ponto Urbe* 2: 1-14. Disponível em: <<http://pontourbe.revues.org/1915>>. Acesso em 28 jul. 2016.

_____. 2010. "Felicidade é entrar num vestido P": o culto ao corpo na sociedade urbana contemporânea. *Cadernos de campo* (19): 69-90. São Paulo: Departamento de Antropologia/FFLCH/USP.

- Berger, P. & Berger, B. 2012. Socialização: Como ser um membro da sociedade, in *Sociologia e sociedade*. Editado por M. M. Foracchi & J. de S. Martins, pp. 169-181. Rio de Janeiro: LTC.
- Berque, A. 1998. Paisagem-marca, paisagem-matriz: elementos da problemática para uma geografia cultural, in *Paisagem, tempo e cultura*. Editado por R. L. Corrêa & Z. Rosendahl, pp. 84-91. Rio de Janeiro: EdUERJ.
- Boltanski, L. 2004. *As classes sociais e o corpo*. 3. ed. Tradução de R. A. Machado. São Paulo: Paz e Terra.
- Bonadio, M. C. 2015. O corpo vestido, in *Sobre a pele*. Imagens e metamorfoses do corpo. Editado por F. R. Marquetti & P. P. A. Funari, pp. 179-206. São Paulo: Intermeios; Fapesp, Campinas: Unicamp.
- Borofsky, R. 2005. *Yanomami: the fierce controversy and what we can learn from it*. Berkeley: University of California Press.
- Bourdieu, P. 2014. *A dominação masculina*. Tradução de M. H. Kühner. Rio de Janeiro: BestBolso.
- Brah, A. 2006. Diferença, diversidade, diferenciação. *Cadernos Pagu* (26): 329-376. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cpa/n26/30396.pdf>>. Acesso em 27 nov. 2013.
- Braz, C. A. de. 2007. Nem toda nudez será castigada: sexo, fetiche e s/m entre homens em São Paulo. *Ponto Urbe* 1: 01-15. Disponível em: <<http://pontourbe.revues.org/1213>>. Acesso em 19 mai. 2017.
- _____. 2008. (Dis)posições: gênero, desejo, práticas sexuais e marcadores de diferença entre homens que freqüentam clubes de sexo, in. *Anais da XXVI Reunião Brasileira de Antropologia*, pp. 21-25. Disponível em: <http://www.abant.org.br/conteudo/ANAIS/CD_Virtual_26_RBA/grupos_de_trabalho/trabalhos/GT%2028/Camilo%20Albuquerque%20de%20Braz.pdf>. Acesso em: 06 dez. 2012.
- _____. 2009. Vestido de antropólogo: nudez e corpo em clubes de sexo para homens. *Bagoas* (3): 75-95. Disponível em: <http://www.cchla.ufrn.br/bagoas/v02n03art04_braz.pdf>. Acesso em 27 nov. 2013.
- _____. 2010. *À meia luz: uma etnografia imprópria em clubes de sexo masculino*. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade Estadual de Campinas, SP.
- Butler, J. 2002. *Cuerpos que importan: sobre los limites materiales y discursivos del "sexo"*. Tradução de A. Bixio. Buenos Aires: Paidós.
- _____. 2003. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Tradução de R. Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Camargo, W. X. de. 2012. *Circulando entre práticas esportivas e sexuais: etnografia em competições esportivas mundiais LGBT's*. Tese de Doutorado. Programa de Pós-

Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, SC.

_____. 2014. Notas etnográficas sobre vestiários e a erotização de espaços esportivos. *Revista Ártemis* XVII (1): 61-75. Disponível em: <DOI: <http://dx.doi.org/10.15668/1807-8214/artemis.v17n1p61-75>>. Acesso em 14 dez 2016.

Canevacci, M. 1993. *A cidade polifônica: ensaio sobre a antropologia da comunicação urbana*. Tradução de C. Prada. São Paulo: Studio Nobel.

Caponi, S. 2003. A saúde como objeto de reflexão filosófica, in *A saúde em debate na educação física*. Editado por M. Bagrichevsky; A. Palma & A. Estevão, pp. 115-136. Blumenal, SC: Edibes.

Cardoso de Oliveira, R. 2014. “Égua”, é a hora do intervalo na TV: marcadores sociais da diferença, consumidores/as e publicidade produzida em Belém do Pará. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Universidade Federal do Pará, Belém.

Cardoso, S. 1988. O olhar viajante (do etnólogo), in *O olhar*. Editado por A. Novaes, pp. 347-360. São Paulo: Companhia das Letras.

Carol, A. 2013. A virilidade diante da medicina, in *História da virilidade: a virilidade em crise? Séculos XX-XXI*. Editado por A. Corbin, J.-J. Courtine & G. Vigarello, pp. 35-81. Tradução de N. C. de M. Sobrinho & T. de A. e L. Florêncio. Petrópolis, RJ: Vozes.

Carrara, S.; Russo, J. A. & Faro, L. 2009. A política de atenção à saúde do homem no Brasil: os paradoxos da medicalização do corpo masculino. *Physis* 19(3): 659-678. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0103-73312009000300006>>. Acesso em 23 fev. 2017.

Carvalho, R. O. 2013. A estética e a ética Emo: a moda andrógina, in *Anais do VI Congresso de Estudantes de Pós-Graduação em Comunicação*, pp. 01-15. Rio de Janeiro: UERJ. Disponível em: <<http://www.coneco.uff.br/content/anais>>. Acesso em 01 ago. 2016.

Casotti, L.; Ribeiro, A.; Santos, C. & Ribeiro, P. 1998. Consumo de alimentos e nutrição: dificuldades práticas e teóricas. *Cadernos de Debate* 6: 01-11. Disponível em: <<http://www.unicamp.br/nepa/publicacoes/san/1998/VI/docs/consumo-de-alimentos-e-nutricao-dificuldades-praticas-e-teoricas.pdf>>. Acesso em 31 jan. 2017.

Castro, A. L. de. 2001. *Culto ao corpo e sociedade: mídia e cultura de consumo e estilos de vida*. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade Estadual de Campinas, SP.

Cesaro, H. L. de. 2012. *Os “alquimistas” da Vila: masculinidades e práticas corporais de hipertrofia numa academia de Porto Alegre*. Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

Chaves, J. 2010. *Corpo “sarado”, corpo “saudável”?* Construção da masculinidade de homens adeptos da prática da musculação na cidade de Salvador. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva, Universidade Federal da Bahia, Salvador.

Clifford, J. & Marcus, G. E. (Eds.). 1991. *Retóricas de la Antropología*. Tradução de J. L. Moreno-Ruíz. Madrid: Júcar Universidad.

Coelho, R. 2016. Portugal é um dos principais exportadores de esteroides ilegais. *Diário de Notícias* [online]. Disponível em: <<http://www.dn.pt/sociedade/interior/portugal-e-um-dos-principais-exportadores-de-esteroides-ilegais-5023961.html>>. Acesso em 01 fev. 2017.

Coffey, J. 2015. ‘As long as I’m fit and a healthy weight, I don’t feel bad’: exploring body work and health through the concept of ‘affect’. *Journal of Sociology* 51(3): 613-627. Disponível em: <<http://jos.sagepub.com/content/51/3/613>>. Acesso em 07 jun. 2016.

Connell, R. 1995. Políticas da masculinidade. Tradução de T. T. da Silva. *Educação & Realidade* 20(2): 185-206.

_____. & Messerschmidt, J. W. 2013. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. *Estudos Feministas* 21(1): 241-282. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0104-026X2013000100014>>. Acesso em 04 mar. 2015.

_____. & Pearse, R. 2015. *Gênero: uma perspectiva global*. Tradução de M. Moschkovich. São Paulo: nVersos.

Costa Neto, F. S. da. 2005. *Banheiros públicos: os bastidores das práticas sexuais*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal.

Costa, J. F. 2004. Notas sobre a cultura somática, in *O vestígio e a áurea: corpo e consumismo na moral do espetáculo*. Editado por _____, pp. 203-242. Rio de Janeiro: Garamond.

Costa, R. G. 2003. Saúde e masculinidade: reflexões de uma perspectiva de gênero. *Rev. bras. Est. Popul.* 20(1): 79-92. Disponível em: <http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/rev_inf/vol20_n1_2003/vol20_n1_2003_7artigo_p79a92.pdf>. Acesso em 23 fev. 2017.

Courtine, J-J. 2013. Robustez na cultura: mito viril e potência muscular, in *História da virilidade: a virilidade em crise? Séculos XX-XXI*. Editado por A. Corbin, _____ & G. Vigarello, pp. 554-577. Tradução de N. C. de M. Sobrinho & T. de A. e L. Florêncio. Petrópolis, RJ: Vozes.

Couto, E. S. 2012. As façanhas dos extremos – O triunfo do corpo nas atividades físicas e esportivas radicais, in *O triunfo do corpo: polêmicas contemporâneas*. Editado por _____ & S. V. Goellner, pp. 161-185. Petrópolis, RJ: Vozes.

Couto, M. T. & Machin, R. 2012. A produção dos corpos masculinos como lócus de cuidado: uma análise de gênero acerca dos profissionais da saúde. *Psicologia*,

Conocimiento y Sociedad 2(2): 84-105. Disponível em: <<http://revista.psico.edu.uy/index.php/revpsicologia/article/view/144>>. Acesso em 31 jan. 2017.

Crapanzano, V. 1991. El dilema de Hermes: la máscara de la subversión en las descripciones etnográficas, in *Retóricas de la Antropología*. Editado por J. Clifford & G. E. Marcus, pp. 91-122. Tradução de J. L. Moreno-Ruiz. Madrid: Júcar Universidad.

Crawford, R. 1980. Healthism and the medicalization of everyday life. *International Journal of Health Services* 10(3): 365-388. Disponível em: <<http://journals.sagepub.com/doi/pdf/10.2190/3H2H-3XJN-3KAY-G9NY>>. Acesso em 01 fev. 2017.

Crenshaw, K. 1991. Mapping the margins: Intersectionality, identity politics, and violence against women of color. *Stanford Law Review* 43(6): 1241-1299. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/1229039>>. Acesso em 20 jun. 2016.

Cruz, E. 1958. *Colonização do Pará*. Belém: INPA.

_____. 1973a. *História do Pará*. Belém: Gov. do Estado do Pará.

_____. 1973b. *História de Belém*. 2.v. Belém: Ed. da UFPA

Cunha e Silva, P. 1999. *O lugar do corpo: elementos para uma cartografia fractal*. Lisboa: Instituto Piaget.

Cunha, R.; Rebello, L. E. F. de S. & Gomes, R. 2012. Como nossos pais? Gerações, sexualidade masculina e autocuidado. *Physis: Rev. de Saúde Col.* 22(4): 1419-1437. Disponível em <<http://dx.doi.org/10.1590/S0103-73312012000400009>>. Acesso em 02 fev. 2016.

Damasceno, V. O.; Vianna, V. R. A; Vianna, J. M.; Lacio, M. Lima, J. R. P. & Novaes, J. S. 2006. Imagem corporal e corpo ideal. *R. bras. Ci. e Mov.* 14(1): 87-96. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.18511/rbcm.v14i2.691>>. Acesso em 23 fev. 2017.

DaMatta, R. 1986. *O que faz o brasil, Brasil?* Rio de Janeiro: Rocco.

_____. 2010. Tem pente aí?: reflexões sobre a identidade masculina. *R. Enfoques* 9(1): 134-151. Disponível em <<http://www.enfoques.ifcs.ufrj.br/pdfs/2010-AGO.pdf>>. Acesso em 27 set. 2012.

Del Priori, M. 2013. Pais de ontem: transformações da paternidade no século XIX, in *História dos homens no Brasil*. Editado por ____ & M. Amantino, pp. 153-184. São Paulo: Editora Unesp.

Diaz Benítez, M. E. 2009. *Nas redes do sexo: bastidores e cenários do pornô brasileiro*. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Museu Nacional, RJ.

Douglas, M. 1991. *Pureza e perigo*. Ensaio sobre as noções de poluição e tabu. Tradução de S. P. da Silva. Lisboa: Edições 70.

Droz, Y. & Miéville-Ott, V. 2005. Le paysage de l'anthropologue, in *La polyphonie du paysage*. Editado por ____ & ____, pp. 05-20. Lausanne, Suíça: Presses polytechniques et universitaires romandes.

Durães Oliveira, P. S.; Araújo, M. A.; Reis, M. P. R. & Barbosa, H. A. 2015. Men's perception about the rectal exam. *Journal of Nursing* 9(5): 7760-7765. Disponível em: <<http://www.revista.ufpe.br/revistaenfermagem/index.php/revista/article/viewArticle/6129>>. Acesso em 23 fev. 2017.

Durán, M. A. 2013. Tempos de saúde, tempos de doença, in *O valor do tempo: quantas horas te faltam ao dia?* Editado por ____, pp. 91-103. Lisboa: Comissão para a Igualdade no Trabalho e no Emprego.

Durkheim, É. 1978. *Émile Durkheim: sociologia*. Editado por J. A. Rodrigues. Tradução de L. N. Rodrigues. São Paulo: Ática.

Edeman, L. 2011. Banheiro dos homens, in *Masculinidades: teoria, crítica e artes*. Editado por F. M. Penteadó & J. Gatti, pp. 255-268. Tradução de J. Gatti. São Paulo: Estação das Letras e Cores.

Enguix, B. 2012. Cultivando cuerpos, modelando masculinidades. *Revista de Dialectología y Tradiciones Populares* LXVII(1): 147-180. Disponível em: <<http://rdtp.revistas.csic.es/index.php/rdtp/article/view/269/269>>. Acesso em 03 nov. 2016.

Estima, C. de C. P.; Philippi, S. T. & Alvarenga, M. dos S. 2009. Fatores determinantes de consumo alimentar: por que os indivíduos comem o que comem? *Rev. Bras. Nutr. Clin.* 24(4): 263-268. Disponível em: <<http://dspace.fsp.usp.br/xmlui/handle/bdfsp/280>>. Acesso em 31 jan. 2017.

Evans-Pritchard, E. E. 2005. Algumas reminiscências e reflexões sobre o trabalho de campo, in *Bruxaria, oráculos e magia entre os Azande*. Editado por ____, pp. 243-255. Tradução de E. Viveiros de Castro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Fausto-Sterling, A. 2001. Dualismos em duelo. *Cadernos Pagu* (17-18): 09-79. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0104-83332002000100002>>. Acesso em 14 jun. 2015.

Favret-Saada, J. 2005. Ser afetado. Tradução de P. Siqueira. *Cadernos de Campo* 13: 155-161. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.11606/issn.2316-9133.v13i13p155-161>>. Acesso em 28 abr. 2015.

Fayh, A. P. T.; Silva, C. V. da; Jesus, F. R. D. de & Costa, G. K. 2013. Consumo de suplementos nutricionais por frequentadores de academias da cidade de Porto Alegre. *Rev. Bras. Ciênc. Esporte* 35(1): 27-37. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0101-32892013000100004>>. Acesso em 01 fev. 2017.

Ferreira, A. M.; Oliveira, A. B. de.; Maróstica, M. R.; Silva, M. das D. R. da.; Rocha, O. A. C.; Kherlakian, R. & Alvarenga, M. L. 2015. Taxa de sudorese e condição hídrica em atletas de natação. *Rev. Bras. Nut. Esportiva* 9(15): 247-254. Disponível em: <<http://www.rbne.com.br/index.php/rbne/article/view/535>>. Acesso em 01 fev. 2017.

Ferreira, L. G. 2012. *O lugar de ver relíquias e contar histórias: o museu presente/ausente na Vila de Joanes, Ilha do Marajó – Pará*. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-Graduação em Antropologia. Universidade Federal do Pará, Belém.

Ferreira, V. A.; Silva, A. E.; Rodrigues, C. A. A.; Nunes, N. L. A.; Vigato, T. C. & Magalhães, R. 2010. Desigualdade, pobreza e obesidade. *Ciência & Saúde Coletiva* 15(Suppl. 1): 1423-1432. Disponível em: <<https://dx.doi.org/10.1590/S1413-81232010000700053>>. Acesso em 31 jan. 2017.

Ferreira, V. S. 2008. *Marcas que demarcam: tatuagem, body piercing e culturas juvenis*. Lisboa: ICS.

_____. 2011. Pesos, halteres e sentidos dos corpos (h)alterados: um século de musculação em Portugal, in *Uma história do desporto em Portugal*, vol. III – Classes, Associativismo e Estado. Editado por J. Neves & N. Domingos, pp. 231-257. Vila do Conde: QuidNovi.

_____. 2013. Resgates sociológicos do corpo: esboço de um percurso conceptual. *Análise Social* XLVIII(208): 494-528. Disponível em <http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/AS_208_a01.pdf>. Acesso em 06 mai. 2015.

Fontes, E. (Ed.). 2003. *Contando a história do Pará: da conquista à sociedade da Borracha* (séc. XVI – XIX). 3.v. Belém: E. Motion.

Foucault, M. 1979. *Microfísica do poder*. Tradução de R. Machado. Editado por _____. Glória, RJ: Edições Graal.

_____. 1985. *História da sexualidade 3: o cuidado de si*. Tradução de M. T. da C. Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal.

_____. 1997. *Resumo dos cursos no Collège de France (1970-1982)*. Tradução de A. Daher. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

_____. 2006a. *Hermenêutica do sujeito*. 2.ed. Tradução M. A. da Fonseca & S. T. Muchail. São Paulo: Martins Fontes.

_____. 2006b. *O poder psiquiátrico: curso dado no Collège de France (1973-1974)*. Tradução de E. Brandão. São Paulo: Martins Fontes.

_____. 2008. *Tecnologías del yo*. Tradução de M. Allendesalazar. Buenos Aires, Argentina: Paidós.

_____. 2010. O corpo dos condenados, in *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. 38.ed. Tradução de R. Ramalhe, pp. 9-33. Rio de Janeiro: Vozes.

França, I. L. 2007. Sobre “guetos” e “rótulos”: tensões no mercado GLS na cidade de São Paulo. *Cadernos Pagu* (28): 227-255. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cpa/n28/11.pdf>>. Acesso em 08 jul. 2016.

Franco, F. de F. 2011. Práticas de olhar e organização espacial: revisitando os vestiários do YMCA de Montreal, in *Anais II Seminário Enlaçando Sexualidades*, pp. 01-13. Salvador: EDUNEB. Disponível em:

<<http://www.uneb.br/enlacandosexualidades/2012/07/06/anais-ii-seminario-enlacando-sexualidades/>>. Acesso em 14 dez. 2016.

Freeman, D. 1984. *Margaret Mead and Samoa: the making and unmaking of na anthropological myth*. Nova York: Penguin Books.

Freire, M. M. de L. 2009. Higienizando corpos, mentes e lares, in *Mulheres, mães e médicos*. Editado por _____, pp. 147-203. Rio de Janeiro: Editora FGV.

Freitas, L. F. de. 2009. Nem por beleza, nem por vaidade: discursos sobre masculinidade e depilação masculina. *Enfoques* 8(1): 68-81. Disponível em: <<http://www.enfoques.ifcs.ufrj.br/ojs/index.php/enfoques/article/view/92/84>>. Acesso em 20 out. 2016.

Furtado, E. T. F.; Faria, R. de C. O.; Costa, A. P.; Miamoto, J. de B. M. & Abreu, W. C. 2016. Hidratação em nadadores. *Rev. bras. Nut. Esportiva* 10(58): 381-389. Disponível em: <<http://www.rbne.com.br/index.php/rbne/article/view/654>>. Acesso em 01 fev. 2017.

Gaiarsa, J. A. 1989. *O que é pênis*. 2.ed. São Paulo: Editora Brasiliense.

Garcia, W. 2004. O corpo contemporâneo: a imagem do metrosssexual no Brasil. *Mneme – Rev. vir. Hum.* 5 (11): 01-15. Disponível em <<http://www.cerescaico.ufrn.br/mneme/pdf/mneme11/097.pdf>>. Acesso em 10 mar. 2011.

_____. 2005. A imagem do metrosssexual no Brasil, in *Corpo, mídia e representação: estudos contemporâneos*. Editado por _____, pp. 101-122. São Paulo: Pioneira Thomson Learning.

_____. 2011. *O metrosssexual no Brasil: estudos contemporâneos*. São Paulo: Factash Editora.

Gaspar Neto, V. V. 2012. *A outra face do crânio: Antropologia biológica no Brasil hoje*. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Antropologia. Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ.

Gatti, J. 2011a. Prefácio: Notas sobre masculinidades, in *Masculinidades: teoria, crítica e artes*. Editado por F. M. Penteadó & _____, pp. 09-23. São Paulo: Estação das Letras e Cores.

_____. 2011b. Duelo de titãs: Sandow e Schwarzenegger, in *Masculinidades: teoria, crítica e artes*. Editado por F. M. Penteadó & _____, pp. 223-237. São Paulo: Estação das Letras e Cores.

Geertz, C. 2008. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC.

Gil, A. C. 1991. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. São Paulo: Atlas.

_____. 2002. *Como elaborar projetos de pesquisa*. São Paulo: Atlas.

Gil, J. 2006. *Monstros*. Tradução de J. L. Luna. Lisboa: Relógio D'Água Editores.

Godoy, A. R. B. de; Maciel, C. L. S. & Avelino, J. C. 2011. *A percepção do homem em relação ao exame da próstata*. Monografia de Conclusão de Curso. Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, Universidade São Francisco, Bragança Paulista.

Goellner, S. V. & Silva, A. L. dos S. 2012. Biotecnologia e neoeugenia – Olhares a partir do esporte e da cultura *fitness*, in *O triunfo do corpo: polêmicas contemporâneas*. Editado por E. S. Couto & S. V. Goellner, pp. 187-210. Petrópolis, RJ: Vozes.

Goffman, E. 2008. Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. 4.ed. Tradução de M. B. de M. L. Nunes. Rio de Janeiro: LTC.

Góis Jr., E. 2015. O esporte e a modernidade no Brasil (práticas corporais no século XIX e início do século XX), in *Sobre a pele. Imagens e metamorfoses do corpo*. Editado por F. R. Marquetti & P. P. A. Funari, pp. 373-388. São Paulo: Intermeios; Fapesp, Campinas: Unicamp.

Goldenberg, M. & Ramos, M. S. 2002. A civilização das formas: o corpo como valor, in *Nu & Vestido: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca*. 2.ed. Editado por M. Goldenberg, pp. 19-40. Record: Rio de Janeiro.

Gomes. R. 2003. Sexualidade masculina e saúde do homem: proposta para uma discussão. *Ciência & Saúde Coletiva* 8(3): 825-829. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S1413-81232003000300017>>. Acesso em 23 fev. 2017.

Gomes, R.; Nascimento, E. F. do & Araújo, F. C. de. 2007. Por que os homens buscam menos os serviços de saúde que as mulheres? As explicações de homens com baixa escolaridade e homens com ensino superior. *Cad. Saúde Pública* 23(3): 565-574. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0102-311X2007000300015>>. Acesso em 06 mai. 2015.

Gomes, R.; Nascimento, E. F. do; Rebello, L. E. F. de S. & Araújo, F. C. de. 2008. As arranhaduras da masculinidade: uma discussão sobre o toque retal como medida de prevenção do câncer prostático. *Ciência & Saúde Coletiva* 13(6): 1975-1984. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S1413-81232008000600033>>. Acesso em 31 jan. 2017.

Gomes, R.; Rebello, L. E. F. de S. & Nascimento, E. F. do. 2010. Medos sexuais masculinos e política de saúde do homem: lacunas e desafios, in *Homens e masculinidades: práticas de intimidade e políticas públicas*. Editado por B. Medrado et al., pp. 95-108. Recife: Instituto PAPAÍ.

Gontijo, F. 2007. Carioquice ou carioquidade? Ensaio etnográfico das imagens identitárias cariocas, in *Nu & Vestido: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca*. 2.ed. Editado por M. Goldenberg, pp. 41-77. Record: Rio de Janeiro.

Goston, J. L. & Correia, M. I. T. D. 2009. Suplementos nutricionais: histórico, classificação, legislação e uso em ambiente esportivo. *Nutrição em Pauta*: 01-07. Disponível em: <http://www.janainagoston.com/artigos/09_ESPORTE_2a_via.pdf>. Acesso em 01 fev. 2017.

Graham, K.; Treharne, G. J.; Ruzibiza, C. & Nicolson, M. 2015. The importance of health(ism): a focus group study of lesbian, gay, bisexual, pansexual, queer and

transgender individuals' understandings of health. *Journal of Health Psychology* (11): 1-11. Disponível em: <<http://hpq.sagepub.com/content/early/2015/08/22/1359105315600236>>. Acesso em 25 fev. 2016.

Gregori, M. F. 2004. Prazer e perigo: notas sobre feminismo, sex-shops e S/M. *Quaderns-e de l'Institut Català d'Anthropologia* (4): 01-23. Disponível em: <<http://www.raco.cat/index.php/QuadernseICA/article/view/51432/124510>>. Acesso em 24 mai. 2017.

Gualrado, S. 2012. Atividade física ou exercício físico? Há diferença? *Portal da Educação Física* [online]. Disponível em <<http://www.educacaofisica.com.br/noticias/atividade-fisica-ou-exercicio-fisico-ha-diferenca-1/>>. Acesso em 07 jun. 2016.

Halberstam, J. 2008. *Masculinidad feminina*. Tradução de J. Sáez. Barcelona/Madrid, Espanha: Editorial Egales.

Hall, E. T. 1986. *A dimensão oculta*. Tradução de M. S. Pereira. Lisboa, Portugal: Relógio D'Água Editores.

Hannerz, U. 1997. Fluxos, fronteiras, híbridos: palavras-chave da Antropologia transnacional. Tradução de V. Pereira. *Mana* 3(1): 7-39. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/mana/v3n1/2454.pdf>>. Acesso em 23 jan. 2014.

Hansen, R. & Vaz, A. F. 2004. Treino, culto e embelezamento do corpo: um estudo em academias de ginástica e musculação. *Rev. Bras. Cienc. Esporte* 26(1): 135-152. Disponível em: <<http://www.revista.cbce.org.br/index.php/RBCE/article/view/109>>. Acesso em 07 jun. 2016.

Haraway, D. 2000. Manifesto ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX, in *Antropologia do ciborgue – as vertigens do pós-humano*. Tradução e editado por T. T. da Silva, pp. 39-129. Belo Horizonte: Autêntica.

Hill, M. 2012. Onde está o pênis? *Rev. UFMG* 19(1-2): 112-123. Disponível em: <https://www.ufmg.br/revistaufmg/pdf/REVISTA_19_web_112-123.pdf>. Acesso em 19 mai. 2017.

Humphreys, L. 1976. A transação da sala de chá: sexo impessoal em lugares públicos, in *A observação sociológica: uma estratégia para um novo conhecimento social*. Tradução de L. F. D. Duarte. Editado por M. W. Riley & E. E. Nelson, pp. 148-160. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

Iriart, J. A. B.; Andrade, T. M. de. 2002. Musculação, uso de esteróides anabolizantes e percepção de risco entre jovens fisiculturistas de um bairro popular de Salvador, Bahia, Brasil. *Cad. Saúde Pública* 18(5): 1379-1387. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0102-311X2002000500031>>. Acesso em 04 jul. 2015.

Iriart, J. A. B.; Chaves, J. C. & Oleans, R. G. de. 2009. Culto ao corpo e uso de anabolizantes entre praticantes de musculação. *Cad. Saúde Pública* 25(4): 773-782. Disponível em: <<http://www.scielosp.org/pdf/csp/v25n4/08.pdf>>. Acesso em 04 jul. 2015.

- Jomori, M. M.; Proença, R. P. da C. & Calvo, M. C. M. 2008. Escolha alimentar: a questão de gênero no contexto da alimentação fora de casa. *Cad. Espaço Feminino* 19(1): 369-384. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/nequem/article/view/2116>>. Acesso em 31 jan. 2017.
- Jones, W. E. 2011. Caça às bruxas no banheiro, in *Masculinidades: teoria, crítica e artes*. Editado por F. M. Penteadó & J. Gatti, pp. 241-153. Tradução de J. Gatti. São Paulo: Estação das Letras e Cores.
- Kazapi, I. M. & Ramos, L. A. Z. 1998. Hábitos e consumo alimentares de atletas nadadores. *Rev. Nut.* 11(2): 117-124. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S1415-52731998000200002>>. Acesso em 31 jan. 2017.
- Klanovicz, L. R. F. 2010. De Gabriela a Juma – imagens eróticas femininas nas telenovelas brasileiras. *Estudos Feministas* 18(1): 141-159. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ref/v18n1/v18n1a08>>. Acesso em 25 mai. 2017.
- Kimmel, M. S. 1998. A produção simultânea de masculinidades hegemônicas e subalternas. Tradução de A. F. Leal. *Horizontes Antropológicos* 4(9): 103-117.
- Kronka, G. Z. 2005. *A encenação do corpo: o discurso de uma imprensa (homo)erótico-pornográfica como prática intersemiótica*. Tese de Doutorado. Instituto de Estudos da Linguagem. Universidade de Campinas, São Paulo.
- Laplantine, F. 2010. *Antropologia da doença*. 4.ed. Tradução de V. L. Siqueira. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes
- Laqueur, T. W. 2001. *Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud*. Tradução de V. Whately. Rio de Janeiro: Relume Dumará.
- Lauretis, T. de. 1994. A tecnologia do gênero, in *Tendências e impasses – o feminismo como crítica da cultura*. Editado por H. B. de Hollanda, pp. 206-242. Tradução de S. Funck. Rio de Janeiro: Rocco.
- Le Breton, D. 2007. *A sociologia do corpo*. 2.ed. Tradução de S. M. S. Fuhrmann. Petrópolis: Vozes.
- _____. 2008. *Adeus ao corpo: Antropologia e sociedade*. 3.ed. Tradução de M. Appenzeller. Campinas, SP: Papyrus.
- _____. 2012. Individualização do corpo e tecnologias contemporâneas, in *O triunfo do corpo: polêmicas contemporâneas*. Editado por E. S. Couto & S. V. Goellner, pp. 15-32. Tradução de F. Morás. Petrópolis, RJ: Vozes.
- _____. 2013. *Antropologia da dor*. Tradução de I. D. Poleti. São Paulo: Fap-Unifesp.
- Longhini, G. D. N. & Silva, K. M. da. 2013. Arquitetura material-simbólica dos banheiros: entre (des)construções da heteronormatividade, in *Anais do Desfazendo Gênero*. Editado por B. Bento, A. V. Félix-Silva, pp. 258-279. Natal, RN: EDUFRN.

Lopes, P. F. de C. 2007. Telenovela – o erotismo como produtor de sentidos, in *Anais do I Colóquio Brasil-Chile de Ciências da Comunicação*, pp. 01-15. Disponível em: <http://ica2012.uc.cl/prontus_fcom/site/artic/20070416/asocfile/20070416090408/08_paulo_fernando.pdf>. Acesso em 25 mai. 2017.

Lyra, J. 2008. *Homens, feminismo e direitos reprodutivos no Brasil: análise de gênero no campo das políticas públicas (2003-2006)*. Tese de Doutorado. Centro de Pesquisas Aggeu Magalhães. Fundação Oswaldo Cruz, Recife-PE.

_____; Medrado, B.; Barreto, A. F. & Azevedo, M. 2012. Homens e gênero: desafios na construção de uma agenda de política de saúde. *Bol. Inst. Saúde* 14(1): 07-15. Disponível em: <<http://periodicos.ses.sp.bvs.br/pdf/bis/v14n1/v14n1a01.pdf>>. Acesso em 24 abr. 2017.

Machado, P. S. 2005. O sexo dos anjos: um olhar sobre a anatomia e a produção do sexo (como se fosse) natural. *Cadernos Pagu* (24): 249-281. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cpa/n24/n24a12.pdf>>. Acesso em 20 jun. 2016.

Machado-Moreira, C. A.; Vimieiro-Gomes, A. C.; Silami-Garcia, E. & Rodrigues, L. O. C. 2006. Hidratação durante o exercício: a sede é suficiente? *Rev. Bras. Med. Esporte* 12(6): 405-409. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbme/v12n6/a20v12n6.pdf>>. Acesso em 01 fev. 2017.

Maffesoli, M. 2004. Da pós-medievalidade à pós-modernidade, in *Notas sobre a pós-modernidade: o lugar faz o elo*. Editado por _____, pp. 09-33. Tradução de V. Ribeiro. Rio de Janeiro: Atlântica Editora.

Maia, D. 2000. Rumos da Antropologia no mundo contemporâneo: tendências metodológicas e teóricas. *Revista Mediações* 5(2): 125-151. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/mediacoes/article/view/9163/7759>>. Acesso em 04 nov. 2013.

Malinowski, B. 1976. *Argonautas do Pacífico Ocidental*. Tradução de A. P. Carr & L. A. C. Mendonça. São Paulo: Abril Cultural.

_____. 1983. *A vida sexual dos selvagens do noroeste da Melanésia: descrição etnográfica do namoro, do casamento e da vida de família entre os nativos das Ilhas Trobriand (Nova Guiné Britânica)*. Tradução de C. Sussekind. Rio de Janeiro: Francisco Alves.

Malysse, S. 2007. Em busca dos (H)alteres-ego: olhares franceses nos bastidores da corpolatria carioca, in *Nu & Vestido: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca*. 2. ed. Editado por M. Goldenberg, pp. 79-137. Rio de Janeiro: Record.

Marques, A. P. F. de S. 2009. *Representações imaginárias atribuídas ao exame do toque retal por homens belemenses*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Social. Universidade Federal do Pará, Belém.

Mauss, M. 1974. As técnicas do corpo, in *Sociologia e Antropologia*. Editado por _____, pp. 209-233. Tradução de M. W. B. de Almeida & L. Puccinelli. São Paulo: EPU/EdUSP.

Mead, M. 1961. *Adolescencia y cultura en Samoa*. 2.ed. Tradução de E. D. Yoffe. Buenos Aires: Paidós.

Melo, V. 2011. O corpo esportivo nas searas tupiniquins, in *História do corpo no Brasil*. Editado por M. Del Priore & M. Amantino, pp. 507-529. São Paulo: Editora Unesp.

_____. 2013. Novas *performances* públicas masculinas: o esporte, a ginástica, a educação física (século XIX), in *História dos homens no Brasil*. Editado por M. Del Priore & M. Amantino, pp. 119-152. São Paulo: Editora Unesp.

Miguel, R. de B. P. 2012. Os cuidados de si e os cuidados do outro: lugares de gênero na publicidade da revista Capricho (décadas de 1950-1960). *Projeto História* (45): 219-246. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/viewFile/15013/11207>>. Acesso em 01 jul. 2016.

Minayo, M. C. de S. 2000. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. São Paulo/Rio de Janeiro: HUCITEC/ABRASCO.

Miskolci, R. 2013. Machos e Brothers: uma etnografia sobre o armário em relações homoeróticas masculinas criadas on-line. *Estudos Feministas* 21(1): 301-324. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0104-026X2013000100016>>. Acesso em 04 fev. 2014.

Montesinos, R. 2007. Ensayando sobre nuevas tipologias de la masculinidade, in *Reflexiones sobre masculinidades y empleo*. Editado por M. L. J. Guzmán & O. T. G., pp. 181-204. Cuernavaca, México: UNAM, Centro Regional de Investigaciones Multidisciplinarias.

Morais, V. M. de. 2015. *Coisa de macho*: representações de masculinidades em uma barbearia curitibana. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Tecnologia. Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba.

Moreira, M. D. B. & Ramos, M. R. 2013. Efeito da música sobre o número de repetições em exercício contra-resistido. *Rev. Cient. da FAMINAS* 9(3): 47-55. Muriaé, Belo Horizonte: Editora FAMINAS.

Morriss-Roberts, C. 2013. *Big and pumped*: embodied masculinity in homosocial sporting environments. Tese de Doutorado. School of Heath, Sport and Biosciences, University of East London, Reino Unido.

Nascimento, P. F. G. do. 1999. “*Ser homem ou nada*”: diversidade de experiências e estratégias de atualização do modelo hegemônico da masculinidade em Camaragibe/PE. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Antropologia. Universidade Federal de Pernambuco, Recife.

Nasio, J.-D. 1995. *Lições sobre os sete conceitos cruciais da psicanálise*. Tradução de V. Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

Nunes, A. R. & Paulino, A. G. 2013. O banheiro da escola: as contradições de ambientes de proibições, experiências e descobertas, in *Anais do Seminário*

Internacional Fazendo Gênero 10. Florianópolis, UFSC. Disponível em: <<http://www.fazendogenero.ufsc.br/site/anaisfg9>>. Acesso em 14 dez 2016.

Obeyesekere, G. 1994. *The apotheosis of Captain Cook: European myth making in the Pacific*. Princeton: Princeton University Press.

Oliveira Júnior, E. B. de. 2014. *Metrossexual em cena: a vaidade masculina a partir das telenovelas*. Curitiba: Appris.

_____. 2015. Ser metrossexual é ser gay? Analisando práticas e percepções do modo de ser metrossexual, in *Raça, etnicidade, sexualidade e gênero: em perspectiva comparada*. Editado por C. D. Cancela, L. Moutinho & J. A. Simões. São Paulo: Terceiro Nome.

____ & Cancela, C. D. 2012. Que corpo é esse? O metrossexual em debate. *Rev. NUFEN* 4(1): 20-33. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-25912012000100003>. Acesso em 14 jul. 2016.

____ & _____. 2013. Imagens e representações de masculinidades nas telenovelas. *OP SIS* 13(2): 189-211. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.5216/o.v13i2.23414>>. Acesso em 14 jul. 2016.

Oliveira, D. C. de. 2013. *Estudo comparativo da qualidade da água em piscinas no município de Porto Velho*. Monografia. Departamento de Educação Física. Universidade Federal de Rondônia, RO.

Oliveira, J. E. D. de & Marchini, J. S. 2008. Nutrologia: especialidade médica. *Rev. Assoc. Med. bras.* 54(6): 471-486. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0104-42302008000600008>>. Acesso em 31 jan. 2017.

Oliveira, M. A. da C. & Leão, A. L. M. de S. 2011. O papel da subjetividade na construção da identidade metrossexual. *ReMark – Rev. bras. Mark.* 10 (1): 177-202. Disponível em: <http://www.revistabrasileirmarketing.org/ojs-2.2.4/index.php/remark/article/viewFile/2210/pdf_46>. Acesso em 17 jul. 2016.

Oliveira, P. P. de. 2004. *A construção social da masculinidade*. Belo Horizonte: EdUFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ.

Ortner, S. 2007. Poder e projetos: reflexões sobre a agência, in *Conferências e diálogos: saberes e práticas antropológicas*. Tradução de S. Campos. Editado por M. P. Grossi, C. Eckert & P. H. Fry, pp. 45-80. Blumenau: Nova Letra. Disponível em <<http://www.abant.org.br/conteudo/livros/ConferenciaseDialogos.pdf>>. Acesso em 05 mai. 2015.

Pacievitch, T. s/d. Médico urologista. *InfoEscola (online)*. Disponível em: <<http://www.infoescola.com/profissoes/medico-urologista/>>. Acesso em 13 fev. 2016.

Paley, M. 2001. *O livro do pênis*. Tradução de T. Antunes. São Paulo: Conrad Editora do Brasil.

Parker, R. G. 1991. *Corpos, prazeres e paixões: a cultura sexual no Brasil contemporâneo*. Tradução de M. T. M. Cavallari. Rio de Janeiro: Editora Best Seller.

Perista, H. 2002. Género e trabalho não pago: os tempos das mulheres e os tempos dos homens. *Análise Social* XXXVII(163): 447-474. Disponível em: <<http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1218732780P9jPM6nt5Ik17YP4.pdf>>. Acesso em 24 abr. 2017.

Perlongher, N. 1987. *O negócio do michê: prostituição viril em São Paulo*. 2.ed. São Paulo: Editora Brasiliense.

Porto, A. de A. & Lins, R. G. 2009. Imagem corporal masculina e a mídia. *Efdeportes.com* 14(132): 01-10. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd132/imagem-corporal-masculina-e-a-midia.htm>>. Acesso em 03 nov. 2016.

Preciado, B. s/d. *Basura y género: Mear/cagar. Masculino/Femenino*, pp. 42-48. Disponível em: <<http://www.amaste.com/amaste/material/06/pdf/basuraygenero.pdf>>. Acesso em 19 mai. 2017.

Proença, I. G. M. C. 2012. “*O peso da forma*” – Uma reflexão sobre o culto do músculo: saúde ou doença? Dissertação de Mestrado. Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar. Universidade do Porto, Portugal.

Puccinelli, B. 2010. O shopping Frei Caneca e a rua gay de São Paulo: uma abordagem etnográfica, in *Anais do Seminário Internacional Fazendo Género 9*, pp. 01-10. Florianópolis, UFSC. Disponível em: <<http://www.fazendogenero.ufsc.br/site/anaisfg9#J>>. Acesso em 14 dez. 2016.

Ramos, P. F. 2010. *Emo, o filho bastardo do Punk: análise antropológica de dois ethus grupais*. Trabalho de Conclusão de Curso. Faculdade de Ciências Sociais, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará, Belém.

Raspanti, M. P. 2013. O que “eles” vestem: moda, vaidade e masculinidade no Brasil, in *História dos homens no Brasil*. Editado por M. Del Priore & M. Amantino, pp. 185-212. São Paulo: Editora Unesp.

Rial, C. 2003. Pesquisando em uma grande metrópole: fast-foods e *studios* em Paris, in *Pesquisas urbanas: desafios do trabalho antropológico*. Editado por G. Velho & K. Kuschnir, pp. 69-98. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

Ribeiro, C. R. S. 2011. *Sexualidade, corpo e saúde masculinos: transformações e permanências nos discursos de homens e da revista Men's health*. Tese do doutorado. Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, RJ.

Ribeiro Neto, F. M. 2015. *Encenando masculinidades: uma etnografia sobre strip-tease, construção de corpos, performances masculinas no filme Magic Mike*. Trabalho de Conclusão de Curso. Faculdade de Ciências Sociais, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará, Belém.

Rocha, A. L. C. da & Eckert, C. 2013. A fabricação das paisagens, os jogos da memória e os trabalhos da imaginação criadora, in *Antropologia da e na cidade: interpretação sobre as formas da vida urbana*, pp. 209-235. Porto Alegre: Marcavíual.

Rodrigues, E. P. P. 2013. *Dar corpo ao gênero: uma análise sociológica das masculinidades*. Tese de Doutorado. Departamento de Sociologia. Instituto Universitário de Lisboa, Portugal.

Rodrigues, J. C. 2006. *Tabu do corpo*. 7.ed. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ.

Rohden, F. 2014. Mulher cuidadora, homem arredio: diferenças de gênero na produção da saúde masculina. *Anuário Antropológico* 39(1): 125-150. Disponível em: <<https://aa.revues.org/658#quotation>>. Acesso em 31 jan. 2017.

Romero, A.; Stipp, J. R.; Cavalieri, I.; Ribeiro, M. C. & Modenez, S. 2007. Tamanho de pênis. Inquietações masculinas e soluções. *Rev. Bras. Sex. Hum.* 18(1): 71-86. Disponível em: <<http://www.sbrash.org.br/revistas/rbsh/sbrash/tamanho-de-penis-inquietacos-masculinas-e-solucoes>>. Acesso em 10 mar. 2015.

Sabino, C. 2000. Musculação: expansão e manutenção da masculinidade, in *Os novos desejos: das academias de musculação às agências de encontros*. Editado por M. Goldenberg, pp. 61-103. Rio de Janeiro: Record.

_____. 2004. *O peso da forma*. Cotidiano e uso de drogas entre fisiculturistas. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia. Universidade Federal do Rio de Janeiro, RJ.

_____. 2007. Anabolizantes: drogas de Apolo, in *Nu & Vestido: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca*. 2. ed. Editado por M. Goldenberg, pp. 139-188. Rio de Janeiro: Record.

Sahlins, M. 1997. *Ilhas de História*. Tradução de B. Sette. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

_____. 2001. *Como pensam os "nativos"*: sobre o Capitão Cook, por exemplo. Tradução de S. Vasconcelos. São Paulo: EdUSP.

Santana, L. D. B. 2014. *A influência da música na prática da musculação*. Monografia de Conclusão de Curso. Departamento de Educação Física, Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande.

Santos, K. A. L. R. dos. 2013. *A importância da limpeza da água de piscina para a saúde dos banhistas*. Monografia. Tecnologia em Processos Químicos. Faculdade de Pindamonhangaba, São Paulo.

Santos, L. A. da S. 2010. Da dieta à reeducação alimentar: algumas notas sobre o comer contemporâneo a partir dos programas de emagrecimento na Internet. *Physis* 20(2): 459-474. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0103-73312010000200007>>. Acesso em 31 jan. 2017.

Santos, S. F. dos & Salles, A. D. 2009. Antropologia de uma academia de musculação: um olhar sobre o corpo e um espaço de representação social. *Rev. bras. Educ. Fís. Esporte* 23(2): 87-102. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S1807-55092009000200001>>. Acesso em 21 jul. 2016.

Sarges, M. de N.; Sousa, F. de; Matos, M. I.; Vieira Junior, A. O. & Cancela, C. D. (Eds.). 2010. *Entre mares: o Brasil dos portugueses*. Belém: Paka-Tatu.

Sarti, C. 2001. A dor, o indivíduo e a cultura. *Saúde soc.* 10(1): 03-13. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0104-12902001000100002>>. Acesso em 24 abr. 2017.

_____. & Duarte, L. F. D. 2013. Introdução, in *Antropologia e ética: desafios para a regulamentação*. Editado por _____ & _____, pp. 9-30. Brasília: ABA.

Savage, J. 2009. *A criação da juventude: como conceito de teenage revolucionou o século XX*. Tradução de T. M. Rodrigues. Rio de Janeiro: Rocco.

Schama, S. 1996. *Paisagem e memória*. Tradução de H. Feist. São Paulo: Companhia das Letras.

Scliar, M. 2007. História do conceito de saúde. *PHYSIS: Rev. Saúde Coletiva* 17(1): 29-41. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/physis/v17n1/v17n1a03.pdf>>. Acesso em 01 fev. 2016.

Serra, G. M. A & Santos, E. M. dos. 2003. Saúde e mídia na construção da obesidade e do corpo perfeito. *Ciência & Saúde Coletiva* 8(3): 691-701. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/csc/v8n3/17450.pdf>>. Acesso em 01 fev. 2017.

Shipway, R. & Holloway, I. 2016. Health and the running body: notes from an ethnography. *International Review for the Sociology of Sport* 51(1): 78-96. Disponível em: <<http://irs.sagepub.com/content/early/2013/11/20/1012690213509807>>. Acesso em 09 jun. 2016.

Short, D. 2007. The informal regulation of gender: fear and loathing in the locker room. *Journal of Gender Studies* 16(2): 183-186. Disponível em: <http://faculty.uml.edu/kluis/59.240/Short_FearandLoathingintheLockerRoom.pdf>. Acesso em 19 mai. 2017.

Silva, C. T. da. 2002. Sobre a interpretação antropológica: Sahlins, Obeyesekere e a racionalidade havaiana. *Revista de Antropologia* 45(2): 403-416. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ra/v45n2/a04v45n2.pdf>>. Acesso em 27 nov. 2013.

Silva, D. F. A. 2004. *Do outro lado do espelho: anorexia e bulimia para além da imagem – uma etnografia virtual*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade Estadual de Campinas, SP.

Silva, K., Longhini, G. D. N. & Fernandes, F. B. 2014. Arquitetura material-simbólica dos banheiros: funcionalidade a quem? *Revista Pensata* 4(1): 01-21. Disponível em: <http://www2.unifesp.br/revistas/pensata/wp-content/uploads/2011/03/05-Dossi%C3%AA21.pdf>>. Acesso em 10 jul. 2015.

Silva, S. R. da. 2014. Do medo ao encontro etnográfico: etnografando práticas de consumo de telefones celulares em um bairro popular, in *Etnografias possíveis: experiências etnográficas sobre consumo no ambiente urbano*. Editado por M. E. Goidanich & S. R. Mezabarba, pp. 113-140. Rio de Janeiro: Ponteio.

Silva, V. G. de. 2000. *O antropólogo e sua magia: trabalho de campo e texto etnográfico nas pesquisas antropológicas sobre religiões afro-brasileiras*. São Paulo: EdUSP.

Silveira, F. L. A. da. 2009. A paisagem com fenômeno complexo, reflexões sobre um tema interdisciplinar, in *Paisagem e cultura: dinâmicas do patrimônio e da memória na atualidade*. Editado por F. L. A. da Silveira & C. D. Cancela, pp. 71-83. Belém: EDUFPA.

Simmel, G. 1983. Sociabilidade – um exemplo de sociologia pura ou formal, in *George Simmel: sociologia*. Editado por E. de Moraes Filho, pp. 165-181. Tradução de E. de Moraes Filho, C. A. Pavanelli, O. E. W. Maas & D. de A. Azevedo. São Paulo: Ática.

Simões, J. A.; França, I. L. & Macedo, M. 2010. Jeitos de corpo: cor/raça, gênero, sexualidade e sociabilidade juvenil no centro de São Paulo. *Cadernos Pagu* (35): 37-78. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0104-83332010000200003>>. Acesso em 10 out. 2012.

Sophia, B. de V. 2010. Anorexia é “coisa de mulher”? Uma análise antropológica sobre masculinidade(s), corpo, doença e estilo de vida, in *Anais do Seminário Internacional Fazendo Gênero* 9, pp. 01-07. Disponível em: <http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1277952588_ARQUIVO_ANOR_EXIAECOISADEMULHER.pdf>. Acesso em 23 fev. 2017.

_____. 2015. A compulsão alimentar como objeto de pesquisa da Antropologia das Emoções. *Intratextos* 6(1): 85-108. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.12957/intratextos.2015.17499>>. Acesso em 23 fev. 2017.

Sousa, M. V. C. de. 2008. *Uso de suplementos nutricionais em desportistas portugueses de alto nível das modalidades de atletismo, natação e triatlo*. Trabalho de Investigação. Faculdade de Ciências da Nutrição e Alimentação, Universidade do Porto, Portugal.

Souza, I. J. de. 1997. “Tribos urbanas” em Belém: Drag Queens – rainhas ou dragões? Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. Universidade Federal do Pará, Belém.

Souza, T. da S. 2012. *Fazer banheirão: as dinâmicas das interações homoeróticas nos sanitários públicos da Estação da Lapa e adjacências*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Universidade Federal da Bahia, Salvador.

Souza, Y. R. de. & Silva, E. R. da. 2010. Efeitos psicofísicos da música no exercício: uma revisão. *Rev. bras. psicol. esporte* 3(2): 33-45. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rbpe/v3n2/v3n2a04.pdf>>. Acesso em 14 dez. 2016.

Steffen, L. 2011. Os pelados das novelas. *iG Gente* [online]. Disponível em: <<http://gente.ig.com.br/tvenovela/os-pelados-das-novelas/n1597092781214.html>>. Acesso em 25 mai. 2017.

Strey, M. N. & Kohn, K. C. 2012. Nas trilhas (des)conhecidas da saúde: a política pública de saúde para os homens no Brasil. *Psicología, Conocimiento y Sociedad* 2(2): 220-239. Disponível em:

<<http://revista.psico.edu.uy/index.php/revpsicologia/article/view/145>>. Acesso em 31 jan. 2017.

Tierney, P. 2002. *Trevas no Eldorado: como cientistas e jornalistas devastaram a Amazônia e violentaram a cultura ianomâmi*. Tradução de B. de Lima. Rio de Janeiro: Ediouro.

Tota, M. 2015. Borborema's Queen: sexo, marcadores sociais e moralidades em uma sauna frequentada por homens em Campina Grande-PB. *Periódicus* 3(1): 203-227. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/doc/293812105/Martinho-Tota-Borborema-s-queen>>. Acesso em 20 jun. 2016.

Turner, T. 1980. The skin social, in *Not work alone*. Editado por J. Chermas, pp. 112-140. Londres: Temple Smith.

Turner, V. 2013. Liminaridade e *communitas*, in *O processo ritual: estrutura e antiestrutura*. 2.ed. Tradução de N. C. de Castro & R. A. Rosenbusch. Editado por _____, pp. 97-126. Petrópolis, RJ: Vozes.

Uriarte, U. M. 2013. Olhar a cidade: contribuições para a etnografia dos espaços urbanos. *Ponto Urbe* 13: 1-13. Disponível em: <<https://pontourbe.revues.org/774>>. Acesso em 14 dez. 2016.

Vale de Almeida, M. 1996. Género, masculinidade e poder: revendo um caso do sul de Portugal. *Anuário Antropológico*, Tempo Brasileiro 95, pp. 161-189.

_____. 2000. *Senhores de si: uma interpretação antropológica da masculinidade*. 2.ed. Lisboa, Portugal: Fim de século.

Vasconcelos, F. de A. G. de. 2002. O nutricionista no Brasil: uma análise histórica. *Rev. Nut.* 15(2): 127-138. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S1415-52732002000200001>>. Acesso em 31 jan. 2017.

Vega, A. P. 2008. *Estilo e marcadores sociais da diferença em contexto urbano: Uma análise da desconstrução de diferenças entre jovens em São Paulo*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Universidade de São Paulo, SP.

Velho, G. 2003. *Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas*. 3.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

_____. 2006. Juventudes, projetos e trajetórias na sociedade contemporânea, in *Culturas jovens: novos mapas do afeto*. Editado por M. I. M. de Almeida & F. Eugênio, pp. 192-200. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

Vigarello, G. 2013. Virilidades esportivas, in *História da virilidade: a virilidade em crise? Séculos XX-XXI*. Editado por A. Corbin, J.-J. Courtine & G. Vigarello, pp. 269-301. Tradução de N. C. de M. Sobrinho & T. de A. e L. Florêncio. Petrópolis, RJ: Vozes.

Vilas-Boas, J. P. 2001. A importância da depilação no rendimento desportivo em natação. *Revista Portuguesa de Ciências do Desporto* 1(2): 65-72. Disponível em:

<http://www.fade.up.pt/rpcd/_arquivo/artigos_soltos/vol.1_nr.2/08.pdf>. Acesso em 03 nov. 2016.

Vintém, J. M. C. 2008. *Diferenças de género e desigualdades sociais na saúde e doença em Portugal*. Tese de Mestrado. Departamento de Sociologia. Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa, Lisboa-Portugal.

Wacquant, L. 1998. Os três corpos do lutador profissional, in *A dominação masculina revisitada*. Editado por D. Lins, pp. 73-96. Tradução de R. L. Ferreira. Campinas, SP: Papyrus.

Wagner, R. 2012. *A invenção da cultura*. Tradução de M. C. de Souza & A, Morales. São Paulo: Cosac Naify.

Wall, K.; Aboim, S. & Cunha, V. 2010. Conclusões: Negociando velhas e novas masculinidades, in *A vida familiar no masculino: negociando velhas e novas masculinidades*. Editado por ____; ____ & ____, pp. 459-471. Lisboa, Portugal: Comissão para a Igualdade no Trabalho e no Emprego.

Welzer-Lang, D. 2001. A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. *Rev. Estud. Fem.* 9(2): 460-482. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0104-026X2001000200008>>. Acesso em 08 mar. 2017.

Woodward, K. 2014. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual, in *Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. Editado por T. T. da Silva, pp. 07-72. Petrópolis, RJ: Vozes.

Apêndice A – Guião de entrevista com os homens que praticam musculação e/ou natação

I. Relação com a musculação/natação e seus espaços

1. Há quanto tempo pratica musculação/natação?
2. Costuma malhar/nadar só ou acompanhado?
3. Pratica outra atividade física além da musculação/natação? Qual? Por quê?
4. Qual o objetivo na academia/natação?
5. Que parte do corpo mais trabalha na academia/natação? Por quê?
6. Nota que os demais homens na academia/natação também têm essa mesma preocupação?
7. Em sua opinião, essa preocupação varia conforme a idade? E em relação à sexualidade?
8. Quais os aparelhos que costuma usar mais? E quais não usa? Por quê?
9. Os homens na academia/natação competem para ver quem treina/nada mais? Por quê?
10. Em sua opinião, os homens têm preocupação de ficar mais malhado que outro colega da musculação/natação?
11. Você já viu situações na musculação/natação de flerte, de trocas de olhares? Era de forma discreta?
12. Como você lida com a dor resultante da prática física?

II. Dietas, suplementação e anabolizantes

1. Faz algum tipo de dieta? Por quê? Qual?
2. Quem prescreveu a dieta?
3. Toma ou já tomou algum produto para ajudar na atividade física? Qual? Quem indicou?
4. Já usou algo injetável para ajudar na atividade física? Se sim, o que e quem indicou?
5. Usa ou já usou anabolizantes? Por quê?
6. Qual a opinião sobre os homens que fazem uso de anabolizantes?

III. Questões relativas à saúde

1. Quando costuma ir ao médico? Por quê?
2. Em qual(is) médico(s) costuma ir? Vai sozinho ou acompanhado?
3. Já foi ao urologista alguma vez? Sozinho ou acompanhado? Por quê?
4. Como cuida da saúde?
5. Em sua opinião, o que é ter saúde?

IV. Relação com o próprio corpo

1. Considera-se vaidoso? Por quê?
2. Se pudesse, mudaria alguma coisa no corpo? O quê? Por quê?
3. O que não mudaria no corpo?
4. Faz algo para retardar ou minimizar a ação do tempo no corpo?
5. Como pensa o próprio processo de envelhecimento?
6. Troca de roupa na frente de qualquer pessoa? Por quê?
7. Que tipo de roupa costuma usar na praia ou na piscina? Por quê?
8. Qual a parte do corpo que acha que mais chama a atenção das pessoas?
Usa isso em seu favor de alguma forma?

V. Relação com o corpo do outro

1. Já percebeu pessoas comparando o corpo na academia/natação? E de que forma era essa comparação: discreta ou direta?
2. Já ouviu alguém fazer algum tipo de brincadeira sobre o corpo de outra pessoa? Se sim, que tipo de brincadeira?
3. Já fez algum tipo de brincadeira assim com alguém?
4. Usa o mictório em banheiros de bares, clubes ou boates? (Se não, por quê?).
5. Qual a reação quando está usando o mictório e chega alguém para usar o do lado?
6. Qual a opinião para a olhadinha ao lado que alguns homens dão ao utilizarem o mictório?

7. Já olhou? Por quê?

VI. Vestiário

1. Antes ou depois da atividade física, onde costuma trocar de roupa? Por quê?
2. Troca de roupa no salão do vestiário ou em locais mais reservados? Por quê?
3. Tem algum cuidado com o corpo em relação à exposição? Por quê?
4. Fica nu no vestiário? Por quê?
5. Em sua opinião, as pessoas têm certos cuidados e reservas no vestiário em relação ao corpo? Quais?
6. Em sua opinião, as pessoas têm a preocupação de se reservar ao trocarem de roupa? Por quê?
7. Já viu situações no vestiário de flerte, de trocas de olhares? Se sim, era de forma discreta?
8. Costuma conversar no vestiário? Sobre o quê? Com quem?
9. Em sua opinião, como é o comportamento dos homens, nos vestiários, quando veem alguém nu?
10. Em sua opinião, acontecem comparações, mesmo que discretas, entre os homens nos vestiários em relação ao corpo?
11. Há comparação ali em relação ao pênis?
12. Em sua opinião, esse tipo de comparação em relação ao corpo e ao pênis acontece em outros lugares? Se sim, onde e de que forma é essa comparação?

VII. Relações amorosa-sexuais

1. Como deve ser a pessoa que você procura se relacionar afetivo-sexualmente?
2. Em sua opinião, os homens se preocupam ou valorizam alguma parte do corpo na hora de flertar alguém? Se sim, qual? Por quê?
3. Em sua opinião, o pênis é levado em consideração nesse tipo de interação?

4. Preocupa-se com ou valoriza alguma parte do corpo na hora de flertar com alguém?

VIII. Outros pontos

1. O que é um corpo ideal para você?
2. Qual a opinião sobre os homens que se cuidam?
3. O que é ser homem para você?
4. O que não é ser homem para você?
5. Qual o seu modelo de masculinidade? (Exemplos)
6. O que são atitudes, comportamentos masculinos para você?
7. O tamanho do pênis define o grau de masculinidade de um homem?
8. O tamanho do pênis tem a ver com a cor da pele da pessoa?
9. O que diferencia o homem da mulher?
10. Em sua opinião, que palavra define o sujeito masculino? E o feminino?
11. Em sua opinião, que parte do corpo define o sujeito masculino? E o feminino?

IX. Dados sociais

1. Idade
2. Escolaridade
3. Estado Civil
4. Religião
5. Como se identifica em relação ao *status* social?
6. Como se identifica em relação à sexualidade?
7. Como se identifica em relação à cor da pele?
8. Como se identifica em relação ao gênero?

Apêndice B – Guião de entrevista com as professoras ou os professores da musculação e da natação

I. Experiência profissional

1. Há quanto tempo trabalha como professora/professor?
2. Trabalha ou já trabalhou com outro tipo de modalidade física? Se sim, quais? Onde? Por quanto tempo?

II. O trabalho na academia/natação

1. Em sua experiência profissional, com quais partes do corpo os homens mais se preocupam em malhar/nadar? Por quê? (Há variações conforme a idade, sexualidade...?).
2. As mulheres têm a mesma preocupação?
3. Quem reclama mais, homens ou mulheres, na hora de realizar uma série que você elaborou?
4. Qual exercício os homens mais reclamam para fazer ou não gostam de fazer?
5. Quais são os objetivos, geralmente, dos homens ao praticarem musculação/natação?
6. Esses objetivos mudam conforme a idade? E em relação à sexualidade?
7. Esse objetivo, para você, é o mesmo buscado pelas mulheres? Por quê?
8. Você percebe se há algum tipo de competição entre os homens durante o treino/a natação?
9. Em sua opinião, os homens têm preocupação em ficar mais musculado que outro frequentador da academia/da natação?
10. Você já viu situações na academia/na natação de flerte, troca de olhares? (Se sim, foi de forma discreta?).
11. Você percebe se entre seus alunos há vaidade em mostrar o corpo?
12. Em sua opinião, os homens se observam durante a prática física? De que maneira eles fazem isso?
13. A dor faz parte do cotidiano de quem realiza exercícios físicos? Ela é importante?

III. Dietas, suplementação e anabolizantes

1. Para você, os homens fazem dietas? Por quê?
2. Em sua opinião, essa dieta, geralmente, é feita por conta própria ou prescrita por algum profissional? (Se prescrita, por quem?).
3. Você sugere algum produto para ajudar na atividade física?
4. E os anabolizantes?
5. Você já viu alguém usar anabolizantes? (Se sim, onde? De que forma?).

IV. Questões relativas à saúde

1. Em sua opinião, os homens costumam ir ao médico? (Se sim, em qual médico e em que situação?).
2. Você acha que os homens costumam ir ao urologista? (Se sim, acompanhados ou sozinhos? Em qual situação?).
3. Em sua opinião, como os homens cuidam da saúde?
4. O que é ter saúde para você?

V. Sobre performances de masculinidades

1. Em sua opinião, os homens, hoje em dia, estão mais vaidosos? Por quê?
2. Qual a sua opinião sobre os homens que se cuidam?
3. Em sua opinião, por que os homens praticam atividade física?
4. Essa prática varia conforme a idade? E em relação à sexualidade?
5. O que são comportamentos masculinos para você?

VI. Vestiário

1. Em sua opinião, as pessoas têm certos cuidados e reservas no vestiário em relação ao corpo? Se sim, quais?
2. Em sua opinião, como os homens se comportam, no vestiário, quando veem alguém nu?
3. Você já viu situações no vestiário de flerte, de trocas de olhares? (Se sim, era de forma discreta?).

4. Em sua opinião, os homens comparam alguma parte do corpo quando estão no vestiário? (Se sim, que parte e de que forma?).

VII. Outros pontos

1. O que é ser homem para você?
2. O que é um corpo ideal para você?
3. Em sua opinião, os homens têm preocupação com o tamanho do pênis?
Por quê?
4. O tamanho do pênis define o grau de masculinidade de um homem?
5. O tamanho do pênis tem a ver com a cor da pele da pessoa?

VIII. Dados sociais

1. Idade
2. Escolaridade
3. Estado civil
4. Religião
5. Como se identifica em relação ao *status* social?
6. Como se identifica em relação à sexualidade?
7. Como se identifica em relação à cor de pele?
8. Como se identifica em relação ao gênero?

Apêndice C – Características sociográficas das pessoas entrevistadas

Nome	Idade	Escolaridade	Religião	Sexualidade	Status Social	Cor da Pele	Estado Civil	Gênero
Baruk	18 anos	Estudante de Geologia	Católico, “não sei se acredito em Deus”.	Bissexual	Médio	Negro	Solteiro	Masculino
Benedito	18 anos	Estudante de Medicina Veterinária	Católico	Heterossexual	Médio	Pardo	Solteiro	Masculino
Benjamin	19 anos	Ensino Médio Completo	Católico	Heterossexual	Médio	Pardo	Solteiro	Masculino
Beno	22 anos	Geólogo	Taoísta	Heterossexual	Médio	Pardo	Solteiro	Masculino
Bernardo	17 anos	Estudante de Enfermagem	Católico	Heterossexual	Médio	Pardo	Solteiro	Masculino

Bete*	32 anos	Professora de Educação Física com especializações	Sem religião	Heterossexual	Médio	Branca	Solteira	Feminino
Beto*	20 anos	Estudante de Educação Física	Católico	Liberal, “Estou na época de experimentar de tudo”.	Médio	Branco	Solteiro	Masculino
Bianca*	40 anos	Professora de Educação Física com especialização	Católica	Heterossexual	Médio	Branca	Solteira	Feminino
Bob*	23 anos	Estudante de Educação Física	Católico	Heterossexual	Médio	Pardo	Solteiro	Masculino
Brenda*	24 anos	Professora de Educação Física cursando	Sem religião	Heterossexual	Pobre	Negra	União estável	Feminino

		especialização						
Brian	18 anos	Cursando o 2º ano do Ensino Médio	Católico	Heterossexual	Médio	Negro	Solteiro	Masculino
Bruno	18 anos	Estudante de Direito	Evangélico	Heterossexual	Médio	Moreno	Solteiro	Masculino
Pablo	21 anos	Licenciado em Economia	Ateu	Heterossexual	Médio	Branco	Solteiro	Masculino
Paco*	34 anos	Licenciatura incompleta em Educação Física	Católico não praticante	Heterossexual	Médio	Negro	Solteiro	Masculino
Pascoal	25 anos	Décimo segundo ano em curso	Sem religião	Heterossexual	Médio	Branco	Solteiro	Masculino
Patrícia*	24 anos	Licenciada em Desporto com Pós-Graduação	Católica não praticante	Heterossexual	Médio	Caucasiana	Solteira	Feminino

Patrick	20 anos	Décimo primeiro ano em curso	Agnóstico	Heterossexual	Médio	Moreno	Solteiro	Masculino
Paulo	20 anos	Estudante de Economia	Católico	Heterossexual	Média	Branco	Solteiro	Masculino
Pedro	21 anos	Historiador e mestrando em Empreendedorismo e Gestão Cultural	Católico não praticante	Heterossexual	Médio	Caucasiano	Solteiro	Masculino
Peterson*	34 anos	Licenciado em Desporto	Católico não praticante	Heterossexual	Médio	Branco	Casado	Masculino
Plácido	25 anos	Estudante de Ciências da Comunicação	Sem religião, “mas sou um bocadinho espiritual”.	Heterossexual	Médio	Branco	Solteiro	Masculino
Plínio*	32 anos	Licenciado em Desporto	Sem religião	Heterossexual	Médio	Caucasiano	Solteiro	Masculino

Apêndice D – Glossário

10x50: corresponde a 10 voltas de 50 metros na natação.

Anabol: (Metandrostenolona) anabolizante utilizado para ganho de massa muscular magra, definição muscular etc.

Anabolizante: hormônios esteroides naturais ou sintéticos derivado, geralmente, da testosterona, promovendo crescimento de células como as musculares.

Anadrol 50: (Oximetolona) produto utilizado para aumento de força e ganhos de massa muscular.

Anilha: peça circular de ferro, de variados pesos, utilizadas em exercícios com barras.

Avaliação Física: é a ação ampla de coleta, análise e interpretação de dados recolhidos de testes e medidas, os quais permitem identificar o atual estado de condicionamento físico (muscular e cardiorrespiratório) e o Percentual de Gordura de um indivíduo. Podemos dizer que a Avaliação Física possibilita uma prescrição de exercícios de acordo com os objetivos e necessidades de cada sujeito a partir de algum critério pré-determinado.

Balneário: o mesmo que vestiário.

Barriga trincada: apresenta o abdômen com os músculos bem definidos e com baixo índice de gordura.

BCAA: abreviatura de *Branch Chain Amino Acids* (aminoácidos de cadeia ramificada). É uma suplementação que contribui no aumento de massa muscular, na manutenção do músculo e no fomento e liberação de insulina no sangue.

Bíceps: é um importante músculo do braço. Principal agonista no movimento de flexão de braço.

Bombado: pessoa que tem os músculos do corpo desenvolvido por exercícios físicos; alguém que toma bombas (anabolizantes).

Bombas: o mesmo que anabolizantes.

Borboleta (nado): nado com movimentos concomitantes de braços e pernas e com serpeio do corpo.

Cábula: o mesmo que cola – anotação usada por uma pessoa para trapacear em uma prova.

Chaleiras (sino de chaleiras): são pesos em “formato de chaleiras” usados em exercícios tanto para a parte superior do corpo quanto para a parte inferior.

Ciclo: refere-se ao uso de anabolizantes e/ou suplementos nutricionais ao longo de um determinado período.

Clomid: O Citrato de Clomifeno, no organismo masculino, estimula a produção de testosterona.

Costas (nado): costas voltadas para o fundo da piscina com rápidas batidas de pernas e braçadas alternadas.

Crawl (nado): movimento alternado de braços e pernas, somente no eixo transversal do corpo humano, os quais permitem o deslize do nadador em meio líquido.

Creatina: é um suplemento utilizado para dar energia e recuperar os músculos após o treino. Favorece ao aumento de força e ao ganho de massa muscular.

Creatine: o mesmo que a creatina.

Cross Moves: treinos curtos e intensos onde são trabalhados a resistência, a força, a velocidade, o equilíbrio etc.

Culturalismo: o mesmo que fisiculturismo.

Deca: O Decanoato de Nandrolona é um anabolizante injetável utilizado para aumentar a resistência física, fomentar o ganho de massa muscular, reduzir as dores articulares e reprimir inflamações nos nervos e ligamentos.

Diabolin: uma variante do Dianabol (Metandrostenolona).

Dividir: ter os músculos desenvolvidos por meio da prática de exercícios físicos. Fala-se mais em referência aos músculos abdominais.

Dura: Durateston (Propionato de testosterona + Fenilpropionato de testosterona + Isocaproato de testosterona + Caproato de testosterona) é um anabolizante utilizado para elevar os níveis de testosterona e, assim, aumentar a massa muscular no indivíduo, além de favorecer o ganho de força e a diminuição da taxa de gordura corporal.

Elípticos: aparelho simulador de caminhada de baixo impacto. Recebeu este nome por seus pedais fazerem o movimento de elipse.

Energético: fornece energia ao organismo e estimula o metabolismo.

Esplanadas: são espaços ao ar livre onde há cadeiras e mesas, com guarda-sóis ou não. Geralmente são extensões de bares, cafés ou restaurantes.

Esteira: simula uma caminhada ou corrida.

Fato de treino: roupa (calça e camisola [camisa no português do Brasil]) usada, geralmente, em práticas de exercícios físicos.

Ficha (de treino): ficha onde estão descritos os tipos de exercícios, as séries e repetições, o intervalo e demais itens do treinamento que está sendo realizado.

Fisiculturismo: prática que visa o hiperdesenvolvimento dos músculos.

Fit Moves: aula de movimentos intensos – com uso do peso do corpo e de algum equipamento – que dura, mais ou menos, 30 minutos.

Flexora (mesa flexora): aparelho de musculação destinado a fortalecer os músculos posteriores de coxa. Permite apenas o movimento de flexão de joelho. Além de deitado, pode ser como numa cadeira ou em pé.

Frango: refere-se a quem é iniciante na musculação, o qual desconhece sobre exercícios, pesos etc.; é quem não faz os exercícios corretamente; que fica perdendo tempo, conversando mais do que treinando; e, também, é aquela pessoa que tem pouca massa muscular desenvolvida.

Gêmeos: panturrilhas no Brasil.

Ginásio: local utilizado para o treinamento físico e desportivo.

Halteres: são pesos utilizados para o treinamento corporal, principalmente como exercícios livres.

Hemogenin: (Oximetolona) anabolizante oral. Favorece ao rápido aumento de peso e força.

Hipercalórico: que possui alto teor calórico.

Hipertrofia: aumento da massa muscular ocasionado pela prática de exercícios físicos.

Hipocalórico: que possui baixo teor calórico.

Isotônico: bebida composta de água, sais minerais e carboidratos.

Kettlebell: o mesmo que Chaleiras.

Livre: refere-se à testosterona livre, a qual age no aumento de massa muscular e de energia, na diminuição da gordura etc.

Maromba: geralmente, alguém pratica musculação, faz dieta (ou reeducação alimentar), tem disciplina nos treinos, é musculado/a. etc.

Nolvadex: O Citrato de Tamoxifeno é um medicamento utilizado durante a Terapia Pós-Ciclo (TPC) para normalizar a taxa de testosterona e impedir, nos homens, o desenvolvimento da ginecomastia, da retenção hídrica dentre outros efeitos colaterais do uso de anabolizantes.

Passadeira: o mesmo que Esteira para exercício aeróbico.

Pastelaria: lanchonete.

Peito (nado): estilo que exige muita coordenação e técnica do/a nadador/a cuja respiração é frontal, as braçadas precisam ser feitas com flexão dos cotovelos e as pernadas iniciam-se com chutes laterais e finalizam-se com impulso para trás.

Personal Trainer (PT): profissional com formação específica em educação física (ou similar), qualificado a prescrever um programa de treino individualizado, adaptado às características físicas, necessidades reais, limitações e desejos de uma pessoa que busca alcançar os seus objetivos ligados ao treinamento.

Plano (de treino): o mesmo que Ficha (de treino).

Prancha: geralmente de Poliestireno Expandido ou de EVA (Acetato-vinilo de Etileno) que auxilia na execução de alguns exercícios na piscina como a trabalhar os membros inferiores.

Raias: demarcam a piscina e guiam a pessoa que nada durante as braçadas.

Remo: exercício que trabalha o cárdio e que fortalece braços, glúteos, pernas, costas e abdômen.

RWR: o Stanozolol, mais conhecido como Winstrol, favorece a queima de gordura, o ganho de massa muscular magra, o aumento da força dentre outros aspectos.

Sarado: refere-se a ter um corpo definido por meio de exercícios físicos.

Séries: refere-se ao número de vezes que um indivíduo irá realizar as repetições de movimento de determinado exercício.

Shake: suplemento alimentar feito de proteína em pó que deve ser ingerido com o acréscimo de água ou leite, respeitando-se as instruções do fabricante.

Shakeira: ou coqueteleira é o recipiente onde se armazena e transporta o shake que será consumido antes ou após o treino.

Step: equipamento que auxilia em treinos aeróbicos e no trabalho de desenvolvimento dos membros inferiores.

Supino: levantamento de peso no plano transversal do corpo, voltado, mais especificamente, para o treino dos músculos da região dos ombros, braços e peitoral, no sentido de empurrar o peso.

Suplemento/Suplementação: complementos alimentares – os utilizados nas academias, geralmente, são em pó –, que servem para ganho de massa muscular e energia, emagrecimento etc.

Synthol: é um óleo que contém vitaminas A, D e E, o qual é injetado no corpo para aumentar o volume dos músculos.

Termogênico: geralmente consumido em cápsulas e fornece energia ao organismo, favorece a aceleração do metabolismo, ao processo de emagrecimento, dentre outros efeitos.

Testogar: (Propionato de testosterona) é um anabolizante que aumenta e potencializa os efeitos da Testosterona. Favorece, também, ao ganho de músculos e a perda de gordura.

Touca de Natação: feito de látex ou silicone usado para proteger os ouvidos e evitar o contato da água da piscina com os cabelos.

TPC: Terapia Pós-Ciclo; Terapia feita após um ciclo de anabolizantes para diminuir os efeitos nocivos desses medicamentos e potencializar e/ou prolongar os resultados positivos.

Tríceps: é um importante músculo do braço. Principal agonista no movimento de extensão de braço.

T-shirt: o mesmo que camiseta no Brasil.

Voador: também conhecido como Peck Deck é um aparelho onde se pode treinar peito (peck desk frontal) ou costas (peck deck invertido).

V-Shape: que tem a forma física em formato “V”; um corpo sem exageros musculares; corpo tonificado.

Wey Protein: suplemento proteico extraído do soro do leite, o qual auxilia no ganho de massa muscular, na perda de peso, além de possuir ação antioxidante, de fortalecer o sistema imunológico dentre outros benefícios.

Zumba: atividade aeróbica que mistura vários ritmos de dança e coreografia, principalmente latinas.